

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA**

Luciléia da Silva Vieira

**GUERREIRAS AQUELAS QUE NASCERAM NAS TRINCHEIRAS:  
representatividade e ressignificação nas vozes das Meninas da Terra**

Belo Horizonte

2019

LUCILÉIA DA SILVA VIEIRA

**GUERREIRAS AQUELAS QUE NASCERAM NAS TRINCHEIRAS:  
representatividade e ressignificação nas vozes das Meninas da Terra.**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Educação e Docência - PROMESTRE da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial e final para à obtenção do título de mestra em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Ensino e Humanidades.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Doutor Frederico Assis Cardoso  
Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte

2019

V658g  
T Vieira, Luciléia da Silva, 1984-  
Guerreiras aquelas que nasceram nas trincheiras [manuscrito] :  
representatividade e ressignificação nas vozes das Meninas da Terra / Luciléia da  
Silva Vieira. - Belo Horizonte, 2019.  
177 f., enc, il.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais,  
Faculdade de Educação.  
Orientador: Frederico Assis Cardoso.  
Bibliografia: f. 145-150.  
Anexos: f. 151-177.

1. Educação -- Teses. 2. Negras -- Teses. 3. Negras -- Meninas -- Aspectos  
sociais -- Teses. 4. Negras -- Meninas -- Aspectos educacionais -- Teses.  
5. Negras -- Identidade racial -- Teses. 6. Educação -- Relações de gênero --  
Teses. 7. Educação -- Relações raciais -- Teses. 8. Educação -- Relações étnicas  
-- Teses. 9. Discriminação na educação -- Teses. 10. Discriminação de sexo na  
educação -- Teses. 11. Segregação na educação -- Teses. 12. Racismo -- Teses.  
13. Raça negra -- Teses. 14. Machismo -- Teses.

I. Título. II. Cardoso, Frederico Assis, 1978-. III. Universidade Federal de  
Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 370.19342

Catálogo da Fonte : Biblioteca da FaE/UFG (Setor de referência)

Bibliotecário<sup>1</sup>: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O  
(Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma  
e na diagramação gráfica da ficha catalográfica<sup>1</sup>.)

\* Ficha catalográfica elaborada com base nas informações fornecidas pelo autor, sem a presença do trabalho físico completo. A veracidade e correção das informações é de inteira responsabilidade do autor, conforme Art. 299, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940 - "Omitir, em documento público ou particular, declaração que dele devia constar, ou nele inserir ou fazer inserir declaração falsa ou diversa da que devia ser escrita..."

† Conforme resolução do Conselho Federal de Biblioteconomia nº 184 de 29 de setembro de 2017, Art. 3º - "É obrigatório que conste o número de registro no CRB do bibliotecário abaixo das fichas catalográficas de publicações de quaisquer natureza e trabalhos acadêmicos".

‡ Conforme Art. 297, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940: "Falsificar, no todo ou em parte, documento público, ou alterar documento público verdadeiro..."



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP

UFMG


## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Guerreiras aquelas que nasceram nas trincheiras:  
representatividade e ressignificação nas vozes das Meninas da  
Terra.**

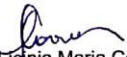
### LUCILÉIA DA SILVA VIEIRA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP, como requisito para obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, área de concentração ENSINO E APRENDIZAGEM.

Aprovada em 28 de fevereiro de 2019, pela banca constituída pelos membros:

  
Prof(a). Frederico Assis Cardoso - Orientador  
Universidade Federal de Minas Gerais

  
Prof(a). Shirley Aparecida de Miranda  
UFMG

  
Prof(a). Lúcia Maria Correa  
UFMG

Belo Horizonte, 28 de fevereiro de 2019.

*À minha querida mãe, Matuzina da Silva Vieira, com muito amor,  
À memória do meu pai, José Paulo Vieira, sempre presente em mim,  
À memória da menina Ketlem, que partiu tão cedo, agradeço a inspiração para construção deste  
trabalho.*

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiro a Deus, aos espíritos de luz e aos Orixás por me guiar, me acolher em seus braços, me proteger e aconselhar nos momentos mais difíceis. Por ter confiado em mim o desafio de construir este trabalho;

Por ter nascido filha da minha guerreira mãe, seus ensinamentos, amor e força me servem de base, o que sou e o que tenho construído de positivo hoje é graças a você;

Meu querido pai, que mesmo não estando presente em matéria sinto que está vibrando em energias positivas em nossas vidas;

À minha irmã e amiga Preta pelo companheirismo, pela força em todos os momentos difíceis e pelas alegrias nos dias fáceis;

A meus irmãos, que mesmo com as divergências ainda permanecem em meus pensamentos com muito carinho e amor, e a meus lindos sobrinhos pelo carinho, pelas alegrias e pela oportunidade de participar de suas vidas;

À Associação Terra da Sobriedade pelo aprendizado, confiança e o acolhimento, em especial a Ronaldo, Ana Luiza e a querida Luana pelas conversas e por todo apoio nessa construção;

Às Meninas e Meninos da Terra, em especial Viih, Sá, Belinha, Binha e Vick, minhas companheiras de pesquisa, gratidão pela disposição, pelas emoções, risos e aprendizados;

Ao meu professor Orientador, Frederico Assis, pela confiança e paciência, por confiar em mim essa responsabilidade com todas as minhas dificuldades de adequar-me nas formalidades rígidas da academia, e acreditar nessa pesquisa quando eu mesma tive dúvidas se conseguiria chegar até o fim. Nossas conversas, algumas vezes bem efervescentes, serviam para me deslocar de lugares que para mim estavam confortáveis. Ao final, permaneceu o que era sólido, não somente para esse trabalho, mas o propósito de uma luta coletiva, gratidão pela oportunidade;

Ao Professor Walter Ernesto Ude por ser minha inspiração desde a graduação e ter me apresentado à Terra da Sobriedade, por ter sempre me incentivado à vivência acadêmica, descobri com essa experiência que não é fácil, mas também não é impossível;

À linda Professora Shirley Miranda, por garantir minha permanência no Mestrado, pela oportunidade de aprender sobre a Educação Escolar Quilombola, pela humanidade e generosidade. Você é uma grande referência, não só como intelectual, mas como mulher forte, guerreira, que me inspira e me fortalece. Obrigada pelo tempo de aprendizado ao seu lado;

Às minhas amigas Jeane, Messias, Rocio, Samilla, Rubia, Rosângela, Silvia, Gilmara e Danilo pela escuta dos meus anseios sobre os dilemas da pesquisa e pela ajuda na construção deste trabalho, pela militância, pelo afeto e pelas cervejas nos botecos da vida;

Ao Programa Ações Afirmativas na UFMG, pela bolsa de pesquisa que garantiu minha permanência no Mestrado e pela equipe extraordinária que me ensinou a cada dia, e me fortaleceu com seus afetos e ensinamentos, em especial a Silvia Miranda pelo apoio e carinho, Camila e Sabrina pelo companheirismo, pelos desafios enfrentados juntas durante o trabalho e o Professor Rodrigo pelo qual tenho grande estima e admiração, gratidão pelo respeito, ensinamento, apoio e carinho;

À Universidade Federal de Minas Gerais por garantir um ensino público, gratuito e de qualidade como o Mestrado Profissional em Educação e Docência na FaE;

Ao PROMESTRE pela oportunidade de me integrar ao Programa, e aos integrantes, professores/as, da Linha de Pesquisa “Educação, Ensino e Humanidades” pelo aprendizado, pelas trocas, pela confiança e ajuda na construção desta pesquisa, em especial as professoras Licinia e Teca, pela oportunidade de ter lido meu trabalho e contribuído para o seu desenvolvimento;

À Letícia Souza pela disponibilidade e contribuição na participação nos encontros formadores com a instrução sobre a produção de um material audiovisual;

Ao Coletivo Terra Firme pelo encontro, pelas discussões, aprendizados e pela parceria;

Ao Júlio Code, grande amigo, pela boa vontade e participação na produção do videoclipe;

E às tantas outras pessoas que de alguma maneira foram fundamentais na construção deste trabalho,

Gratidão.

*Tenho dúvidas de muitas coisas e certeza de umas poucas, entre certezas me vejo como mulher guerreira, entre dúvidas me vejo como uma maluca que gosta de vagar a noite sobre a luz da lua, mesmo correndo riscos.*

*E se entendo bem sobre uma coisa é que sou resultado de uma soma quase sem cálculo das mulheres que passaram por mim.*

*Minha beleza nunca foi só minha, minha sabedoria nunca foi só minha e até questiono o que seria meu e o que seria teu em mim.*

*Mulher forte, mulher é forte.*

*E não importa o que a sufoque, mulher preta periférica não tem tempo pra chorar.*

*Carrega nos ombros o peso da vida que a deixa sem ar sem parar.*

*Ela só segue a luta e como luta mulher é forte, resiste até o bote que a depressão tenta lhe dar.*

*Amamenta o filho, sustenta o marido, cuida dos pais, ergue bandeiras, escala pedreiras e reza por paz.*

*(GISLAINE REIS, 2018).*



## RESUMO

VIEIRA, Luciléia da Silva. **GUERREIRAS AQUELAS QUE NASCERAM NAS TRINCHEIRAS: REPRESENTATIVIDADE E RESSIGNIFICAÇÃO NAS VOZES DAS MENINAS DA TERRA. 2019.** 180f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.

O apagamento histórico das populações negras provocou-lhes grandes prejuízos; dentre eles, a construção do imaginário de determinado tipo de mulher negra, por vezes estereotipado. Atualmente, os significados que os corpos femininos negros reverberam na sociedade têm provocado questionamentos. Tomando esse entendimento como ponto de partida, esta pesquisa tem como objetivo de estudo “Analisar como as Meninas que frequentam o “Programa Meninos da Terra” percebem e lidam com suas complexas existências sociais sendo atravessadas por aspectos próprios de ser mulher e negra; verificando quais são as suas estratégias de (re) significação de um lugar que por vezes pode se apresentar como estereotipado.” As temáticas centrais da pesquisa foram pensadas a partir do conceito de interseccionalidade, no sentido de compreender como as dinâmicas de produção social do machismo e do racismo estariam intrinsecamente ligadas. Como referencial teórico, o trabalho está situado entre as fronteiras produtivas dos Estudos Étnico-Raciais e dos Estudos de Gênero, em uma perspectiva Crítica. Para tanto, esta proposta faz uso das contribuições de trabalhos das teóricas dos Estudos Interseccionais, tais como: Carneiro (2003); Collins (2016); Crenshaw, (2004); Curiel (2007); Davis (1980); Gomes (1995); Gonzales (1984) e hooks (2015), que destacam de maneira crítica que o racismo é um demarcador de segregação da mulher negra em particular. Essas e outras questões serão verificadas por meio da investigação metodológica de base qualitativa, apoiada na investigação que faz uso de recursos da orientação dos Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin (2008), no primeiro momento de análise. E no segundo momento, a intenção Etnográfica (ANDRÉ, 2008) como instrumento de análise, foi compreendido como o Produto Final desta pesquisa. Sendo utilizado como recurso dialógico e interativo, encontros formadores e parcerias entre grupos do campo da arte e da cultura. O argumento central é o de que, na intersecção dos condicionantes de raça e gênero, são (re-) produzidos determinados modos de ser e de estar como mulher negra no mundo.

**PALAVRAS-CHAVE:** MENINAS; REPRESENTATIVIDADE; RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS; RELAÇÕES DE GÊNERO.

## ABSTRACT

VIEIRA, Luciléia da Silva. **WARRIORS THOSE WHO HAVE BEEN BORN IN THE TRENCHES: REPRESENTATIVITY AND SIGNIFICANCE IN THE GIRLS FROM “DA TERRA” VOICE.** 2019. 180 pp. Dissertation (Master in Education). Education University. Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 2019.

The forgotten history of black populations has caused them great losses; among them, the construction of the imaginary of a certain type of black woman, sometimes stereotyped. Today, the meanings that body of black female reverberates in the society have provoked questionings. Taking this understanding as a starting point, this research has as studies aim “To analyze how the Girls who attend the “Meninos da Terra” Program, perceive and deal with their complex social existences being crossed by aspects of being female and black; ascertaining what are their strategies of (re) signification of a place that sometimes can be presented as stereotyped. The central themes of the research were thought from the concept of intersectionality, in the sense of understanding how the social production of dynamics of chauvinism and racism would be linked intrinsically. As a theoretical reference, the work is located between the productive borders of Ethnic-Racial Studies and Gender Studies, from a Critical Perspective. In order to do so, this proposal makes use of the contributions of the theoretical works of Intersectional Studies, such as Carneiro (2003); Collins (2016); Crenshaw, (2004); Curiel (2007); Davis (1980); Gomes (1995); Gonzales (1984) and Hooks (2015), they critically point out that racism is a delimiter of segregation for black women in particular. These and other questions will be verified through qualitative research, based on the research that intends to make use of resources from the orientation of the “Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin (2008), in the first moment of analysis. And in the second moment, with the ethnographic intention (ANDRÉ, 2008) as an instrument of analysis was understood as the End- Product of this research; Being used as a dialogical and interactive resource, formative meetings and partnerships between groups of the art and culture fields. The central argument is that, at the intersection of the determinants of race and gender, certain modes of being black women in the world are (re-) produced.

**KEYWORDS:** GIRLS; REPRESENTATIVITY; ETHNIC-RACIAL RELATIONS; GENDER RELATIONS.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

**FIGURA 1** - Introdução à produção de vídeo - Local: Terra da Sobriedade - 28/04/2018 -

Contribuição: Coletiva Malva.

**FIGURA 2** - Local: Primeiro encontro na sede do Coletivo Terra Firme - Data 14/06/ 2018.

**FIGURA 3** - Primeiro encontro na sede do Coletivo Terra Firme - Data: 14/06/2018

**FIGURA 4** - Ensaio da música - Local: Terra da Sobriedade - 26/06/2018

**FIGURA 5** - Ensaio da música - Local: Terra da Sobriedade - 26/06/2018

**FIGURA 6** - Gravação da música: Guerreiras - Local: Sede do Coletivo Terra Firme -

14/08/2018

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AA - Alcoólicos Anônimos

ABCR - Associação Brasileira de Captadores de Recursos

CEMIG - Companhia Energética de Minas Gerais

CERSAMI - Centro de Referência em Saúde Mental Infantil

CMAS/BH - Conselho Municipal de Assistência Social

CMDCA - Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente

CMDCA/BH - Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente

CMPD/BH - Conselho Municipal de Políticas Públicas Sobre Drogas

CONEAD/MG - Conselho Estadual de Políticas Públicas Sobre Drogas

COPASA-MG - Companhia de Saneamento de Minas Gerais

CTF - Coletivo Terra Firme

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

FAE - Faculdade de Educação

FEAE- Federação de Amor Exigente

FEBRACT - Federação Brasileira de Comunidades Terapêuticas

FEBRACT - Federação Brasileira de Comunidades Terapêuticas

FMDCA - Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente

FUNDAMIG- Federação das Associações e Fundações do Estado de Minas Gerais

GMT - Grupo Meninos da Terra - (Programa Meninos da Terra)

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

NA - Narcóticos Anônimos

PEA População Economicamente Ativa

PROMESTRE - Mestrado Profissional em Educação e Docência

SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SESC - Serviço Social do Comércio Mesa Brasil

TCR - Teoria Crítica da Raça

TS - Associação de atenção à Dependência Química Terra da Sobriedade

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

VATs - Valores da Terra

## Sumário

1. <b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
2. <b>OBJETIVOS</b> .....	19
2.1. Geral.....	19
2.2. Específicos .....	19
3. <b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	20
3.1. Resultados Esperados e Inesperados.....	22
3.2. Apêndice A - <i>Proposta para a produção dos encontros formativos</i> .....	23
3.3. Apêndice B - <i>Roteiro de Produção do Audiovisual</i> .....	24
4. <b>SOBRE OS CAPÍTULOS</b> .....	25
5. <b>CAPÍTULO I: O PROGRAMA MENINOS DA TERRA E AS MENINAS</b> .....	28
5.1. Breve histórico sobre o Programa Meninos da Terra.....	29
5.2. Como são organizadas suas ações?.....	31
5.3. Tempos, espaços e acontecimentos.....	33
5.4. Quem são as Meninas que frequentam o sítio?.....	38
5.5. Eu, elas e nós.....	43
5.6. Meninas mundo, mundo de Meninas: do desenho do seu perfil a arte de suas vidas .....	44
5.6.1. Sá, canta, escreve, dança, cuida: a estranha e inteligente.....	46
5.6.2. Viih, dança, canta: a líder.....	48
5.6.3 Vick, mãe dedicada: a observadora e crítica .....	49
5.6.4. Belinha dança, canta, filma: a brava. ....	50
5.6.5. Binha, dança, observa e cuida: a que não leva desaforo pra casa .....	51
6. <b>CAPÍTULO II: TENTARAM NOS APAGAR, LOGO NÓS AS FILHAS DO VENTO:</b> Alguns aspectos teóricos que discorrem acerca de estudos sobre invisibilização e resistência. ...	53
6.1. Identidades e diferenças .....	54
6.2. Das invisibilidades a tornar-se visível .....	58
6.3. Da representação à representatividade: da inexistência às (re) existências .....	61
6.3.1. E os meios de comunicação? .....	62
6.4. Das Interseccionalidades às ressignificações das mulheres negras.....	65
6.5. De dentro para fora, das individualidades às coletividades .....	73
7. <b>CAPÍTULO III: DOS ATRAVESSAMENTOS ÀS REPRESENTAÇÕES</b> .....	77
7.1. Da escola à comunidade, dos territórios às convivências .....	78
7.2. Como elas se percebem em outros espaços.....	88
7.3. O corpo negro é um corpo político .....	91
7.4. Elas, o mundo e suas representatividades .....	96
7.5. Revistas e revisitadas: da invisibilização ao se fazer representadas .....	103

<b>8. CAPÍTULO IV: RESULTADOS INESPERADOS: Da resignificação à (auto) nomeação.....</b>	<b>107</b>
8.1. Como tudo começou? .....	109
8.2. Como a música chega até as Meninas e de que maneira elas (re-) constroem diálogos possíveis? .....	112
8.2.1. Quem são as guerreiras? .....	115
8.3. A parceria.....	121
8.3.1. Os deslocamentos provocados pelo encontro .....	122
8.4. As formações .....	125
8.5. O ensaio na Terra da Sobriedade .....	130
8.5.1. Das diferenças às semelhanças.....	132
8.5.2. A gravação da música .....	135
8.6. Da caminhada até a gravação do videoclipe... aos novos passos .....	136
<b>9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>138</b>
<b>10. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>145</b>
<b>11. ANEXOS... ..</b>	<b>151</b>
Anexo A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Adolescentes: pessoa com menos de 18 anos completos.....	151
Anexo B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Jovem: pessoa maior de 18 anos completos.....	153
Anexo C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Termo de Autorização.....	155
Anexo D - Termo de Autorização de uso de Imagem e Voz: Adolescente: pessoa com menos de 18 anos completos.....	157
Anexo E - Termo de Autorização de uso de Imagem e Voz: Jovem: pessoa maior de 18 anos completos .....	158
Anexo F - Termo de Anuência.....	159
Anexo G – Termo de Compromisso .....	161
Anexo H – Parecer sobre o Projeto de Pesquisa .....	162
Anexo I – Estatuto Social - Terra da Sobriedade .....	165
Anexo J - Associação de atenção à Dependência Química Terra da Sobriedade .....	167
Anexo K - Roteiro para a produção do videoclipe.....	173
Anexo L - Termo de Autorização para o uso de imagem .....	175
Anexo M - Roteiro de Investigação .....	176

## 1. INTRODUÇÃO

Em meados de 2015, conheci a Associação de Atenção à Dependência Química Terra da Sobriedade (TS) <sup>1</sup>. A aproximação ocorreu por meio de um processo seletivo para atuar como Pedagoga Social no Projeto Superação<sup>2</sup>. Esta foi a minha primeira experiência no exercício da profissão como Pedagoga Social. Ao findar o tempo da implementação do projeto, continuei as atividades como voluntária de maneira menos intensa, uma vez que tive que dividir o voluntariado com o cargo de professora da rede pública de ensino estadual que acabara de ocupar em uma escola. Desde aquele ano, a minha atuação na TS tem sido direcionada às atividades no Programa Meninos da Terra<sup>3</sup>.

Optar pela escolha das Meninas<sup>4</sup> como protagonistas da pesquisa esteve relacionada à minha percepção sobre elas dentro da TS<sup>5</sup>. São cinco Meninas, *Viih*, *Belinha*, *Vick*, *Sá* e *Binha*<sup>6</sup>, que colaboraram com a construção da pesquisa, todas elas atualmente moram em regiões periféricas<sup>7</sup> de Belo Horizonte, e apresentam idade entre 15 e 19 anos. Quatro delas são heteroclassificadas como negras e uma como branca, estudam no ensino público básico, Fundamental e Médio, das regiões próximas a suas comunidades. São Meninas ativas e participativas, a maioria delas está envolvida em ações e na organização das atividades do Programa. *Binha* e *Belinha* costumam auxiliar no preparo dos alimentos, auxiliando nos Projetos da instituição e *Sá* trabalhando no Bazar da Terra. A representatividade que elas têm

---

<sup>1</sup> A Associação de Atendimento e Prevenção ao uso e abuso de substâncias Terra da Sobriedade acolhe um número significativo de adultos/as, crianças e jovens que, direta ou indiretamente, estão em contato com o uso de substâncias psicoativas.

<sup>2</sup> O Projeto Superação teve início no ano de 2015, trata-se de um Edital pleiteado para os Programas de Prevenção na TS, com validade de um ano de investimento em equipamentos técnicos e tecnológicos, oficinas de arte e cultura e acompanhamento Pedagógico para as crianças, adolescentes, jovens e seus familiares. Com vistas a promover um ambiente sadio e seguro, enfatiza a compreensão acerca do direito ao lazer, cultura, educação, além de possibilitar a integração social e o conhecimento acerca dos serviços públicos de acesso. **Mimeografado.**

<sup>3</sup> O Programa Meninos da Terra realiza atendimento a crianças, adolescentes e jovens, durante a semana e aos sábados, oportuniza os momentos do brincar, conversar, se alimentar de maneira saudável. Aos sábados os/as participantes trazem seus familiares, amigos/as e vizinhos/as. Durante 15 anos o Programa desenvolve ações atreladas à garantia do direito ao lazer, conhecimento e cultura.

<sup>4</sup> Optei por nomear as participantes do Programa, um grupo de mulheres jovens entre 15 a 19 anos, de Meninas na tentativa de garantir a maneira com que elas se identificam na TS.

<sup>5</sup> O espaço da Terra da Sobriedade é um sítio com piscina, quadra de esportes, canteiros, hospedagens, refeitórios e jardins. Em virtude disso, as meninas e os meninos identificam-na como Sítio.

<sup>6</sup> Optei por identificá-las por seus apelidos por ser a maneira com que elas preferem ser tratadas socialmente, com seus consentimentos e também para preservar suas identidades.

<sup>7</sup> Que estão situadas nas periferias, regiões mais empobrecidas em contextos urbanos, tais como: favelas, aglomerados e bairros pobres.

na Terra é muito marcante. *Sá* frequenta a Instituição há mais tempo, já morou na comunidade e hoje trabalha na entidade. Ela é prima de *Viih* que também frequenta a Terra há alguns anos junto com seus irmãos. A Menina *Viih*, apesar de estar afastada recentemente, costuma ser frequente e assídua.

O que me chamou a atenção para discorrer a análise, neste estudo, está diretamente relacionado à possibilidade em discutir questões que atravessam a invisibilidade e a sub-representação da mulher negra na nossa sociedade. No entanto, ao perceber meu lugar na pesquisa, fiz uma reflexão, na medida em que olhava para mim, mulher, negra e periférica, tropecei em minha subjetividade e percebi que optar por elas tinha também relação direta com o meu próprio senso de pertencimento étnico-racial e com a minha construção social como mulher. Apesar de não vivenciar contextos sociais de exclusão e de vulnerabilidade idênticos aos delas, como mulher e negra, tenho construído a minha trajetória de maneira bastante resistente.

Em muitas das vezes quando olhava para as Meninas, nas vivências durante as atividades na Terra, vinham em mim pequenos flashes das lembranças da infância e adolescência. Elas me faziam lembrar, das muitas vezes, no período da infância e adolescência, em que desejava ser invisível para não ser tratada com inferioridade e sentir vergonha de não ter nascido da maneira com que a maioria parecia considerar como ideal, ser uma menina branca, de cabelos longos e lisos, olhos claros e condição financeira estável. Minha trajetória escolar foi repleta de desafios, desde dificuldades financeiras para me adequar às exigências escolares, materiais e uniformes, até precisar me camuflar para não ser alvo das agressões orais dos/as colegas de sala de aula e, até mesmo das violências sofridas por algumas professoras durante minha experiência no Ensino Fundamental.

Em muitos momentos as notava camuflando em determinados espaços e grupos. Em uma das experiências vivenciadas nas atividades do Programa, um grupo de Meninas negras retintas não queria levantar para se servir na mesa, no momento do almoço. Incomodada com a situação, disse a elas para se servirem; elas a princípio diziam que não queriam e depois de muita insistência minha disseram que, se passassem próximo aos meninos de um determinado grupo eles iam “mexer” com elas, chamá-las de feias. E a maneira com que eles agiam, com alvoroço, fazia com que as outras pessoas as percebessem, e isso parecia incomodá-las muito.



Nesse instante entendi que elas pareciam sinalizar que de fato, sabiam que eram preteridas e, a perseguição dos meninos as incomodava.

Esses tratamentos aconteciam durante as atividades aos sábados, geralmente nas conversas entre eles/elas. Na maioria das vezes, os ataques eram direcionados à aparência física e ao comportamento das Meninas; as ofensas à sua cor da pele ou à textura de seus cabelos. Em outros momentos, os discursos moralistas colocavam-nas em posição de subalternidade. Em muitas das vezes presenciava que a relação entre eles/elas eram muito agressivas, os meninos quando não agrediram as meninas oralmente, atacavam-nas fisicamente e, o tom era sempre de “brincadeiras”, chamá-las de *feia, piranha, macaca, queijo, fedorenta, cabelo duro*, eram maneiras constantes de agredi-las. Entretanto, elas não eram apáticas aos ataques, em muitos momentos reagiam com tons também agressivos e inclusive revidaram as agressões físicas. Mas mesmo assim, sempre eram as mais perseguidas, principalmente as negras retintas e mais pobres.

Em 2015, uma das vezes em que diagnosticamos os tratamentos entre os/as participantes, nós, as pessoas que compunham a equipe naquela época, construímos nas reuniões estratégias para problematizar tais conflitos; mais especificamente, estratégias de trabalho direcionadas *para e com* as Meninas que eram as mais afetadas. No momento da espiritualidade e na brinquedoteca<sup>8</sup>, trazíamos nas imagens e nos vídeos, frases e mensagens que representassem as populações negras de maneira positiva, principalmente em se tratando da mulher negra. Com o passar do tempo, percebi que as intervenções não produziam grandes efeitos, até compreender que, o processo de transformação do modo de enxergar necessita de tempo.

Entre o final do ano de 2015 e início de 2016, a Coordenadora do Programa e outra voluntária passavam por um processo de transição capilar<sup>9</sup>. Esse processo indicava as escolhas por uma construção de reconhecimento de si, portanto, bastante pessoal, de acordo com os próprios relatos da época. Nesse mesmo espaço de tempo, estávamos dando sequência às atividades de

---

<sup>8</sup> A Espiritualidade trata-se de um momento reflexivo em grupo que acontece na TS. De forma voluntária as pessoas são convidadas a um encontro consigo, em que acontecem testemunhos, louvores e reflexões e orações. A brinquedoteca é um espaço organizado durante os sábados, com livros, jogos pedagógicos e brinquedos. As crianças, adolescentes e jovens são convidados/as a um momento de aprendizado por intermédio de atividades interativas.

<sup>9</sup> Transição capilar é a retirada de produtos químicos de alisamento dos cabelos para o cabelo natural. Momento em que para muitas mulheres torna-se doloroso e de ansiedade, por vivenciar esse processo, aceitando a ruptura com a química e aceitar um cabelo que você talvez nem mais conheça.

valorização da estética das populações negras, mais especificamente da estética da mulher negra. Com o tempo, passamos a perceber, também nos cabelos das Meninas, profundas mudanças: algumas começaram a interromper o alisamento dos cabelos e a soltá-los, algo incomum até o momento. A minha leitura desse fenômeno é a de que, ao perceber que a transição capilar elevou autoestima da Coordenadora e da voluntária, elas foram construindo outras maneiras de lidar com seus próprios cabelos. O que me faz refletir juntamente com as contribuições de Gomes (2012), para quem nenhuma identidade é construída no isolamento. E sim, se constrói no compartilhamento entre povos, etnias, gerações, nas relações sociais, culturais, ou seja, nas vivências coletivas.

Talvez este tenha sido o exato momento em que passei a procurar na interlocução com textos acadêmicos algo que pudesse me fazer compreender todas as questões que atravessavam o campo das subjetividades em contextos de gênero e relações étnico-raciais. Ao fazer uma pesquisa minuciosa encontrei textos que me provocaram grandes reflexões, questões sobre as quais até então não tinha conhecimento. E foi desconfortável me deparar com longos processos de violação dos direitos das mulheres negras presentes na maioria dos conteúdos, por saber que também integro esse grupo marginalizado. Durante a incessante busca, encontrei importantes produções que me fizeram compreender como as mulheres que, em sua maioria se assumem negras e militantes do Movimento Feminista Negro, discutem, analisam e produzem conhecimento sobre o lugar social da mulher negra no campo científico.

Desse modo, as temáticas centrais propostas nesta pesquisa são pensadas a partir da interseccionalidade, no sentido de entender como as dinâmicas de produção social patriarcalista, classista e do racismo estariam intrinsecamente ligadas. Teóricas dos estudos interseccionais Carneiro (2003); Collins (2016); Crenshaw, (2004); Curiel (2007); Davis (1980); Gomes (1995); Gonzáles (1984) e bell hooks (2015), entre outras, indicam que a confluência entre gênero, raça e classe também sinalizam os lugares de subalternidade e de violência em que se encontram as mulheres negras. Nessa perspectiva, de maneira bastante crítica, as estudiosas destacam que o racismo é um demarcador da segregação da mulher negra em particular. Sendo assim, tais intersecções não devem ser pensadas em categorias, pois categorizá-las seria afirmar as opressões contra as mulheres negras.

Sueli Carneiro (2003), por meio de uma densa descrição histórica, aponta as segregações social e racial vivenciadas por mulheres negras na sociedade como produtos de desigualdades

ao sinalizar a importância do feminismo negro para tensionar o lugar da opressão social das mulheres, em geral, e das negras, em particular. A autora compreende que a experiência histórica trata a opressão à mulher sem reconhecer os efeitos da diferença qualitativa da opressão que recai sobre a identidade feminina das mulheres negras (Carneiro, 2003).

Considerar as relações étnico-raciais, de gênero e, conseqüentemente de classe a partir das experiências entre as Meninas do Programa, me convidou a refletir: como as questões relativas ao conflito étnico-racial e as expressões do machismo são percebidas em seus cotidianos? Como elas percebem e lidam com suas complexas existências sociais sendo atravessadas por aspectos próprios de serem meninas negras e periféricas? Quais são as suas estratégias de (re) significação de um lugar que por vezes pode se apresentar como estereotipado? Essas questões, bem como as reflexões teóricas acerca da real condição da mulher negra, me instigam a pensar a respeito da importância de sua contribuição positiva para a construção de nossa sociedade, podendo, assim, problematizar as representações ainda correntes, além de reconhecer o lugar social da mulher negra atravessada por diversas formas de resistência e, dessa forma, combater o estereótipo de inferioridade historicamente imposto a partir da construção colonial, etnocêntrica e racista; contribuições significativas de intelectuais negras como (GOMES, 1995) e (DAVIS, 1980).

Com efeito, do ponto de vista pessoal, foram às contribuições de teóricas feministas negras que produziram em mim provocações a respeito do lugar da mulher negra. Indagações a respeito da contribuição crítica social e o relato da sua memória apagada, me provocaram a pensar se as Meninas negras inseridas em espaços de subalternidade se percebem neste lugar, o de inferioridade produzida articuladamente, em suas relações no mundo social. Essas foram questões substanciais que me instigaram a trazer a temática para análise no campo acadêmico, problematizando o lugar de segregação e de apagamento histórico em que ainda está submetida grande parte da população de mulheres negras brasileiras. Notadamente as mulheres negras periféricas.

Os objetivos que me motivaram a realizar a pesquisa na Terra da Sobriedade, sobretudo, com o Programa Meninos da Terra, tem relação com minha experiência como Pedagoga Social neste Programa. Durante o acompanhamento com as/os meninos/as, na medida em que foi se aproximando o contato, percebi o quão se tornaram marcantes as aparições ao que se refere às relações étnico-raciais e de gênero nas falas dos/as jovens meninos/as. São discursos de

discriminação, ações agressivas e relatos de inúmeras violações. Tais relatos e comportamentos instigaram-me a compreender e analisar como essas Meninas percebem e lidam com questões referentes às relações étnico-raciais e gênero em seus cotidianos, dentro e fora da Terra da Sobriedade.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1. Geral**

Analisar como as Meninas que frequentam o “Programa Meninos da Terra” percebem e lidam com suas complexas existências sociais sendo atravessadas por aspectos próprios de ser mulher e negra; verificando quais são as suas estratégias de (res-) significação de um lugar que por vezes pode se apresentar como estereotipado.

### **2.2. Específicos**

Apresentar uma descrição densa acerca do campo Programa Meninos da Terra, local da pesquisa e, conseqüentemente do perfil das Meninas protagonistas deste estudo;

Analisar como os estudos produzidos no campo teórico contribuem com diálogos em função das concepções das próprias Meninas;

Analisar de que maneira a investigação proposta, apoiada aos jogos teatrais, poderá contribuir para construir olhares sobre as relações étnico-raciais e de gênero a partir das concepções das Meninas;

Elaborar um material audiovisual com a intenção de que o recurso seja fonte de conhecimento, de diálogo, de interação e de reflexão sobre as perspectivas das Meninas, a forma como elas compreendem a si mesmas, como lidam com o mundo a partir do que são ou da maneira como se representam e reconhecem.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa tem a intenção de desenvolver uma proposta metodológica direcionada a análise das concepções advindas das teorias feministas negras, entendendo que esse campo investigativo é também um campo de disputa. Sendo assim, a intenção deste trabalho é desnaturalizar os olhares sobre a pesquisa por intermédio de uma única perspectiva que, conseqüentemente é etnocêntrica. De maneira que, “Aceita-se de forma generalizada que nossas percepções do mundo são influenciadas pelo nosso posicionamento no mundo. Quando uma determinada cosmovisão passa a ser aceita como a norma, outras maneiras de ver acabam por ser eclipsadas (PARKER; ROBERTS, 2015, p.25)”. Em virtude disso, esse estudo propõe-se a debruçar em uma pesquisa qualitativa apoiada à Teoria Crítica da Raça (TCR), com a finalidade de analisar estudos de grupos marginalizados e, conseqüentemente estudos sobre o conhecimento experiencial das mulheres negras (PARKER; ROBERTS, 2015).

Por se tratar de uma pesquisa apoiada em teorias de pesquisa qualitativa, compreendo que a proposta de investigação não tem a intenção de encontrar uma resposta única e certa para os problemas da pesquisa em si, tampouco guarda a defesa de uma representação estatística numericamente expressiva.

É, portanto, a concepção idealista-subjetivista ou fenomenológica de conhecimento que dá origem à abordagem qualitativa de pesquisa, na qual também estão presentes as idéias (*sic*) do interacionismo simbólico, da etnometodologia e da etnografia, todas elas derivadas da fenomenologia (ANDRÉ, 2008, p. 18).

Em razão disso, é relevante compreender e problematizar as dinâmicas que permeiam as relações sociais que estão ligadas às *crenças*, aos *valores* e aos *hábitos* das Meninas pesquisadas. Nesse aspecto, é indispensável nos ater a alguns cuidados com relação às contradições que podem acontecer durante a pesquisa. Biklen e Bogdan (1991) indicam que o/a pesquisador/a deve ter sensibilidade em não reproduzir preconceitos e emitir opiniões, deve estar atento/a até quando a sua subjetividade pode interferir na relação com o campo de pesquisa.

A proposta investigativa nos fornece grandes possibilidades de intervenção no campo, no mesmo momento que o estamos investigando, agimos sobre ele, no instante mesmo da intervenção. Tal procedimento teórico-metodológico de pesquisa apresenta muita afinidade

com a proposta a ser realizada neste estudo, que pretende como estratégia de análise e ação, elaborar um material audiovisual, realizado juntamente com as Meninas.

A sugestão de trabalho leva em consideração as contribuições de Tripp (2005), para quem a pesquisa-ação deve se orientar a partir de três momentos: o primeiro, o de *planejamento*. Observou o/no espaço, os tempos e as atividades que acontecem durante os sábados. No meu primeiro contato como pesquisadora na TS, o caderno de campo foi imprescindível para registrar as observações durante o programa.<sup>10</sup> Não em tempos iguais, mas no mesmo período, realizei a análise documental nos arquivos na Instituição, tendo o caderno de registro como suporte, assim como o computador para digitalizar as informações, mais especificamente os documentos que descrevessem a história e ações do Programa Meninos da Terra.<sup>11</sup> Na busca de informações por meio dos arquivos, senti que algumas dúvidas apareciam nesse processo e, não poderiam ser respondidas somente pela consulta aos documentos. Como passei a maior parte da busca ao lado da Coordenadora do Programa, aproveitava para tirar minhas dúvidas<sup>12</sup>.

O segundo momento envolve o princípio da *implementação*. Visou, primeiramente, aproximar as Meninas das questões referentes à problematização da pesquisa, por meio das concepções de gênero e relações étnico-raciais. Ao invés de fazer uso de entrevistas, optei por utilizar Os Jogos teatrais: O Fichário de Viola Spolin (2008), como direção para produzir a investigação. O uso metodológico dos jogos teatrais, como suporte para ferramenta investigativa, foi a primeira intervenção com as Meninas, uma importante estratégia de aproximação com elas, de tal forma que as questões referentes às discussões propostas produziram uma abordagem menos tensa e possibilitou que o diálogo acontecesse espontaneamente entre nós.

Posteriormente, a segunda intervenção e, em alguns instantes, paralela à investigação apoiada aos jogos teatrais, foi realizado o segundo passo da pesquisa que, teve a intenção de

---

<sup>10</sup> A observação participante se deu por meio das análises das atividades que acontecem todos os sábados no Programa. Neste momento também atuo como voluntária, a observação teve início no dia 03 de Fevereiro de 2018.

<sup>11</sup> A análise documental aconteceu durante os dias da semana tendo início no dia 08 de Fevereiro de 2018. Nesse momento também realizava a visita à residência aos familiares de algumas das participantes do Programa.

<sup>12</sup> Algumas informações endereçadas ao primeiro Capítulo que, descreve a Instituição conta com a colaboração dos relatos da Coordenadora do Programa, por meio de conversas e registros no caderno de campo.

atender a proposta do videoclipe, sugerido pelas Meninas<sup>13</sup>. Nesse sentido, essa investigação teve também como instrumento de análise a intenção Etnográfica que de acordo com André (2008) é um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade. Etimologicamente etnografia significa “descrição cultural” (p.27). A opção por fazer uso da análise apoiada à intenção etnográfica foi no propósito de entender os caminhos percorridos durante o processo da construção da pesquisa desde as primeiras observações que identifiquei na experiência na Instituição até a elaboração do videoclipe. E para a produção do videoclipe foram organizados encontros formadores. Esses encontros dialogaram com questões referentes à produção da música, ensaios para a gravação da canção, filmagens para a edição do material e parcerias para a materialização do projeto.

Seguindo a sequência investigativa de Pesquisa-ação a partir de Tripp (2005), o terceiro momento seria a descrição das impressões e análise de alguns aspectos marcantes na experiência em campo, que podem não somente ser analisadas, mas pensar estratégias de como nossas ações podem ser modificadas nesse espaço para com as Meninas. De acordo com Tripp (2005), tem relação com a pesquisa-ação a modificação do espaço pesquisado, por estarmos propondo um local que na maioria das vezes não nos é estranho, podemos a partir da investiga-ação dar outros significados em nosso modo de agir sobre ele.

### 3.1. Resultados Esperados e Inesperados.

Considero como resultados esperados a materialização do vídeo, como proposta pedagógica, sendo pensado desde o início da pesquisa. A escolha por uso de recurso audiovisual como ferramenta para a elaboração de um produto conclusivo deriva da condição de viabilidade acadêmica. Além disso, compreendo que a produção de recursos audiovisuais pode ser transformadora e acessível para contextos sociais diversos uma vez que cumpre não somente a função de transmissão de informações, mas também a de formar sujeitos/as reflexivos/as, críticos/as; educando sujeitos/as para uma sociedade mais igualitária (ZANDONADE; FAGUNDES, 2003).

A escolha de um recurso audiovisual como indicação para o produto final foi amadurecendo durante as conversas com o professor orientador; após várias reflexões e análises sobre a

---

<sup>13</sup> O processo de proposta do videoclipe e os caminhos percorridos para sua materialização será apresentado com maiores detalhes no Capítulo IV desta Dissertação.

importância dessa ferramenta e, de como esse modelo de abordagem na Terra da Sobriedade poderia dialogar com o objetivo da pesquisa, uma vez que ouvir as vozes das Meninas traria subsídios para buscar reflexões acerca da conclusão dos investimentos da pesquisa. Nos momentos de contato no Programa, pude notar, por exemplo, que elas já se interessavam por registrar suas experiências, suas vivências, com o uso dos próprios aparelhos celulares. Isso evidencia, por um lado, que se trata de uma geração de Meninas cujo acesso tecnológico facilitou seus próprios registros. E que esses recursos já estão também interligados em suas maneiras de se comunicar socialmente (GOBBI; SOUZA, 2014).

A elaboração de um vídeo assumiu caráter educativo e formador de transmitir informações e conhecimentos de maneira mais interativa; além de possibilitar a educação por meio de uma linguagem crítica de sociedade através da imagem. Presenciar os momentos de escuta com as Meninas dizendo de assuntos que possam ser significativos para si e uma oportunidade única de troca de experiências e de aprendizagem sobre outras formas de saber. Essa oportunidade interativa da construção de um vídeo se configurou em um instrumento dinâmico de aprendizagem (ALMEIDA, 2009), uma maneira de horizontalização das informações, de conexão entre linguagens e de trocas de sentidos e de significados.

Os resultados inesperados foi a proposta de construção de um novo produto sugerido pelas Meninas. Antes do contato com elas a proposta era desenvolver um vídeo documentário por intermédio das gravações da investigação proposta na primeira etapa da investigação. Entretanto, as Meninas nos direcionavam para produção do videoclipe e iniciamos esse desafio coletivo.

### 3.2. Apêndice A - *Proposta para a produção dos encontros formativos*

Buscar nos encontros formativos a possibilidade de reflexões a respeito das questões levantadas para a problemática da pesquisa foi no sentido de tensionar alguns discursos que permeiam as relações sociais e reverberam nas condições de subalternidade entre determinados grupos, principalmente em se tratando de grupos raciais femininos. A provocação dialoga com a perspectiva de ressignificação dos meios midiáticos, uma vez que, observa-se uma sub-representação da imagem das populações negras nos meios de comunicação. Quando as representações estão submetidas em espaços de subalternidade e



objetificação de seus corpos, o estereótipo da miséria e da violência é naturalizado nas representações de negros e negras nos meios de comunicação (ARAÚJO, 2002).

É importante frisar que, a proposta do videoclipe, idealizada pelas Meninas é uma tentativa de sistematizar e questionar o lugar de representação midiática por intermédio das concepções das Meninas. A experiência com a construção do vídeo foi uma oportunidade delas olharem para si com outros olhares, com suas potencialidades, capazes de construir em coletivo, se reconhecerem como produtoras de vídeos, atrizes, compositoras musicais dentre outras inúmeras maneiras de ser.

De tal modo que, muito além de ser Menina negra de periferia, ser também Menina negra que produz vídeos, contribuindo para que haja outras maneiras de se nomear, se reconhecer com outros nomes, que não seja o de falta. Meninas sem escola, sem casa, sem pai, sem roupa, sem pudor, mas do lugar de contribuição coletiva que possa servir de inspiração e despertar reflexões nos/as espectadores/as e, também possam contribuir para um novo olhar social, histórico e cultural da mulher negra na sociedade (ZANDONADE, FAGUNDES, 2003).

### 3.3. Apêndice B - *Roteiro de Produção do Audiovisual*

A proposta inicial para a produção do audiovisual foi na intenção de torná-lo um trabalho coletivo, sendo construído juntamente com as Meninas da Terra. O tema central que se desenrolará para a produção desse material está relacionado às questões que envolvem o que as Meninas consideraram mais pertinente a ser destacado neste material. Nesse sentido, as ações a serem tratadas dentro dos conteúdos programados envolvem como as Meninas lidam com tais questões em seus cotidianos.

Sendo assim, a proposta do material audiovisual, foi organizada em momentos de construção descritos e analisados com mais precisão no Capítulo IV desta Dissertação, teve início primeiramente com um encontro formativo para a introdução, a compreensão em relação à produção de vídeo; em seguida após a parceria com o Coletivo Terra Firme, o encontro para organizar a gravação da música; logo após dois encontros formativos na sede do coletivo, em que desenvolvi diálogos propositivos de acordo com as demandas dos/as próprios/as integrantes do Coletivo; posteriormente a gravação da música e finalmente a edição do videoclipe.

#### 4. SOBRE OS CAPÍTULOS

No capítulo primeiro desta investigação será apresentado a descrição do momento inicial de inserção em campo para a coleta das informações em relação ao Programa Meninos da Terra. Logo após a indicação do contexto histórico e de suas prerrogativas de ações, apresento as minhas impressões acerca da investigação dos dados produzidos por meio dos prontuários arquivados na Instituição, o que concentra documentos e questionários das Meninas que participam do Programa. Em seguida será descrito um panorama geral de quem são as Meninas que participam do Programa, conseqüentemente as que mais frequentaram as atividades no ano de 2017. Finalmente, a descrição de cada Menina que participou da construção da pesquisa, sendo elas: *Belinha*, *Binha*, *Sá*, *Vick* e *Viih*, uma breve contextualização de suas vidas, por intermédio do que elas permitiram retratar, nos documentos arquivados na Instituição e durante a pesquisa.

Em seguida, no Capítulo II, será analisado como se desenvolveram os estudos que discorrem em relação à concepção de identidade e diferença, em seguida discussões decorrentes do processo de apagamento das populações negras no país e, conseqüentemente, as resistências que superaram o apagamento e permanecem presentes, a saber, pelas Meninas que estão provocando desobediências no mundo por intermédio de suas próprias maneiras de ser. As representações educacionais e midiáticas negras também são discussões deste capítulo. Entretanto, a representatividade e a ressignificação das mulheres negras foi destaque nas discussões, muito em função das contribuições do próprio Movimento Negro e do Movimento Feminista Negro. Mais ainda, este capítulo aponta pistas de que maneira as Meninas vão se fazendo representadas e ressignificando os espaços considerados fixos, o que será percebido nos Capítulos 3 e 4 desta Dissertação.

No Capítulo III, apresento e analiso a primeira intervenção no campo de pesquisa, apoiada no suporte de procedimentos metodológicos de pesquisa qualitativa. Em decorrência da observação participante, serão identificadas algumas impressões acerca das atividades que acontecem no Programa, sempre aos sábados. Em seguida, tendo como inspiração o modelo de pesquisa-ação<sup>14</sup>, utilizei “Os Jogos Teatrais: O Fichário de Viola Spolin (2008)”<sup>15</sup> como

---

<sup>14</sup> A Pesquisa-ação trata-se de uma proposta de investigação que se dá por meio de uma ação no campo de pesquisa. Desse modo, ao inserir no lugar de análise o/a pesquisador/a age sobre ele, por meio de técnicas para contribuições positivas nesse espaço (TRIPP, 2005).

referência para a construção das problematizações sobre os temas abordados. Segundo a idealizadora, a introdução ao teatro pode produzir novas estratégias de ensino aprendizagem, uma vez que, a intenção das fichas seria a de solucionar um problema a partir da estrutura dramática: Onde/Quem/O que, conduzindo subsídios para o direcionamento de atividades reflexivas. Partindo dessa concepção, as colaboradoras criaram soluções a partir de diferentes enunciados (ANDRADE, 2017).

Nesse aspecto, as Meninas desenvolveram, por meio dos temas propostos, outras interfaces de comunicação e de trocas para solucionar os problemas geradores. A partir do exposto, elas construíram de maneira dinâmica sua própria história, dizendo de si, olhando para a outra colega e percebendo semelhanças e diferenças, identificando outras perspectivas para vivenciar suas subjetividades e a oportunidade de compartilhá-las. Assim, a proposta de trabalho com os jogos foi fundamental para incentivar os diálogos que, além de terem trazido questões para análise na pesquisa também serviram como um momento de interação, de troca, de autonomia, de escuta e de aprendizado para nós.

No Capítulo IV foi realizado uma descrição seguida de uma análise detalhada em relação aos caminhos percorridos até a materialização do videoclipe, privilegiando a troca de saberes e de vivências coletivas. Nesse momento da pesquisa, as Meninas construíram em coletividades trocas de aprendizados e oportunidades de criação mútua. Na medida em que iniciarem os processos para a criação do videoclipe tiveram a oportunidade de aprender quais são os processos de construção de um vídeo até o seu resultado final. Assim, ao manusear os equipamentos, projetar as imagens, trabalhar com a luz, com o foco, com o som e com a posição das câmaras, como aconteceu no primeiro encontro formativo, elas puderam vivenciar o processo de criação por intermédio de diferentes etapas, até a edição final do trabalho.

---

<sup>15</sup> A experiência metodológica proposta pela autora tem como base os princípios da experimentação, da negociação e da reflexão crítica dos papéis interpretados por diferentes atores sociais. O método surge nos anos de 1963, à improvisação para o teatro e sua filosofia foi trabalhado pela primeira vez nos Estados Unidos, hoje seus jogos servem como ferramenta pedagógica propondo uma nova perspectiva de ensino aprendizagem em que educandas/os possam interagir com as atividades ao mesmo momento que aprendem no mundo inteiro. Trata-se de fichas que a princípio foram pensadas para a sala de aula, no entanto não se esgotam as possibilidades de os jogos serem utilizados em outros espaços, que não são escolares, mas são espaços de educação (SPOLIN, 2008).

Os encontros formativos ocorreram em quatro momentos: A) *Primeiro momento*: Visou conhecer como se produz um vídeo, aspectos técnicos de iniciação à produção de artefatos audiovisuais.<sup>16</sup> Após a compreensão acerca da produção de um audiovisual, foi iniciada a intervenção referenciada aos Jogos Teatrais: O fichário de Viola Spolin (2008)<sup>17</sup>; B) *Segundo momento*: Objetivou analisar a música produzida pelas Meninas para gravação do videoclipe; C) *Terceiro momento*: Almejou analisar as impressões acerca da parceria entre Coletivo Terra Firme e Meninas da Terra; D) *Quarto momento*: Pretendeu analisar as aulas ministradas juntamente com os jovens integrantes do Coletivo Terra Firme; E) *Quinto momento*: Pretendeu investigar como foram as impressões em relação ao encontro entre os dois grupos e de que maneira foram tecendo as estratégias para a construção do trabalho coletivo. Por fim, o *Sexto momento*, que pretendeu realizar uma síntese das impressões de todo o processo de criação entre os grupos, até a concretização do material audiovisual.

Esta pesquisa teve como objetivo principal de favorecer espaços múltiplos de reflexão através da produção audiovisual, algo que permita às Meninas experimentar/pensar/construir outros modos de relacionar com o mundo e consigo mesmas; outras maneiras, portanto, de se nomearem, de compreender que podem construir outras estratégias de comunicação e de informação a partir do acesso aos espaços.

A experiência do contato com as Meninas, conseqüentemente com os/as jovens do Coletivo Terra Firme, me possibilitou, além da oportunidade de vivenciar um encontro potente entre eles/elas, elementos investigativos para desenvolver esta pesquisa. Em decorrência das habilidades deles/delas, a pesquisa foi sendo direcionada por caminhos bastante significativos. De maneira que, as Meninas, mais especificamente, por serem as colaboradoras da pesquisa, foram construindo paulatinamente perspectivas de como elas compreendem o mundo, suas realidades, suas maneiras de produzir um trabalho em coletivo. Com essa experiência, tornou-se evidente como as Meninas conseguem lidar com as diferenças, lidar com as suas realidades e serem propositivas para as mudanças que acreditam. Além disso, elas demonstraram durante a pesquisa que suas inúmeras habilidades as possibilitaram nomear-se de acordo com o que elas idealizam em relação a si mesmas.

---

<sup>16</sup> Esta etapa iniciará a intervenção em campo, ou seja, ela foi a primeira abordagem antes mesmo dos jogos teatrais, com a proposta de as Meninas realizar com as capturas das filmagens no início da investigação que, serviu de ferramenta para o roteiro do videoclipe.

<sup>17</sup> A proposta de a intervenção ser durante as formações tem relação com a coleta das imagens que, depois de realizada, integrou parte do produto audiovisual.

## 5. CAPÍTULO I: O PROGRAMA MENINOS DA TERRA E AS MENINAS

Neste capítulo descrevo o Programa Meninos da Terra - GMT<sup>18</sup>, umas das ações da Terra da Sobriedade<sup>19</sup>, local em que a pesquisa foi desenvolvida. As informações aqui descritas referem-se à coleta de dados de prontuários, projetos, *blog* da instituição<sup>20</sup> e materiais disponibilizados nos arquivos digitais da Rede de trabalho da entidade. Conteí também com o auxílio da Coordenadora do Programa GMT, que me acompanhou durante o processo da análise das informações orientando-me e elucidando as dúvidas que apareciam no momento de estudo dos documentos. Inclusive, nossas conversas e reflexões me ajudaram a compreender sobre outras questões que envolvem o Programa e os/as meninos/as<sup>21</sup>.

Com sua experiência ao lado dos/as meninos/as desde 2011, a Coordenadora conhece a história e a trajetória deles/as e, tem uma proximidade muito grande com a maioria. Nesse sentido, sua contribuição foi muito significativa para o andamento da pesquisa, não somente na garantia do espaço, dos materiais e transporte, como na logística para que pudéssemos ser atendidas da melhor maneira possível. As indicações de materiais que ela foi me assinalando ao longo das conversas<sup>22</sup> auxiliaram-me a elucidar a compreensão em relação à Entidade, os/as participantes do Programa GMT, assim como, às análises na inserção no campo de pesquisa.

Este capítulo está organizado nos seguintes eixos descritivos, no primeiro eixo, **Breve histórico do Programa Meninos da Terra**, será abordado um breve levantamento de como o programa surgiu na Instituição. Já no segundo eixo, **Como são organizadas suas ações?**, será apresentado os métodos que configuram na estrutura do Programa. Posteriormente, no terceiro eixo, **Tempos, espaços e acontecimentos**, será descrito como são planejados os tempos e espaços de funcionamento das atividades do Programa. Já no quarto eixo, **Quem**

---

<sup>18</sup> A sigla GMT, Grupo Meninos da Terra, é referenciado a como o programa foi desenvolvido no início de sua construção. Apesar de permanecer com a sigla, atualmente é apresentado como Programa Meninos da Terra: prevenção seletiva para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

<sup>19</sup> A Associação de atenção à Dependência Química “Terra da Sobriedade” realiza atendimento a pessoas em dependência química; seja álcool, tabaco e/ou outros produtos químicos. A Associação está localizada na Rua das Pedrinhas, n. 342, no Bairro São João Batista, vetor norte de Belo Horizonte/MG, na regional Venda Nova. **Ver na íntegra:** Cf. Anexo J.

<sup>20</sup> Blog da Terra da Sobriedade: Disponível em: <<http://terradasobriedade.org.br/>>. Acesso em: 01 Set. 2018.

<sup>21</sup> Nomeio como meninos/as por se tratar da maneira que eles/elas se identificam no Programa.

<sup>22</sup> Carolina Mata (2008), para compreender a Terra da Sobriedade e Jessé de Souza (2009), para compreender os/as meninos/as da Terra.

**são as Meninas que frequentam o sítio<sup>23</sup>?**, será apresentado um panorama geral do perfil das Meninas da Terra; no quinto eixo, **Eu, elas e nós**, realizei uma breve análise sinalizando como se deu meu fazer pesquisadora e de que maneira foram sendo construídos os processos dessa relação. E por fim, no sexto e último eixo, **Meninas mundo, mundo de Meninas: do desenho do seu perfil a arte de suas vidas**, será tratado minuciosamente o contextos que envolvem as Meninas colaboradoras desta pesquisa.

Fragmentado em eixos, este capítulo está apoiado em descrições e breves análises, que se conjugam entre os documentos arquivados na instituição e minhas impressões em relação à minha experiência no Programa.

### 5.1. Breve histórico sobre o Programa Meninos da Terra

O Grupo Meninos da Terra é um Programa de Prevenção seletiva e continuada que atende bebês, crianças, adolescentes e jovens, meninos/as, com idade entre 0 a 21 anos. Esses/as meninos/as encontram-se em contextos de vulnerabilidade e risco social<sup>24</sup> e convivem com a dependência química em seus lares ou em suas comunidades.

Segundo Ronaldo Viana<sup>25</sup>, a história do Programa teve início no ano de 2006, quando uma criança encaminhada pelo Conselho Tutelar de Venda Nova apareceu na Terra da Sobriedade com mais três amigos. Os acompanhantes estavam sob uso contínuo de substâncias psicoativas, principalmente solventes. Eles moravam em uma favela próxima à Associação. Segundo Ronaldo, quando a coordenação foi se aproximando das crianças, elas começaram a frequentar a Terra da Sobriedade nos finais de semana para brincar e foram trazendo seus/suas parentes e amigos/as. O que era esporádico tornou-se um hábito e, com o tempo, a presença das crianças e dos adolescentes crescia cada vez mais. Essa experiência possibilitou que os conflitos e os dilemas de suas vidas também aparecessem. A maioria dos/as

---

<sup>23</sup> Sítio é a maneira com que os/as participantes do Programa nomeiam a Terra da Sobriedade, por se tratar de um sítio com piscina, quadras esportivas e espaços para refeição e cultivo de planas.

<sup>24</sup> Sobre a relação entre vulnerabilidade e risco, Reppold et al. (2002) afirmam que, frente a situações adversas, o “comportamento dos sujeitos perante esses eventos depende de sua vulnerabilidade” (p. 10), ou seja, há uma predisposição ou mesmo resposta pouco adequada à situação. Um dos fatores de risco para o desenvolvimento psicológico e social é o baixo nível socioeconômico. Em famílias pobres, operam como fatores de alto risco, além do baixo nível socioeconômico, a remuneração parental, baixa escolaridade, famílias numerosas e ausência de um dos pais (JANCZURA, 2012).

<sup>25</sup> Ronaldo Guilherme Vitelli Viana é um dos mentores da Instituição.

meninos/as tinha parentes que estavam envolvidos direta ou indiretamente com o uso e o abuso de drogas.

A princípio, o Programa foi nomeado como Meninos do Índio<sup>26</sup>, em que moravam os/as meninos/as que chegaram inicialmente, bem como os/as outros/as amigos/as e familiares que foram se aproximando. Originalmente, as primeiras crianças atendidas moravam na mesma região da Instituição. Em decorrência de um processo de higienização da favela, as casas viraram ruas e conjuntos habitacionais e a antiga comunidade foi dizimada e muitas famílias migraram para outras regiões, mais próximas ou mais afastadas do ponto original de moradia. Nesse intervalo de tempo, os/as meninos/as começaram a frequentar a Entidade vindas de outras regiões que, mesmo próximas, não eram mais da comunidade em que viveram. E nesse momento os/as integrantes começaram a questionar o nome do Programa “Meninos do Índio”, pois já habitavam outros lugares.

A coordenação, em conjunto com os/as meninos/as, decidiu realizar uma votação e, a partir de então, desde 2014 o programa passou a ser chamado de “Meninos da Terra”, nome sugerido inclusive pelos/as próprios/as participantes. O que considero importante sinalizar é que, mesmo com a presença de Meninas, o nome do Programa ainda permanece escrito como registrado na variação masculina.

Desde o ano de 2006 o Programa vem acompanhando o mesmo grupo. Muitos/as meninos/as que participavam desde o início, hoje vêm a Terra com seus filhos/as. Além dessas crianças, o Programa recebe meninos/as de outras comunidades, sendo que na atualidade atende a um público composto por uma população que varia entre 30 e 60 crianças e jovens cadastrados/as, bem como suas famílias, notadamente todos/as moradores/as das periferias no município de Belo Horizonte e Região Metropolitana, região norte, de Belo Horizonte. A proposta do Programa é oferecer um atendimento confiável e seguro para os/as meninos/as, assim como proporcionar caminhos que fortaleçam suas trajetórias, estimulando o autocuidado.

---

<sup>26</sup> Meninos do Índio era em homenagem a Favela do Índio, situada na região norte de Belo Horizonte, local em que os/as meninos/as moravam a princípio.

## 5.2. Como são organizadas suas ações?

Para frequentar o Programa é necessário estar regularmente matriculado/a no ensino básico. Aquelas pessoas que, por algum motivo, não frequentam mais a escola são acompanhadas e incentivadas a retomar os estudos. A aproximação com as famílias acontece por meio da mediação com seus filhos/as; as famílias são convidadas a participar dos eventos que acontecem na Instituição (momentos de celebração como Páscoa, Festa da família, Dia das Crianças, Natal e Bazar) sendo esse encontro de grande importância para a Terra da Sobriedade.

Atualmente, pode-se constatar que há uma marcante presença de mães, inclusive no auxílio das atividades do Programa, como na alimentação, na limpeza e no cuidado dos/as meninos/as. O objetivo de estreitar os laços com as famílias é na tentativa de fortalecer o vínculo com a Entidade, com a equipe do Programa e com seus filhos/as de maneira saudável sem necessidade do uso de entorpecentes. Nem sempre a relação entre a Instituição e algumas mães é serena. Parte da tensão dessa relação pode ser explicada pela dificuldade de algumas mães em compreender e em lidar com a organização do espaço. Além disso, as marcas da dependência química também contribuem para que algumas mães não permaneçam no espaço, ou para que não desenvolvam nele atividades de forma duradoura. Entendendo que, assim como ocorre com os/as meninos/as, essa relação é construída paulatinamente e necessita de tempo, até mesmo para que as mães possam compreender como são realizadas as dinâmicas do Programa. Há uma dificuldade de ter a presença dos pais no programa, o que se percebe, segundo relatos, é que muitos não conhecem seus/suas filhos/as, são falecidos, ou estão encarcerados.

Se por um lado a presença de algumas mães em atividades do Programa é inconstante, por outro, a ausência dos pais é um registro bastante perceptível. Segundo relatos dos/as responsáveis pela Instituição, muitos pais compõem o quadro mais geral das estatísticas referentes à população masculina carcerária. Outros homens já estariam mortos. Outros, ausentes desde o nascimento das crianças. A situação de privação de liberdade vivenciada por muitos homens<sup>27</sup> retira dos pais e de seus/suas filhos/as a possibilidade de trocas culturais e sociais relevantes para a relação pai-filho/a. Ao mesmo tempo, a ausência provocada também

---

<sup>27</sup> Segundo o relatório divulgado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, IPEA, “A aplicação de penas e medidas alternativas”, 90% dos acusados são homens e 9,7% são mulheres, (BORGES, 2018).



reproduz uma dinâmica da vida social em que as mulheres, notadamente as mães, as tias, as avós ou mesmo as irmãs mais velhas, se ocupam das tarefas cotidianas da experiência social das crianças.

Na Terra da Sobriedade, os familiares e os/as participantes são acompanhados/as por meio de avaliações psicológicas e psicopedagógicas, terapêuticas e sociais. A comunicação, com os/as integrantes e seus/suas familiares, acontece por meio de telefonemas, de contatos nas redes sociais, (no Facebook Grupo Meninos da Terra e no Whatsapp); nos atendimentos residenciais e no acompanhamento dos encaminhamentos à rede; no Centro de Referência em Saúde Mental Infantil (CERSAMI) e em consultas aos juizados especializados na assistência infanto-juvenil. A assistência acontece de acordo com a demanda dos/as participantes e a disponibilidade da equipe.

Eventos e excursões são planejados valorizando a educação, a saúde, as relações sociais e culturais, bem como de lazer e terapêuticas, dialogando também com as escolhas dos/as meninos/as. Ao final dessas atividades, acontece uma roda de conversa. Nesse instante todos/as os/as integrantes podem participar opinando a respeito da organização do Programa, ajudando a construir os combinados e a organizar futuros eventos e futuras atividades. Quando ocorrem conflitos entre eles/elas, tais como brigas, discussões ou desentendimentos durante as atividades, o grupo delibera coletivamente como a questão deve ser resolvida. A responsabilização pelo comportamento é um princípio da Instituição. Nesse sentido, as decisões tomadas a partir de então são voltadas para a responsabilidade pelo ato e na reparação dos danos e, não de penalizar os/as envolvidos/as.

A Entidade conta ainda com um acompanhamento escolar em que voluntárias especializadas na área da Educação, Pedagogas, juntamente com a equipe, realizam um mapeamento das escolas que os/as meninos/as frequentam. Essas pessoas são responsáveis por visitas semanais aos estabelecimentos de ensino na tentativa de acompanhar o desenvolvimento dos/as meninos/as. Para além da parceria com as escolas, o objetivo dessa equipe é o de construir mecanismos que assegurem a permanência dos/as meninos/as na escola com qualidade, bem como incentivar os/as educandas/os, que por algum motivo não frequentam mais a escola, a concluírem os seus estudos.

Na medida em que a coordenação do Programa percebeu as demandas advindas dos/as integrantes nos momentos de lazer aos sábados foi desenvolvido um Grupo de Estudos, na quarta-feira, para o diálogo com meninos/as jovens. A princípio o encontro era somente com quem participava do Programa, mas com o tempo se tornou misto, pois havia meninos/as jovens que também eram encaminhados/as pelo Conselho Tutelar. Nessa reunião, as pessoas são convidadas a refletir sobre inúmeras questões que envolvam as drogas, a sexualidade, a escola, as subjetividades, a afetividade, a relação com as famílias, além do momento de ludicidade e lazer para que possam relaxar, compreendendo que dizer de questões tão íntimas possa ser muito delicado para eles/as.

Os registros das atividades e a avaliação dos resultados acontecem por meio de uma Ata da evolução dos prontuários individuais de cada participante<sup>28</sup>, dos relatórios da equipe produzidos a cada atividade, das discussões de casos nas reuniões de equipe e das/nas rodas de conversas que acontecem durante os sábados. A equipe do Programa conta com um número de aproximadamente dezesseis profissionais atuantes e agentes voluntários/as: familiares, ex-integrante, além das pessoas que estão em tratamento e são moradoras da Pensão Protegida na Terra da Sobriedade que optam por contribuir para a organização das ações demandadas pelo Programa.

### 5.3. Tempos, espaços e acontecimentos

Quando os/as meninos/as estão na Terra, aos sábados, das 08h às 14h da manhã, são acompanhados/as durante o lazer (piscina, jogos, brincadeiras, futebol, filmes, excursões e comemorações); espiritualidade; acompanhamento pedagógico (brinquedoteca, arte, leitura e escrita, jogos educativos e recontos); rodas de conversa (com a intenção de organizar os próximos encontros) e alimentação (café da manhã, lanche e almoço). Durante as atividades eles/as têm a oportunidade de conviver com pessoas que estão em situação de dependência química, com especialistas e voluntários/as e a troca de aprendizagem é uma construção mútua.

---

<sup>28</sup> O prontuário, documento padrão da Instituição, organiza todas as informações pessoais das/os participantes. Nele constam um questionário de entrevista pessoal, quando do momento de autorização da família para a participação no Programa, a autorização do registro e do uso de imagem e voz das pessoas atendidas e uma análise da situação (socioeconômica) do/a participante no Programa, na escola e na família.

Na medida em que os/as meninos/as chegam à Instituição, às 08h, assinam seus nomes na lista de presença, geralmente acompanhados por um/a voluntário/a ou estagiário/o. As mães assinam em uma lista diferenciada. O controle de frequência é importante para documentar suas presenças e também para prestar contas aos editais aprovados que financiam os projetos implementados no Programa<sup>29</sup>. Em seguida, acontece o café da manhã, que inicia com oração de agradecimento pelo alimento preparado.

Posteriormente, todos/as são direcionados/as para o auditório para o momento da espiritualidade. Para essa experiência, é pensado um tema em específico geralmente relacionado ao cuidado, à prevenção, à relação social e familiar. Esse momento de exposição e meditação é, geralmente, direcionado pela Coordenadora do Programa que, sempre convida os/as meninos/as, a comunidade e as famílias a participar do diálogo.

A Terra da Sobriedade se identifica como uma organização sem orientação espiritual única. Assim, o espaço da espiritualidade é aberto para todas as religiosidades; embora os princípios mais explícitos sejam os de práticas, signos ou narrativas cristãs. Certos signos, imagens de Jesus Cristo e Maria, por exemplo, ficam expostos nos espaços físicos da instituição. No café da manhã, na espiritualidade, lanche e almoço, há uma reflexão de agradecimento e logo em seguida uma oração, que fica a critério de todas/os participar ou não. Nesse momento da Espiritualidade, os/as meninos/as do Programa são convidados/as à meditação, mas são também convidados/as a permanecerem à vontade para não participar. A Instituição deixa evidente que todas as religiosidades são bem vindas, mas para as pessoas que se identificam com elas.

As atividades ligadas à espiritualidade são coordenadas pela equipe e pelos/as convidadas/os do Programa. Já os temas eleitos para reflexão são acordados a partir do que aparece nos encontros anteriores, considerando-se as sugestões dos/as integrantes. São celebradas também as diversas datas cristãs e seus significados, (Páscoa e Natal). Ao final da meditação, os/as meninos/as e os/as pacientes escolhem a música para finalizar o instante reflexivo. Na maioria das vezes, optam por referências musicais advindas do *rap*, assim como louvores de

---

<sup>29</sup> Projeto nomeado “Sementes da Terra”, cujo objetivo foi pleitear participação no edital Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (FMDCA) Belo Horizonte, 2018. **Mimeografado.**

Projeto “Brincar na Terra” - Lazer preventivo do Uso de Drogas e da Violência. Educação Preventiva do Uso e Abuso de Drogas e da Violência. Instituto Mahle, 2018. **Mimeografado**

músicas Gospel para demonstrar como expressam e como dialogam no momento da espiritualidade.

Na oportunidade da experiência na espiritualidade, destaca-se o instante em que as imagens dos/as meninos/as são transmitidas no Datashow. Eles/elas demonstram gostar de olhar para si, e as expressões são de alegria e, ao mesmo tempo, acanhamento. De algum modo, essas expressões me moveram também a optar por um material de audiovisual como proposta pedagógica para a pesquisa. Compreendendo o significado positivo de suas representações, de eles/elas perceberem e se manifestarem positivamente neste momento, admirarem suas imagens em destaque, captadas nos momentos em que estão se divertindo. O olhar para si, revelado positivamente entre eles/elas e a equipe do Programa, pode não ser uma experiência comum em suas vidas. Desse modo, considero a captura das suas imagens e, a valorização delas, um encontro com suas subjetividades e inúmeras possibilidades de potencializar a representatividade de suas vidas.

A espiritualidade segue os princípios da entidade, são reflexões relacionadas às subjetividades, acontecem os testemunhos, os louvores, as orações ecumênicas, oração do Pai Nosso e Ave Maria e, as reflexões sobre as virtudes como forma dos/as integrantes expressarem suas inquietações, vivenciarem o silêncio e o diálogo sobre o respeito às diferenças, além da produção de reflexões e de diálogos acerca da existência de Deus e da fé sustentada em leituras bíblicas. No entanto, não se percebe expressões das religiosidades consideradas não cristãs. Ao contrário, percebe-se em alguns diálogos entre os/as meninos/as tratamentos desrespeitosos no que se refere às religiões de matriz africana.

Durante as atividades no Programa, havia observado alguns tratamentos entre os/ meninos/as que me chamaram a atenção. Na medida em que nomeavam entre si como macumbeiro/a, aparentava com um tom ofensivo, como se ser macumbeiro/a fosse algo ruim. E faltou em nós, naquele momento, que acompanhamos o Programa, um diálogo aprofundado em relação aos tratamentos, que apareciam com frequência, para então compreender como aqueles fenômenos reverberam em suas relações e, são conseqüentemente naturalizados. Talvez fosse necessário um espaço aberto para diálogos sobre outras expressões religiosas que problematizasse de maneira crítica o racismo religioso. Um espaço e tempo que necessitaria ser construído paulatinamente com a intenção dialogar sobre outras religiosidades e como

podemos respeitar todas elas, compreendendo sua importância em detrimento de sua individualidade e para os indivíduos que as vivenciam.

Com relação ao cronograma do dia de atividades, sempre há um painel informativo, direcionando as tarefas do dia. Os/As meninos/as já se acostumaram com o quadro de atividades, quando não o consultam, dirigem-se a nós para perguntar se terá piscina que é a preferência da maioria, até mesmo nos dias frios. Geralmente, eles/elas direcionam para a fila para trocar a roupa de banho.

Quando os/as participantes escolhem algum material para brincar, bola, peteca, bolinha de totó, eles/elas são responsáveis pelo objeto, e devem entregá-lo ao final das atividades. Devido ao uso incorreto do celular no momento da recreação, eles/elas foram orientados/as a não trazer o aparelho aos sábados. A intenção da coordenação foi no sentido de que os/as meninos/as aproveitassem mais as atividades. Apesar de a coordenação perceber que o aparelho móvel servia para que eles/as registrassem os instantes do brincar e, que os aparelhos também integravam suas brincadeiras e interações.

De acordo com Souza e Gobbi (2014), a geração nascida após o ano de 1998, denominada Geração Next ou Geração Z, é um grupo altamente tecnológico que apresenta expressiva capacidade de assimilação, interação e convivência digital. Nesse sentido, (GOBBI; SOUZA, 2014 apud Tapscott, 1999), identificam que nessa geração, eles/elas fazem uso da tecnologia como uma composição das suas vivências cotidianas. Com isso, lidar com as tecnologias em conjunção com as práticas de suas vivências habituais é uma maneira de os/as meninos/as interagirem com o mundo e consigo.

Aos sábados, durante as atividades no Programa, os/as integrantes são incentivados/as pelas voluntárias, Pedagoga e Psicóloga, a desenvolverem a leitura e a escrita, bem como, o uso de jogos educativos, atividades artísticas, como ferramenta de interação e estímulo ao aprendizado de maneira dinâmica, na brinquedoteca. Desse modo, além de oportunizar o aprendizado com recursos mais lúdicos, os/as meninos/as relatam de maneira espontânea, sobre suas famílias, a comunidade em que vivem, bem como indicam seus sonhos e narram os conflitos que reverberam em seus cotidianos.

A brinquedoteca não é fixa, é montada entre o refeitório e a piscina, de maneira que de alguma forma todos/as passam por ela. Muitas das vezes, sentam, desenham, pintam, leem um livro ou conversam. É também organizado um cantinho para os brinquedos e equipamentos para que bebês e mães sintam confortáveis. É um espaço bastante frequentado pelas crianças pequenas. Com relação aos/as meninos/as jovens, geralmente gostam de jogar, desenhar, e algumas vezes escolhem algum livro e leem, às vezes, deitados na grama. Em alguns instantes começam a desenhar conosco e dizer das suas vidas, angústias e incertezas. Como se esse momento fosse a “desenhoterapia”, instante em que eles/as de maneira espontânea dizem de si.

Quando participo do Programa sou responsável pela “brinquedoteca”. Em conjunto com outras voluntárias, estagiárias e os/as meninos/as, realizamos tarefas mais dinâmicas, muitas delas impulsionadas pelos/as próprios/as integrantes. As sugestões geralmente apresentam resultados positivos e, eles/elas participam quando são movidos/as de algum modo. Seja produzindo desenhos, pinturas, interagindo com os livros, brinquedos ou para conversar.

A partir da implementação do projeto Valores da Terra (VATs)<sup>30</sup> surgiram os/as monitores/as da Terra, momento em que se dispõem a auxiliar na organização e na limpeza do ambiente. A princípio, o interesse deles/as em ser monitor/a estava mais ligado ao acúmulo de cédulas VATs. Com o tempo, ser monitor/a tornou-se hábito de alguns/algumas participantes. O acúmulo das cédulas garante-lhes ao final de todo mês realizar a compra dos produtos na “Lojinha VATs”. Os produtos são diversos, alguns são solicitados pelos/as participantes, mas a maioria trata-se de mercadorias reutilizadas e doadas por voluntários/as.

Às 11h, é o momento do lanche, juntamente com a comunidade. Nesse horário também são celebrados os/as aniversariantes de cada mês, com um bolo feito por umas das mães voluntárias. A comemoração acontece uma vez por mês. Nesse momento, todos/as param as atividades e lancham. Após a refeição, retomam as atividades até às 12h. Nesse momento há um intervalo de tempo até às 13h, onde todos os materiais são recolhidos e, nos direcionamos

---

<sup>30</sup> Projeto Valores da Terra: desenvolvido pela equipe do Programa, desde 2015, visa fazer uso da ferramenta financeira como estratégias para desenvolver outras perspectivas de valores, sejam espirituais, educacionais, éticos, afetivos, colaborativos e materiais, em conexão com a coletividade e em busca de solidariedade. A partir de cédulas com valores financeiros simbólicos, a principal proposta é considerar não o valor numérico, mas os valores que podem ser instigados nos/as integrantes. O acúmulo é de acordo com a disposição dos/as meninos/as em contribuir com a organização e a harmonia do Programa.

para o almoço. Após todos/as almoçarem, retornam para suas comunidades em grupos, alguns/algumas se despedem, dão abraços, beijos, outros/as saem sem se despedir.

#### 5.4. Quem são as Meninas que frequentam o Sítio?

Pretendo neste eixo destacar o perfil das Meninas que mais frequentaram o Programa no ano de 2017. Para isso, farei uso da análise dos documentos arquivados na Instituição, assim como, na proximidade com elas e alguns relatos das participantes sobre os seus cotidianos que foram me sinalizando elementos fundamentais para desenvolver os objetivos propostos para esta pesquisa. As longas conversas com a Coordenadora do Programa me ajudaram também a construir esse olhar sobre elas. E as análises dos prontuários serviram para complementar as informações necessárias para compreender o perfil das participantes do Programa, nesse período, de modo geral e, posteriormente analisar o perfil das Meninas colaboradoras da pesquisa, em específico.

Na relação com elas e observando as dinâmicas da chegada e afastamento do Programa, em conversas informais, a Coordenadora disse-me de um fato curioso, que as Meninas permanecem no GMT até aproximadamente os 15 anos, após essa idade iniciam os namoros, há casos de gravidez, a intensidade no contato com o uso e abuso de drogas e o encarceramento<sup>31</sup> que podem ser os motivos dos distanciamentos.

Esse fenômeno nos trazem inúmeras conclusões, das quais, a chance de ter relação com seus vários atravessamentos, que perpassam pelas relações étnico-raciais, gênero, origem social e sexualidade. Considerando as questões geracionais, podemos considerar e pensar também que o rompimento pode acarretar em inúmeras questões que advém da condição juvenil de procurar em outros espaços algo que vá ao encontro de suas necessidades e o Programa talvez não atenda as demandas dessas juventudes, meninas, negras e periféricas (Dayrell e Gomes, s/d). Mesmo assim, não rompem de vez os laços com a Instituição sempre que necessitam de algo, mesmo que seja um copo de água, procuram a Terra da Sobriedade.

---

<sup>31</sup> Essas informações são advindas de conversas com as próprias participantes do Programa e seus familiares, durante os encontros presenciais ou visitas em suas casas geralmente nos revelam a situação do seu grupo familiar.

Na proximidade com as Meninas, nos primeiros momentos de contato, logo percebia a carência de recursos mínimos, a violência e o abandono. No entanto, com a convivência mais próxima, notei que, apesar da exclusão social visível, expressam modos de lidar com tais dilemas com persistência. De inúmeras formas elas demonstram a insatisfação com a sociedade, com a assistência pública e com a violência a que são assujeitadas. Na necessidade de construir outras possibilidades para seus/suas filhos e filhas, segundo relato de algumas Meninas mães, abandonam seus companheiros que estão envolvidos na criminalidade<sup>32</sup>, na tentativa de proteger seus/as filhos/as.

Meu primeiro contato com a Instituição como pesquisadora, teve início em 23 de Janeiro de 2018 e se deu de duas maneiras: um dia na semana iniciei as análises dos arquivos/prontuários e aos sábados a observação participante das atividades direcionadas ao Programa. No momento em que as observava nas atividades, também acompanhava suas vidas nas redes sociais (Facebook e Whatsapp), a fim de compreender como lidam em outros espaços de convivência<sup>33</sup>. Realizei também, em meio a esse processo, algumas visitas domiciliares na tentativa de conhecer suas casas, suas famílias e fazer o convite para algumas delas participarem da pesquisa<sup>34</sup>.

Na medida em que realizava um levantamento dos documentos arquivados na Terra da Sobriedade, dos/as participantes que frequentam e frequentaram o GMT desde o ano de 2004 até 2017, os números registrados até o presente momento, somam-se em 238 participantes com faixa etária entre 0 a 21 anos de idade, tendo 137 prontuários com acompanhamento. Dos 238 cadastros, 95 das participantes são meninas e 143 são meninos. Não localizei informações acerca do pertencimento étnico-racial nos arquivos encontrados, mesmo percebendo que há um número expressivo de negros/as<sup>35</sup> participando do Programa.

A frequência dos/as integrantes costuma oscilar. Geralmente, há uma alternância da presença aos sábados entre 30 e 60 meninos e meninas, sem mensurar seus familiares. Na medida em

---

<sup>32</sup> Criminalidade de acordo com relatos das meninas denota-se do envolvimento com o tráfico de drogas.

<sup>33</sup> Desde o início da investigação em campo tenho acompanhando as meninas nas redes sociais, uma maneira de me aproximar delas com a intenção de compreendê-las sob outras perspectivas, entendendo que as redes sociais também são possibilidades outras de elas manifestarem sua expressão.

<sup>34</sup> O desenrolar das impressões em campo serão mais desenvolvidas nos capítulos III e IV.

<sup>35</sup> A denominação, negras/os é classificada como pessoas pretas e pardas segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), (GOMES, 2005).



que realizava o levantamento da participação das Meninas, aos sábados, no ano de 2017, identifiquei nos prontuários que há uma média de 18 frequentes. E quando analisei seus perfis, identifiquei que a maioria desse público assíduo tem idade entre 15 e 21 anos e, que cinco (5) delas poderiam colaborar na construção desta pesquisa.

Sobre a análise dos prontuários, constatei que, das 18 Meninas mais frequentes no ano de 2017, a maioria manifesta pertencer a religiões cristãs, principalmente protestantes neopentecostais identificadas como “Evangélicas”. Estão matriculadas no Ensino Básico (Fundamental e Médio), em escolas públicas próximas à sua região, com a exceção de algumas meninas que pararam de frequentar a escola, sinalizando ser devido à gravidez, mas que manifestam interesse em retomar os estudos. Constatei ainda que muitas estão à procura de emprego para auxiliar na renda familiar e para sua independência, de acordo com os questionários. Das dezoito Meninas, duas irmãs convivem com o pai, as outras moram somente com a mãe ou avó. Sobre o sustento da família, as mães têm empregos informais, geralmente direcionados a serviços domésticos, salgadeiras ou babás e, todas recebem auxílio do Programa Bolsa Família. A maioria das Meninas não recebe pensão dos pais de seus/suas filhos/as, sinalizando não ter contato, ou que o pai é falecido, tendo somente os trabalhos informais da mãe e a renda do Programa Bolsa Família como sustento da casa<sup>36</sup>.

Identifiquei também nas respostas nos documentos que, a maioria não manifesta empolgação ao dizer sobre a escola que estuda. Em um dos relatos, uma menina diz que gosta de estudar, mas não entende nada que a professora fala. Apesar de terem sinalizado nos documentos a falta de identificação com a escola, as meninas manifestam desejo em adquirir uma profissão, sonham em ser veterinária, médica, advogada ou bombeira e, evidenciam alguns caminhos para adquirir uma profissão e/ou formação para ingressar no mercado de trabalho de imediato. De acordo com os relatos, são cursos de informática, manicure e cabeleireira. Algumas demonstram ter interesse em trabalhar em lojas de roupas, na procura de um emprego para auxiliar na renda de casa e tornar-se independente financeiramente. Embora identifiquem os problemas enfrentados nas escolas, as meninas também revelam que, apesar dos desafios, a escola é um dos caminhos capaz de proporcionar uma formação para o futuro.

---

<sup>36</sup> Bolsa Família: Programa do Governo Federal que visa à garantia a famílias em contextos de vulnerabilidade o direito à alimentação e a educação e saúde. Disponível em: <<http://www.caixa.gov.br/programas-sociais/bolsa-familia/Paginas/default.aspx>> Acesso em: 20 Fev. 2018.

Das respostas referentes à ocupação das meninas, descrevem suas rotinas cotidianas, as que estudam relatam que vão para a escola, após a aula, ajudam a mãe na organização da casa, cuidam dos/as irmãos/irmãs menores ou filhos, os leva para a escola, assistem televisão, na maioria das vezes novelas; passam o resto do dia brincando na rua ou dentro de casa. Interessante e, ao mesmo tempo preocupante, perceber em seus relatos como organizam seus cotidianos em situações de convívio em espaços reduzidos, o cuidado se torna naturalizado no lugar social das mulheres que, também é percebido por (BRENNER; CARRANO; DAYRELL, 2008). Tal lugar social que as mulheres jovens ocupam, são condicionadas ao espaço de suas casas e afazeres domésticos. Em virtude disso, a construção de um pensamento do papel social da mulher configura-se perfeitamente projetado no modelo patriarcal de sociedade. De acordo com Brenner, Carrano e Dayrell (2008), os índices revelam que:

Outra atividade bastante citada pelos jovens como ocupação do tempo livre durante a semana e também nos fins de semana foi ajudar a família em tarefas de casa, comum a 80% deles. Neste item aparecem diferenças significativas em relação ao gênero, sendo tal atividade mencionada por 66% dos homens e 94% das mulheres (BRENNER; CARRANO; DAYRELL, 2008, p.37).

A escola, com todas as suas contradições e desafios, acaba se tornando a única política pública que garante o direito à educação dessas meninas. O acesso à cultura e lazer não chegam até elas, de acordo com a análise dos documentos. As meninas permanecem restritas dentro dos espaços curtos, da comunidade à escola, da escola para a casa. Não ocupam outros lugares e, nem mesmo se relacionam com outras pessoas, mesmo que apresentem desejo em vivenciar tais experiências, quando nos dizem que têm o desejo de ir ao clube, parque ou cinema. Quando se referem aos territórios, Brenner, Carrano, e Dayrell (2008) constatam que a situação de abandono trata-se de uma problemática bastante comum em outras experiências nos territórios periféricos:

Pode-se afirmar com segurança que, além das desigualdades regionais entre pequenas e grandes cidades no quadro de distribuição de equipamentos e instalações culturais, há, no interior dos municípios, desigualdades tão ou mais brutais. Nas médias e grandes cidades brasileiras, as periferias, os bairros populares, os morros e as favelas são verdadeiros desertos de equipamentos e instalações culturais. Ainda que sua média seja elevada, estes se encontram concentrados em centros culturais de difícil acesso físico e simbólico para os setores populares (BRENNER; CARRANO; DAYRELL, 2008, p.32).

Mesmo com todas as dificuldades de acesso, as suas limitações das fronteiras territoriais, vulnerabilidades e negação de direitos, percebi nas vozes das meninas o interesse em ocupar

outros espaços. Se permitem e se empenham para participar todos os sábados das atividades do Programa. Chegam às oito horas da manhã, reivindicando o seu direito ao lazer, à informação e à cultura. O Programa acaba se tornando um caminho possível para a garantia desses direitos. Apesar de o sítio, como elas mesmas nomeiam, cumprir com importante papel social/ cultural e político na vida das meninas, pois por meio dele, além do brincar, do aprender dentro da Instituição, elas experienciam o brincar e o aprender, em outros espaços educativos, nos passeios realizados fora da TS. A participação política nas representações na Conferência Municipal sobre a juventude, em que conta com a presença de algumas das delas, permite-me constatar que, de algum modo, elas estão reivindicando a representatividade social, política e cultural.

De certa maneira elas estão reivindicando o direito de acesso aos espaços culturais, às bibliotecas públicas, ao parque ecológico, dentre outros que participam por intermédio do Programa. No entanto, penso que não deveria ser a única opção, pois o direito a esses acessos básicos é também atribuição dos órgãos públicos. Sendo assim, é fundamental compreender a “importância das políticas públicas para garantir a todos/as os/as jovens as possibilidades de vivenciar a juventude como uma fase de direitos, onde possam construir identidades positivas e projetos que afirmem sua dignidade” (Dayrell e Gomes, s/d). Nesse sentido, é imprescindível compreender nesse momento da descrição que, as lacunas que foram observadas nesses diálogos, vinham por meio das vozes das meninas. Vozes essas que apresento como elemento para estudo entendendo que mesmo com a negação dos seus direitos elas estão provocando deslocamentos no mundo com suas inquietações. Mesmo tendo o Programa como um lugar em que possam recorrer a outros acessos, a rede de apoio, Conselho Tutelar, CRAS, escolas, entre outras, construídas pela Instituição, também possibilita a responsabilização dos órgãos públicos para a garantia de direitos dos/as meninos/as.

Nessa perspectiva, o sítio para elas torna-se uma extensão ao lazer, ao refúgio e ao cuidado. De certo modo, elas parecem ampliar suas maneiras de compreender a sociedade e lidar com seus direitos com determinada consciência. Pareceu-me que o refúgio na Terra da Sobriedade é um sinal indicando que, possivelmente, elas terão maiores elementos para resistir às opressões que as cerceiam.

No tópico seguinte, apresento brevemente algumas impressões que foram desenhando minha percepção no contato com as Meninas, colaboradoras da pesquisa e, na situação de pesquisadora.

#### 5.5. Eu, elas e nós

Tendo conhecimento que lidar com as realidades das Meninas envolve bastante complexidade, por ser um público que passa por inúmeros contextos de violação de direitos e violência, aproximar-me delas com a intenção de produzir uma pesquisa, na qual elas seriam as protagonistas, tornou-se um grande desafio para mim. Em pensar que minha relação com elas, enquanto voluntária, teve momentos de alternância, hora amiga, confidente, em outros momentos o estranhamento, ou a identificação. São modos diferentes de nos relacionar, mas todos eles envolvidos com bastante carinho e afeto, em ambas as partes. Entender todos esses atravessamentos que elas vivenciam e, paralelamente, eu também, de certo modo, nos aproxima para uma possível construção de algo comum. No entanto, as afinidades podem nos afastar, na medida em que o que nos aproxima enquanto mulheres, periféricas e negras, seja um lugar difícil de acesso pelas dores que são provocadas sempre quando abrimos feridas ainda não cicatrizadas.

De todas as nossas vivências juntas, investigar as Meninas se tornou a experiência mais desafiadora, mesmo sendo por intermédio de uma abordagem formadora para todas nós. Em alguns momentos, eu as investigava, procurando compreender as relações que se estabeleciam naquele espaço, em outros, experienciei angústias em ter escutado os conflitos dos seus cotidianos. Em muitas das vezes, escutava atenta a seus desabafos, e dizia algumas palavras de alento e incentivo.

A relação de proximidade e de afeto que construímos juntas se manifestou de diferentes formas de acordo com o tempo de convivência com cada uma delas. Com algumas, sou mais próxima, com outras, nem tanto, mas a reciprocidade no respeito e afeto é mútua. Foi possível notar com a oportunidade de maior aproximação, fruto das demandas da pesquisa, que nossa relação foi se tornando mais intensa. Isso nos possibilitou oportunidades de trocas, de construir uma relação de segurança e reciprocidade, ao passo que elas iam me sinalizando quando não estavam contentes com determinadas questões, quando não se interessavam em

participar de alguma atividade, ou até mesmo quando apresentavam dificuldades para estarem presentes nos encontros.

Os nós foram sendo desatados e a confiança e a segurança foram se tornando elementos marcadamente sólidos que resultaram na conclusão de um trabalho com resultados inimagináveis e, muito intenso, que irão ser mais destrinchados no decorrer dos próximos capítulos desta Dissertação.

A princípio, vamos nos ater à contextualização sucinta do perfil das Meninas, na tentativa de desenhar quem são as protagonistas desta pesquisa por intermédio dos registros dos documentos arquivados na Entidade e de seus relatos que foram sendo registrados no caderno de campo. Compreendendo que a descrição deste perfil se trata de uma parte delas e não delas inteiras, tendo consciência que esta Dissertação não daria conta de atingir todas as suas complexidades.

#### 5.6. Meninas mundo, mundo de Meninas: do desenho do seu perfil à arte de suas vidas

A opção por cinco Meninas não se deu de maneira aleatória, nem mesmo foi uma tarefa fácil desenhar esse grupo. Os dilemas, conflitos e possíveis caminhos foram sendo percebidos e vivenciados desde o início deste trabalho. O recorte de idade, 15 a 19 anos, impactou em algumas escolhas, mas não por conta da maturidade delas. Houve casos de Meninas que eu tive plena convicção que estariam com maturidade para participar da pesquisa de acordo com o recorte etário que havia proposto para esta investigação, mas se tratavam de crianças.

As Meninas são obrigadas a se tornar adultas na infância, o amadurecimento aparece nos relatos de suas vidas, em ter que assumir a responsabilidade da casa, dos/as irmãos/irmãs, na experiência sexual precoce, em ter que se defender o tempo todo das punições por terem nascido mulher, periférica e negra. Nos relatos que narram nas conversas informais, relatam que precisam, muitas vezes, permanecerem sozinhas em casa, que acabam assumindo a responsabilidade de cuidar da casa, de retomar os estudos, de trabalhar para contribuir no sustento de casa e conquistar sua independência financeira. Dizem-nos que em muitas das vezes abdicam dos estudos para cuidar dos irmãos mais novos, pois suas famílias não conseguem assumir a responsabilidade devido à dependência química. Vão à Instituição solicitando uma intervenção para sair do convívio dos familiares, pelas inúmeras

manifestações de violência e abuso, e o contato constante com o uso de drogas de seus responsáveis.

Durante a análise dos prontuários e ao observar as meninas nas atividades aos sábados, optei pela escolha de cinco (5) Meninas<sup>37</sup>, duas (2) delas são primas e duas (2) são irmãs. Ao que se refere à idade: duas delas têm 15 anos, duas tem 19 anos e uma jovem com 16 anos (a jovem de 16 anos tornou-se mãe há pouco tempo e disse da condição de não poder frequentar todas as atividades da pesquisa por conta do filho). A opção tem relação também com o que ia percebendo em relação à maneira que elas participaram no Programa, pois são mais assíduas, são participativas nas atividades, sendo que duas delas frequentam o Programa há mais tempo.

A intenção é que essa experiência dialogue de algum modo com elas, para que possam, por intermédio desse contato, aprender algo novo, interagir entre si, produzir novas alternativas de comunicação, além das que já produzem. E não de provocar-lhes constrangimento, insegurança ou anseio. Espera-se que a experimentação com a pesquisa possa-lhes oportunizar instantes de interação, trocas e aprendizados de modo que, para além da concretização do material a ser integralizado, seja uma momento de descobertas sobre elas mesmas e, de aprendizados que são desenvolvidos mutuamente.

A maioria das convidadas para a construção da pesquisa demonstra interesse na produção audiovisual. *Sá* tem uma página no *YouTube*, já canta há algum tempo e produz vídeos. *Viih* gosta muito de dançar e cantar, em muitos momentos a observei escutando *funk* e dançando, inclusive nos momentos da investigação em campo, a qual será tratada com mais profundidade no capítulo IV desta Dissertação. Já *Belinha*, desde o primeiro encontro nas atividades, pegou a máquina fotográfica, aparentemente gosta de usar o aparelho. Em todas as intervenções ela que costuma filmar ou fotografar, mas também canta. Com relação à sua irmã, *Binha*, não percebi grandes interesses com filmagens e fotografias, apesar de permanecer atenta e observar as atividades. O mesmo observei em *Vick*, as duas disseram que não gostariam de ser fotografadas e nem filmadas, são as mais reservadas do grupo. Em conversa com *Binha* e *Vick*, disse-lhes que a experiência não terá a pretensão de constrangê-

---

<sup>37</sup> Optei por nomear as meninas com seus apelidos por ser a maneira com que elas se identificam.

las, e que poderiam participar de outras maneiras, pois a presença delas de alguma forma iria contribuir com o trabalho.

Para compreendê-las com mais profundidade, apresentarei a seguir o perfil de cada uma, desde sua ligação com a Instituição<sup>38</sup>, o que faz com que as diferencie em suas particularidades e o que por sua vez as conecta. Todas elas, de modo diferente se aproximaram da Entidade e, por algum motivo permaneceram até o presente momento, de maneira que, a TS se configure um espaço/experiência significativa para cada uma delas. A intenção em desenhar o perfil de cada uma, é na busca por compreendê-las sem nenhuma pretensão de entender o universo que cada uma é, tarefa impossível para esses poucos instantes de convivência.

#### 5.6.1. Sá, canta, escreve, dança, cuida: a estranha e inteligente

*Sá* participa do Programa há mais tempo que as outras Meninas e, frequenta a TS desde os 9 anos de idade. Chegou à Instituição no ano de 2008, juntamente com seu irmão e irmã mais novos, a convite de amigos e, desacompanhada dos responsáveis. As crianças viviam em meio à rua, a casa da avó materna e a casa dos pais. Era *Sá* que passava mais tempo com os três irmãos mais novos e deixava de ir à escola para cuidar dos irmãos e da irmã. Seus responsáveis tinham serviços informais, o que não garantia o sustento de todos/as e as crianças muitas das vezes pediam alimentos nos sinais de trânsito.

Quando a família decidiu mudar para um bairro mais distante, a menina solicitou à coordenação do Programa ajuda, porque não queria interromper seus estudos. Em novembro de 2011, o casal mentor da Terra da Sobriedade, foi ao Conselho Tutelar e assumiu o compromisso de acolhê-la em sua residência até o final de fevereiro de 2012, para que não perdesse aula. Em um período curto de tempo, *Sá* desejou estudar em uma Instituição de ensino interna e, só podia retornar para casa nos finais de semana. Solicitou também não morar mais com os pais. Nesse mesmo período de tempo ela retornou ao convívio na residência dos seus acolhedores, tendo os responsáveis sua tutela até à maioridade. Mesmo vivendo na casa dos mentores da Instituição, ela mantinha contato com os irmãos/irmã e responsáveis, indo a suas casas e, eles/elas frequentando a Entidade. Seu irmão mais novo foi

---

<sup>38</sup> A ordem de apresentação de cada uma delas é de acordo com o tempo de participação na Terra da Sobriedade.

adotado por uma de suas tias, os outros dois irmãos permanecem ainda entre as ruas e casas de parentes.

*Sá*, hoje, completou 19 anos e retornou ao convívio com a mãe para cuidar da irmã que nasceu, ela está morando na casa da tia, em uma favela mais afastada da Instituição. *Sá* é responsável pelo bazar da Terra. Até julho de 2018 estava cursando o 3º ano do Ensino Médio e estudando para participar do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e, sonha em estudar Teatro na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). No entanto, vê seus sonhos tornarem mais distantes, porque de acordo com seus relatos, sua prioridade nesse momento é o cuidado de sua irmã que nasceu.

Segundo relatos em conversas informais, sua mãe tem passado por complicações de saúde que impossibilita o cuidado da filha. A respeito do pai da criança, não se sabe quem é o responsável, segundo *Sá*, não há mais nenhum vínculo entre sua mãe e ele. A Menina tem grandes sonhos, mas a realidade de sua vida dificulta, pois apesar de seus grandes sonhos, acaba dando prioridade às outras pessoas. Nos últimos relatos sobre sua situação educacional, me disse que irá frequentar as aulas da maneira que puder e, fará uma prova no final do ano para concluir o ensino médio.

A Menina afirmou com veemência em todos os nossos encontros, em nossas conversas e, nas relações com os/as outros/as participantes do Programa, sua sexualidade, diz ser *Pam Sexual*<sup>39</sup>, que se interessa por todo tipo de pessoas, menos homens *Cis*<sup>40</sup>. Conheço a Menina desde 2015, com uma maior proximidade fomos aos poucos nos conhecendo e percebendo muitas afinidades. A Menina tem forte apreço por leituras literárias, principalmente em romances envolvendo suspenses. Das atividades no Programa, ela gosta de fotografar os momentos de lazer e cuidar da estética das outras meninas. Como acumulou aprendizado em cursos de salão de beleza, facilmente costuma cuidar dos cabelos e unhas das Meninas da Terra. Além de ela gostar de cantar e, produzir composições de canções. Tive a oportunidade de notar que na relação com as Meninas que participam do Programa, ela é mais próxima de

---

<sup>39</sup> Significados: *Pam Sexual* deriva de uma pessoa que aprecia e é atraído por todos os gêneros sexuais. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/pansexual/>>. Último acesso em: 01 de Set. de 2018.

<sup>40</sup> Significados: *Cisgênero*, indivíduo que se identifica com o gênero que nasceu. No caso de homem *Cis*, seria homem que se identifica com o gênero masculino. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/pansexual/>>. Último acesso em: 01 de Set. de 2018.



*Viih* e *Belinha* que, também compõem o grupo desta pesquisa. Mesmo assim, as Meninas apesar de aprovar todas as suas ideias a compreendendo-a como a mais intelectual do grupo, a veem como estranha, pelas suas indumentárias, tatuagens pelo corpo e sua orientação sexual. Foi possível notar na proximidade com as Meninas que elas a olham com admiração e certo estranhamento também.

#### 5.6.2. *Viih*, dança, canta: a líder

*Viih* tem 15 anos, classifica-se como preta, tem três irmãos, convive com a mãe e dois dos irmãos. Chegou à Terra da Sobriedade por meio dos parentes e amigos, é prima de *Sá*, está cursando o 9º ano no ensino Fundamental e, frequenta a comunidade desde a infância com seus irmãos. A princípio, até 2016, ela ficava muito próxima do irmão mais velho, passava alguns momentos na brinquedoteca e lia alguns livros. Ela manifesta interesse também pela espiritualidade, gosta bastante de cantar e dançar algumas músicas, de fotografar e ser fotografada.

A Menina relatou em uma das fichas no prontuário que gosta muito da comida da mãe, ela também não tem contato com o pai. Atualmente, *Viih* tem se aproximado com mais frequência das meninas que ela considera serem suas conhecidas, os irmãos estão mais ausentes das atividades da Instituição, ela é assídua, está todos os sábados no Programa e, quando atrasa nos sinaliza que vai demorar a chegar, sabendo que para participar das atividades do Programa tem horário limite para chegar. Ela também frequentava o Grupo de Estudos<sup>41</sup>, às quartas-feiras, juntamente com *Belinha* e *Sá*.

A Menina gosta muito de dançar, escutar canções de *Funk*, cantar outros estilos musicais e, tem uma linda voz. Mora próximo à *Vick* e, passa boa parte de seu tempo em sua casa e, a mãe da *Vick* parece cuidar dela, pois sua mãe aparenta, de acordo com relatos de *Viih*, ausentar-se de casa com frequência. Um dos seus irmãos faz uso abusivo de drogas, por algumas vezes deu overdose e foi na TS, acompanhado pelo irmão em busca de socorro. Os/as responsáveis pela Instituição acionaram a mãe e ele foi encaminhado para o CERSAMI. *Viih* vivencia todos os conflitos, muitas das vezes aparenta não saber lidar com a situação de seu irmão. Em um dos relatos disse-nos que preferiria que ele estivesse internado,

---

<sup>41</sup> O Grupo de Estudos é uma ação do Programa organizado Pela Coordenadora do Programa, maiores detalhes podem ser verificados na página 33, desta Dissertação.

pois é muito agressivo quando está em casa. O outro irmão está mais ausente, parece que está frequentando a igreja. Segundo relatos da Menina, o irmão está frequentando a igreja para não ter que assumir a responsabilidade de cuidar do seu irmão doente. Os três frequentam o programa desde criança.

Apesar de todos os conflitos em seu cotidiano, muito manifestado nas redes sociais e, em conversas informais, foi possível nota-la sempre muito alegre, envolvida nas atividades e com um aspecto de liderança no grupo das Meninas. Parece que *Viih* é o elo que liga as demais, inclusive em outras atividades e relações entre elas, percebi que ela une as Meninas e equilibra as tensões provocadas pelos conflitos entre elas.

### 5.6.3 Vick, mãe dedicada: a observadora e crítica

A Menina prefere ser nomeada também como *Vick*, apesar de outras maneiras de tratamento, não nos disse do seu pertencimento étnico-racial. Ela tem 16 anos, 9 irmãos, cinco por parte de mãe e 4 por parte de pai, teve que sair da escola, segundo ela para cuidar do filho. Parou no 9º ano e pretende voltar aos estudos assim que possível, quando o bebê se tornar mais independente. Chegou ao Programa por intermédio dos amigos e do irmão. Aparenta ser uma mãe bastante dedicada, tem muito cuidado com seu filho e é muito observadora. Percebi sua voz ecoando em poucos momentos durante a pesquisa. E quando ecoava, era de modo a estancar alguma questão que não se concluía na conversa. Durante sua presença nas intervenções, a Menina apresentou ser bastante determinada em seus argumentos. Geralmente, quando diz algo é mais baixo e com as amigas (conhecidas), dificilmente me dirigiu a palavra. Permanece na maioria do tempo no Programa ao lado de sua mãe e com seu filho no colo, em alguns momentos de folga, quando alguém se propõe a cuidar do bebê, ela nada na piscina.

Disse-me, desde o início, quando lhe fiz o convite que, não poderia dedicar-se exclusivamente à pesquisa porque precisava cuidar do filho. Ela frequenta o sítio há menos tempo, juntamente com seus irmãos e irmãs, por parte da mãe, inclusive sua mãe acompanha as atividades do Programa, juntamente com sua tia e primos. O laço parental entre os/as meninos/as que frequentam o sítio é uma característica marcante. Mora com sua mãe, padrasto, três irmãos e duas irmãs, além do filho. Ainda tem relação com o pai do menino, mas não costuma comentar sobre o assunto. É uma Menina bastante educada e atenciosa.

Passa a maior parte de seu tempo em casa, cuidando do seu filho e dos irmãos pequenos, junto com a mãe, com as amigas e assistindo televisão.

#### 5.6.4. Belinha dança, canta, filma: a brava.

*Belinha* se identifica como morena, tem 15 anos, estuda no 9º ano do Ensino Fundamental, é considerada a brava, é dançarina de quadrilha e, participa de um grupo de quadrilha profissional. Com a insistência da Menina, o grupo de quadrilha que integra apresentou na festa junina do Programa no ano de 2018. Não somente ela, mas outras Meninas que participavam no Programa também integram o grupo, foi um momento muito marcante e emocionante para todos/as nós. Em pensar que a construção da participação na festa junina foi sendo construídas paulatinamente por eles/as. A princípio participavam como convidados/as da festa que acontecia na Terra da Sobriedade e com o tempo, após muitos conflitos envolvendo suas presenças na festa, eles/as construíram sua própria festa junina. Juntamente com a Coordenação do Programa e voluntários/as, hoje são os/as próprios/as protagonistas da apresentação da festa.

Há pouco mais de dois anos que ela frequenta o Programa, é sempre assídua e participativa. Ela apresenta uma relação próxima com a *Viih*, geralmente costumam chegar e ir embora juntas. Algumas vezes elas não vinham nos encontros da pesquisa, porque não vinham sozinhas. De início, não entendia, mas com o tempo, refletindo sobre, percebi que era sinal de segurança e cumplicidade, pois faziam uso do ônibus coletivo e não pagavam passagem. Com essa ação, uma protegia a outra caso sofressem alguma retaliação.

*Belinha* já teve problemas envolvendo agressão física no Programa, brigou com um dos meninos que a provocara. Nesse dia, ela ficou muito nervosa, sua mãe nos disse que ela tem várias complicações de saúde e, no dia que brigou com um dos meninos precisou de um longo período de tempo para se acalmar. A Menina é bastante dedicada, na escola, na quadrilha e nas atividades propostas para a pesquisa, está sempre presente, mesmo quieta, observando, ela está sempre atenta. Mora com sua mãe, pai, irmão e sua irmã *Binha* que também colabora com a pesquisa. De acordo com relatos de sua mãe, seus familiares foram os primeiros moradores da favela em que moram, o que aparenta certa estabilidade e autoridade, não somente dentro da favela, mas no Programa, sendo que muitos que frequentam são parentes.

A menina sonha em ser Veterinária, adora animais, revela gostar de tudo no Programa, de acordo com os relatos, não gosta muito da comunidade em que vive, exceto dos/as primos/as que moram próximos, sua família é bastante grande na comunidade. A mãe de *Belinha* contribui com a preparação dos alimentos nos momentos dos encontros aos sábados e, também frequenta todas as atividades juntamente com *Belinha* e sua filha *Binha*.

#### 5.6.5. Binha, dança, observa e cuida: a que não leva desaforo pra casa

*Binha* completou 19 anos, não apresentou em nenhum momento revelação do seu pertencimento racial. Pude notar nas atividades do programa que ela é reservada, muitas das vezes permanece na brinquedoteca ou cuidando da sua afilhada. O cuidado é uma característica muito presente em *Binha*, quando não está cuidando da afilhada, cuida dos/as outros/as pequenos, ou está auxiliando na cozinha. Foram poucas as vezes que a vi na piscina, talvez possa ser porque as atividades ofertadas no Programa não lhe instigam a atenção e o brincar não lhe desperta mais interesse. Uma característica que também percebo em *Sá*, ambas tem a mesma idade e manifestam distanciamento das brincadeiras, dificilmente interagem com os/as jovens mais novos/as que elas.

*Binha* também conclui o ensino médio no ano de 2018, aparenta alguma dificuldade na dicção. Passa a maior parte do seu tempo com as mães que acompanham as atividades. Tem o sonho de ser Bombeira, não fala muito sobre si, mas de acordo com os relatos do seu prontuário, disse que sabe sobre sexualidade, mas não aprofunda em sua resposta e, que no momento está à procura de emprego. A Menina jovem, assim como a irmã, frequenta o Programa há pouco mais de dois anos e, nossa relação está sendo construída há pouco tempo. Esse pode ser também o motivo do distanciamento, apesar da seriedade e das poucas palavras, ela costuma ser bastante participativa, pouco paciente com algumas atitudes e foi possível notar também certa agressividade por parte dela. Em nossos encontros, os poucos que ela participou, demonstrou que não leva desaforo para casa, ela resolve os problemas no lugar que o problema apareceu.

Ela foi a primeira Menina que convidei para colaborar com a pesquisa, meio que acanhada, disse sim. Estávamos em sua casa. Nesse dia, eu conversava com a sua mãe, *Binha* me disse

desde esse dia que não queria ser filmada, nem fotografada. Participou menos da pesquisa e, inclusive saiu durante o processo, sem dizer os motivos, mas a deixei à vontade para manifestar seu desejo de ficar ou partir. Identificar-se com a proposta da pesquisa, pode fazer sentido para algumas pessoas, assim como pode não fazer para outras. Sendo assim, o momento que ela permaneceu construindo conosco nas atividades foi de grande importância e relevância para nos auxiliar a compreender todos os desafios em trazer para a pesquisa questões tão complexas e, ao mesmo tempo tão urgentes a serem problematizadas.

As cinco Meninas foram muito participativas, mesmo nos dias que não puderam participar avisaram e justificaram suas ausências. Elas apresentaram compromisso com o trabalho, inclusive manifestaram muita sinceridade em dizer do que não estavam gostando e deram sugestões de como poderia melhorar. Em alguns instantes, durante a pesquisa, as percebia silenciosas e com a proximidade notava que o silêncio delas dizia algo.

Neste capítulo, encerro a descrição em relação às Meninas, mesmo assim, é presumível que nem todas as descrições puderam ser analisadas com afinco, entendendo a complexidade das subjetividades de cada uma delas, inclusive as inúmeras ações e fatos que aconteceram e acontecem no Programa. Tentei aproximar, na medida do possível, a fidelidade das narrativas das Meninas, às minhas impressões e observações no campo de pesquisa e as análises dos documentos arquivados na Instituição.

Outras impressões acerca do que envolve as concepções das Meninas, quanto a suas representatividades dentro e fora da Terra da Sobriedade, serão analisadas nos Capítulos 3 e 4 desta Dissertação, por meio da investigação em campo e conseqüentemente a realização da Proposta Pedagógica, serão maiores as oportunidades de compreender como essas questões vão aparecendo de acordo com as suas inquietações e, maneiras diversas de se comunicar e de se fazer presente.

## 6. CAPÍTULO II: TENTARAM NOS APAGAR, LOGO NÓS AS FILHAS DO VENTO: Alguns aspectos teóricos que discorrem acerca de estudos sobre invisibilização e resistência.

Esse título: “Tentaram nos apagar, logo nós as filhas do vento” foi uma opção que encontrei para expressar metaforicamente o encontro com a minha ancestralidade, juntamente com a intenção deste capítulo. “Tentaram nos apagar” faz uma menção à tentativa de apagamento da história, cultura e da contribuição positiva dos povos negros africanos da diáspora no Brasil. No entanto, esse capítulo, em especial, sinaliza que os esforços não foram o bastante para exterminar um povo. “Logo nós as filhas do vento”, faz homenagem em especial à Orixá Iansã, cultuada nas religiões de Matriz Africana. A mãe dos ventos, ao contrário, nos protege, nós herdeiros/as ancestrais, permitindo que os ventos disseminem nossa cultura, não apaguem nossa história e alimentem a chama da vida das filhas do vento, as mulheres negras.

Este capítulo tem a intenção de apresentar uma proposta de leitura da produção acadêmica. Nesse sentido, trata-se de um capítulo com abordagem mais teórica que irá dissertar acerca dos conceitos de “identidade” e de “diferença”. Pretende também apontar uma breve contextualização do processo de apagamento histórico das populações negras advindas da diáspora no continente africano. Em sequência, planeja realizar a releitura das contribuições do movimento de mulheres negras no campo teórico, com a intenção de compreender o universo de “representação” e de ressignificação social e cultural reivindicadas pelas mulheres negras.

A princípio, apresento no primeiro eixo: **“Identities e diferenças”**, uma abordagem dos conceitos que envolvem as “identidades” e a “diferença”, para entender como os estudos “Cultural e Social” podem repercutir em contextos que se inserem na própria relação entre as Meninas. Posteriormente, no segundo eixo: **“Das invisibilidades a tornar-se visível”**, realizei uma breve explanação sobre os apagamentos das populações negras, em decorrência da diáspora forçada até os duros períodos da escravidão no Brasil, mais especificamente, com as concepções sobre a invisibilização que ecoa na contemporaneidade, com enfoque nas mídias de massa e na educação escolar, especificamente. Logo em seguida, sequenciando o diálogo anterior, no terceiro eixo: **“Da representação à representatividade: da inexistência às (re) existências”**, apresento um panorama da representação das mulheres negras nos meios comunicacionais de massa. Assim como, de que modo estão se fazendo representadas.

Na sequência que subscreve o quarto eixo: **“Das Interseccionalidades às ressignificações das mulheres negras”**, destaco as contribuições de algumas ativistas e intelectuais, que abordam discussões no campo dos estudos do “Movimento Feminista Negro” e seus desdobramentos nas concepções a despeito da(s) “Interseccionalidade(s)”, compreendendo-as por meio de aspectos mais amplos de análise e nas individualidades das mulheres negras. E, finalmente, no quinto eixo, **“De dentro para fora, das individualidades às coletividades”**, apresento um diálogo apoiado em discursos das próprias ativistas e teóricas negras acerca da concepção de subjetividade, visibilidade e representatividade.

Os eixos caminham em direção a um diálogo que marca o percurso de análise do campo da pesquisa, de maneira que a proposta deste capítulo é dialogar juntamente com o apoio dos teóricos e das teóricas que percorrem campos de análises tão complexas.

### 6.1. Identidades e diferenças

Este eixo, de discussão teórica, visa apresentar um breve diálogo capaz de compreender os conceitos sobre “identidade” e de “diferença”, a partir das contribuições dos Estudos Culturais, estão imbricados nas concepções que as Meninas colaboradoras desta pesquisa têm em relação a si e ao mundo. Isso significa que desejo produzir diálogos capazes de explicar o fenômeno social por meio do qual as Meninas, ao olhar e perceber o mundo, também se olham e percebem a si mesmas.

Segundo Hall (2003), o conceito de “identidade”,

[...] não é, [...], um conceito essencialista, mas um conceito estratégico e posicional. Isto é, de forma diretamente contrária àquilo que parece ser sua carreira semântica oficial, esta concepção de identidade *não* assinala aquele núcleo estável do eu que passa, do início ao fim, sem qualquer mudança, por todas as vicissitudes da história. Esta concepção não tem como referência aquele segmento do eu que permanece, sempre e já, “o mesmo”, idêntico a si mesmo ao longo do tempo. (HALL, 2003, p.108).

Hall (2003) indica que as “identidades” estão imbricadas em um processo de longas mudanças e, que de nenhuma maneira elas são “singulares, mas multiplamente construídas ao longo dos discursos, práticas que podem se cruzar ou ser antagônicas” (p. 108). Desse modo, as identidades estão submersas em constantes atualizações e transformações diversas. E em virtude disso, para Hall (2003), a “identidade” só pode ser construída por meio da “diferença” e não por fora, entendendo que é somente na relação com o outro que percebemos a ausência

de algo. Desse modo, “toda a identidade tem necessidade daquilo que lhe falta - mesmo que o outro que lhe falta seja outro silenciado e inarticulado” (p.110).

As ferramentas teóricas que abordam o campo da “identidade” e “diferença” estão imbricadas nos “Estudos Culturais<sup>42</sup>”, que de acordo com Tomaz Tadeu da Silva (1999), “são um processo, uma espécie de alquimia para produzir conhecimento útil: qualquer tentativa de codificá-lo pode paralisar suas reações” (SILVA, 1999, p. 10). Mas o que é fundamental para compreender as contribuições dos “Estudos Culturais” é a sua importância nas discussões que envolvem “as relações sociais, especialmente com as relações e as formações de classe, com as divisões sexuais, com a estruturação racial das relações sociais [...]”, (SILVA, 1999, p. 13), entendendo que o campo da cultura não é “autônomo e determinado”, é palco de “diferenças e lutas sociais”, desse modo, não se esgotam as discussões, nem mesmo se restringe.

Para Silva (2000), a “identidade” e a “diferença” são também interdependentes. Sendo considerado um “resultado de atos de criação linguística”:

Dizer que são resultado de atos de *criação* significa dizer que não são “elementos” da natureza, que não são essências, que não são coisas que estão simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas. A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações culturais e sociais (SILVA, 2000, p. 76).

Dizer que a “identidade” e a “diferença” são concebidas por intermédio da criação linguística é enunciar que a junção acontece em atos de falas construídas nas relações entre sujeitos. Silva (2000) exemplifica tal argumento, fundamentando a definição da identidade brasileira, que anuncia de um resultado de variações e complexidade. Desse modo, as “identidades” e “diferenças” se estabelecem por meio da linguagem, quando nós nomeamos ser ou não ser isto ou aquilo, tal nomeação só pode ser percebida em detrimento da comparação.

---

<sup>42</sup> Os Estudos Culturais são um “Campo de teorização e investigação que tem origem na fundação Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS) da Universidade de Birmingham, Inglaterra, em 1964. [...] A ideia de Estudos Culturais do CCCS expandiu-se consideravelmente nos últimos anos, propiciando o desenvolvimento de um campo importante e influente de teorização e investigação social. “Teoria Cultural e Educação”: um vocabulário crítico (SILVA, 2000)”.



Ainda de acordo com Silva (2000), na medida em que, a “identidade” e a “diferença” são caracterizadas pela linguagem elas também são indeterminadas e instáveis, tendo em vista que elas são concebidas em detrimento da “produção simbólica e discursiva” (SILVA, 2000, p. 80). Desse modo, sua definição discursiva e linguística - está sujeita a vetores de “relações de poder” (SILVA, 2000, p. 81). De maneira que, não elas são harmônicas e sim, há conflitos e imposições, convivem em meio a hierarquias e disputas. As “relações de poder” estabelecidas servem para separá-las, promovendo diferenciação entre indivíduos:

A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. Há, entretanto, uma série de outros processos que traduzem essa diferenciação ou que com ela guardam uma estreita relação. São outras tantas marcas da presença do poder: incluir/excluir (“estes pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (“nós” e “eles”); classificar (“bons e maus”; “puros e impuros”; “desenvolvidos e primitivos”; “racionais e irracionais”); normalizar (“nós somos normais; eles são anormais”) (SILVA, 2000: p. 81-82).

Nesse sentido, afirmar a “identidade” é demarcar fronteiras, é afirmar quem fica de dentro e quem fica de fora. Dessa maneira, a identidade estaria sempre ligada a uma forma de oposição relacional entre um “nós” e um “eles”. E dividir tem a mesma conotação que classificar, na medida em que classificamos as partes, também as hierarquizamos. De acordo com Silva (2000), a classificação se dá em torno de “oposições binárias”, ou seja, “em torno de classes polarizadas”. De modo que:

[...] as oposições binárias não expressam uma simples divisão do mundo em duas classes simétricas: em uma oposição binária, um dos termos é sempre privilegiado, recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa. “Nós” e “Eles”, por exemplo, constituem uma típica oposição: não é preciso dizer qual termo é, aqui, privilegiado. As relações de identidade e diferença ordenam-se, todas, em torno de oposições binárias: masculino/feminino, branco/negro, heterossexual/homossexual. Questionar a identidade e a diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos em torno das quais eles se organizam (SILVA, 2000, p. 83).

Nessa continuidade, Silva (2000) anuncia que fixar a “identidade” como a norma, designa-se a expressão mais privilegiada das hierarquizações. À vista disso, tratar como norma é eleger uma identidade arbitrariamente, na medida em que as outras identidades são hierarquizadas em detrimento do enunciado da norma. Sendo assim, normalizar é atribuir características positivas a uma identidade, sendo que as outras serão avaliadas de modo inferior, estando em oposição à norma:

A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como *uma* identidade, mas simplesmente como a identidade. Paradoxalmente, são as outras identidades que são marcadas como tais. Numa sociedade em que

impera a supremacia branca, por exemplo, “ser branco” não é considerado uma identidade étnica ou racial. [...] É a sexualidade homossexual que é “sexualizada”, não a heterossexual. A força homogeneizadora da identidade normal é diretamente proporcional à sua invisibilidade (SILVA, 2000, p. 83).

Em conformidade com Silva (2000), para que exista o normal, é preciso existir o anormal, de maneira que a identidade depende da diferença. Para dar sentido, o que é considerado aceitável, desejável e normal depende automaticamente do que é classificado como “inaceitável, indesejável e anormal”. Sendo assim, a identidade hegemônica sempre existirá projetada na sombra “do outro”. Em virtude disso, Silva (2000) defende que a “identidade” e a “diferença” não se separam, pois para que a identidade exista, é necessário o reflexo da diferença.

Compreender as Meninas neste processo ajuda a elucidar como as identidades são desencadeadas, na medida em que elas, jovens, mulheres, periféricas e negras em sua maioria, imbuídas dos seus vários modos de ser e existir no mundo, não se fixam em seu modo de ler, de compreender nem questioná-lo. Ao mesmo tempo em que se percebem alocadas em espaços desiguais, rompem a norma, na medida em que buscam subsídios para desnaturalizar a compreensão que o mundo apresenta de si. Em busca de formação, de lazer, cultura e realizar seus anseios.

Desta maneira, as Meninas provocam um modo *operandi* de representar o mundo, quando fazem do *funk*, do *rap*, suas maneiras de se expressar, de romper territórios, saindo da favela e indo para um bairro de classe média em busca de lazer, cultura e alimentação, como vão aos sábados na Terra da Sobriedade, elas estão rompendo com o que é fixo. Deixá-las permanecer no mesmo lugar e, não sair de lá.

No que se refere às concepções em relação às discussões do campo da representação, de acordo com Hall (2003), é por meio da representação que a “identidade” e “diferença” adquirem significados e, para ele a representação:

Tem a ver não tanto com as questões “quem somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões que nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios” HALL, 2000).

De maneira que a representação “é o resultado, o efeito, de certa articulação específica da linguagem sobre o “real”. É o resultado de uma prática discursiva” (HALL, 2003, p. 393).

Para Kathryn Woodward (2000), a representação é compreendida por intermédio da interpretação cultural, estabelecendo identidades tanto individuais, quanto coletivas que podem promover possíveis respostas às indagações a despeito dos anseios sobre: “Quem sou? Quem poderia ser? Ou o que quero ser no mundo?”, (p. 17).

Dessa maneira, a representação de acordo com Woodward (2000), mobiliza um esforço em explicar um lugar social silenciado de determinado grupo, mesmo sendo considerado inexistente. Ao passo que, na medida em que constrói um imaginário de representação de rejeição, inferiorização de determinados grupos, como as populações negras, os esforços de representatividade são processos de resistência. As Meninas vêm demonstrando rompimento com esse extremo e buscando outras possibilidades de lidar com as suas próprias maneiras de se fazer representar no mundo, o que será mais bem analisado nas discussões subsequentes que serão desenvolvidas. No tópico seguinte, demonstra como os processos de invisibilização dos povos, sobretudo os povos negros da diáspora, apesar de provocar inúmeros prejuízos, provocaram também inúmeros efeitos de resistência.

## 6.2. Das invisibilidades a tornar-se visível

A invisibilidade apresentada neste estudo tem a finalidade de identificar a produção dos silenciamentos desde a diáspora forçada dos povos negros do continente africano até a chegada e permanência no continente americano. Nesse sentido, é de minha intenção perceber como o apagamento foi contextualizado na realidade das populações negras, sequestradas do continente africano e escravizadas no país, na medida em que os povos negros sobreviveram ao navio negreiro, desembarcaram no Brasil. Desde o sequestro, inicia-se o processo de apagamento histórico e cultural das populações negras. Dentre as inúmeras violências que poderiam ser destacadas neste texto, a invisibilidade é, talvez, a que menos se destaca, devido a pouca visibilização dos efeitos do apagamento, mas seus efeitos que reverberam de maneira “sutil”, são tão perversos quanto às outras violações sofridas pelos povos negros escravizados no país. De acordo com Olga Pereira (2015):

A história do período escravocrata no Brasil, longe de sinalizar uma harmonia entre os diferentes, perpetuou uma das mais vergonhosas relações de poder da supremacia branca que, desconsiderando a dor daqueles a quem tornou escravo, maculava para sempre o destino de seus descendentes. Os negros e todos que vieram depois deles acabaram sucumbindo perante uma ideologia que, ao menosprezar o pigmento de uma pele, na mesma intensidade, estabelecia um dos primeiros discursos de silenciamento e

estranheza. Esse “não lugar” e a sensação de um fatalismo pela cor conduziram os negros a um amanhecer sem futuro e sem expectativas de mudanças (PEREIRA, 2015, p. 92).

O apagamento histórico não foi um acidente, ao contrário, tornou-se uma tentativa proposital de negar a nós, povos negros, o direito à memória. Desse modo, é urgente compreender o processo de apagamento para que possamos olhar as realidades brasileiras, por meio de uma epistemologia que se associe com a dos nossos antepassados que, de acordo com Pereira (2015), nos foi negada:

Entendo, acima de tudo, que exercitar esse novo olhar sobre a história da escravidão no Brasil seja não só tentar desvendar o poder das palavras, mas, acima de tudo, percebê-las em outros contextos. Exercitar um novo olhar é compreender que, no imenso quebra-cabeça representado pelo discurso da escravidão no Brasil, existe uma zona de silenciamento intensificada através dos séculos. Isso fez do negro escravo verdadeiro estrangeiro em um país que por ele foi construído (PEREIRA, 2015, p. 94).

Em meio à invisibilização, forçadamente projetada, se constrói um pensamento que descaracteriza as populações negras dentro do seu próprio país. As populações negras sentem-se estrangeiras por intermédio das construções de estereótipos que prescrevem a divisão entre brancos e negros, em hierarquias, como bom/ruim, inteligente/adepto aos serviços braçais, belo/feio, violento/não violento. São formações de pensamentos, em todos os campos de conhecimento, que elaboram um único modo de se pensar o processo histórico da escravidão e justificar o lugar de subalternidade das populações negras brasileiras (PEREIRA, 2015). Em virtude disso, alguns exemplos podem ser destacados que assegurem como foi arquitetado o processo de apagamento dos povos africanos escravizados e afrodescendentes no país. De acordo com Petronilha da Silva (2007):

Na experiência brasileira, além do que se passou com os indígenas, deve-se ter presente a situação dos africanos escravizados, de seus filhos e descendentes. A eles foi negada a possibilidade de aprender a ler, ou se lhes permitia, era com o intuito de inculcá-lhes representações negativas de si próprios e convencê-los de que deveriam ocupar lugares subalternos na sociedade. Ser negro era visto como enorme desvantagem, utilizava-se a educação para despertar e incentivar o desejo de ser branco (SILVA, 2007, p.495).

Mais ainda, os povos negros advindos do continente africano e escravizados no país perderam o sobrenome dos seus familiares, perderam o direito de cultivar suas religiões, dentre outros processos violentos de apagamento. Sendo assim, é possível sinalizar um longo processo, de séculos, de tentativas de apagamento da cultura e história dos nossos ancestrais, que nos localiza socialmente, culturalmente e economicamente nas margens da sociedade brasileira.

De acordo com Frantz Fanon (2008), as tentativas de silenciamentos foram violentamente fortes e, as manifestações de resistência emergiram em divergência à opressão. Dentre elas, as religiões de matriz africana, nas contribuições para o desenvolvimento do país, seja no campo científico, econômico, cultural ou social. Outra questão que necessitamos tornar evidente é o fato de descontextualizar os discursos de inferiorização, não precisando optar por escolher entre ser o inferiorizado ou embranquecer a nossa raça, como aponta Fanon (2008):

[...] o negro não deve mais ser colocado diante deste dilema: branquear ou desaparecer, ele deve poder tomar consciência de uma nova possibilidade de existir; ou ainda, se a sociedade lhe cria dificuldades por causa de sua cor, se encontrar em seus sonhos a expressão de um desejo inconsciente de mudar de cor, meu objetivo não será dissuadi-lo, aconselhando-o a “manter as distâncias”; ao contrário, meu objetivo será, uma vez esclarecidas as causas, torná-lo capaz de escolher a ação (ou passividade) a respeito da verdadeira origem do conflito, isto é, as estruturas sociais (FANON, 2008, p. 96).

Diante das contribuições de Fanon (2008), é imprescindível que identifiquemos os dilemas que precisamos romper e, igualmente contrapor as barreiras hierárquicas. Em virtude disso, busco nas Meninas da Terra, por intermédio de seus olhares, como elas podem produzir outros contextos não estereotipados, sobre a égide da construção de um olhar por vezes estereotipado que produzem hierarquias. Como elas podem olhar para si e entender-se sobre outras perspectivas, buscando de fato o que possam construir dentro de si mesmas? E de que maneira elas desconstróem determinados estereótipos e ressignificam outras interpretações de existência e de resistência.

Nessa perspectiva, as contribuições de alguns/algumas estudiosos/as que tratam dos processos de silenciamento das populações negras e, o movimento inverso, na medida em que sinalizam as contribuições positivas dos povos negros da diáspora, não somente para o Brasil, mas para o mundo, ajudam-me a perceber que as contribuições dos povos negros para a nossa civilização se tornaram um marco importante para nossa sobrevivência.

Dentre os inúmeros modos de significação, ou invisibilidade, podemos perceber como as mídias e a educação, de modo geral, podem contribuir ou prejudicar na produção de imagens ou estereótipos sobre os povos negros; ao passo que sua função social exerce grandes influências nas reverberações nos campos sociais, culturais, econômicos e políticos, como serão apresentadas mais adiante.

### 6.3. Da representação à representatividade: da inexistência às (re) existências

A sociedade brasileira, composta, majoritariamente por negros/as<sup>43</sup>, de fato, é sub-representada, seja no campo da educação, ou até mesmo nos meios de comunicação. A proporção da quantidade da população negra no país, em detrimento da invisibilidade representativa nesses dois campos de disputa de poder, é uma problemática para a própria população negra que, mesmo sendo a maioria da população brasileira, ainda vive condicionada à inexistência. São campos de discussão que, de acordo com Nilma Lino Gomes e Shirley Aparecida de Miranda (2008), apesar da tensão, tratam-se de demandas urgentes:

A educação escolar e a mídia estão entre os principais espaços em que se pode notar essa tensão. Ambas produzem discursos reguladores sobre os corpos e, em especial, sobre o corpo negro. A superação desta situação e a proposição de novos caminhos têm sido novas demandas do movimento negro (GOMES; MIRANDA, 2008, p.86).

No que se refere à educação, alguns/algumas autores/as estão polemizando, juntamente com o Movimento Negro, os processos de invisibilização de negros/as, sobretudo nas escolas. Como Santomé (1997 *apud* SILVA, 2007), que identifica uma problemática no campo da educação e conseqüentemente do currículo escolar algumas lacunas existentes, embora muito problematizadas há algum tempo:

[...] a escola, embora concebida, nos termos dos textos legais e objetivos pedagógicos, para garantir e divulgar princípios de justiça e igualdade tem divulgado e reforçado visão unitária e não plural de sociedade. Tem propiciado a formulação de representações que desvalorizam os diferentes, aqueles que não se encaixam nos padrões difundidos pela referida visão unitária. Tem propiciado representações que geram, junto aos diferentes, tidos como não iguais, percepção de inferioridade que lhes seria inata e quase sempre incorrigível (SANTOMÉ, 1997 *apud* SILVA, 2007, p. 496) .

Nesse sentido, é importante considerar que o discurso educacional provoca tensões entre os lugares de regulação e invisibilidade dos corpos negros, sobretudo dentro das escolas. Em relação às Meninas da Terra e, suas indagações presentes nos arquivos analisados nos prontuários, é possível observar que na medida em que elas estão tensionando a escola, a

---

<sup>43</sup> Agência Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) notícia: Entre 2012 e 2016, enquanto a população brasileira cresceu 3,4%, chegando a 205,5 milhões, o número dos que se declararam brancos teve uma redução de 1,8%, totalizando 90,9 milhões. Já o número de pardos autodeclarados cresceu 6,6% e o de pretos, 14,9%, chegando a 95,9 milhões e 16,8 milhões, respectivamente. É o que mostram os dados sobre moradores da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016, divulgados hoje pelo IBGE. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-pnad-c-moradores>>. Último acesso: 19 nov. 2018.

ponto de questionar sua função. Apesar de perceberem a importância da escola para adquirir uma profissão futura, demonstram não ver sentido em frequentar a instituição escolar.

Dessa maneira, as Meninas também estão problematizando a regulação de seus corpos, dentro do espaço escolar, que de alguma maneira não as veem, ou as regulam de forma a lhes provocar algum desconforto. No entanto, essa invisibilidade do corpo negro, de acordo com Gomes (2017) acontece parcialmente:

Trata-se de um processo engenhoso. A não existência do corpo negro e dos seus saberes pode se fazer presente quando esse corpo é tematizado via folclorização, exotismo ou negação. Ou então quando esse corpo é apresentado e representado como indisciplinado, lento, fora do ritmo, que não aprende, violento. Esse é um tipo particular de produção, pois se realiza através de uma presença redutora que relega o corpo negro e os seus saberes ao lugar da negatividade e da negação. No limite, é a produção do corpo negro como não existência. Podemos dizer que estamos diante de uma forma de regulação do corpo negro que se dá por meio da violência do racismo que afeta a todos nós, inclusive as suas próprias vítimas (GOMES, 2017, p.79).

Em virtude das contribuições das autoras e, das próprias Meninas que me chamam para a reflexão acerca das lacunas que percebem na escola que, de algum modo lhes provoca incômodos, é importante considerar o protagonismo de nós educadores/as dentro deste processo. Não se tratando de mais um problema a ser analisado nesta pesquisa, mas que provoca a reflexão em particular, quando as Meninas nos chamam para um diálogo urgente. E de que maneira nós também não estamos percebendo essas lacunas e incômodos nos corredores e salas de aula? E estamos propondo ações para minimizar os efeitos do racismo e machismo dentro das escolas?

### 6.3.1. E os meios de comunicação?

Em relação às discussões referentes às mídias<sup>44</sup>, podemos considerar que, os grandes avanços da tecnologia têm possibilitado uma vasta conexão entre povos de todo o mundo, facilitando o acesso aos meios de comunicação, rompendo com as barreiras nacionais e exercendo impactos sobre as políticas governamentais. Conforme Hildézia Medeiros (2002), os meios de difusão de informação influenciam, de modo geral, as pessoas em suas “atitudes e procedimentos adotados pelas sociedades, quer individualmente, quer pelos distintos grupos

---

<sup>44</sup> Dentro do amplo leque dos meios de comunicação, a mídia é entendida como os meios de comunicação de massa, instrumento de mediação na constituição dos sujeitos, ou ainda definida como os meios de comunicação pagos, aqueles que são transformados em mercadorias (OLIVEIRA, 2009).

sociais” (2002, p. 28). Inclusive, é possível perceber nas relações entre as Meninas da Terra que, de algum modo, elas estão conectadas com as tecnologias, sejam as redes sociais, as músicas ou as reproduções de si mesmas nas *selfies* de seus aparelhos móveis. Com isso, elas estão construindo suas estratégias de lidar com a comunicação, por intermédio de um viés aproximado dos contextos que elas se identificam e que têm acesso.

Em outros contextos, estudos também apontam que não há uma imparcialidade no que se refere aos conteúdos e à participação equilibrada de grupos diversos nas representações dos meios de comunicação. Em detrimento disso, a imprensa teria a tendência de reproduzir a sociedade, afirmando a permanência de um enunciado homogêneo, como ilustra Eduardo Oliveira (2002):

A imprensa no Brasil está longe de ser neutra e de olhar com imparcialidade a sociedade brasileira. Nós certamente sabemos disso e dizemos nos corredores o tempo todo que a imprensa e a mídia no Brasil estão a serviço, no mínimo, dos interesses de determinadas classes sociais e grupos econômicos. Mas, certamente, é espantosa a maneira como os órgãos de imprensa a princípio não enxergam um amplo setor, um grande grupo, uma parcela importante da população brasileira e, quando o fazem, fazem de maneira estereotipada (OLIVEIRA, 2002, p. 36).

É possível afirmar que essas mídias possuem, quantitativamente, mais homens e mulheres brancos/as do que negros/as ocupando cargos de divulgação de sua imagem. Além disso, também seja igualmente possível afirmar que essas mídias desenvolvem um determinado conteúdo menos próximo à imensa maioria da população negra brasileira e, mais voltado aos interesses de uma pequena parcela branca.

Nesse aspecto, perceber as dinâmicas de racismo no Brasil, diante de todas as discussões que envolvem as relações étnico-raciais por efeito da comunicação, torna-se um grande elemento de problematização da reprodução das desigualdades raciais no país, conforme Sílvia Ramos (2002):

Tanto quanto na sociedade, ou até mais intensamente, prevalecem nos meios de comunicação - ainda que combinados a outros mecanismos - os dispositivos da denegação, do recalque, do silêncio e da invisibilidade. O racismo não se reproduz na mídia (nem, via de regra, em outros âmbitos da sociedade) através da afirmação aberta da inferioridade e da superioridade, através da marca da racialização, ou de mecanismos explícitos de segregação. O racismo tampouco se exerce por normas e regulamentos diferentes no tratamento de brancos e negros e no tratamento de problemas que afetam a população afrodescendente. As dinâmicas de exclusão, invisibilização e silenciamento são complexas, híbridas e sutis, ainda que sejam decididamente racistas (RAMOS, 2002: p. 8-9).



A invisibilidade sinaliza o fortalecimento do racismo. Quando olhamos para os grandes meios de comunicação e não nos sentimos representados/as, percebemos que há um silenciamento destinado a uma parte significativa da sociedade, que conseqüentemente é a população negra, segundo Benedita da Silva (2002):

Nós acirramos os conflitos existentes ao não trabalhar contra a invisibilidade porque, se eu não vejo, eu não sou nada; e se eu não sou nada, se ninguém se importa comigo, se eu não me importo com nada, para que eu preciso dos mecanismos e dos instrumentos de luta que já temos desde a colonização, que se perpetuam, mas que não nos dão visibilidade? Quando nós lucraríamos se pudéssemos, positivamente, através dos meios de comunicação, expressar toda a importância desse povo, de suas manifestações culturais, de sua religiosidade, de sua grande contribuição intelectual, de seu próprio trabalho físico na construção deste nosso país! Mas, para que possamos juntos, construir um mundo novo, de gente nova, com novas idéias (*sic*), precisamos realmente combater o racismo, o preconceito, a xenofobia e a intolerância (SILVA, 2002, p. 23).

Dessa maneira, como pensar uma sociedade em que os grupos com suas especificidades possam sentir-se contemplados nos em suas representatividades? Esse é um diálogo urgente e necessário que, se estende por meio das formas pelas quais se torna importante a representação das populações de modo geral, que revela a parcialidade nas representações dos meios de comunicação e assinala que tal questão trata-se de uma problemática da sociedade em geral e não um problema da população negra em específico.

É importante considerar também que na atualidade percebemos algumas representações e poucas representatividades das populações negras no cenário midiático. Representações essas que, apesar de estarem em espaços considerados de poder, como em telejornais, novelas e programas, ainda carregam marcas da estereotipização. Como aponta Gomes e Miranda (2008), “No contexto atual, em que muito lentamente os corpos negros aparecem nas passarelas e nas TVs, podemos vê-los ainda como exceções. Da invisibilidade inicial passamos a uma visibilidade subalterna” (p.87). Na maioria das vezes, esses/essas negros/as estão sempre representados nos corredores, servindo, limpando, carregando os equipamentos ou até mesmo, preparando os/as personagens para o espetáculo que, algumas das vezes, ironicamente interpretam a trajetória das suas vidas.

Mesmo os processos sendo ainda bastante lentos, ainda podemos perceber algumas mudanças positivas, como as representatividades de negros/as em destaque com posturas políticas e afirmativas dentro do campo educacional e midiático que, de alguma maneira, forma modos

se perceber no mundo. Como, por exemplo, as políticas de Ações Afirmativas que garantem a história e cultura das populações africanas e afrodescendentes nos currículos escolares do país (SILVA, 2007).

No que se refere aos meios de comunicação, é consenso perceber alguns aspectos positivos na representatividade midiática das populações negras na atualidade. A título de exemplo, podemos destacar o programa televisivo “Mister Brau”, que contextualiza as populações negras em outros papéis sociais e políticos, denunciam as práticas racistas e reinterpreta um lugar do/da negro/a de maneira positiva, “rompendo com o paradigma da representação estereotipada do negro”, de acordo com Wagner Silva, (2017).

As demandas do Movimento Negro serviram de grande auxílio na reivindicação de significativas conquistas das populações negras tanto no campo da educação, quanto da mídia e, cumprem com um papel fundamental de ressignificação dos olhares que recaem sobre as populações negras brasileiras. Consequentemente, os movimentos mencionados pelas mulheres negras também provocaram grandes incômodos e rachaduras nas enrijecidas estruturas do patriarcado, o que será apresentado no próximo eixo de análise que entre tensões e deslocamentos constroem perspectivas positivas para as mulheres negras.

#### 6.4. Das Interseccionalidades às ressignificações das mulheres negras.

No campo das ciências sociais e humanas, a discussão acerca das relações étnico-raciais possui uma enormidade de categorias analíticas, de conceitos e de termos. Talvez seja oportuno afirmar que o campo dos estudos sobre relações étnico-raciais é polifônico e que os interesses acadêmicos e políticos não produzem um uníssono. Nesse sentido, optei por trabalhar com as contribuições de Gomes (2005) que, ancorada pela produção dos acúmulos dos Movimentos Negros, faz uso do termo raça, não na ideia de superioridade-inferioridade, utilizada no século XIX:

Pelo contrário, usam-no com uma nova interpretação, que se baseia na dimensão social e política do referido termo. E, ainda, usam-no porque a discriminação racial e o racismo existentes na sociedade brasileira se dão não apenas devido aos aspectos culturais dos representantes de diversos grupos étnico-raciais, mas também devido à relação que se faz na nossa sociedade entre esses e os aspectos físicos observáveis na estética corporal dos pertencentes às mesmas. (GOMES, 2005, p. 45).

Nesse aspecto, é imprescindível compreender as identidades como um processo de modificações que acontecem entre as culturas, não havendo possibilidade de compreendê-las sob uma única ótica. Desse modo, é necessário perceber a raça como produto e produtora das relações sociais que vão se (re) formulando em decorrência das condições sociais de existência em um determinado tempo, em um determinado espaço e sob determinadas condições e determinados tipos de discursos. Assim, apoio-me no princípio de que a identidade negra encontra-se atravessada por inúmeros processos discursivos, materiais e simbólicos, em constantes lutas por representação e espaços de poder, não podendo ser compreendida somente no âmbito restrito da raça, mas, para além, por suas relações em narrativas próprias e em narrativas produzidas por outros/as (GOMES, 2005).

Consoante Gomes (2005), a discussão a respeito da raça ainda provoca grandes tensões em relação a uma tentativa conceitual de classificação, termo abandonado por biólogos/as já há algum tempo. No entanto, ativistas do Movimento Negro acreditam ser imprescindível trazer a raça para o campo da discussão, não no estrito sentido biológico, ora superado, mas sim no fecundo campo de análise das relações sociais em que as condições de vida das populações negras tanto nos cenários cultural, político e social, quanto econômico, estão submetidas a processos de segregação e de subalternidade. De acordo com os/as ativistas do Movimento, compreender as origens e as culturas das populações negras torna-se tão importante como denominar e compreender o seu pertencimento étnico-racial. Quando observamos as situações de segregação racial que acometem as populações negras, percebemos a relevância do conceito de raça. Outro fator não menos importante refere-se ao fato de que, ao considerar somente a etnia como uma categoria útil de análise para a compreensão da população negra, os problemas do racismo no Brasil não seriam evidenciados. Ainda que o reconhecimento das origens culturais, espaciais e sociais seja talvez elementar para a identificação do pertencimento racial, a identidade racial é tanto um produto das experiências no tempo e na cultura como a produtora de marcadores sociais.

Igualmente, mesmo na academia, as questões relacionadas ao gênero também enfrentam alguns impasses. Talvez seja possível afirmar que os impasses, ora polêmicos, desestruturam o modelo patriarcal de sociedade em que culturalmente reverberam as relações sociais do mundo inteiro, haja vista a ameaça conservadora à produção de conhecimento das ciências sociais e humanas sobre as relações de gênero e sexualidades. Recentemente, por exemplo, as universidades brasileiras têm sofrido constantes ataques, por parte de grupos conservadores

adeptos a projetos como a *Escola Sem Partido*<sup>45</sup>, que utiliza da *ideologia de gênero* para minar as discussões acerca das relações de gênero e de sexualidade nos estudos científicos. No entanto, a comunidade acadêmica e movimentos sociais vêm resistindo, buscando garantir o seu lugar de produção de conhecimento e de combate ao senso comum. São temas de luta constante, tanto no meio acadêmico, quanto no amplo espectro social, incluindo os caminhos que, na educação, têm se tornado um espaço de luta, de debate e de resistência. (CARDOSO; FERRARI, 2016). Atualmente muitos grupos de pesquisa e diversas associações têm mantido a sua agenda, acadêmica e política, de discussão e de estudo sobre as relações entre gênero, sexualidade e educação. Esse tipo de mobilização visa contribuir para que os debates sobre gênero corpo e sexualidade se mantenham dentro das escolas e, também em outras esferas educativas, na tentativa de combater ideologias, estereótipos, preconceitos e todos os tipos de violência, dando visibilidade a tais questões (CARDOSO; FERRARI, 2016).

Apesar dos desafios enfrentados e dos conflitos existentes, historicamente, as discussões relacionadas ao campo dos estudos de gênero produziram grandes avanços. Um acúmulo considerável de estudos e de investigações potencializa as discussões sobre as especificidades e os interesses do campo. Parte desse acúmulo deve-se também às contribuições do ativismo e à militância dos movimentos Feministas e Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Intersexuais e Simpatizantes (LGBT\*<sup>46</sup>), pioneiros/as das reivindicações de resguarda dos direitos civis, da comunidade LGBT\*, tanto nas ruas, quanto no campo intelectual (LOURO, 1997).

Nesta pesquisa, os elementos que norteiam as escolhas teóricas sobre os estudos de gênero possibilitam questionar uma determinada concepção homogênea de feminismo. Essas escolhas, se teóricas, também são intencionais e políticas. Elas permitem colocar em evidência os referenciais de gênero e de raça produzidos a partir das diferenças culturais e sociais *entre* mulheres brancas e mulheres negras e, *por* intelectuais mulheres feministas

---

<sup>45</sup> Comissão Especial Escola Sem Partido. O Projeto de Lei nº 7.180, de 2014, de autoria do Deputado Erivelton Santana, propõe alterar o art. 3º da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir entre os princípios do ensino o respeito às convicções do aluno, de seus pais ou responsáveis, dando precedência aos valores de ordem familiar sobre a educação escolar nos aspectos relacionados à educação moral, sexual e religiosa. **Ver na íntegra:** Disponível em: <O Projeto de Lei nº 7.180, de 2014, de autoria do Deputado Erivelton Santana, propõe alterar o art. 3º da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir entre os princípios do ensino o respeito às convicções do aluno, de seus pais ou responsáveis, dando precedência aos valores de ordem familiar sobre a educação escolar nos aspectos relacionados à educação moral, sexual e religiosa> Último acesso: 13 de Out. de 2018.

<sup>46</sup> O asterisco utilizado na sigla LGBT\* indica um sinal que a letra **T** tem significado múltiplo. **Ver na íntegra:** Disponível em: <<http://desacato.info/lgbt-lgbti-lgbtq-ou-o-que/>> Último acesso: 21 Nov. 2018.

brancas e negras. Segundo Crenshaw (2004), a construção da identidade de gênero não ocorre de maneira harmônica, havendo inúmeros conflitos, inclusive no interior do próprio Movimento Feminista Negro e nas relações com homens de mesmo pertencimento racial. De acordo com bell hooks (2015), os homens negros podem ser vitimados pelo racismo, mas o sexismo lhes permite atuar como exploradores e opressores das mulheres.

O fato de as mulheres brancas terem maior acesso à educação, tendo ocupando as universidades possibilitou-lhes o direito ao uso dos mecanismos de voz nos espaços legitimados. Embora possamos compreender que, não de maneiras iguais a mulher branca também foi acondicionada a inúmeros contextos de violação e ainda, hoje, está em situação de opressão em detrimento do patriarcado. Mesmo assim, o que se propõe demonstrar nesse estudo se até ao lugar autorizado que, as mulheres brancas conquistaram há mais tempo e, ao que se refere a mulheres negras essa autorização foi negada, sendo ainda hoje pauta de suas reivindicações.

Com as contribuições de Collins (2016), bell hooks (2015) e Curiel (2007), foi importante compreender que o lugar da mulher branca reproduziu mundialmente um imaginário universalista do que podemos entender a respeito da representação da mulher na sociedade. Ao dizer de uma identidade global, ou seja, uma concepção de mulher única na experiência da mulher branca e de classe média, acaba por reproduzir as ausências das mulheres negras, indígenas, lésbicas, trans, migrantes, dentre outras que não se enquadram nos anseios desse padrão de feminismo.

Em conformidade com as contribuições de bell hooks (2015), ao traduzir a produção de Betty Friedan, *The Mystique of Femininity*<sup>47</sup>, foram mulheres brancas que lutavam por libertação dos afazeres domésticos e ocupar empregos iguais aos dos homens. Os termos utilizados pelas mulheres brancas ativistas que desenvolviam aspectos da libertação dos serviços domésticos e busca de emprego não atendiam todas as mulheres, visto que ao reivindicar a libertação dos encargos domésticos, automaticamente, aprisionavam as mulheres negras às condições antes vistas por elas como privação de sua liberdade e autonomia, o que pode ser identificado com a herança da escravidão.

---

<sup>47</sup> A mística da feminilidade. Tradução Livre.

As feministas negras utilizam como parâmetro as urgências a partir de suas experiências e das experiências das mulheres negras não declaradas feministas, mas que tensionam o lugar de opressão em que estão submetidas. Nesse sentido, de acordo com Collins (2016), a experiência será vivenciada de maneiras diferentes, seja em classes, idades, regiões, preferências sexuais, assim como em configurações históricas distintas. Em virtude disso, não existe uma homogeneidade das culturas das mulheres negras e, sim construções sociais das culturas das mulheres negras que juntas formam sua cultura, Collins (2016).

Kimberlé Crenshaw (2002) inaugura o conceito de interseccionalidade, termo construído em sua tese de doutorado. A autora identifica que as confluências de gênero e raça estão intrinsecamente ligadas em convergências acumulativas de opressões. Em um de seus artigos publicados “A interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero”, Crenshaw (2002) apresenta alguns exemplos no campo da legalidade, em que evidencia desamparo em se tratando das mulheres negras, justamente por desprender as violações de raça e gênero concomitantemente. Na medida em que a autora analisa esse fenômeno no campo acadêmico, verifica que “as leis e as políticas nem sempre preveem que somos, ao mesmo tempo, mulheres e negras” (CRENSHAW, 2002, p. 9).

Desse modo, a mulher negra é prejudicada com mais intensidade em detrimento das opressões sociais existentes, inclusive sendo alvo direto da violência, justamente por um dos fatores se tratar do desamparo jurídico. Na medida em que ignora as especificidades das mulheres negras, invisibiliza-se as opressões e afirma as violações. Nesse sentido, ela é vítima do racismo por ser negra e do machismo por ser mulher, não deixando de ignorar outros atravessamentos de classe, sexualidade e território que também marcam as realidades das mulheres negras.

Angela Davis (1980) desenvolveu em sua obra intitulada: “Mulheres, raça e classe”, publicada em 1980, um deslocamento das realidades das mulheres negras desde o processo de escravidão nos Estados Unidos, até as grandes organizações e representações das mulheres negras no campo político, econômico e social, desde o século XVII. De acordo com Davis (1980), nos anos de 1970 as discussões relativas à escravidão ressurgiram com vigor. No entanto, a mulher negra escravizada não aparecia nos documentos. Os documentos que identificavam alguma informação dos povos negros escravizados naquela época, afirmavam um lugar estereotipado, maquiando as violências assujeitadas aos povos da diáspora. Com

relação às mulheres negras em particular, recaía ainda a promiscuidade sexual e seus dons matriarcais, argumentos que intensificaram os abusos sexuais e as explorações braçais durante o período da escravidão.

De acordo Davis (1980), não haviam barreiras de gênero que impedissem as mulheres a realizar os mesmos serviços braçais que os homens. Por outro lado, as feminilidades das mulheres defendida no século XIX, exaltando as virtudes das mulheres como mães, protetoras, parceiras e donas de casa não incluíam as mulheres negras, pois essas eram trabalhadoras em tempo integral. O que as diferenciavam dos homens negros eram as punições que, para elas eram mais severas (1980, p. 19):

[...] as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas (DAVIS, 1980, p. 19).

Consideradas apenas como reprodutoras, “instrumento” lucrativo, eram também um dos tratamentos recebidos pelas mulheres negras escravizadas. Negar-lhes a “maternagem”<sup>48</sup> também foi uma das violências a que elas foram sujeitadas. Naquela época, elas eram avaliadas por sua fertilidade, ou por sua falta, eram valorizadas as que geraram além de dez filhos/as, mas não significava que poderiam gozar da “maternagem”, característica da feminilidade das mulheres no geral, exaltada no século XIX. Para seus “proprietários”, elas não eram consideradas mães e, sim progenitoras de mão-de-obra “escrava”. Desse modo as crianças poderiam ser arrancadas de suas mãos e serem vendidas no tempo que os “proprietários” considerassem conveniente. De acordo com Davis (1980), nos Estados Unidos, um ano após o fim do tráfico de populações africanas, um tribunal da Carolina do Sul decidiu que as mulheres negras escravizadas não teriam nenhum direito legal sobre seus filhos e filhas, (p. 20). Em virtude disso, as crianças poderiam ser separadas de suas mães e vendidas, sendo comparadas aos animais.

---

<sup>48</sup> Maternagem, ter a oportunidade de exercer o cuidado e afeto com o/a filho/a desde quando nasce. Disponível em: <<http://descobrimdoamaternagem.blogspot.com/2011/08/maternidade-x-maternagem.html>>. Último acesso em: 13 de Nov. de 2018.

As questões referentes aos “papéis de gênero” ou até mesmo a “heteronormatividade” não eram uma questão problemática para os negros/as escravizados/as. Todos/as lidavam com destreza com relação às suas sexualidades, assim como, com a divisão das tarefas domésticas. As mulheres negras gozavam de igualdade com seus companheiros no ambiente doméstico, afirmando a paridade de modo revolucionário, desafinando a desumana instituição escravista. Resistiram ao assédio sexual dos homens brancos, defendiam suas famílias e participavam de paralisações e rebeliões:

A questão que se destaca na vida escravista nas senzalas é a igualdade sexual. O trabalho que escravas e escravos realizavam para si mesmos, e não para o engrandecimento de seus senhores, era cumprido em termos de igualdade. Nos limites da vida familiar e comunitária, portanto, a população negra conseguia realizar um feito impressionante, transformando a igualdade negativa que emanava da opressão sofrida como escravas e escravos em uma qualidade positiva: o igualitarismo característico de suas relações sociais (DAVIS, 1980, p. 30).

Em muitas das vezes retratando um lugar passivo da população e negando sua contribuição cultural, econômica, científica para a sociedade em geral. A reivindicação de Davis (1980), assim como de outras ativistas e intelectuais negras norte-americanas, latino americanas e caribenhas, está na provocação do deslocamento, da mulher negra, desde o período da escravidão. Davis (1980) demonstra que, entender o processo de desencadeamento do sistema de escravidão no mundo, de modo geral, nos ajuda a compreender as questões das mulheres negras na atualidade e, nos ancora de elementos para que as urgências das demandas das mulheres negras tornem visíveis propositivas.

Por outro lado, Curiel (2007), alerta-nos a repensar o afrocentrismo, considerando toda a importância em compreender o processo de escravidão, desde o sequestro das populações negras até à diáspora, de como as etnias negras passaram por inúmeras violações desde a chegada às Américas e, os grandes prejuízos em decorrência da escravidão, das violências que ainda permanecem marcadas nas opressões sofridas na contemporaneidade. A autora nos atenta para a importância em entender os processos sociais e culturais, a respeito da autenticidade do afrocêntrico como um mito. De modo que, problematiza a ligação com o continente africano como uma África que deixamos pós-escravidão e estamos correndo o risco de reproduzir uma África que não existe mais. A necessidade de desmistificar o afrocentrismo é considerar que parte de nós foi negado e desvalorizado, mas é importante também reconhecer em nós outras partes de outras culturas que foram construídas e que, estão em construção. Para que possamos nos perceber em meio às outras relações sociais



atravessadas pela classe, gênero, sexualidade e, também pela globalização e os territórios em que habitamos. Nesse sentido, todas as questões estão interligadas e, valorizar nossa ancestralidade conectada com o continente africano é tão importante quanto valorizar como estamos sendo construídos/as nas experiências vividas em nossas diferentes realidades <sup>49</sup>:

Si bien las y los afrodescendientes han enmarcado la negritud en un proyecto político de resistencia y transformación, reconceptualizando y resimbolizando su contenido y cambiando su significado negativo en positivo, y aunque se considere lo “negro” como una categoría construida por los procesos históricos de colonización y esclavitud, sigue siendo una representación que evidencia cómo ha sido imaginado “lo negro” en las sociedades racistas y postcoloniales. Referirse a “lo negro” como algo auténtico, significa asumir que las experiencias vividas están vacías de representación. “Lo negro” es generalmente considerado en contraposición a “lo blanco” en una lógica de oposición binaria y que tiene como referente una categoría fenotípica. Tiende además a la generalización y homogenización de la experiencia de la diáspora afrodescendiente y con ello su cultura y esto son peligros que afectan nuestras estrategias y luchas políticas (CURIEL, 2007, p. 6).

Em detrimento disso, é fundamental compreender as vivências, os contextos sociais e culturais a partir das realidades vividas, de maneira que as experiências cotidianas possam evidenciar como os atravessamentos operam nas vidas das populações negras de acordo com as regiões vividas, seus contextos e suas relações.

Desmistificar alguns estereótipos advindos do processo de escravidão que descaracterizaram as mulheres negras por intermédio de um olhar crítico e reflexivo pode resultar em análises mais fiéis, de fato, negadas a nós herdeiros/as ancestrais dos povos do continente africano. Mas como também reitera Curiel (2007), é importante compreender outros atravessamentos e, outros contextos, para que possamos avançar no debate e, não inventar outra África em nós. Nesse sentido, a tentativa dessa breve contextualização é no sentido de elucidar a representatividade das mulheres negras, desde a diáspora, compreendendo o lugar das mulheres negras à luz de uma experiência de resistência e afirmação positiva sendo herdadas por nós, as mulheres negras.

---

<sup>49</sup> Embora as e os afrodescendentes tenham enquadrado a negritude num projeto político de resistência e transformação, re-conceptualizando e re-simbolizando seu conteúdo e mudando seu significado negativo em positivo, e embora seja considerado o “negro” como uma categoria construída pelos processos históricos de colonização e escravidão, continua a ser uma representação em evidência como tem sido imaginado o “negro” nas sociedades racistas e pós-coloniais. Se referir ao “negro” como algo autêntico, significa assumir que as experiências vividas estão vazias de representação. O “negro” é considerado em contraposição ao “branco” numa lógica de oposição binária e que tem como referente uma categoria fenotípica. Além disso, tem tendência à generalização e homogeneização da experiência da diáspora afro descendente e junto com isso sua cultura e esses são os perigos que afetam nossas estratégias e lutas políticas. Tradução livre.

No último tópico de análise, será elucidado de que maneiras as teóricas negras e não negras estão tratando dos contextos que envolvem as potencialidades das mulheres negras, partindo de uma reflexão acerca das suas próprias maneiras de ver e de lidar com o mundo.

#### 6.5. De dentro para fora, das individualidades às coletividades

Na tentativa de aprofundar nas discussões, muito em decorrência das contribuições das próprias Meninas da Terra, ao perceber em suas individualidades que os atravessamentos podem ser analisados em detrimento das pistas que foram me localizando a pensar como as questões referentes ao pertencimento étnico-racial, gênero, os territórios e a classe foram sendo costurados em suas falas. Em virtude de tais especificidades, as análises aqui apresentadas necessitam ser compreendidas por intermédio das concepções a respeito da “Subjetividade” que de acordo com Silva (2000) se trata de um:

Termo amplamente utilizado na teorização social contemporânea, com múltiplas conotações. É com frequência tomado simplesmente como sinônimo de “sujeito”. Neste sentido, pode-se aplicar ao conceito de “subjetividade” todos os questionamentos que são feitos ao conceito de “sujeito”. Em termos gerais, refere-se às propriedades e aos elementos que caracterizam o ser humano como “sujeito”. Num certo registro, “subjetividade” opõe-se àqueles elementos que, no ser humano, se distinguem do que é caracteristicamente social, carregando as conotações de interioridade e essencialidade associadas à etimologia da palavra “sujeito” - *Sub - jectum*, “substância que está sob, subjacente” (SILVA, 2000, p.101).

E que, para Emma García (2014), tal conceito nos aproxima dos sentimentos, todos/as nós somos passíveis de sentimentos de alegria, tristeza, medo, raiva, mas o que nos diferencia são as maneiras de expressar, ou não, tais sentimentos. E que as causas estruturais são um dos motivos que pode incentivar a expressão ou repressão delas. Ainda de acordo com a referida autora:

La subjetividad no trata solo lo personal sino lo social, es saber y sentir quién soy y lo que existe a mi alrededor; es conocer el proceso histórico, identificar las políticas de segregación, asimilación y etnocidio que el Estado, los grupos de poder económico y sectores *ladinos* siguen promoviendo para mantener sus privilegios y marcar siempre las desigualdades. La subjetividad invita a interpretar y no a naturalizar nuestra vida y nuestra identidad, a partir de raíces históricas, económicas, políticas y culturales para poder dar respuesta a las distintas causas de la opresión (GARCÍA, 2014, p. 211-212)<sup>50</sup>.

---

<sup>50</sup> “A subjetividade não se trata só do pessoal, mas do social, é saber e sentir quem sou e o que existe a meu redor; é conhecer o processo histórico, identificar as políticas de segregação, assimilação, e etnocídio que o Estado, o grupos de poder econômico e setores *ladinos* continuam promovendo para o manutenção dos seus privilégios e continuar marcando as desigualdades. A subjetividade convida interpretar e não naturalizar nossa

Nesse contexto, podemos identificar os caminhos percorridos para entender a espinha dorsal desta pesquisa, na medida em que me aproximei das Meninas e percebi em suas vozes e memórias a compreensão de si. Assim como, na procura também de aprofundar em uma reflexão crítica, dos lugares subalternizados em que elas estão assujeitadas, percebia que a experiência de voltar para dentro de nós, possibilita compreender muito da maneira que estamos lidando com o mundo e o mundo, conseqüentemente, nos tratando. Nesta perspectiva, torna-se mais evidente perceber como os lugares sociais, as submissões de gênero, classe e raça são arquiteturalmente moldadas. Ao passo que a “subjetividade” de acordo com García (2014), pode assimilar a sociedade, de modo geral, por um viés crítico em relação aos contextos de desigualdade. E mais ainda, como as mulheres, após esse reencontro consigo mesmas, podem ressignificar os lugares de opressão, como podem fazer uso dos tratamentos de maneira crítica e proativa.

A experiência pessoal tem características individuais, no entanto, quando as experiências são semelhantes, como as práticas discriminatórias, em detrimento da raça, classe e gênero, é perceptível que tais situações de opressão sejam vividas em coletivo e o que antes era individual, configura-se como um problema social. Nessa perspectiva, sugere-se que possa ser analisada em contexto social e tratada por intermédio da análise de uma dimensão crítica (GARCÍA, 2013, p. 212).

Desse modo, reconstruir uma feminilidade negra positiva torna-se uma postura política e social urgente nas realidades das mulheres negras, buscando em contextos antirracistas e antissexistas uma recontextualização histórica, na qual foram negadas a nós mulheres negras. Para que possamos encontrar mecanismos em lidar com tais opressões de maneira crítica e propositiva, torna-se uma das saídas possíveis que autoras como Curiel (2007) identificam como plausível. E reconhecer outros valores que destoam da concepção estereotipada, tornando-nos sujeitas políticas capazes de transformações sociais, por intermédio de nossas próprias experiências.

Quando González (1982), com toda sua trajetória de envolvimento no Movimento Negro dentro e fora da academia, fala da importância das vozes das mulheres negras e, denota que

---

vida, nossa identidade, a partir de raízes históricas, econômicas, políticas e culturais para conseguir dar resposta às distintas causas da opressão”. Tradução livre.

muitas de nossas vozes são de fato silenciadas, demonstra que pouco ou quase nada se sabe da representatividade das mulheres negras na sociedade, embora muito se saiba, mas se silencie, a respeito das violações a que são acometidas. E menos ainda se faz para a mudança de suas realidades. Em decorrência dessas indagações, são de fato as mulheres negras que precisarão reconhecer-se para conquistar sua emancipação.

E os silêncios tornam-se pano de fundo para um acúmulo de atrocidades acometido às mulheres negras em específico, uma vez que quando não se nomeia, não se constrói medidas de enfrentamentos. Sendo assim, é imprescindível compreender como os silêncios podem ser percebidos e analisados dentro dos contextos do próprio “Movimento Feminista”, como aponta Ribeiro<sup>51</sup> (2018):

A questão do silêncio também pode ser entendida a um silêncio epistemológico e de prática política dentro do movimento feminista. O silêncio em relação à realidade das mulheres negras não as coloca como sujeitos políticos. Um silêncio que, por exemplo, fez com que nos últimos dez anos o número de assassinatos de mulheres negras tenha aumentado quase 55%, enquanto o de mulheres brancas caiu em 10%, segundo o Mapa da Violência de 2015. Falta um olhar étnico-racial para políticas de enfrentamento da violência contra a mulher. A combinação de opressões coloca a mulher negra num lugar no qual somente a interseccionalidade permite uma verdadeira prática, que não negue identidades em detrimento de outras (RIBEIRO, 2018, p. 125).

Em virtude das questões apresentadas pela referida autora, não se esgotam outras posições de assujeitamentos acometidas às mulheres negras na sociedade brasileira. Entretanto, a discussão aqui proposta, apesar de enfatizar os atravessamentos que nós, mulheres negras, enfrentamos cotidianamente, gira em torno, também das estratégias de sobrevivência, de resistência desde as senzalas. Como bem nos lembrou Davis (1980), nós já estamos ressignificando os espaços subalternizados e reivindicando nosso lugar social. E nós, mulheres negras, estamos em busca de representatividade, uma vez que ainda somos sub representadas, estereotipadas e objetificadas, por intermédio dos olhares e práticas sociais estruturais.

---

<sup>51</sup> Embora haja certo desconforto manifestado por alguns teóricos em relação às contribuições da autora no campo científico que, envolve as questões étnico-raciais, sendo polemizada a maneira com que a autora conceitua as populações negras. Considero suas contribuições significativas para esta pesquisa, por se tratar de discussões que não destoam de outras discussões de mulheres negras nas produções acadêmicas. De certo modo, reconheço as críticas as suas obras e proponho que a relevância científica das produções teóricas das mulheres e homens brancas/os sejam igualmente questionadas.

A necessidade de representatividade da mulher negra é significativa, não somente nos espaços de representação midiática e educacional, mas também na ocupação de outros contextos, como nos cargos privilegiados, na política ou na universidade. É interessante reivindicar esses espaços, é importante, também, compreender que a mulher negra precisa ficar, conforme González (1982), no lugar que ela deseja estar. No entanto, para isso é fundamental que, nós mulheres negras, compreendamos esses lugares para que possamos tensioná-los.

A intenção desta pesquisa é analisar como as Meninas, aqui apresentadas como colaboradoras da pesquisa, se compreendem neste universo de representações e, mais ainda, de que maneira elas ressignificam esse universo de possíveis representações, que possa parecer estereotipado. Destaco como estereótipo as contribuições de intelectuais do campo das discussões sobre interseccionalidade, como González (1984), que com abordagem didática localiza o racismo e sexismo acometido às mulheres negras na cultura brasileira, “Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta à gente ler jornal, ouvir rádio e ver televisão. Eles não querem nada. Portanto têm mais é que ser favelados” (GONZÁLEZ, 1984, p. 226).

No capítulo subsequente será apresentada uma análise das impressões adquiridas em decorrência da experiência no campo de pesquisa. Com a finalidade de analisar como as Meninas se percebem nesse emaranhado de invisibilização, silenciamentos e estereótipos e, de que maneira elas ressignificam esses lugares, por intermédio de suas próprias reflexões e modos de ser e ver o mundo.

## 7. CAPÍTULO III: DOS ATRAVESSAMENTOS ÀS REPRESENTAÇÕES

*Menina pretinha, exótica não é linda  
Você não é bonitinha  
Você é uma rainha  
(SOFFIA, 2016)*

Neste capítulo, apresento os passos para o desenvolvimento analítico da pesquisa. Para tanto optei por privilegiar, como material inicial de análise a fala das Meninas<sup>52</sup>. A princípio, realizei a observação no campo<sup>53</sup>, sendo os encontros gravados e algumas cenas das atividades filmadas<sup>54</sup>. Os registros para a análise foram as transcrições<sup>55</sup> dos áudios gravados nos encontros e, posteriormente divididas as falas das Meninas de acordo com as categorias apresentadas em relação a cada eixo de análise. Ao que se refere às Meninas<sup>56</sup>, optei por nomeá-las com seus apelidos percebendo sua identificação e também com a intenção de preservar seus verdadeiros nomes.

A abordagem investigativa para esta pesquisa teve como referência a obra “Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin” (2008), por intermédio do suporte teórico procurei desenvolver uma investigação dinâmica e dialógica levando em consideração as narrativas das Meninas pesquisadas. Nessa perspectiva, tomei como ponto de análise, primeiramente, o recurso de trechos narrados da história de vida de duas Meninas negras, descritos na obra intitulada “Senti na Pele” (XAVIER, 2017)<sup>57</sup>, como instrumento para reflexão sobre os atravessamentos do machismo e do racismo presentes em seus cotidianos. A intenção dessa abordagem foi compreender como as histórias de vida narradas no livro poderiam aguçar a memória, provocar afinidades e produzir conexões com as histórias de vida das Meninas da Terra. Em

<sup>52</sup> A inserção nesse primeiro momento da pesquisa, observação participante, análise documental e investigação em campo, teve início em Janeiro sendo finalizada em Maio de 2018, o segundo momento que configura no processo para a elaboração da Proposta Pedagógica que, se estendeu entre Abril a Dezembro, encontra-se no quarto capítulo desta Dissertação.

<sup>53</sup> Os encontros aconteceram na Terra da Sobriedade, nos encontros agendados: 28/04/2018; 02/05/2018; 09/05/2018 e 16/05/2018, sendo realizados quatro encontros com duração de duas horas cada encontro, de 14h às 16h.

<sup>54</sup> A opção por gravar as conversas foi no sentido de que nenhuma informação fosse perdida uma vez que a dinâmica proposta para investigação impossibilitou o registro manuscrito. O registro de algumas imagens foi na intenção das filmagens serem utilizadas de material para a elaboração do videoclipe.

<sup>55</sup> Optei por manter as transcrições das falas das Meninas na íntegra com o objetivo de considerar a expressão de suas identidades.

<sup>56</sup> São cinco Meninas, Viih, 15 anos, 9º ano do Ensino Fundamental; Belinha 15 anos, 9º ano do Ensino Fundamental e Vick 16 anos, 7º ano do Ensino Fundamental, Binha, 19 anos 3º ano do Ensino Médio; Sá, 19 anos 3ºano do Ensino Médio.

<sup>57</sup> Fiz uso de duas histórias narradas de duas Meninas negras, (Luana e Bruna) presentes na referida obra com a intenção de propor um diálogo com as Meninas. A tentativa era que elas pudessem compreender e talvez se identificar com a história de vida narrada pelas protagonistas presentes na obra.

seguida, em uma dinâmica de grupo, fiz uso de instrumentos como espelhos e recortes de imagens de revistas. Dentre outras estratégias pedagógicas de investigação em campo, compreender como as colaboradoras da pesquisa se identificavam e como se percebiam nos lugares que ocupavam e, principalmente, como elas ressignificam esses lugares por meio das suas próprias concepções de ver e se representar no mundo. O resultado da apuração das falas pode ser compreendido como movimentos que serão destacados nos tópicos a seguir.

Para a realização desta síntese analítica, optei por desmembrar este capítulo de acordo com os seguintes passos: no primeiro eixo de análise: **Da escola à comunidade, dos territórios às convivências**, serão apresentadas as reflexões das Meninas em relação à escola e à comunidade em que vivem; Logo em seguida no segundo eixo de análise: **Como elas se percebem em outros espaços?** Foi desenvolvido por intermédio das suas perspectivas de como veem nos espaços/lugares em que experienciam seus cotidianos; Já no terceiro eixo de análise: **O corpo negro é um corpo político**, serão identificados alguns aspectos analisados por intermédio dos seus relatos que, sinalizam de que maneira seus corpos de algum modo provocam deslocamentos nos meios em que convivem. No quarto eixo de análise: **Elas, o mundo e suas representações**, serão apresentadas suas impressões por intermédio do reflexo do espelho, outras percepções de si mesmas. No quinto e último eixo analítico: **Revistas e revisitadas: da invisibilização ao se fazer representadas**, as Meninas percebem as semelhanças e diferenças com outras figuras de mulheres e polemizam, principalmente as consequências das diferenças.

Todos os cinco eixos foram analisados levando em consideração as perspectivas das Meninas e minhas interpretações por intermédio das suas narrativas, em consonância com as ideias de alguns/algumas autores/as que discorrem acerca dos estudos das ciências sociais e humanidades que se propõem a dialogar a respeito das relações étnico-raciais, de gênero e no campo da educação.

### 7.1. Da escola à comunidade, dos territórios às convivências

Para este primeiro eixo, farei uso da contribuição da obra “Senti na pele”, como instrumento de análise relatando a história de vida, de duas Meninas negras, para reflexão neste momento. Trata-se de memórias de Meninas que desde suas infâncias relatam como o patriarcado e o

racismo atravessam suas vidas e de como foram construindo estratégias de resistência. A primeira experiência é de Luana<sup>58</sup>, em que narra um episódio que lhe aconteceu na escola:

Eu estava na escola e uma colega da minha de (*sic*) turma, de pele clara, porém com o nariz como o meu, o cabelo como o meu, então ela se julgava branca, ela jurava que era branca. Eu não tenho muita certeza, mas na nossa briga foi por uma questão de nota. Eu acho que eu tinha tirado uma nota maior do que a dela e aí ela ficou chateada porque eu fiquei falando pra todo mundo que minha nota tinha sido boa e ela olhou pra minha cara e disse: ‘Você é uma macaca. E não é só você que é macaca. Sua mãe é macaca, seu avô é macaco e sua avó é macaca’ (XAVIER, 2017, p. 26).

Sigo narrando a história até o ponto em que Luana “*Não satisfeita com aquilo, fui contar para meu irmão*”. Nesse instante interrompi a leitura e solicitei que as Meninas continuassem a história. Três das Meninas narraram<sup>59</sup>:

Sá: “- *E aí ele disse que existem pessoas diferentes umas com caráter e outras sem caráter.*”

Belinha: “- *Eu já uso a violência de uma vez. Pode ser maior de menor, criança se vier vai tomar!*”

Viih: “- *Eu ia mostrar pra ela quem é a macaca. Não pode fazer isso, não! Tá praticando bullying.*”

As narrativas das Meninas demonstraram diferentes formas de lidar com uma mesma situação, ora com diálogo, ora com a violência. Pude notar que *Viih*, mesmo nomeando como *bullying*, percebeu que tratamento de *macaca* apresentava conotação discriminatória e desumanizadora. Nesse instante, a forma com que a Menina nomeia o racismo é uma situação comum presenciada em escolas públicas, que reduz as opressões, tais como o racismo, no ambiente escolar, nos pátios, salas e corredores escolares ao termo *bullying*<sup>60</sup>. De acordo com Benilda Brito e Valdecir Nascimento (2013), embora ambos os termos constituírem violência, não podem ser interpretado como iguais, porque: “Enquanto o *bullying* inferioriza, o racismo desumaniza. A violência racial resulta em prejuízos irreversíveis [...] Trata-se de

<sup>58</sup> Primeiro relato, Luana (XAVIER, 2017).

<sup>59</sup> Optei por transcrever os relatos das meninas na íntegra, para afirmar a identidade de suas falas, mesmo não estando adequadas as normas da língua portuguesa.

<sup>60</sup> O combate ao *Bullying* tornou-se artigo de Lei. 13. 185, aprovado em novembro de 2016, no Brasil que define como práticas “de violência física ou psíquica exercidos intencional e repetidamente por um indivíduo ou grupo contra uma ou mais pessoas com o objetivo de intimidar ou agredir, causando dor e angústia à vítima”. No entanto, tornando-se insuficiente ao passo que reduz todas as opressões, tais como o racismo, a um único conceito dificultando verificar as práticas violentas de agressão, racismo, machismo, homofobia, dentre outras sofridas no ambiente escolar. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/precisamos-falar-sobre-diferenca-entre-bullying-e-racismo-pelo-bem-dos-jovens-negros/> . Último acesso: 06 de Out. de 2018.



uma violência gratuita, cruel, repetitiva e intencional” (p.20), como aconteceu nesse episódio, nomear a menina enquanto macaca é desumanizá-la.

Na sequência das histórias, nas falas das Meninas e, de formas diferentes, todas pareciam denunciar que a atitude da garota, na verdade aparentemente chateada com sua própria nota, fora violenta. Como uma ação descabida, a fala da menina e não poderia ficar impune, pois se tratava de algo grave.

*Belinha* disse que responderia à garota com tom mais agressivo, enquanto *Sá* propôs diálogo e nomeou a atitude como falta de “caráter”, identificando a problemática de algo que desvia de uma questão produzida socialmente. Reagir com outra pessoa em decorrência do seu fenótipo, trata-se da formação de um pensamento que destoa de uma questão pessoal, mas uma construção entre inferior/superior que só pode ser construída em um imaginário de sociedade.

Reconhecer as diferenças, as diversidades, é um passo importante e inicial para a construção de uma sociedade antirracista. No entanto, o combate ao racismo é uma questão que exige, também, autoconhecimento e reconhecimento particular de cada indivíduo. Como construção estrutural, estruturante, presente em muitas dinâmicas da vida social, o racismo desumaniza as pessoas, corrói os contratos sociais mais elementares de civilidade, põe em risco a existência de qualquer alteridade. Ao nomear sua colega como *macaca*, a garota produz um discurso preconceituoso que aponta na direção contrária aos seus próprios fenótipos. Mais do que isso, sua fala corrobora para a construção de um lugar de desumanização do outro, que de acordo com Neuza Souza (1983):

A representação do negro como ele entre o macaco e o homem branco é uma das falas míticas mais significativas de uma visão que o reduz e cristaliza à instância biológica. Esta representação exclui a entrada do negro na cadeia dos significados, único lugar de onde é possível compartilhar do mundo simbólico e passar da biologia à história (SOUZA, 1983, p. 28).

De maneira que, quando o homem negro é representado pela figura do macaco, fixa sua existência inferior na cadeia de evolução da espécie. Na medida em que o homem branco compara o negro ao macaco, ele o reduz ao animal irracional, não civilizado. E dessa forma, ele justifica todas as atrocidades cometidas contra os povos negros, do processo de escravidão ao genocídio.

Voltando à história original, quando a menina agredida verbalmente relata para o irmão, este agrediu a ofensora fisicamente. O menino então foi levado à diretoria e punido por agressão física. A garota que agrediu oralmente a sua colega de classe não foi responsabilizada pelo seu ato. Após relatar esse episódio do texto original perguntei às Meninas se tratamentos como esses são comuns de acontecerem nas escolas que estudam?

Elas respondem que eles acontecem com relativa frequência:

*Vick: “-Na escola acontece direto!”*

*Sá: “-Eu achei errado ele poderia ter conversado ao invés de ter batido... De alguma forma a outra menina também agrediu a outra com palavras... É comum acontecer na escola as pessoas defenderem a pessoa que agrediu com palavras.”*

E as outras Meninas presentes confirmam: *“Com certeza!”*

*Sá: “-Aí quando a pessoa parte para a agressão...”*

Foi possível notar, em suas respostas, que as Meninas identificaram que o tratamento é comum acontecer e, de alguma maneira elas também pareciam identificar questões mais problemáticas do que somente uma agressão física. Havia outra agressão silenciada, que é tão violenta quanto e, que também é passível de responsabilização. No entanto, em espaços institucionais, como a escola, de acordo com Sá, geralmente as pessoas que agredem verbalmente são poupadas, já as que chegaram ao extremo de agredir fisicamente são penalizadas, como sendo as únicas responsáveis. Foi possível perceber que a diferença de tratamento incomodou as Meninas.

No Brasil, apesar do racismo ser considerado crime desde a Constituição de 1988<sup>61</sup>, o agressor ainda é poupado no país. Por ser um tratamento oral, ferir a humanidade do sujeito é facilmente justificado nos discursos do mito da brasilidade que, de acordo com Gomes (2017):

O Brasil construiu, historicamente, um tipo de racismo insidioso, ambíguo, que se afirma via sua própria negação e que está cristalizado na estrutura da nossa sociedade. Sua característica principal é a aparente invisibilidade. Essa invisibilidade aparente é ainda mais artilosa, pois se dá via mito da democracia racial, uma construção social produzida nas plagas brasileiras. Através da narrativa do mito, que é extremamente conservadora - porém transfigurada em discurso democrático -, a igualdade, pois ela se baseia no apagamento e na homogeneização das diferenças. A democracia racial fala de uma diferença homogeneizadora e inferiorizante, vista como “cadinho racial” como forma “híbrida” de cultura, como “fusão racial” que acaba por

<sup>61</sup> LEI Nº 7.716, DE 5 DE JANEIRO DE 1988.

Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L7716.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7716.htm)>. Acesso em: 03 Set. 2018.

cristalizar, naturalizar e subalternizar as diferenças, os grupos étnico-raciais e sua história (GOMES, 2017, p.51).

Nessa perspectiva, nomear os tratamentos agressivos oralmente como um ato violento é construir uma sociedade que além de identificar as diferenças, percebem as reproduções das violências que são acometidas a esses grupos, em específico. Como Sá alertou em sua fala, a questão racial e outras manifestações preconceituosas precisam ser mais problematizadas, desmascarando as práticas de racismos silenciadas dentro das instituições, ou fora delas (GOMES, 2017). Nesse aspecto, é fundamental identificar quais são os tratamentos violentos reproduzidos no interior das escolas.

Outra questão que foi possível notar ao que se refere às reflexões de Sá tem relação com o diálogo, ela demonstrou nesse pequeno trecho, “*Eu achei errado ele poderia ter conversado ao invés de ter batido...*” que uma conversa entre as pessoas envolvidas poderia produzir/levar a resultados mais produtivos para todos/as. A Menina também revelou reflexões significativas e bastante elaboradas ao questionar como as violências são compreendidas. Em sua fala, Sá com relativa precisão estabelece a diferença entre uma violência física e uma violência simbólica, aquela baseada em atos autoritários de força concreta, está assentada na forma discursiva e sem a necessária coação física.

Em sequência, perguntei se as Meninas o que acharam do resultado final da história?

Vick: “*Incomodou, só o menino foi punido e a outra menina não.*”

Viih: “*-Vou processar ela!*”

Outro fator interessante, que foi possível identificar nas falas das Meninas, é a punição. Elas não naturalizaram o fato de a garota ter agredido oralmente e não ser responsabilizada. Faz-me pensar nas vozes que elas emanam nesse instante. De algum modo possa traduzir a realidade, de uma pessoa ou de si mesmas, de acúmulo de violências sofridas a ponto de chegar ao limite, que se materializa na agressão física. E o mais grave, compreendido por meio de suas falas, é o fato do irmão não ser escutado e, sim responsabilizado por tudo. As Meninas identificaram que é comum, mas não concordam com o desenrolar da trama que se prescreve na penalização do menino. Nesse instante, compreendi a fala de Viih quando decide processar a agressora, de alguma maneira ela identifica que se trata de um crime de racismo e precisa de punição. Desse modo, ela demonstra em sua fala reflexões mesmo que não diretamente, a despeito dos casos do encarceramento no Brasil, especificamente, como as populações negras estão ocupando os cárceres no sistema prisional, ao qual BORGES (2018)

nomeia como *seletividade penal* desde o período pós-abolição no país. A maioria delas sem ser julgadas, ao passo que crimes violentos como o racismo, por exemplo, não são sequer considerados crimes nas práticas relacionais cotidianas. De modo que, mesmo que agredida, a menina foi silenciada na escola.

Dando sequência à atividade pedagógica de continuidade de construção narrativa, indaguei às Meninas se elas desejariam indicar um final diferente para a história. As respostas sinalizam que:

Sá: “- *Eu mudaria o preconceito da outra menina, porque ela não é melhor que ninguém. Punição da outra, escutar os dois lados da história.*”

Viih: “- *Saber conversar, e não violência.*”

O preconceito, como termo específico outra vez apareceu em suas indagações, sendo nomeado como algo passível de mudança. Sá demonstra, nesse instante em sua fala, que o preconceito é construído e, também, pode ser desconstruído. Nesse momento, a menina nos lembra de que os processos educativos acontecem em constante movimento e, de acordo com Carolina Oliveira (2009), “no processo de formação humana, nos contextos históricos e nas relações sociais, políticas e culturais, nós nos educamos e participamos de processos humanizadores e desumanizadores, educativos e deseducativos” (p.22). Sendo assim, na medida em que Sá nos revela que *mudaria o preconceito da menina*, ela parece demonstrar que se a agressora aprendeu a ser preconceituosa ela pode passar por um processo de reeducação humanizadora.

Viih, por sua vez, não defende mais a violência, ao contrário do que indicava em falas anteriores. Se Viih inicialmente esboçava reações de combate à violência também com violência, entre elas, a reação como agredir fisicamente a aluna de menor nota, depois defendendo a resolução do problema pela via institucional da judicialização “processando” agora, finalmente Viih passa a propor uma forma construtiva ao encontro do diálogo. No final, na construção das saídas para lidar com tal situação, foi possível perceber que a Menina construía de forma progressiva em seus argumentos possibilidades de lidar com o conflito. Propondo outras maneiras de como lidar com o ato, de maneira a que resultasse em um final positivo e justo para si.

A segunda história de vida narrada foi “O dia em que parei de tomar limonada”, (XAVIER, 2017). Nessa história, Bruna iniciou sua narrativa dizendo da falta de representatividade das

mulheres iguais a ela, notadamente mulheres negras, nas redes midiáticas. Ela retoma a sua infância e recorda de como as apresentadoras de programas infantis eram todas brancas. A menina relata, também, o quanto passou por situações de racismo durante a infância e a adolescência em que os meninos a apelidavam de maneira pejorativa. Ela narra o quanto, como mulher negra, teria sido deslegitimada e silenciada e como essas práticas seriam recontextualizadas e praticadas também na sua experiência da vida adulta. Bruna finaliza a história da sua vida relatando como superou e como tem superado os assujeitamentos de racismo e machismo endereçadas a si.

No momento em que iniciei a leitura da história da menina, quando na infância era alvo de constantes práticas de racismo, *Viih* me interrompeu e disse:

*Viih*: “- *Ela sou eu pequena.*”

*Viih* de forma muito expressiva, pareceu perceber a semelhança de sua trajetória de vida com a da menina Bruna. Nesse instante, foi possível notar que, apesar de se tratar de duas Meninas tão diferentes, as semelhanças dos atravessamentos as cerceiam, com a mesma intensidade. De maneira que, *Viih* retomando a sua infância, relata que passou por conflitos semelhantes. Nessa perspectiva, é relevante considerar a diferença sobre a concepção de consciência e memória. De modo que, a consciência é muito do que é construído em relação ao que pode ser representado pelos sujeitos e a memória te localiza em determinada temporalidade de sua vida para que possa traduzir os dilemas enfrentados na história de sua vida. Tanto da Bruna, quanto de *Viih*, pareciam notar que muitas das vezes as violações, por exemplo, tem alguma relação com o fato delas serem mulher e negra. E que, consoante a González (1984):

Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que memória inclui. Daí, na medida em que é o lugar da rejeição, consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade. Mas a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura: por isso, ela fala através das maneadas do discurso da consciência (GONZÁLES, 1984, p. 226).

De acordo com González (1984), em junção com as contribuições de *Viih*, na medida em que faz uma alusão à sua infância comparando à infância de Bruna, foi possível notar que em

alguns momentos ela, assim como Bruna, contextualiza o que não foi contado. E que talvez não existisse se não fosse registrado em um livro como a história original de Bruna, e que aguça a memória de *Viih*. Na medida em que *Viih* identificava a semelhança de sua história com a de Bruna, seguia suas reflexões me dando pistas de que as violências sofridas poderiam ser, também, por ser negra. Cheguei a perceber também que, de algum modo, a compreensão do lugar das outras Meninas negras estava sendo construído no desenrolar das nossas trocas durante essa experiência.

Na medida em que lia sobre as narrativas das vidas das duas jovens negras, percebia que as Meninas se incomodavam com as histórias, o descontentamento estava presentes nas suas expressões. Algumas das vezes elas pareciam bastante incomodadas com os relatos, mas muitas das vezes, apesar da inquietação não expressavam com muitas palavras. Percebia nas expressões certa revolta e, nas inquietações delas que, de algum modo, assim como *Viih*, elas poderiam ter passado por questões parecidas.

Quando terminei a leitura sobre a história de Bruna, as Meninas mantiveram um silêncio como se a história ainda estivesse sendo contada. A impressão que tive naquele momento era que estavam reflexivas, retomando as suas memórias. Na tentativa de romper com o silêncio que já se estendia e gerava um desconforto, perguntei-lhes se gostaram da história? E em voz meio que automática, como se tivessem querendo escapar da conversa, expressaram com palavras conclusivas.

*Viih*: “-*Pô bicho.*”

*Sá*: “-*Adorei.*”

Na tentativa de seguir com o diálogo perguntei se algumas delas já haviam passado por algo parecido. *Viih* respondeu que sim, mas não entrou em detalhes. O que pude perceber na expressão era que evidentemente teria passado por algo parecido, por ter dito anteriormente, que parecia que estava falando dela quando criança. E muitos dos conflitos que havia passado tinham relação direta com o fato de serem também crianças preteridas e alvos de constantes violências simbólicas.

No intervalo de tempo entre a leitura da trajetória de Bruna, a experiência narrada por *Viih*, o silêncio tomou conta da sala por um longo período. Embora não dissessem, talvez as Meninas estivessem encontrando em suas memórias situações semelhantes, ou talvez tentassem

absorver o que eu propus para elas, ao narrar duas histórias dolorosas de racismo e machismo. Em meio ao não dito, senti a necessidade de revelar uma experiência que passei na escola quando tinha aproximadamente a idade delas. Na sala de aula os meninos fizeram uma lista das partes do corpo das Meninas que consideravam mais bonito. E eu percebi que o meu nome não estava na lista. Eu disse a elas que o meu nome não estava na lista porque acreditava que as partes do meu corpo eram partes negras. Após o meu relato, *Viih*, no mesmo instante e, de maneira bastante acanhada expôs que:

*Viih: “-Na escola os meninos falaram os nomes das meninas mais bonitas da escola e só o meu e de outra menina que não falaram.”*

Além das marcas, passar por situações como as relatadas, provocam também um imaginário sobre nós. Desse modo, o reconhecimento do outro interfere na própria concepção de si mesma, e culmina em nós mulheres negras, como bem nos recorda Gomes (2012), processos longos de rejeição/aceitação:

Apesar do seu caráter específico no que se refere à construção da identidade negra no Brasil, o movimento de rejeição/aceitação construído socialmente pelo negro insere-se ainda em um universo mais amplo que inclui dimensões históricas, sociais, culturais, políticas e psicológicas. Ele nos fala da relação de aproximação e afastamento na qual coexistem atitudes opostas. De um ponto de vista cultural, essa distância pode ser vista como a maneira por meio da qual os grupos sociais se reconhecem a si mesmos e os outros (GOMES, 2012, p.123).

Dessa maneira, quando *Viih* identifica em seu grupo que, esteticamente não se insere no que pode ser percebido como ideal, ela identifica que sua diferença provoca a rejeição do grupo. Sendo assim, ela constrói aspectos em si, por meio das definições do outro, que o ideal de beleza é oposto às suas características e, nesse momento ela compreende mediante o reconhecimento do outro, o enunciado eurocêntrico, as tais definições como norma:

Quando a sociedade brasileira olha para o negro e para a negra e os destitui do lugar da beleza, ela afirma uma determinada proposição, um julgamento em relação ao negro e sua pertinência étnico/racial, que pode ou não ser internalizado pelo sujeito. Contraditoriamente, ao tentar destituí-los do lugar da beleza, essa mesma sociedade reconhece-os como negros, uma vez que, para se rejeitar, é preciso reconhecer. Esse processo vivido num nível mais amplo e mais geral se reproduz num plano mais íntimo e mais profundo, ou seja, na intimidade e na construção da subjetividade do negro e da negra (GOMES, 2012, p. 126).

Desse modo, a própria concepção de ser negro/a é também construída de acordo com o meio social em que se relaciona. Na medida em que se amplia a percepção das concepções em

relação a um olhar sobre o que é ser negro/a na sociedade em geral. É compreensível destacar o cenário midiático que de certa maneira alcança um público mais global.

Consoante a Oliveira (2009), a mídia cumpre um papel educativo, sendo assim, “Esse caráter formador nem sempre será dotado de positividade, mas também poderá reproduzir e produzir valores, estereótipos, preconceitos”, (p.21). Desse modo, na medida em que as representações midiáticas, nas novelas, propagandas de produtos, noticiários, jornais, revistas, dentre outros meios, divulga uma determinada representação de ser negro/a socialmente, em muitas das vezes mascara um perfil estereotipado. Acaba por prescrever um modo de ser negro, outras manifestações não são tensionadas por esse mercado, que de alguma maneira molda as representações de ser no mundo. E determinadas imposições são elementos que podem reproduzir conflitos existenciais entre aceitação/rejeição na subjetividade da negra.

Na sequência de nossas conversas, após o relato de *Viih, Binha* se pronuncia:

Binha: “-*Na escola só tem a lista negra.*”

Nesse instante, retomo a crítica que Neusa Souza (1983), sinaliza em sua obra “Tornar-se negro”, quanto ao termo pejorativo a tudo que está relacionado à palavra *negro* e, utiliza o dicionário como exemplo da reafirmação. O que nos provoca a refletir que toda uma construção do imaginário da palavra negro, é algo ruim, sujo. Dizer *lista negra*, quer dizer que algo não é bom, no caso da lista de *Binha* os meninos não são bonitos (SOUZA, 1983. p. 29). Mesmo que a Menina faça uso do termo *lista negra* para dizer dos meninos que não são bonitos, aparentou que se trata de uma maneira que ela encontrava também para se defender dos ataques, uma vez que, percebia em seus relatos que em certa medida ela parecia se defender atacando o outro.

E embora a Menina tenha destacado uma expressão depreciativa, em relação a adjetivos característicos da negritude, para caracterizar os modos de lidar nas relações entre os grupos que convivem na escola, foi possível destacar neste momento de sua fala que ela não aparenta passividade em suas relações sociais. Na medida em que, se os meninos estão olhando para ela e classificando-a, ela também avalia e os classifica, ou seja, ela também tem o direito de escolher, não se preocupando com a possibilidade de ser preterida.



## 7.2. Como elas se percebem em outros espaços

Em seguida, após a exposição de *Binha*, convido-as ao encontro com suas memórias e desejos. De olhos fechados, peço-lhes para pensar nos lugares que gostariam de estar. Nesse momento, percebo-as descontraídas e animadas em dizer dos lugares que gostariam de encontrar-se. A experiência em ter que fechar os olhos foi o momento mais participativo, todas elas sentiram necessidade de dizer algo, como se estivessem em uma *brincadeira*. Começaram a brincar, sorrir, conversar entre si, até mesmo discutir, foi um instante de interação e descontração entre elas. Ao convidá-las para pousar nos lugares que convivem e dizer como elas se sentem, todas dizem que a comunidade é ótima. Com exceção da *Sá* que não morava nessa época na Comunidade, morava na Terra da Sobriedade, não responde a pergunta.

Viih: “-*Tirando a escola o lugar é bom! Na comunidade é pela órde!*”

A escola é de novo palco do cenário de desconforto. Como *Viih* demonstra, “*Tirando a escola o lugar é bom*”, a instituição se estabelece como um espaço/lugar que inscreve marcas, de invisibilidade, dentro dela. Marcas que sinalizam o seu desconforto, inclusive no tom de sua voz, ao mencioná-la. Na medida em que nos revela que a comunidade “é pela órde”, expressão positiva, a escola aparece deslocada do seu meio de convivência. O que talvez indique que o deslocamento da instituição não é somente do seu meio, como também da favela. As indagações que a menina traz, em tom de protesto, me fez recordar das contribuições dos estudos de Burgos (2009), do distanciamento que os profissionais responsáveis pela escola têm dos estudantes, provocando silenciamentos, invisibilidades e estereótipos, quando o assunto é escola e favela.

Na sequência da atividade perguntei em que aspecto os lugares vistos se parecem com elas. Novamente as Meninas permaneceram em silêncio por alguns instantes. Na intenção de quebrar o silêncio, disse a elas sobre o *Baile Funk*<sup>62</sup> no beco. Sabendo que elas costumam frequentar *Baile Funk*, solicitei que se manifestassem. O resultado foi explicitado pelas três:

<sup>62</sup> Os Bailes Funk, são manifestações de lazer originária do próprio ritmo musical, o funk, que reúne grupos de todas as faixas etárias, para curtir do ritmo do Funk. Os Bailes Funks vêm do Rio de Janeiro, em meados da década de 90 e se espalha no Brasil inteiro, o ritmo envolvente embala os encontros nos becos das favelas, de muitas cidades brasileiras. Inclusive com grande manifestação em Belo Horizonte (VIANA, 2013). Os bailes funk que as Meninas frequentam geralmente são organizados nos becos próximos as suas casas.

“Os bailes podem dividir-se em bailes de comunidade, dentro da favela; bailes de asfalto, fora dela; bailes de rua, mais raros; e bailes do bicho, bailes de briga, bailes de corredor, lado A e lado B e quinze minutos de alegria, hoje extintos, nos quais a violência assumia um caráter recreativo, (PALOMBINI, 2009).

Belinha: “-*Cê é louca?*”  
 Viih: “-*Mais lá de baixo.*”  
 Belinha: “-*São as resenhas.*”

Elas frequentam e gostam bastante do *Baile Funk* em suas comunidades. Não trata, porém de qualquer tipo de baile. Nomear os encontros de *Resenhas*, talvez, minimizaria o preconceito por parte dos olhares dos outros. Mesmo assim, sendo *Baile Funk* e/ou *Resenhas*, as Meninas dialogam de algum modo com as festas que acontecem nas favelas que moram. E de certa maneira elas apresentam sentimento de pertencimento à Comunidade em que vivem. Demonstram por intermédio dos relatos a construção de suas identidades referenciadas nas culturas que marcam suas maneiras de se posicionar e manifestar nos encontros dos bailes da Comunidade. Um espaço de construção de afetos, na medida em que convivem em seus territórios compartilhando experiências comuns, elas revelam as construções coletivas de solidariedade que faz com que os bailes se tornam um motivo não somente de entretenimento e lazer, mas um modo de lidar em coletividade, de afirmação de suas identidades.

Quando perguntei, por exemplo, se havia algum lugar em que elas se sentissem incomodadas por estarem lá, a comunidade escolar aparece novamente na fala da maioria delas:

Sá: “- *A escola, não as pessoas.*”  
 Viih: “-*É... o professor, diretor, vice, alunos...*”

O depoimento das Meninas evidenciou que o espaço/lugar, a escola, é diferente das pessoas que convivem nele. A Menina *Viih* nomeou primeiro os responsáveis adultos pela organização e administração da escola, os/as professores/as, diretores/as, vice e depois os/as alunos/as, de modo que é possível perceber que o desconforto talvez esteja presente em todos os segmentos da escola. E ela não deixou de nomeá-los, como se cada responsável pela organização da escola operasse de maneira diferente e provocasse incômodos também diferentes.

Aproveitei a oportunidade em que as discussões acerca da finalidade da escola e a relação que elas estabeleciam com o estabelecimento de ensino, nas discussões das Meninas, perguntei se a escola precisaria acabar.

Sá: “-*Não!*”

---

As resenhas são muito utilizadas pelas juventudes que tem relação com as festas organizadas entre amigos/as e conhecido/as, com músicas, bebidas e danças. Diferente do *Baile Funk*, as *Resenhas* não apresentam uma característica única, são encontros entre jovens, para entretenimento, que pode ser entendida desde encontros de um grupo de amigos/as, até a uma festa com pessoas conhecidas e os estilos musicais são variados, não se restringindo exclusivamente músicas de *Funk*.

Viih: “-*Precisa eu já aprendi ler e escrever, precisa.*”

Vick: “-*É mais você precisa de mais.*”

Se por um lado a escola já teria cumprido a sua função social mais elementar, a de ensinar a ler e a escrever, como *Viih* apontou, por outro contrapõe *Vick*, a Menina que está afastada da escola, que “*você precisa de mais*”. “Precisar de mais” parece sinalizar que escrever e ler ainda não seriam o suficiente para atingir seus anseios e suas necessidades. Não consegui identificar, a não ser a obrigação, a importância desse espaço/lugar na vida das Meninas, já que elas passam a maior parte de seu tempo na escola. E mesmo as Meninas que, por algum motivo, foram obrigadas a abandonar os estudos, como *Vick*. A conclusão dos estudos é algo que se apresenta como necessário. De acordo com o que percebi em suas vozes, por conta da obrigação em ter que “precisar de mais”. Esse *mais*, na língua portuguesa, um advérbio de intensidade, pode ser na verdade muitas coisas, como se qualificar para o mercado de trabalho, ocupar melhores postos de trabalho, obter melhor remuneração, fazer seleção para o ensino superior, cursar uma faculdade, entre outras coisas. A fala de *Vick* demonstra que o ritual de passagem, mesmo que a escola seja um lugar que as atravessa de maneira que as provoca tantos conflitos, tantas dificuldades e dilemas, ainda é necessário estudar. Tal ritual representaria a forma de garantir um dos poucos acessos para a conquista dos seus objetivos materiais.

Mesmo compreendendo que *Viih* carece de mais, é necessário também dizer que a escola precisaria de mais para que Meninas como *Viih*, *Vick*, *Sá*, *Belinha* e *Binha* que não necessitam apenas de aprender a ler e a escrever. Que a instituição escolar pudesse ser mais significativa para elas, não servindo apenas como um instrumento para qualificá-las para o mercado de trabalho. De certa maneira, mesmo que a escola reforce estereótipos e que inviabilize e provoque desconfortos, principalmente em relação aos/às negros/as, esse talvez seja ainda um dos poucos direitos sociais públicos subjetivos acessíveis, mesmo que precarizado, como reforça Gomes (2017):

No Brasil, a escola, principalmente a pública, é resultado de uma luta popular pelo direito à educação é entendida como parte do processo de emancipação social. No entanto, essa mesma escola se construiu historicamente enquanto uma instituição reguladora marcada pelas regras, normas e rituais, pela divisão dos conteúdos, pelo cognitivismo, pela ideia do conhecimento científico como única e privilegiada forma de saber, pela ordem e pelo disciplinamento dos corpos (GOMES, 2017, p.134).

Segundo a própria autora, a escola, é a instituição que mais recebe corpos marcados pela desigualdade sociorracial, corpos que, ainda que tragam em si a sua diferença, com acúmulo de conhecimentos advindos dos contextos em que vivem, não são valorizados nesse modelo escolar. Tal modelo ainda é, após séculos de uma permanente construção de práticas e de posturas, referenciado por uma norma branca que reduz os conhecimentos mais diversos às referências eurocêtricas.

Nessa perspectiva, é compreensível analisar a sociedade por intermédio de uma postura crítica em relação a uma compreensão única de se pensar a educação escolar. Sendo que, ser diferente torna-se um fardo, tendo que negar-se todo o tempo, despindo-se para vestir uma indumentária que não lhe cabe. Como registra Souza, (1983), na medida em que aponta suas reflexões acerca do olhar do negro e da negra:

Ele é um olhar que se volta em direção à experiência de ser-se negro numa sociedade branca. De classe e ideologia dominantes brancas. De estética e comportamentos brancos. De exigências e expectativas brancas. Este olhar se detém, particularmente, sobre a experiência emocional do negro que, vivendo nessa sociedade, responde positivamente ao apelo da ascensão social, o que implica na decisiva conquista de valores, status e prerrogativas brancos, (SOUZA, 1983, p.17).

A análise de Souza (1983) vai ao encontro dos possíveis motivos que provocaram *Viih* ter dito, com convicção, que a escola precisaria acabar. De alguma maneira a Menina demonstrou que a escola ainda não dialoga com a sua realidade. Além do mais, o depoimento reforça o entendimento da existência de costumes e práticas que não interagem com sua realidade de mulher jovem negra. Talvez para *Viih*, a escola reproduzisse a invisibilidade de sua existência, dada a sua construção histórica e social comprometida com os costumes, as culturas e os conhecimentos brancos, produzido por brancos e, em certa medida, para brancos.

### 7.3. O corpo negro é um corpo político

Na sequência de nossos diálogos, as Meninas foram apontando pistas que me fizeram identificar, por intermédio de suas conclusões reflexivas, sinais que identificassem como seus corpos e modos de lidar em meio aos espaços/lugares de convivência enquanto um corpo em movimento e também político. Nesse instante, retomo por meio das questões que elas mesmas foram trazendo, as saídas possíveis que poderiam encontrar para lidar com as suas realidades cotidianas. Indaguei-lhes se tivessem a oportunidade de modificar a realidade de

suas vidas o que fariam? E suas respostas, automaticamente, foram se formando em meio a um diálogo, coletivo, entre elas. Mediante as concordâncias e discordâncias, o que convergiu foi a maneira como se interpretam na Comunidade em que vivem:

Viih: “-A escola e mudaria de casa, o povo fala demais.”

Sá: “-Histórias daria para lançar um livro. Daria um livro pra cada pessoa.”

Viih: “- Falando que você está caçando homem.”

Sá: “- Nem pegou. (risos)”

Viih: “-Cê tá namorando, a mulher lá no portão já está falando seu nome.”

Belinha: “-Mudaria de Cidade ou de Estado. A favela é legal, mas aquele povo do L [nome da favela]...só tem falso.”

Vick: “-O povo que vive perto da minha casa. É um povo falando da vida do outro.”

Sá: “-Eu mudaria minha vida.”

Binha: “-Eu também.”

Sá: “-Eu nasceria órfã.”

Os depoimentos das Meninas evidenciavam aquilo que elas mudariam em consonância com uma expressiva insatisfação do que parecia incomodá-las naquele momento de suas vidas. Os relatos também aparentavam que elas não parecem alheias aos acontecimentos que lhes são externos. Na medida em que sinalizavam as insatisfações, elas também apontavam caminhos possíveis, como *Viih* que nesse ponto de fala indica que a escola precisa mudar. Esse ponto de sua fala me levou a algumas reflexões. Dentre elas, a que considero mais expressiva, a partir da sua insatisfação com a escola, é que, nesse instante, ela sinaliza a importância de sua permanência na instituição escolar, mas a necessidade da escola mudar, pois não parece atender os anseios e demandas de Meninas iguais a ela, negra e periférica.

Consoante a Gomes (2017), a instituição escolar deve se ater ao compromisso de uma pedagogia da diferença, que propõe estudos emancipatórios construídos, sistematizados e articulados pelo Movimento Negro, que propõe uma educação que dialogue com os anseios das diferenças que nela estão presentes. E que de acordo com a referida autora:

[...] nos ajuda a conhecer e compreender novos processos de produção do conhecimento e outros conhecimentos e nos pressiona a repensar conceitos, termos e categorias analíticas por meio dos quais os processos educativos dentro e fora da escola têm sido interpretados via a racionalidade científico instrumental (GOMES, 2017, p. 137).

Nessa perspectiva, as emergências advindas das diferenças que existem às margens do saber instrumental, assim como *Viih* sinaliza em suas demonstrações de insatisfação, apesar de estarem presentes dentro da instituição escolar concordam que ela precisaria de mudanças que possivelmente dialogassem com outros saberes e outros corpos.

No momento em que as Meninas indicam, em suas respostas, que mudariam de casa, de Cidade, de Estado, não por causa do lugar em que vivem, mas das pessoas que lá habitam, a utilização da expressão “o povo”, como elas dizem, está, em certa medida, se referindo às pessoas que falam das vidas delas, inscrevendo-se no campo dos controles de seus corpos. As maneiras que elas expressam a afetividade, pegando ou não pegando<sup>63</sup>, como disse *Viih*, tornam-se públicas. Talvez seja possível afirmar que a insistência em compreender os corpos dessas Meninas como públicos, seja uma forma de tentativa de regulação. Em virtude disso, a maneira com que elas se manifestam afetivamente, a forma como se vestem e as escolhas com quem andam, tornam-se motivo da opinião de quem tenta controlar seus corpos. Notadamente, nesse caso, esse “o povo”, pessoas que convivem com elas nos mesmos espaços sociais. Esse corpo “regulado”, como categoria social de compreensão do fenômeno do controle dos corpos, pode ser compreendido de duas formas. De acordo com Gomes (2017):

[...] dominante (o corpo escravizado; o corpo estereotipado; o corpo objeto) e dominada (o corpo cooptado pelo dominante, p.ex., a industrialização do corpo negro a serviço do comércio capitalista, falsamente autonomizado pelo mercado; o corpo como mercadoria). Na escravidão, os corpos negros estiveram presentes, mas de forma escravizada. Nesse contexto, o corpo era importante, mas como não humano, como força de trabalho e como coisa (GOMES, 2017. p. 96).

Para Angela Davis (1980), desde os períodos da escravidão da população negra o direito reprodutivo das mulheres negras ser objeto de constantes tentativas de controle por parte de terceiros, notadamente não-mulheres e não-mulheres negras, ainda que “o desejo das mulheres de controlar seu sistema reprodutivo seja provavelmente tão antigo quanto à própria história da humanidade” (p. 209). Os incômodos que as Meninas relatam sobre a tentativa de regulação de seus corpos, elas resistem aos controles afirmando que não são passivas aos regulamentos, ao contrário elas rompem com o controle de seus corpos na medida em que se afirmam nas comunidades em que habitam.

Ao abordar seus incômodos, as Meninas estão a reivindicar, de certa maneira, a privacidade e a liberdade de suas escolhas, bem como as maneiras de lidarem com o mundo. Seus aborrecimentos traduzem a busca pela construção de “uma nova forma de emancipação sociorracial do corpo”, como aponta Gomes (2017). Ao reivindicar que seus corpos possam

---

<sup>63</sup> Tem uma relação sexual com outra pessoa.

transitar nos espaços de sua comunidade, ou fora delas, as Meninas ressignificam também esses espaços/lugares, na medida em seus corpos e modos de ser provocam deslocamentos do que aparentemente poderia ser vislumbrado enquanto norma. De certa maneira, a afirmação dos seus corpos acaba por provocar rupturas nos espaços em que circulam; mesmo com os julgamentos de “o povo”, elas permanecem afirmando seus corpos, desejando mudar a comunidade em que vivem, ou se mudarem de suas comunidades por compreender que o lugar possa lhes limitar socialmente.

A expressão de *Mudar de vida* soou como se não estivessem satisfeitas com a condição em que estão submetidas. Isso vale, sobretudo, para *Sá* e *Binha*, as mais velhas entre as Meninas. Nesse ponto de suas falas, demonstraram não estarem apáticas ao que as cercam. Ao contrário, seus anseios apontam para outras perspectivas que talvez o espaço/lugar em que vivem possa não suprir. Quando *Sá* nos revela que desejaria ter nascido *órfã*, foi possível notar, após outros momentos ao revelar seus conflitos existenciais, não somente com os lugares em que transita, mas os conflitos no interior de sua família possa ter lhe provocado sentir o desejo de ter nascido *órfã*. Os anseios que as duas trazem em suas falas de descontentamento no interior de suas subjetividades podem ter relação com o fato de estarem se tornando adultas, as perspectivas em suas formações afetivas, existenciais, que possam ir além do que foi analisado nesta pesquisa.

Quando perguntei às Meninas se percebiam sendo observadas e o que sentiam, as respostas soaram bastante parecidas e, também, muito expressivas:

Binha: “- *Eu falo com elas, que cê tá me olhando? Perdeu alguma coisa?*”

Viih: “-*Tô cagada? Tô menstruada? No ponto de ônibus. Em todo lugar que você passa o povo está te olhando de cima a baixo. No Beco também.*”

Sá: “-*Eu entro nos lugares e as velhinhas fazem o sinal da cruz. Cansei disso.*”

Vick: “-*No beco não gente. Porque nós conhece os povo. Os povo que nós não conhece que fica olhando assim. Ou então as pessoas que não gosta de nós!*”

As conversas indicam que Meninas aparentavam ter consciência de que estariam expostas a inúmeros olhares “julgadores”. E que de alguma maneira os olhares seriam depreciativos, pois lhes causaria aborrecimentos e desconfortos. As leituras que elas fizeram dos tratamentos “sutis”, como o *olhar de cima pra baixo*, evidenciam que o olhar pode ser crítico e, também, preconceituoso. Algo como se o corpo delas incomodasse aos olhares

desconhecidos ou, como mesmo relatam, olhares de pessoas que não gostam delas. A sensação de que algo nelas estaria desajustado em si.

Mas, afinal, o que explicaria o incômodo produzido por corpos de mulheres negras jovens? Talvez a resposta a essa questão seja bastante complexa e mereça uma análise mais cuidadosa. Sá oferece uma boa pista: para ela, ao olhar para si, *a velhinha faz o sinal da cruz*. O gestual do sinal da cruz remete a inúmeros e diversos contextos que poderíamos destacar. Dentre eles, o estereótipo, como os aspectos próprios da sua subjetividade, expressado em seu estilo de ser a condenação a uma Menina descrente. Nesse sentido, mesmo que seu corpo não representa a norma, ela poderia ter alguma, não a condiciona a ser uma Menina temida. O sinal da cruz, remete a um medo que não se conhece, é um preconceito tão escancarado a ponto de agredir seu corpo sem nem mesmo o tocar.

Quando percebi os embaraços aparecendo, dei exemplos de outros lugares, que poderiam circular e ter a sensação de olhos perseguindo-as.

No shopping? Pergunto e todas elas:

*Ih! Nuh! Ai meu Deus do céu.*

Vick: “-Vai na casa da P...[parente]. Desce o morro que o povo fica te olhando de cima abaixo. Eu olho também!”

Sá: “-É verdade quando eu vou na casa da minha vó. No caso quando eu vou na casa da minha vó é porque o povo é diferente. Não é de lá, aí eles olham.”

Vick: “-Não! São as Meninas mesmo que não gosta de ninguém e fica olhando nós.”

Viih: “-Só falta te comer com o dente.”

Sá: “- Inveja!”

Viih: “-Recalque!”

Sá: “-Curiosidade!”

Viih: “-Tipo assim! A inveja é toda minha, mas o recalque é todo seu. (risos).”

Sá: “-Olhando o corpo...!”

Viih: “-Ainda mais se for uma pessoa bonita aí cabô!”

Sá: “-Eu nem fico no meio das minhas amigas, porque elas só falam de corpo. Dá uma depressão.”

Elas identificaram os incômodos por serem observadas justamente porque sentem que há algo de errado e, demonstraram em suas falas que o problema é com as pessoas. As pessoas só poderiam notá-las com julgamento, como se estivessem com inveja ou se algo nelas estivesse faltando ou inadequado. Os olhares são de pessoas diferentes, segundo elas. No entanto, o que estão apontando como diferente? Quais aspectos próprios desses corpos para serem considerados como diferentes? Consequentemente esse corpo, não está adequado aos corpos



regulados. As Meninas reivindicam a liberdade, pois já percebem que além de regulados seus corpos estão aprisionados dentro de uma norma, a que as julgam simplesmente por existir.

*Se for bonita* e, a beleza apareceu na fala de *Viih*, como se estivesse dizendo de outra pessoa. A beleza inalcançável e, mesmo assim é também passível de algum tipo de controle, pois de acordo com o tom da fala da Menina, a beleza pode ser regulada. E quando *Sá* tratou do corpo, como se as amigas precisassem enaltecer os corpos padronizados e, tal assunto lhe causa depressão pelo desconforto com seu corpo. E em certa medida ela pareceu sinalizar também que poderiam dar importância a outros assuntos que não somente o corpo. Nesse ponto, os assuntos das conversas, como pude entender de acordo com o que as Meninas trouxeram, tinha relação com o aborrecimento com as fofocas e sua dualidade entre estar dentro da norma, ou por não estar. Mas ao que pareceu em suas falas é que, estão mais fora do que dentro, pois em nenhum momento declaram que irão mudar seus comportamentos, mas que os outros comportamentos que precisam de mudança.

O tópico subsequente conta com um material que servirá de instrumento para reflexão das próprias Meninas em relação a si mesmas. Esse e os outros dois tópicos contarão com a participação de *Viih*, *Belinha* e *Sá*, somente.

#### 7.4. Elas, o mundo e suas representatividades

A partir do momento em que mulheres negras olham para si e compreendem as suas subjetividades, a partir de suas perspectivas e desconstruindo um universo de estereótipos historicamente elaborado por um interesse específico, elas podem provocar muitas mudanças em si e no mundo, Collins (2016). Ainda de acordo com a referida autora:

Quando mulheres negras definem a si próprias, claramente rejeitam a suposição irrefletida de que aqueles que estão em posições de se arrogarem a autoridade de descreverem e analisarem a realidade têm o direito de estarem nessas posições. Independentemente do conteúdo de fato das auto definições de mulheres negras, o ato de insistir na auto definição dessas mulheres valida o poder de mulheres negras enquanto sujeitos humanos (COLLINS, 2016, p.104).

Ao olharem para si, as Meninas criam novos padrões de representação e provocam outras perspectivas a respeito dos olhares que recaem sobre si. Consoante a Collins (2016):

[...] definir e valorizar a consciência do próprio ponto de vista auto definido frente a imagens que promovem uma auto definição sob a forma de “outro” objetificado é uma forma importante de se resistir à desumanização

essencial aos sistemas de dominação. O status de ser o “outro” implica ser o outro em relação a algo ou ser diferente da norma pressuposta de comportamento masculino branco (COLLINS, 2016, p. 105).

Nessa perspectiva, durante as oficinas, tivemos a oportunidade de realizar uma atividade por meio de um espelho. A proposta dessa mediação era de que elas pudessem olhar para si e interpretar o que refletiam suas imagens com seus próprios olhos. No instante em que, elas se olhavam pelo reflexo de um espelho, as Meninas manifestaram-se de várias formas e, a experiência desse olhar provocou reações diversas, até mesmo a dificuldade de se olhar. Nesse instante, a mistura de resistência com curiosidade, ocasionou-lhes instantes de risos, antes de iniciar a atividade. Após os risos, Sá levantou em direção ao espelho. Com exceção dela, as outras Meninas apresentaram dificuldades em se olhar. A Menina com tom de seriedade fixa os olhos no espelho e referiu seu corpo com insatisfação, mas por outro lado, como lida com tais questões e outras ainda mais profundas que têm relação com sua subjetividade:

*Sá: “-Vejo muita gordura, não gosto do que vejo porque não aprendi a me aceitar. Dentro de mim não mudaria nada, nem as coisas boas nem as coisas ruins. Não mudaria meu caráter e nem meus olhos que é o que mais me agrada no meu corpo.”*

A Menina apontou em seus argumentos o aprendizado como instrumento que viabiliza o que se foi construído, assumir-se, é questionar o padrão, um ideal de corpo com uma meta de consumo estabelecido que tem como referência o corpo branco, magro, alto, que advém de um enunciado eurocêntrico. E que também se trata de uma construção história, social e cultural que se modifica de tempo em tempo e nos espaços. No entanto, essa definição, complexa, está em confronto com outras, tentando se firmar como hegemônica, ainda que haja resistências e tentativas contra hegemônicas, além de formas de construção de *outsiders*.

Consequentemente, Sá nos ensina que se admitir trata-se de um processo de aprendizado, pois o mais comum é aprender a não se aceitar. Mesmo ocupando um corpo branco ela não é uma Menina considerada referência de um padrão estético. Ao dizer que dentro de si não mudaria nada, pensei em como ela também analisa dentro de si, sendo considerado bom ou ruim, é algo de sua individualidade. Desse modo, a Menina trouxe características que emanam a sua personalidade, seus olhos, demonstrando um olhar reflexivo. Quando a escutava, notei que suas respostas não são diretivas, ela faz uma análise das provocações, como se as questões precisassem de alguma análise mais profunda e reflexiva. Assim como, o tempo todo provocasse em mim e nas outras Meninas presente, a refletir em coletividade,

quando devolve as questões estruturais como a própria concepção de um ideal de perfeição, um problema que precisa ser resolvido com ela também. Embora a sociedade também necessite rever sobre uma concepção de beleza hegemônica.

Já *Belinha*, mais acanhada, ao olhar para o espelho, disse-nos que não mudaria nada em si, nem por dentro nem por fora e que gostava bastante do seu corpo.

*Belinha: “-Se eu não me achar bonita quem vai me achar? Jamais mudaria meu corpo.”*

Identifiquei em *Belinha*, um olhar mais carinhoso para si, ela disse naquele momento algo que me chamou bastante a atenção: *Se eu não me achar bonita quem vai me achar?* Trata-se de uma maneira corriqueira em que pessoas de modo geral defendem os motivos de se autoelogiarem. No entanto, muito profunda para reflexão, considerando o contexto em que estamos trazendo para análise, na medida em que as Meninas negras, que de algum modo não são consideradas belas, justamente pelo fato de não carregar em seus corpos, os traços brancos. Esses corpos são vistos geralmente com marcas dos estereótipos, da objetificação, da depreciação e do excesso.

O que me chamou a atenção em sua fala é o fato de *Belinha* ter sido afirmativa quando disse de sua beleza e, gostar de seu corpo. Talvez, ela, possa não se notar politizada, ao enunciar dessa maneira, com acúmulos teóricos que trariam elementos para dizer de seu corpo também como lugar político. No entanto, ao passo que ela, apesar de conviver em uma sociedade que descaracteriza seus traços, inferioriza sua raça, percebe-se negra e, inclusive bela por ser negra. Desse modo, a Menina está sendo política e, contribuindo para a desconstrução dos paradigmas da estética. Na medida em que a mulher negra se olha e se compreende em um lugar da beleza, ela provoca rupturas, ruptura estética e de representação, pois nesse momento ela constrói uma visão de mundo a partir de suas perspectivas. Consequentemente, ela compreende que a construção do corpo trata-se de um processo cultural, sendo que de acordo com Gomes (2012):

É na cultura que o homem e a mulher aprendem a classificar e a hierarquizar o corpo: bonito, feio, lábios grossos, lábios finos, cabelo liso, cabelo crespo. É por meio da cultura que as relações entre povos e grupos específicos dentro de uma sociedade ganham sentido político (GOMES, 2012, p. 227-228).

Em virtude disso, é imprescindível analisar, de acordo com Gomes (2017), que o corpo negro é importante ser valorizado esteticamente e, indispensável como construção política: “O

corpo negro nos conta uma história de resistência construída de denúncia, proposição, intervenção, revalorização”, (p. 95). Desse modo ao dizer que precisa gostar de si, que não mudaria seu corpo, *Belinha* se fez representar positivamente e politicamente.

Em contraponto, a reação de *Viih* ao olhar para si, aparentou desconforto e expressão de tristeza. Por um momento a Menina permaneceu admirando-se com aspecto reflexivo. Finalmente ela se direcionou a mim, me olhou nos olhos e, disse:

*Viih*: “-*Como é que pode tanta feiura em uma pessoa só? Que situação...*”  
*Belinha* interrompeu e disse: “- *Viih não se acha bonita.*”

O fato de *Viih* não ver beleza em si, está respaldado na percepção do que pode ser considerado como belo. O aspecto de tristeza lhe vem carregado de angústia, demonstra a forma com que a Menina se vê representada no mundo. Consequentemente, construindo suas perspectivas por intermédio de olhares que a localiza em situação inferior das belezas construídas a partir do enunciado eurocêntrico. Gomes (2017) analisa esse fenômeno sob um aspecto mais amplo:

Em um mundo globalizado, os novos padrões de mercado e de consumo acabam construindo e tentando impor ao mundo certos padrões de beleza e de feiura considerados pelo Ocidente como universais e válidos para todos. Tende-se a incorrer em uma absolutização tanto da beleza quanto da feiura, sem considerar as particularidades, sem relativizar. No contexto do racismo há uma rápida associação entre beleza e branquidade, fealdade e negritude. A beleza dos corpos passa a ser regulada por padrões estéticos eurocentrados construídos no contexto do racismo (GOMES, 2017, p. 110).

Tal afirmação torna evidente os elementos para entender as próximas indagações que a Menina expressa no momento em que diz do seu cabelo.

*Viih*: “-*Mudaria meu cabelo, gosto de cabelo grande, não gosto de cabelo pequeno.*”

De acordo com Gomes (2006) a própria questão da não aceitação do cabelo ou corpo negro, nada tem a ver com a questão da própria identidade, mais tem relação com o fato de que:

[...] esses sujeitos convivem com um olhar social, construído historicamente, que os compara com o padrão estético do branco, ainda considerado o ideal. Ao fazer essa comparação. A sociedade brasileira constrói uma hierarquia em termos étnicos e estéticos, minimizando e desprezando os negros por considerá-los distantes do padrão ideal (GOMES, 2006, p. 125).

Todos os conflitos que envolvem o reconhecimento das Meninas acerca de si estão imbricados nas próprias concepções existenciais de aceitação e rejeição. Esses conflitos

envolvem um processo de como a sociedade as classificam. Consequentemente, há uma marcante influência acerca das concepções do que é ser belo ou não, fundamentada no enunciado branco, heteronormativo, com recortes de classe e com fortes interesses do patriarcado. De algum modo, os lugares legitimados aparecem no argumento de *Viih* e, demonstram quais são os lugares sociais que as pessoas ocupam.

Em contrapartida aos modelos de beleza ocidental socialmente construídos, apesar dos conflitos em se reconhecer bela, a Menina foi capaz de olhar para seu reflexo no espelho com aspecto positivo. Mesmo com todas as angústias e tristezas presentes em seu olhar, *Viih* ao final desse diálogo, revelou: - *Eu também gosto do meu corpo*. Obviamente, parece que em virtude disso, talvez possa ser possível argumentar pela compreensão que não há uma ideia fixa, modos de se ver definidores e imutáveis. As falas das Meninas destacam que o fato de que “olhar para si”, mesmo demonstrando a dualidade entre ver algo que de alguma maneira foi construído socialmente para nomear o que se pode pensar do belo e do feio, também se instala em um campo de resistências e reinterpretações dos próprios corpos. Assim, a subjetividade das Meninas é marcada nesse processo de reconhecimento, auto reconhecimento, descobertas e, igualmente, de desconstruções e de resistência. Sendo assim, ao considerar a perspectiva do ser ideal de beleza, as Meninas indicam que também vêm construindo outras formas de resistir a esse contexto que pode parecer fixo. Elas parecem fazer do seu corpo uma maneira de dizer o que é belo; ao se enxergarem de algum modo, se valorizam, ainda que, talvez, de maneira que nem se percebiam.

Nessa perspectiva, as Meninas estão construindo maneiras de dialogar com seus corpos, percebendo-os não somente como um objeto, mas como um espaço ocupado e que ocupa que, circula, transita, incomoda, promove narrativas de si, ocupando o mundo e provocando questionamentos.

Na sequência iniciamos o próximo passo da investigação, de maneira que o exercício da atividade consistia em fazer com que as Meninas ficassem de frente uma para a outra e que dissessem como cada uma enxergava a outra. Quando solicitei à *Viih* que começasse uma nova atividade, ela falou: - *Milagre, alguém me escolheu!* O tom de sua fala demonstrou que se assustou quando a convoquei. O espanto produzido pela interjeição da garota oferece indícios interpretativos de que, por um lado, ela se percebeu parte importante e interlocutora efetiva ao mesmo tempo em que, por outro lado, transparece a sensação de que costuma ser

apagada nos lugares em que convive. A Menina que se sente invisível, mas que estava ali, talvez seja silenciada em muitas oportunidades, ainda que tenha voz. A expressão dela demonstrou o ensinamento de existência de sua própria presença e, mais do que isso a legítima reivindicação do seu lugar social.

De frente uma para outra *Viih* e *Sá*, ficaram se observando por alguns minutos. Os risos demonstravam sintoma da timidez em ter que olhar uma para a outra e dizer o que viam. Após um tempo de troca de olhares, *Sá*, mais confortável com a situação, apontou as características que considerava bonitas em *Viih*, rosto, cabelo e sobrancelhas. E continuou:

*Sá: “-Queria esse queixo pra mim!”*

Quando é a vez da *Viih* depois de um tempo de risadas responde: “-*Acho que tudo, não sei, o rosto.*”

*Sá* falou que não mudaria nada em *Viih*: “-*Só soltaria o cabelo e deixaria os cachos.*”

Na vez em que o exercício é com *Belinha* e *Viih*. *Belinha* de frente para *Viih* olha pra mim e refuta: “-*Eu vou lá achar mulher bonita?* Depois de um longo tempo, entre risos e brincadeiras, ela olhou novamente e disse: “-*Acho bonito o carisma dela, não mudaria nada.*”

Na vez de *Sá* dizer sobre *Belinha*. “- *Acho ela muito bonita, o corpo todo. Eu soltaria o cabelo dela, as pessoas precisam assumir os cabelos.*”

Foi possível perceber nesse exercício, que os olhares delas demonstravam que percebiam qualidades entre si. Entretanto, esse ponto da fala de *Belinha*: “-*Vou lá achar mulher bonita*”? levou-me a algumas reflexões. Tal reação talvez dialogue com uma condição de mulher demarcada por um tipo de identidade heteronormativa, como se não se pudesse assumir esse tipo de postura, como se fosse interdito olhar para outra mulher com olhos de admiração. A provocação de *Belinha* remete à perspectiva normativa socialmente imposta em que as pessoas não conseguiriam/poderiam admirar outra do mesmo sexo.

Nesta fala, *Belinha* parece apresentar receio em manifestar afeto por uma menina, como se o apreço pelo sexo aparente consequentemente fosse sintoma de desejo. Esse pavor social, permite que as pessoas se distanciem, permaneçam rígidas em suas manifestações de afeto. Muito característica das posturas heteronormativas que fixam um ideal de ser masculino e feminino e este por vez, é imutável, qualquer tentativa de demonstrar afeto ou proximidade dos corpos com mesmo sexo, pode pôr em questionamento sua sexualidade. Atitudes muito comuns entre homens que se denominam heterossexuais, sendo que existe um *ethos*

masculino<sup>64</sup> que constrói inúmeros signos que caracterizam o homem heterossexual. No entanto, o espanto presente na fala da Menina demonstrou que há também uma resistência entre as mulheres em se aproximar de outras mulheres por receio de causar outros sentidos ambíguos às expressões de afeto. Mesmo que aparenta nas relações interpessoais que as mulheres de modo geral são mais afetuosas entre si, sem medos de alteração da sua sexualidade.

Referente ao momento em que *Sá* disse das características marcadamente positivas em *Belinha* e *Viih*, ela constatou também que as Meninas não soltavam os cabelos, concluindo daí que elas não se assumiram como mulheres negras. Esse momento de suas considerações me fez constatar, em relação às características que identificam como se autodeclarar, como se houvessem códigos, também, de normas para tanto. Entretanto, a expressão ou não dos modos que negros/as lidam com seus cabelos, assumindo-os, como *Sá* disse, trata-se de uma opção de marca identitária, mas não é demarcação definidora de pertencimento étnico-racial. O caso, bastante provativo, é interessante pelo fato de que *Sá* se identifica enquanto branca e, tem os cabelos cacheados. No entanto, ela faz uso do cabelo alisado, ao se referir às colegas negras, na medida em que suas auto declarações e reconhecimentos apresentam como critério objetivo os cabelos presos ou alisados. Uma interpretação teórica provável remete ao entendimento do lugar de autoridade por ser branca. No momento em que *Sá* sugeriu que elas soltem/assumam seus cachos, a Menina acaba por afirmar outra norma. Consequentemente, ser negra é assumir suas raízes, advinda de um enunciado branco de autoridade, na medida em que a própria norma que dificulta os processos de aceitação das identidades seja de enunciado eurocêntrico. Este paradigma nos revela que, em certa medida a interpretação do pertencimento racial de *Sá*, apesar de ser uma tentativa positiva de empoderar as Meninas, fixa certos argumentos e invisibiliza mais uma vez o lugar do/a branco/a, na medida em que, o/a branco/a não precisa se afirmar, se posicionar, pois é também a norma.

No próximo e último tópico é possível notar que por intermédio das suas impressões, as Meninas revelam características das compreensões em relação à comparação com outras representações sociais de ser menina/mulher.

---

<sup>64</sup> [...] ethos nada mais é do que o resultado da leitura dos códigos que fazemos uns dos outros – e daquilo que imaginamos que pensam sobre nós – quando agimos ou falamos (VIANA, 2013).

### 7.5. Revistas e revisitadas: da invisibilização ao se fazer representadas

Nesta oficina, com recortes de jornais e revistas, as Meninas localizavam nas gravuras imagens de meninas/mulheres que se pareciam e que não se pareciam com elas. Durante o contato com as imagens elas ficaram bastante empolgadas ao olhar para as fotos das meninas/mulheres representadas nos recortes de revistas. Pedi a elas que procurassem alguma que as representassem:

Viih: Prontamente pega a imagem de uma menina negra e disse: “-*Essa parece comigo olha! E me mostra.*”

Eu lhe respondi que de fato se parece mesmo. A Menina abraça a imagem e não solta mais.

Nesse intervalo de tempo, *Belinha* também encontrou uma menina negra que disse se parecer com ela quando criança. Já *Sá* demorou um pouco até encontrar a foto de uma mulher branca que aparenta ser mais velha e ter filhos. Quando solicitei que procurassem nas imagens outras mulheres que não se parecessem com elas as Meninas não apresentaram grandes dificuldades.

*Sá* falou das mulheres seminuas nas fotos, apresentando certo incômodo:

*Sá* me mostra uma imagem de uma mulher branca, seminua e disse. “- *Eu queria ser essa, mas não sou.*” Ao analisar as imagens e comparar o que há em comum entre elas: *Sá* olhando para mim pergunta: “-*Eu tinha o cabelo cacheado cê lembra?* Respondi-lhe que lembrava e perguntei a ela por que escolheu uma mulher com filhos/as? Ela respondeu dizendo: “-*Eu já fui mãe, por mais que eu não engravidei. Eu não quero ter filho, mas minha mãe arruma filho pra mim, ser mãe da minha própria mãe esse que é o caso.*”

Desde criança, *Sá* cuida dos irmãos e de uma irmã. Esta última ainda é um bebê de colo e a Menina assumiu a responsabilidade, inclusive se nomeando como a mãe da criança. Segundo seus próprios relatos, ela teve que interromper os estudos para cuidar da irmã. Mesmo que assumo o papel de cuidadora dos/a irmãos/irmã, torna-se evidente em alguns momentos de sua fala o esgotamento e a frustração em ter que abdicar dos seus sonhos para assumir a responsabilidade da família que ela mesma afirma não ter escolhido, ainda que se nomeando como mãe de sua irmã ou, ainda mãe de sua mãe. Por um lado, o caso de *Sá* revela algo peculiar em relação às demais Meninas: o desenvolvimento obrigatório de uma responsabilidade precoce do mundo adulto cuja tarefa é o cuidado de crianças pequenas. Isso significa que grande parte do tempo e das mobilizações de *Sá* é dedicada não ao cuidado de si, mas à atividade precoce de se responsabilizar também por outrem. Entretanto, por outro lado, talvez não seja inoportuno afirmar que o evento vivenciado por *Sá* encontre ressonância



a casos similares de muitas mulheres, jovens negras e periféricas, cuja tarefa social é imputar-lhes a função de cuidado de parte da fratria. Assim, se o acontecimento é próprio específico do caso da Menina, é de se supor que seja possível afirmar que ele guarda proporções com casos semelhantes em que famílias expostas à vulnerabilidade social necessitam de acionar uma rede solidária, na própria família de origem, ou na família ampliada, com a ajuda de tias e avós, para cuidar das crianças pequenas. Esse tipo de configuração familiar, baseado em arranjos domésticos de cuidado dos/as irmãos/irmãs pequenos/as pelos/as mais velhos/as parece ser específico das famílias das camadas populares. Ao contrário dessas, as famílias das frações das classes médias e, mesmo das elites, contam com uma ampla rede de apoios e de suporte, muitas vezes externa e paga, para a garantia e a manutenção dos cuidados dos/as filhos/as mais novos/as e das crianças pequenas (LAREAU, 2007).

Quando perguntei à *Viih* o motivo de sua escolha por aquela imagem, ela me respondeu: “- *Porque eu sou morena e ela também é!*.” Continuei o diálogo: *Viih* você acha a menina bonita? Ela respondeu que sim. Eu então lhe indaguei: Então você é bonita também, não é? Ela sorriu timidamente e respondeu que sim. Com relação à *Belinha*, ela também disse que a menina da imagem tinha a mesma cor de sua pele e o cabelo cacheado igual ao seu. Das imagens de mulheres que não se parecem com elas, *Viih* escolheu uma mulher loira, de olhos claros e seminua. Perguntei por que a mulher não se parecia com ela. Sua resposta apontou características físicas definidoras de diferenças que seriam bastante fáceis de serem notáveis:

*Viih: “-Essa mulher é branca! Tem o cabelo liso e olhos bonitos.”*

A manifestação de *Viih* foi produzida com palavras que aparentemente soaram com um misto de tom de raiva e de impaciência, como se essa questão fosse nitidamente óbvia. Em sua maioria, as Meninas foram sinalizando a compreensão acerca de seu pertencimento racial, ainda que se identificassem com maior ou menor proximidade das mulheres representadas pelas revistas. Mesmo aquelas que se representavam como “morenas”, no momento em que se depararam com corpos brancos, manifestaram a diferença entre elas e as outras mulheres. No caso de *Viih*, ela identificava a diferença no tipo de cabelo, liso e nos olhos “bonitos”. Aqui, o contraste refere-se ao fato de que a beleza aparecia como um divisor entre ela e a mulher bonita retratada. “No fundo, uma equação social que poderia ser resolvida pela expressão, ainda que demasiadamente simplista: Ela não se parecia com as mulheres das revistas porque essas seriam bonitas” e, bonitas porque têm cabelos lisos e olhos claros, igualmente bonitos.

Entre um intervalo e outro, em que elas fixaram os olhares para as imagens, *Viih* olhou pra imagem da mulher branca seminua e disse:

*Viih: “-Pô bicho! Essa muié faria maió sucesso lá na favela.”*

Eu pergunto por quê? *Viih: “-Lá na favela só tem muié...[pausa] Ai vem essa muié bonita.”*

Como assim? Que tipos de mulher são as da favela? Eu perguntei a ela.

*Belinha: “-Tem umas muié na favela que dá muita condição pros cara, ai vem essas muié mais difícil. Essas são mais bonitas.”*

Digo a elas, mas vocês também moram na favela e aí? Elas continuam a defender que as mulheres como a da imagem são mais valorizadas, porque são bonitas.

As Meninas não nomeavam de que “mulher da favela” estavam dizendo, entretanto pareciam dizer de si também, falando do “outro”, na medida em que a mulher negra e favelada era analisada como o outro, mesmo assim, elas estavam dizendo de si. Mesmo seminua, a mulher seria desejada pelos meninos da favela porque elas são bonitas. Mulher desse tipo, na leitura que faço, são mulheres brancas. Quanto mais branca mais aceita pelos meninos e mais próxima do lugar de castidade. Mesmo a mulher indicada na imagem está longe de se vestir igual uma freira. Mesmo seminua as Meninas identificavam que elas eram mais difíceis. Mas o lugar da pureza e da santidade vinha mascarado pelo fato de as mulheres serem brancas. A minha compreensão, é a de que as mulheres negras, as da favela não são difíceis, porque são comuns, as brancas como aquelas fariam sucesso, porque são raras, por isso, difíceis e, mesmo não sendo castas, aparentam castidade muito em virtude do fato de serem brancas (VIANA, 2013).

Nesse aspecto, é fundamental complexificar as construções que permeiam as suas subjetividades. As Meninas sinalizam como elas percebem os lugares que ao mesmo tempo são de convivência e aprendizado e também lugares que as invizibilizam, a exemplo mais expressivo, a escola que aparece sempre com certo incômodo em suas falas. Provocando reflexões críticas desses lugares e, dizendo da urgência de mudanças, de como percebem mesmo que de forma indireta o preterimento em espaços de disputa. E por fim, elas criticam os privilégios em se nascer branco/a, identificando que a raça é um divisor de segregação. No entanto, elas estão provocando e reivindicando seu lugar social, na medida em que não aceitam os assujeitamentos e se afirmam nos espaços/lugares com seus corpos.

De certa maneira, elas buscam de diferentes formas, estratégias de se comunicar, de se nomear, mostrar suas habilidades e como estão provocando tensões no mundo. E utilizam outros instrumentos de comunicação por intermédio das suas perspectivas. No capítulo subsequente será apresentada e analisada a proposta pedagógica da pesquisa. Sendo destacadas em seus processos como as Meninas foram tecendo as estratégias de produção e de comunicação do material que se materializou em um videoclipe.

## 8. CAPÍTULO IV: RESULTADOS INESPERADOS: da resignificação à (auto) nomeação

Neste capítulo pretendo sistematizar os caminhos pelos quais os processos deste trabalho se converteram nos resultados inesperados. Os caminhos percorridos para a elaboração da proposta pedagógica dessa pesquisa foram se reconfigurando a partir dos deslocamentos provocados no campo da investigação. Compreendendo que tal processo foi permeado por encontros e por desencontros, por diferenças e por semelhanças. Logo, este capítulo tem a intenção de apresentar os aspectos mais marcantes desta experiência.

Como orientação para a construção das análises teórico-metodológicas optei por fazer uso de técnicas *do tipo*<sup>65</sup> etnográfico, na tentativa de sinalizar com mais profundidade este capítulo. Para tanto, foram costuradas algumas estratégias de investigação, tais como o uso do caderno de campo para a observação participante e o registro de imagens e de vídeos por intermédio da câmera fotográfica<sup>66</sup>. Para entender esse percurso necessitei apoiar em outros detalhes característicos da análise etnográfica, que de acordo com Mattos (2011):

[...] desenvolve aspectos que envolvem o trabalho etnográfico, informando que fazer etnografia implica em: 1) preocupar-se com uma análise holística ou dialética da cultura; 2) introduzir os atores sociais com uma participação ativa e dinâmica e modificadora das estruturas sociais; 3) preocupar-se em revelar as relações e interações significativas de modo a desenvolver a reflexividade sobre a ação de pesquisar, tanto pelo pesquisador quanto pelo pesquisado (MATTOS, 2011, p. 49).

Dessa forma, os resultados apresentados serão narrados e analisados tendo como ponto de partida o desenrolar do campo de pesquisa. Em se tratando de uma pesquisa qualitativa, não se prescreve por um final premeditado e, sim, de acordo com os tempos e espaços dos sujeitos envolvidos.

---

<sup>65</sup> Se o foco de interesse dos etnógrafos é a descrição da cultura (práticas, hábitos, crenças, valores, linguagens, significados) de um grupo social, a preocupação central dos estudiosos da educação é com o processo educativo. Existe, pois, uma diferença de enfoque nessas duas áreas, o que faz com que certos requisitos da etnografia não sejam - nem necessitam ser - cumpridos pelos investigadores das questões educacionais. [...] O que se tem feito é uma adaptação da etnografia à educação, o que me leva a concluir que fazemos estudos do tipo etnográfico e não etnografia no seu sentido estrito (ANDRÉ, 2008).

<sup>66</sup> Os registros das imagens e dos vídeos foram materiais utilizados para a produção do videoclipe, material que compõe parte do produto final, proposta pedagógica, a ser depositado junto com o texto dissertativo final, exigências parciais para a titulação de mestra em educação e docência pelo PROMESTRE/ Faculdade de Educação- UFMG.

O trabalho teve como característica marcante a experiência de uma relação profunda com uma construção coletiva, entre a investigadora e as pessoas sujeitas da pesquisa. Os passos para compreender como ocorreram os desafios, as possibilidades e os aprendizados, serão desenvolvidos nos eixos de análises destacados a seguir.

A investigação teve duração de oito meses, tendo início em Abril de 2018<sup>67</sup>, sendo finalizada em Dezembro do mesmo ano. A comunicação deste capítulo refere-se ao momento específico, tratando dos caminhos percorridos para a produção da proposta pedagógica do produto final<sup>68</sup>, que será apresentado pelos seguintes eixos estruturantes: no primeiro eixo: **“Como tudo começou”**, narro os passos construídos para o primeiro contato com as Meninas da Terra, por intermédio de uma oficina de introdução ao conhecimento sobre audiovisual. No segundo eixo, **“Como a música chega até as Meninas e de que maneira elas reproduzem diálogos possíveis?”**, analiso como as Meninas vão construindo em suas comunicações traduzidas pela musicalidade e de que maneira tais manifestações foram educando a minha escuta e o meu olhar sobre elas. Já no terceiro eixo, **“A parceria”**, indico como ocorreu a união construída entre o Coletivo Terra Firme e a proposta da pesquisa com as Meninas da Terra. Posteriormente, no quarto eixo, **“As formações”**, foram desenvolvidas propostas de diálogos formativos, tanto para os/as jovens do Coletivo Terra Firme (CTF)<sup>69</sup>, quanto a minha própria formação pessoal e profissional. Na sequência, no quinto eixo, **“O ensaio na Terra da Sobriedade”**, será apresentado o encontro dos/as jovens do Coletivo Terra Firme na entidade, com a finalidade de conhecer o local e ensaiar, com as Meninas, a música para a gravação. Por fim, no sexto e último eixo, **“Da caminhada até a gravação do videoclipe... aos novos passos”**, apresento os caminhos percorridos e os desafios até a finalização do trabalho.

---

<sup>67</sup> Sendo contabilizada 16h no total, de acordo com os encontros.

<sup>68</sup> O roteiro para a produção da proposta pedagógica. **Ver na íntegra:** Cf. Anexo M.

<sup>69</sup> O Coletivo Terra Firme (CTF) é um grupo de jovens que trabalha em prol do cenário sociocultural local e da visibilidade dos grupos culturais e coletivos juvenis organizados ou em processo de organização da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Situado em Ibirité, o coletivo foi criado em 2014 e desde então vem promovendo iniciativas para dar espaço às expressões artísticas e poéticas da região junto às juventudes locais. Essas ações acontecem em praças públicas ou espaços locados em bairros de periferia, especialmente na região de Ibirité. **Mimeografado. Ver na íntegra:** Cf.: < <https://prosas.com.br/empreendedores/2438-coletivo-terra-firme>>. Último acesso em 29 nov. 2018.

### 8.1. Como tudo começou?

O primeiro encontro com as Meninas foi no propósito de abordagem formativa. Elas foram convidadas a um primeiro contato com o conhecimento acerca do que se entende por um produto e por uma produção audiovisual. Nesse momento inicial, eu objetivava que elas aprendessem como se maneja uma câmera, como realizam uma gravação, um roteiro e, em contrapartida, como elas queriam ser vistas e narradas, tendo as tecnologias digitais como ferramentas para a construção desse trabalho. Durante a investigação em campo que se encontra no Capítulo III desta Dissertação<sup>70</sup>, esse primeiro contato com o aprendizado em relação à filmagem tornou-se o pontapé inicial para uma longa jornada de um projeto coletivo.



Figura 1 - Introdução à produção de vídeo - Local: Terra da Sobriedade - 28/04/2018 - Contribuição: Coletiva Malva.

Fonte: Elaborada pela autora

---

<sup>70</sup> Na data de 28/04/2018, estavam presentes Viih, Sá, Belinha, Vick e Binha, as Meninas começaram a pensar nos processos para realizar a atividade. A introdução à aprendizagem sobre vídeo foi nosso primeiro contato, logo após iniciamos uma dupla jornada entre realizar o roteiro investigativo produzido por mim e, pensar como seriam os próximos passos para a construção do videoclipe. Será comum mencionar o Capítulo III, neste momento, pelo fato das duas ações terem sido realizadas ao mesmo tempo. No entanto, os caminhos para construção do videoclipe se estenderam até o mês de Dezembro de 2018.

Na data de 28 de abril de 2018, as Meninas iniciaram a introdução à oficina de audiovisual, com a contribuição de uma especialista técnica em produção de cinema<sup>71</sup>. As Meninas permaneceram atentas às informações e se envolveram ativamente com a temática. *Sá* parecia mais curiosa, fazia muitas perguntas. No momento das oficinas de gravação dos vídeos e de feitura das fotografias, elas pareciam mais empolgadas e ao longo da oficina foram demonstrando seus interesses em gravar, em dirigir e representar:

Nesse mesmo dia *Sá* me perguntou se não poderíamos produzir um videoclipe parecido com o da cantora Mc Soffia<sup>72</sup>, me posicionei de maneira afirmativa e, solicitei a ela que propusesse a iniciativa para as outras meninas que compõe o trabalho. Em conversa com *Sá* nesse mesmo dia, no momento do almoço, disse a ela que precisamos pensar a produção do videoclipe e produzir uma música, caso as Meninas concordassem com a proposta. Ela, então, disse-me que podemos convidar alguns conhecidos para auxiliar na produção da música. Disse-me também que poderia escrever uma poesia e transformá-la em rap<sup>73</sup>. A Menina me falou do videoclipe da MC Elis, relatando que eu iria gostar da música e continuou o diálogo dizendo que é muito ruim as pessoas tratarem as outras pela aparência física (Diário de campo, 28/ 04/2018).

Nesse primeiro momento de contato, de trocas e de apresentação da proposta do que *Sá* ia trazendo, foi possível considerar que de algum modo a Menina já construía aspectos próprios para compreender como as questões raciais operam nas realidades cotidianas. Ela parecia compreender como a maneira depreciativa de tratar outras pessoas pode ser nomeada como uma forma de racismo e que isso não seria algo positivo. Pude observar também como ela, além de propor uma ideia de trabalho, buscava mecanismos para conseguir desenvolver a proposta do videoclipe demonstrando o seu interesse pelo projeto desde o início da nossa intervenção.

---

<sup>71</sup> A Coletiva Malva, localizada em Belo Horizonte/Minas Gerais, é uma organização de produtoras e curadoras para fomentar a representatividade não somente nos trabalhos concebidos por mulheres na produção de cinema, “mas também pensar a construção e o pensamento audiovisual nacional pelo viés feminino, inclusive apoiado ao Feminismo Negro. Nesse sentido, diversos são os produtos já realizados pela Coletiva, mostras, curadorias, produções e realizações cinematográficas” Cf.: <<http://coletivamalva.com/acoletiva/>>. Último acesso em 29 nov. 2018.

<sup>72</sup> Mc Soffia é uma Mc que canta RAP retratando a conscientização das Meninas negras a respeito do seu pertencimento étnico-racial, assim como do papel social da mulher negra. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cbOG2HS1Wko>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

<sup>73</sup> O hip-hop possui quatro elementos básicos que se expressam por meio de três modalidades artísticas. O primeiro elemento é a arte da dança, conhecida como Break; o segundo elemento, representando as artes plásticas, é o Grafite (ou Grafitti); o terceiro elemento, a arte da discotecagem (Disk Jockey), e o quarto elemento, a arte de rimar dos Masters of Ceremony (MC), fundem-se em forma de música, dando origem ao -RAP que tem sido a voz de maior destaque e repercussão do hip-hop, desde seu nascimento. Esses elementos componentes do movimento hip-hop originaram-se em processos culturais distintos e, por esse motivo, apresentam múltiplas faces. Mas, apesar disso, indicam uma afiliação com as vozes não hegemônicas da sociedade (SAID, 2007).

No segundo dia em que nos encontramos,<sup>74</sup> eu disse às Meninas que havia preparado um roteiro para que pudéssemos realizar juntas, que a proposta dessa atividade seria materializada na forma de um vídeo e que por isso precisaria gravar os encontros<sup>75</sup>. Disse-lhes, também, sobre a proposta de Sá, a de todas nós realizarmos um videoclipe. Elas concordaram e as propostas foram aparecendo juntamente com a produção do videoclipe. Nesse mesmo dia, Sá cantou a música para todas e as demais Meninas ficaram admiradas e começaram a pensar na produção do videoclipe.

Sá, manifestando insegurança, disse que teria o desejo de produzir o vídeo, mas não gostaria de participar da canção e do videoclipe sozinha, por ter escrito a música. Viih prontamente respondeu-lhe: Cabô! Fechô! Não tem problema a gente vai com você (*sic*), (Diário de campo 02/05/2018).

As ideias de como o videoclipe seria produzido foram aparecendo nas falas das Meninas. Elas foram tecendo ideias e construindo o cenário e suas produções estéticas para a construção do material. Neste encontro, um registro relevante merece análise:

Sá: Todo mundo de cabelo solto!  
 Viih: É bom que Sá pode cachear meu cabelo!  
 Sá: Vou usar Dread!  
 Belinha: Quero trança!  
 Sá: Vou usar boné! Desculpe meninas vocês podem ficar femininas.  
 Belinha: Podemos gravar lá no viaduto, onde tem uma pichação.  
 (Diário de campo, 02/ 05/2018).

O episódio narrado indica que as Meninas se empolgaram com a produção do videoclipe e que começam a buscar estratégias para viabilizar a produção de seus estilos visuais para a gravação do vídeo. Foi possível notar que elas se identificaram com a letra da música. Mesmo não manifestando opinião com relação à composição, elas demonstraram em seus modos de lidar esteticamente com as maneiras de como expressar o estilo de quem produz *rap*. E de alguma forma elas perceberam que o *rap* advém de alguma característica traduzida da negritude. Ao passo que cachear os cabelos, fazer uso de *dreads* e tranças denota a ligação com os traços negros. De maneira que, elas também, mesmo que indiretamente, pareciam se identificar.

No momento em que Sá disse que as Meninas poderiam ficar femininas, foi interessante pensar como ela se percebe e compreende a sua maneira de se vestir um pouco destoante das

<sup>74</sup> Data: 02/05/2015 - estavam presentes, Belinha, Viih e Sá. Os detalhes da análise desse segundo encontro foram exibidos no capítulo III desta Dissertação.

<sup>75</sup> No momento do convite para colaborar com a pesquisa expliquei para as Meninas sobre nossa construção precisar ser gravada para a materialização do vídeo. E elas concordaram, com exceção de Binha que solicitou que não fosse filmada e sua condição foi respeitada.



características consideradas “femininas”, como ela mesma apresentou em sua expressão. Talvez ela já tivesse percebido a diferença e, conseqüentemente, apesar de ser identificada como mulher, ela talvez não fosse uma mulher que carregasse as indumentárias que a caracterizam como feminino, algo que a mantivesse como uma aparência que se aproxima dos padrões socialmente estabelecidos como femininos, como os de delicadeza, de fragilidade, de roupas que realçam o corpo, de comportamentos construídos para a identidade de papéis socialmente definidos como femininos. Ao contrário, seus modos de ser destoam dos ditos modos de ser binário, que advém de uma imposição essencialista entre características socialmente estabelecidas como “femininas” e “masculinas” endereçadas às mulheres e aos homens em nossa cultura. No entanto, ela demonstrou perceber nas Meninas algo que as identificam como sendo “femininas”<sup>76</sup>.

No próximo eixo, serão desenvolvidas as análises sobre como as Meninas se relacionam com as culturas musicais inseridas em seu contexto social, bem como elas imprimiram novos significados a este instrumento de diálogo.

## 8.2. Como a música chega até as Meninas e de que maneira elas (re-) constroem diálogos possíveis?

Nos primeiros momentos de contato com as Meninas foi possível notar algumas pistas deixadas por elas no caminho, características marcantes de suas maneiras de se expressarem. Nesse instante, tive a oportunidade de me atentar para as outras estratégias que elas encontravam para (re) construir os seus diálogos, por meio das sinalizações que demonstravam a respeito de outras maneiras de se comunicarem. Sempre ao início e ao final de cada atividade as Meninas escutavam em seus aparelhos móveis as batidas do *funk*<sup>77</sup> e do

---

<sup>76</sup> Após algumas trocas de como poderia ser o videoclipe, eu disse às Meninas que teríamos então duas propostas: o roteiro já produzido para a intervenção e a proposta da *Sá*. E eu lhes perguntei o que faríamos a partir de então. Elas concordaram que poderíamos realizar as duas atividades ao mesmo tempo. E seguimos com a intervenção no primeiro momento dos encontros e os passos para a produção do videoclipe, no segundo momento. As análises das intervenções produzidas por meio de um roteiro foram explanadas no capítulo III desta Dissertação. Neste capítulo, serão abordadas as impressões acerca do que colhemos nesta jornada dos caminhos para a produção do videoclipe.

<sup>77</sup>No Brasil, a origem do funk remonta aos anos 1970, quando da proliferação dos chamados "bailes black" nas periferias dos grandes centros urbanos. Embalados pela *black music* americana, principalmente o soul e o funk, milhares de jovens encontraram nos bailes de finais de semana uma alternativa de lazer até então inexistente. Em cidades como o Rio de Janeiro ou São Paulo, formavam-se equipes de som que promoviam bailes que atraíam um número cada vez maior de jovens. Na esteira dos bailes funk, foi-se disseminando um estilo que

*rap*. Dessa maneira, notei que era a musicalidade que estava fortemente presente em suas maneiras de se expressar.

O contato com o *funk* e com o *rap*, presente em suas manifestações, me permitiu interpretá-las por intermédio da “criatividade transnacional do Atlântico negro” que faz parte da sintonia promovida pela diáspora, de acordo com Gilroy (2001.p.59). A conexão e tal intimidade dialogam com as heranças da resistência e proclamam quando a música produz um som do outro lado do atlântico, atravessa os oceanos permanecendo presentes no *beat* (batida) <sup>78</sup> das músicas cantadas, dançadas e produzidas pelas Meninas, reverberando em processos de resistência que o colonialismo não conseguiu destruir:

Aqui, as qualidades polifônicas da expressão cultural negra constituem a principal consideração estética, e muitas vezes há uma fusão incômoda, mas estimulante de técnicas e estilos modernistas e populistas. Dessa perspectiva, as realizações das formas culturais negras populares, como a música, são uma constante fonte de inspiração. São apreciadas por sua advertência implícita contra as arapucas do capricho artístico. A dificuldade com esta segunda tendência é que, ao deixar para trás o essencialismo racial por ver a "raça" em si mesma como urna construção social e cultural, ela tem sido insuficientemente consciente do poder de resistência de formas especificamente racializadas de poder e subordinação, (GILROY, 2001. p. 87).

É considerável também que tanto o *rap*, quanto o *funk* “assumem uma centralidade na vida” dos/as jovens por “intermédio das formas de sociabilidade que constroem” Dayrell (2005, p. 117), podendo assim, estar relacionados com modos de construir e de interagir em suas relações sociais. Pode indicar também uma maneira deles/delas reivindicarem suas existências por intermédio de suas próprias formas de se expressar advindas da relação com a musicalidade.

---

buscava uma valorização da cultura negra, expressa tanto na música como nas roupas e nos penteados [...] A matriz do funk reporta também à tradição musical africana, reelaborada na diáspora, (VIANA, 2013).

Além do proibidão, também conhecido como funk proibido, rap de contexto ou funk de facção, os subgêneros musicais incluem o funk sensual (ou putaria), funk consciente, funk melody, funk de raiz, gospel funk e montagem (explorando a repetição rítmica de fragmentos vocais, como no início da house). Todavia, as fronteiras entre crime, sexo, consciência, romance, enraizamento, o Evangelho e a fala desumanizada são frequentemente indistintas, (PALOMBINI, 2009).

<sup>78</sup> Beat; palavra da língua inglesa que significa bater, pulsar, vencer. É o ritmo cadenciado, a batida usada nas batalhas dos rappers. Serve de fundo musical para a composição que os rappers fazem para falar de suas ideias. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/diferenca-entre/beat/m%C3%BAAsica/>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

A relação com a musicalidade aos poucos foi aparecendo e configurou-se no momento em que elas, ao propor a produção de um videoclipe e conseqüentemente a escrita de uma poesia materializada em uma composição de *rap*, me convidaram a compreender que a musicalidade é uma maneira delas dialogarem com o mundo. De início, eu acreditava que a presença marcante das canções nos encontros seria uma maneira de expressar descontração. Com o tempo, eu passei a perceber que na verdade era algo que elas estavam querendo dizer sobre si mesmas. A partir desse momento, comecei a *ler* as coisas que não eram ditas e, em algumas ocasiões, percebendo como o silêncio e *outros modos de dizer* foram construindo os encontros. Nesses instantes, identifiquei, ao passo em que elas foram me dando pistas, como fazem da música outros modos de diálogos e como aqueles diálogos narram as suas trajetórias.

Conforme Gilroy (2001), a música era um elemento importante para as populações negras escravizadas e, se tornava um instrumento de proteção e, hoje, talvez possamos afirmar, de uma herança que permanece em inúmeras possibilidades de diálogos entre as civilizações:

O poder e significado da música no âmbito do Atlântico Negro têm crescido em proporção inversa ao limitado poder expressivo da língua. É importante lembrar que o acesso dos escravos à alfabetização era frequentemente negado sob pena de morte, e apenas poucas oportunidades culturais eram oferecidas como sucedâneo para outras formas de autonomia individual negadas pela vida nas fazendas e nas senzalas. A música se torna vital no momento em que a indeterminação/polifonia linguística e semântica surgem em meio à prolongada batalha entre senhores e escravos (GILROY, 2001. p. 160).

Nessa perspectiva, ao perceber como *Viih* nos ensinava dançar *funk*, *Sá* trouxe as canções de meninas negras do *rap* que narravam o sentimento de pertencimento e da representatividade das meninas negras, com um tom afirmativo e politizado. *Belinha* acompanhava os ritmos musicais, cantava e filmava os momentos em que dançávamos. Pude observar, com o tempo, que ao se pronunciar dessa maneira, elas também estavam se fazendo representar, se afirmando e dialogando cada uma ao seu modo. Tal expressão foi um convite a refletir como as trocas podem ser referenciadas. A possibilidade de contato com outros vários diálogos e como esses diálogos possibilitaram-me entender que pode ser intenso e potente o uso da musicalidade como instrumento de afirmação. Inclusive quando elas se narram por intermédio da linguagem musical, conforme Gilroy (2001):

Examinar a música no mundo do Atlântico negro significa observar a auto compreensão articulada pelos músicos que a têm produzido, o uso simbólico que lhe é dado outros artistas escritores negros e as relações sociais que têm produzido e reproduzido a cultura expressiva única, na qual a música

constitui um elemento central e mesmo fundamental, (GILROY, 2001. p.161).

Após a elaboração da composição “Guerreiras”, escrita por Sá, iniciamos a organização das estratégias de elaboração e de produção do videoclipe, que passava pela procura por uma parceria para a gravação da música e do material visual. Na medida em que desenhamos juntas esses percursos, iniciamos a busca e os desafios e as possibilidades para a concretude do trabalho. Antes disso, Sá, nos relatou o que a levou a escrever essa letra de música. Esses relatos são objeto de análise no eixo subsequente.

### 8.2.1. Quem são as guerreiras?

Quando Sá nos ofereceu a letra da poesia escrita e reestruturada em melodia, configurando-se em *rap*, ela nos apresenta em cada frase a narrativa da trajetória das vidas daquelas Meninas e sinaliza o que seria a vida das pessoas que moram na favela. Nessa oportunidade aproveito as contribuições de Gilroy (2001), quando retrata:

A história e a prática da música negra apontam para outras possibilidades e geram outros modelos plausíveis. Vale a pena reconstruir essa história negligenciada, quer ela forneça ou não indicadores para outros processos culturais mais gerais (GILROY, 2001. p. 166).

Em virtude disso é imprescindível constatar que o *rap* reproduz uma análise e reconstitui a história negada, apontando as negligências e demarcando as resistências das populações negras da diáspora. Nessa perspectiva, apresentada a descrição de como a Menina pensou cada trecho da música em consonância com as histórias de vidas que ali se entrecruzavam que, embora narrada exclusivamente por Sá, se apresentava representada por todas ali<sup>79</sup>.

Música “Guerreiras”

S.K.S

*Guerreiras aquelas que nasceram nas trincheiras.*

Fala um pouco da nossa realidade, trincheiras, na guerra rola tiro para lá e pra cá, representa o que nós vivemos nas favelas (Sá, 19 anos).

Na referência sobre a trincheira, é possível constatar que a Menina realiza uma metáfora a respeito dos conflitos armados na favela e as trincheiras em que as pessoas se protegem em meio às guerras. A comparação me permite compreender que mesmo não declarada, a guerra permanece, cotidianamente, nos morros das favelas do País. Esse lugar, a favela, em que as Meninas vivenciam suas realidades dia após dia, é demonstrado por meio das rimas, o grande desafio de ser favelada. A reflexão de Sá me remete à obra de Carolina Maria de Jesus (1992)

<sup>79</sup> Registros do diário de campo de 02/ 05/2018.

<sup>80</sup>, ao narrar em livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, a autora indica como é a vida de uma favelado/a:

Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim (*sic*). E quando estou na favela tenho a impressão que sou o objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (JESUS, 1992, p. 38).

Tanto, *Sá*, quanto Carolina de Jesus (1992) permitiram constatar em suas falas que, embora na favela estejam presentes significativas manifestações de resistências, ambas manifestam alguma crítica às desigualdades sociais existentes nesse lugar, não se conformando com os assujeitamentos presentes nos cotidianos dos/as favelados/as. Nessa perspectiva, é compreensível que o contexto produz uma realidade, de maneira que na situação de *Sá*, das Meninas e de Jesus (1992), essa realidade não é alienante. Elas tecem análises sobre a realidade de suas vidas, muito mais no campo do espectro da denúncia do que de uma análise das estruturas do tecido social que condicionou o lugar em que se encontram.

*Lutam pela vida.*

A gente nasce sem escolha então tem que conviver com aquele povo, aquelas drogas, mesmo que a gente não queira (*Sá*, 19 anos).

Nesse trecho da música ela parece questionar a meritocracia, quando indica que não escolheram estar “naquele lugar”, ou seja, não é uma opção viver na favela. Nesse sentido, ela dialoga com os discursos críticos sobre o “mito da democracia racial”<sup>81</sup>, que remonta a uma estrutura social construída sobre alicerces da meritocracia. Sendo assim, ao menos em tese, qualquer pessoa poderia adquirir lugares de prestígio social, considerando que tudo dependeria apenas de um esforço pessoal. De maneira que, não há barreiras legais que impeçam pessoas negras de obter ascensão social a cargos oficiais e posições de prestígio e privilégios, por serem negras. Como se nascer pobre, ou favelado/a fosse uma escolha e não um projeto social (GUIMARÃES, 2006). No entanto, o mito da democracia racial é desmascarado quando são identificadas as desigualdades sociais e raciais. Quando *Sá* localiza a favela como um lugar difícil de viver e que por mais que as pessoas vivam na favela elas

---

<sup>80</sup> Fiz uso da obra de Carolina Maria de Jesus (1992) por considerar que suas reflexões em decorrência dos assujeitamentos de ser mulher, negra e favelada conectava com as questões cotidianas que as Meninas iam construindo em seus diálogos. Tendo em vista que, mesmo se tratando de literatura, a relevância de sua obra, serviu de grande contribuição para a análise desta pesquisa.

<sup>81</sup> Entendida como um mito, a Democracia Racial foi criada entre os anos de 1937 – 1944, por intelectuais daquela época tais como Donald Pierson (1942), Charles Wagley (1952), Gilberto Freire (1932), dentre outros. (GUIMARÃES, 2006).

Apesar desses argumentos ainda reverberar em alguns discursos da população brasileira, principalmente em se tratando da meritocracia, e ter dificultado os movimentos sociais e intelectuais negras/os de movimentarem por políticas de ações afirmativas, teóricas/os e ativistas da mesma época irão tencionar tais discussões, desvelando a cortina de fumaça fixada nos argumentos que defendiam o mito (MUNANGA, 2010).

não estão apáticas aos problemas que nela existam e, que não se trata de uma opção. Se pudessem escolher, provavelmente escolheriam outras possibilidades de qualidade de vida e, menos violência, *Sá* pareceu sinalizar na letra de sua música uma reflexão acerca de sua composição. Em que retrata suas condições materiais e objetivas de vida, com isso ela faz uma análise de suas condições sociais de existência.

*Nascidas e criadas no meio do subúrbio.*

*Tentando viver em meio a tanto mundo.*

São mundos diferentes, as pessoas vão pra escola as pessoas trabalham, eu dividi isso por mundos (*Sá*, 19 anos).

Mesmo vivendo no mesmo lugar, as pessoas são diferentes, existem pessoas que trabalham, que estudam, tornando evidente que as pessoas estão ocupando o mesmo espaço, porém os lugares que ocupam não são iguais. É presumível notar que, ao passo que ela apresenta a diferença, ao mesmo tempo refuta o estereótipo essencialista construído em relação ao imaginário do/a favelado/a como ser único. Algo que também ficou evidente em sua expressão é o fato de que as pessoas, mesmo convivendo em comunidade nas periferias, não possuem os mesmos objetivos, que as vivências são diferentes. Enfim, não são apáticas às questões estruturais que as subjugam nas situações precárias de violência e subalternidade.

Algumas pessoas, como as Meninas, estão em busca de mudança de suas realidades, porque percebem que há desigualdade e estão em situação de marginalização. Mesmo que exista “aquilo tudo”, como *Sá* disse, existem outras pessoas buscando outras saídas. Ao identificar a diferença, *Sá* problematiza a construção de um imaginário estereotipado e subjugado do/a favelado/a. E mais uma vez ela parece questionar como as pessoas são identificadas, ou tratadas pelo endereço de onde vivem. Pude observar que ela desconstrói, também, o mito de os/as favelados/as serem preguiçosos/as e desinteressados/as, ao passo em que localiza as ações das pessoas tanto no investimento em educação, quanto em seus trabalhos, pois é no trabalho que vem o sustento das suas famílias e, muitas das vezes, representa uma identidade de honestidade, um valor e um princípio moral, de toda forma forjado pela burguesia, mas historicamente muito presente entre a população mais pobre. Enfim, estão em busca de outros caminhos e de outras possibilidades de melhorias de vida tentando construir outros modos de lidar com as desigualdades que lhes são assujeitadas.

*Sendo levadas pela imaginação, criando expectativas aqui nesse mundão.*

*É tantas lutas e tantas guerras. Desigualdades junto à tristeza. Mesmo sendo assim, não perderam suas forças. Lutam por um mundo de igualdade e esperança.*

Tentando viver, as crianças vão pra escola, trabalha, tem o crime. Eu... A gente tentar sair daquele aglomerado, a gente cria expectativas, imagina um futuro melhor lá na frente (Sá, 19 anos).

Novamente pude notar que Sá evidencia a potencialidade das pessoas das periferias, mesmo em meio ao “mundão”, elas estariam construindo estratégias para viverem outras realidades e sonhos. Em seu relato é possível destacar uma nova percepção acerca das pessoas que moram nas favelas. Ela torna evidente que a favela não pode ser estereotipada como o lugar do crime e da violência. A Menina parece revelar que mesmo em meio ao crime as pessoas são honestas, estudam, trabalham e almejam um futuro diferente. Tal concepção tem relação com as contribuições de Jesus (1992), que em muitas das passagens escritas em seu diário relata os conflitos existentes na favela, a violência, as drogas e o seu desejo de não viver mais em meio a tanto sofrimento. A obra da autora foi escrita na década de 1960, mas em consonância com o diálogo de Sá me parece bastante atual, como ela mesma expressou: “Se eu pudesse mudar desta favela! Tenho a impressão que estou em um inferno” (JESUS, 1992, p.27). O que me toca, nesses dois modos de descrever a vida na favela, mesmo em tempos históricos tão díspares, é a desigualdade que atravessa as pessoas e não as pessoas que atravessam as desigualdades. Em todo o momento, a Menina aponta que o problema é a violência e a desigualdade, que está presente na estrutura do tecido social e não o desejo das pessoas em viver em meio a tanto sofrimento, alienadas de condições dignas de vida, da garantia de direitos fundamentais e da construção e da participação de uma experiência social de mais qualidade.

Outra questão marcante nos argumentos de Sá é o lugar em que ela localiza a escola. Em seu texto, Sá reporta a instituição escolar como um lugar de esperança, ao que ela parece nomear como saída e/ou livramento dos sofrimentos que passou morando na favela e que agora ao retornar vivencia novamente. Talvez seja possível afirmar que pensar a escola como esse lugar da esperança ainda seja um caminho de salvação social, um grande passo para que as pessoas das camadas populares possam construir muitas outras possibilidades de ler e de estar no mundo. Seria como entender que mesmo com os inúmeros conflitos existentes nas escolas ainda denotam que a escola cumpre um papel social importante na mudança de realidade das pessoas. De acordo com Cardoso (2013):

A metáfora, segundo a qual é preciso ter fé para que os santos possam agir com os seus milagres, parece se aplicar também a alguns comportamentos parentais no que diz respeito à escola. Para que as promessas escolares se transformem em rendimentos objetivos, é preciso que os pais expressem sua

fé no processo de escolarização de seus/suas filhos/as e esse movimento está articulado a uma série de expectativas, de desejos, de fantasias e de sonhos, tangíveis ou não, independente dos juízos de valores nos quais age o senso moral (CARDOSO, 2013,p.180).

As escolas são sim fundamentais, sobretudo para as camadas populares, ao desempenhar o papel de garantir o conhecimento socialmente valorizado. Elas podem ser lugares de oportunidade de ascensão social, mas nem sempre isso ocorre, pois, a ascensão depende de diversos outros fatores.

Analisando também o atual contexto em que *Sá* está vivenciando, no período da pesquisa, que passou muitos anos distanciada da favela, em escola interna e que retorna à favela para cuidar da irmã, ela aparentava estar vivenciando um choque de realidade. Mesmo tendo vivido por algum tempo distanciada da favela e voltado, ela demonstrava alguns conflitos em suas falas. Em muitas das vezes parecia não reconhecer sua própria família biológica, na medida em que relatava alguns trechos da convivência com a família. Como por exemplo, nos modos de se comportar, a falta de paciência com as maneiras com que seus parentes falavam “errado” não pronunciando a linguagem “adequada”. Isso me levou a notar, algumas vezes em suas falas, que ela apresentava estar com dificuldades de se localizar e se adaptar com aquilo que ela vivenciou na infância, mas que agora parece não se conectar com sua realidade.

*Cada um tem uma história diferente, alguns param no tempo, mas a gente segue em frente. Ultrapassando as barreiras que encontram no caminho, vivendo a vida seguindo o pergaminho. Não nasceram em nenhum berço de ouro, lutaram desde cedo para não aceitar suborno. Criadas com intuito de vencer na vida cuidando dos irmãos nas periferias. Desistir pra elas não existe, lutam para vencer mesmo estando tristes.*

Tantos lugares é a vivência de cada dia. Desigualdade e tristeza é o que rola. Mesmo sendo assim nós não perdemos nossas forças. Quem não quer ter os mesmos direitos que todo mundo? Podemos nos considerar guerreiras vencedoras já que chegamos até aqui. O mundo precisa de mais amor, não de mais dinheiro (*Sá*, 19 anos).

Ainda que, com as grandes dificuldades e os desafios, as Meninas são persistentes, ressignificam e resistem às adversidades da vida. Nesse momento compreendo o porquê de *Sá* nomear as mulheres enquanto “guerreiras”, as Meninas e, também, todas as outras mulheres da favela, seriam essas “guerreiras”. Ela parece registrar as invisibilizadas mulheres negras dentro das favelas que sobrevivem aos atravessamentos de classe, raça e gênero, assim como Jesus (1992), que sobreviveu em meio à fome e à violência. Durante as atividades de intervenção pude notar em suas vozes que as mulheres negras faveladas não são responsáveis



somente por suas vidas, são as próprias mulheres que mantêm a favela viva. Mesmo passando por muitas opressões, pela violência, pela carência de recursos básicos, ainda assim essas mulheres não desistem e, mais ainda, cuidam de seus/suas familiares, parentes e, agregados/as. Nomear-se como “guerreiras” parece o registro de que igualmente ao mesmo tempo em que elas são fortes para lidar com as adversidades existenciais, elas buscam também outros mecanismos para sobreviver em seus mundos.

Enquanto *Sá* seguia refletindo acerca do propósito da letra da música ela produziu um questionamento: “Quem não quer ter os mesmos direitos que todo mundo?”.

A provocação da Menina pode denotar uma crítica à estrutura social mais ampla, ao passo em que aparenta demarcar que as pessoas não desejam ser oprimidas, que existe uma lógica de controle social responsável pela sustentação da desigualdade social. Se fosse apenas por escolha, é muito provável que nenhuma pessoa gostaria de viver em meio a tantas dificuldades. Em suas provocações, *Sá* questiona a sociedade que maquia uma realidade em que os direitos são iguais para todos/as. A Menina contesta a realidade social que produz o discurso da escolha, mas que não garante nenhuma segurança para que as pessoas que estão em situação de vulnerabilidade e, expostas à violência e às desigualdades possam alcançar os seus anseios. Desse modo, a meritocracia é desmascarada por *Sá*, uma vez que, se as pessoas buscam no trabalho e na educação, a alternativa para uma vida melhor, é porque elas ainda ocupam espaços sociais desiguais (GUIMARÃES, 2006).

No trecho “O que o mundo precisa é de amor e, não de dinheiro” a Menina aparenta afirmar uma solução. De modo que se as pessoas no mundo estivessem mais em busca de amor, algo que indica em sua expressão denotar vínculos mais solidários de respeito, de afeto e empatia e, assim, vivermos em realidades mais iguais entre todos/as. *Sá* parece questionar o modo que o capitalismo opera na estrutura da sociedade, ao passo em que, de acordo com as suas reflexões, parece igualmente demonstrar que se todos/as valorizassem mais o amor, as relações interpessoais de modo geral e menos dinheiro, as pessoas das periferias não seriam submetidas a tantos sofrimentos. O amor, o não racional, objetivo, científico para a maioria das pessoas, é para a Menina uma espécie de abrigo para tantas desigualdades e tristezas.

*Estão preparadas para guerra, guerra de amor de carinho e atenção num mundo tão cruel não há outra solução.*

As pessoas ficam buscando a felicidade quando elas estão nos melhores lugares tipo aqui agora. O que falta no mundo é amor (*Sá*, 19 anos).

Nesse trecho final da sua reflexão, Sá retorna a enfatizar que o afeto é importante e que valorizar o que pode parecer simples seria mais importante do que valorizar as coisas materiais.

Ao construir um roteiro de como iríamos realizar os próximos passos para a gravação da música e posteriormente pensar a produção do videoclipe, eu disse às Meninas dos contatos que havia realizado com o Coletivo Terra Firme e mencionei nossas possíveis parcerias. Elas de prontidão ficaram muito interessadas no trabalho, inclusive muito ansiosas para que começassem a gravar.

Nos próximos passos irei apresentar os caminhos percorridos que guiaram uma elaboração coletiva do produto final. Em virtude disso, outras pessoas se tornarão parte desse momento de análise, no sentido de compreender como as relações se contemplam de modo geral e de que maneira elas podem resultar em aprendizado para todos/as os/as envolvidos/as.

### 8.3. A parceria

A primeira ação para seguir adiante com a proposta foi pensar as maneiras de como seria gravada a música, já que não tínhamos condições financeiras para investir neste projeto. Pensei nas redes possíveis que poderiam apoiar nossa iniciativa. Já tinha algum contato com o produtor musical e fundador do CTF e entrei em contato com ele, perguntei-lhe sobre a viabilidade para gravar a música que as Meninas produziram. Ele prontamente propôs uma parceria, que se materializou em uma troca proveitosa para ambos/as e, incluiu-nos, eu e as Meninas, em um grupo no *WhatsApp* chamado “CTF”. O grupo tinha como objetivo de concentrar as informações, cronograma para encontros, para que pudéssemos organizar a execução das atividades<sup>82</sup>.

No grupo agendamos datas, trocamos imagens e vídeos e concordamos em organizar os encontros sendo divididos entre: 1º passo: Conhecer o CTF; 2º passo: Formação para a Equipe do CTF; 3º passo: Gravação da música; o 4º Gravação do videoclipe e 5º Um possível Sarau na TS. A princípio essas foram nossas propostas de construção, muito demandada pelo Coletivo.

---

<sup>82</sup> Optei nomear os participantes do grupo do CTF de jovens na tentativa de afirmar a maneira com que eles/as se identificam.

Antes de pensar a dinâmica de como iríamos ao encontro do Coletivo, perguntei à Coordenadora do Programa Meninos da Terra se esse diálogo seria possível. Pensando que minha interlocução com as Meninas se deu por intermédio da Instituição, a coordenação aprovou o encontro. A resposta foi que o diálogo é uma parceria potente, inclusive para o Programa que, a ação com outros coletivos é uma proposta inovadora no Programa e muito promissora, algo inédito que aconteceu na TS<sup>83</sup>.

### 7.3.1. Os deslocamentos provocados pelo encontro

Neste segundo momento irei destacar algumas das impressões registradas no diário de campo, enfatizando o primeiro encontro entre as Meninas da Terra e os/as jovens do CTF.



Figura 2 - Local: Primeiro encontro na sede do Coletivo Terra Firme - Data 14/06/ 2018.

Fonte: Elaborada pela autora

---

<sup>83</sup> A partir desta interlocução os/as Coordenadores/as da Instituição estão pensando Editais que dialoguem com todos/as participantes do Programa GMT, para a produção de outros materiais audiovisuais e outras possibilidades de parcerias.

Na chegada ao local<sup>84</sup>, nos apresentamos e eu relatei sobre a proposta da pesquisa e sobre nossa intenção em dialogar com o coletivo. Os jovens e a jovem do Coletivo se apresentaram, disseram de suas ações dentro e fora do coletivo<sup>85</sup> e as Meninas também se apresentaram, em breves palavras, dizendo seus nomes, suas atividades e a intenção do encontro.

Disse a eles e a ela sobre a pesquisa que estava realizando juntamente com as Meninas e sobre a música que *Sá* havia produzido e, eles e ela pediram para que a Menina cantasse. Ela resistiu a princípio, mas com muita insistência acabou cantando. Após cantar a canção, foi possível notar a admiração dos jovens e da jovem do coletivo. Eles e ela parabenizaram *Sá* pela intensidade e força da música. Um dos jovens disse que estava pensando o *beat* para a música, depois que escutou ela cantar.



Figura 3: - Primeiro encontro na sede do Coletivo Terra Firme - Data: 14/06/2018  
Fonte: Fábio Souza - motorista da Terra da Sobriedade.

<sup>84</sup> Nesse momento será destacado algumas conversas registradas no caderno de campo, para identificar algumas questões que considerei significativas para a análise deste momento na pesquisa.

<sup>85</sup> Dentre as ações do coletivo a que se destacam são: Batalha da Rocha, Sarau Café com Letras, Cine clube Terra Firme, Batalha do Texas, Islam Trincheira, Projeto CTF nas escolas e intervenções, **Mimeografado**.

Durante nossas conversas no grupo pensamos nos próximos encontros que seriam duas datas para a formação. Ao perguntá-los quais temas eles/as gostariam que pudéssemos desenvolver nas discussões juntos/as. Disseram-me que aparecem questões muito recorrentes na escola que atravessam gênero e raça e que, quando disse da proposta da pesquisa eles/as se interessaram muito pela discussão, os conflitos entre o tráfico de drogas na escola também foi algo que gostariam de conversar sobre as possibilidades em lidar com tal situação. Disse a eles e a ela que pensaria sobre nossas conversas e retornaria com algo que pudéssemos problematizar juntos/as (Diário de campo, 14/06/2018).

O grupo demonstrou bastante engajamento político, em seus modos de se posicionar. Foi possível ressaltar neste primeiro encontro a intensidade com que parecem lidar com as questões sociais e, suas sensibilidades críticas. Demonstraram tais atitudes na preocupação com as questões que envolvem as alunas negras na escola e, procuravam uma oportunidade em aprofundar nas discussões para que pudessem lidar com elas.

Ao retornar para casa, as Meninas começam a cantar alguns *funks*, em um intervalo de tempo *Viih* canta a música “Nove meses”, música que está presente no repertório das Meninas desde o dia em que solicitaram gravar tal música, como mencionado anteriormente. *Viih* gosta bastante de cantar, em alguns momentos a vi cantando algumas músicas, com um repertório bem demarcado por canções de *funk*. Mesmo assim, ela relata que gosta mais é de dançar e gostaria de fazer aula de dança. Já *Belinha*, parece ter mais afinidade com as filmagens, gosta de filmar e fotografar nossos encontros. Como havia dito no Capítulo I dessa Dissertação, a Menina é dançarina de um grupo de quadrilha, entre uma habilidade e outra ela sempre parece ter dedicação em aprender.

Quando chegamos a Belo Horizonte, aproximando da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), *Sá* olhando da janela do carro, nos disse:

*Sá*: “-Vou estudar ai em breve e aqueles jovens (aponta para os/as estudantes que estavam no bar ao lado da universidade), serão meus colegas”.

*Belinha* refuta: “-Vai sonhando!”

Perguntei à *Sá* em qual faculdade desejava estudar. Ela respondeu que irá fazer Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) para estudar na Faculdade de Teatro. Respondi dizendo que ela tem muita capacidade de ingressar na Faculdade de Teatro da UFMG, porque é muito talentosa e inteligente (relato diário de campo, 14 de junho de 2018).

A todo o instante as Meninas diziam dos seus sonhos e, conseqüentemente, dos desafios para conquistarem os seus objetivos futuros. No caso de *Sá*, ter que abandonar os estudos para

cuidar da irmã acabava dificultando os próximos passos para seus sonhos. Mesmo assim elas não demonstraram desânimo, ao contrário, geralmente percebi que elas procuravam soluções cabíveis para almejar seus anseios. E foi assim que *Sá* continuava afirmando que não pretendia desistir dos estudos, apesar das dificuldades.

No eixo seguinte serão apresentados os momentos da formação no CTF, os trechos analíticos também enunciados por intermédio dos registros do diário de campo.

#### 8.4. As formações

O segundo encontro foi na intenção de realizar a formação juntamente com os/as jovens do CTF<sup>86</sup>. De acordo com a demanda do coletivo, nos organizamos em dois encontros<sup>87</sup>. No primeiro dia, me organizei para tratar sobre uma das problemáticas que trouxeram o tráfico de drogas na escola. Ao chegar ao coletivo, aguardei os jovens terminarem a atividade no local. Eles aparentavam bastante cansaço, mas se dispuseram a sentar para conversar um pouco a respeito da proposta de nosso diálogo. Iniciei com uma pequena introdução ao conceito de Escola Popular<sup>88</sup>, expliquei brevemente sobre a contextualização histórica da Educação Popular e de que maneira os estudos sobre o tema pudessem ser pensados de acordo com os dilemas apontados por eles e ela<sup>89</sup> dentro de uma escola com inúmeros conflitos. Fazendo uma inferência entre educação popular e os conflitos cotidianos da escola de modo geral. A demanda deles/as veio por meio dos impasses em que vivenciam quando estão ministrando oficinas nas escolas públicas próximas à região em que vivem. Possibilitando fazer um exercício de pensar saídas para tais conflitos, levei um material e deixei com eles para auxiliá-los e auxiliá-la a pensar em estratégias cabíveis de acordo com os desafios em que circundam<sup>90</sup>.

Aproveitei o momento para narrar um pouco sobre a obra de Carolina Maria de Jesus “Quarto de Despejo” (1992), para indicar sua realidade cotidiana. E disse a eles/as que minhas referências para produzir pesquisa precisam dialogar com quem estou comunicando e comigo

---

<sup>86</sup>As Meninas não participaram dessa atividade, não porque não seria importante para elas, mas pela questão da logística, a distância, os agendamentos das datas impactou em suas presenças em alguns encontros.

<sup>87</sup>Data: 26 e 27 de Junho de 2018

<sup>88</sup>Cf. (MACIEL, 2011).

<sup>89</sup>Uma das ações do CTF é promover oficinas de rap e poesias para as escolas aos arredores das comunidades.

<sup>90</sup>“*Jah é*” trata-se de um quadrinho produzido por jovens da Pedreira Prado Lopes (BH), em que narra a trajetória de jovens no tráfico de drogas sobre a perspectiva dos próprios jovens.

também. Uma tentativa de mostrar que o tráfico de drogas é um pano de fundo que encobre algo mais complexo é compreender os jogos de poder que mantêm esse pano de fundo para auxiliá-los e auxiliá-la a lidar com a questão de maneira menos penosa. Nesse sentido, entender a comunidade e seus/suas moradores/as é um processo que necessitaria de tempo e aproximação. E os materiais utilizados, talvez, fossem mais envolventes se conversassem com suas realidades. Eles e ela são moradores da comunidade, além de participarem ativamente de um Coletivo, são negros/a e periféricos/a, também. Esta pode ser a aproximação entre eles e os/as alunos/as da escola, o que tivemos a oportunidade de conversar durante um bom tempo. Após nossa conversa, percebia que tinham compreensão das coisas que lhes dizia, o dilema era lidar com tudo isso no dia-a-dia, já que o obstáculo é encarar toda a violência, não concordando com ela e tampouco com a repressão que o estado insiste em utilizar como método assertivo para o fim da violência.

Conversamos a respeito de reivindicar a escola. No sentido de, apesar da violência que possa acontecer, a escola é ainda muito importante para quem estuda e, a educação é um direito social público subjetivo, dever do Estado e da família. E que todos/as, principalmente os/as jovens, precisam reivindicar o seu direitos à educação. Nesse instante, os jovens e a jovem trouxeram uma questão muito importante para o coletivo, identificaram que mesmo com a atitude em propor um diálogo em conjunto com a escola, as forças contrárias permanecem duras e muito intensas.

Na medida em que fui compreendendo as angústias deles e dela, jovens negros/a e, a dualidade em fazer um esforço inverso, de contribuírem para uma educação de qualidade, disse-lhes que a escola é também deles, dela e dos/as alunos/as. *Gigi* refutou-me dizendo que as escolas são dos/as alunos/as, mas não podem fazer nada na escola e, que a direção e coordenação inclusive dificultavam até mesmo suas intervenções nas escolas. E o diálogo foi seguindo, no sentido de perceber os conflitos de eles e ela proporem atividades para as escolas e, os/as profissionais das escolas por sua vez, dificultarem suas ações. Outro aspecto que tornou evidente foi o tráfico de drogas pressionando a instituição e, a luta de forças dentro da comunidade, em presenciar alunos/as tendo que viver em meio a dois extremos. Apesar dos conflitos eles e ela disseram que os/as alunos/as gostam muito das atividades que eles propõem. E que estar na presença deles/as e poder construir algo por meio da arte lhes provoca sensações muito significativas.

Finalizamos o primeiro encontro buscando aspectos que poderiam, talvez, consolá-los e consolá-la, ao passo que mudar a realidade em um dia seria impossível. Em sequência com o diálogo disse-lhes que mesmo com as dificuldades que possam aparecer no campo da educação e, que esses desafios não estão somente no contexto escolar, lidar com os/as alunos/as de maneira a dialogar sobre inúmeras questões, inclusive o desafio, pode ser um caminho possível para construir algo positivo em meio a tantas dificuldades. E que a educação popular nos ensina, que não há uma posologia assertiva para resolver os problemas cotidianos que estão atravessados por inúmeras questões de opressão, precisamos de mais tempo para entender esses atravessamentos e esses/as sujeitos/as e, agir com eles/as de maneira crítica, política e propositiva.

Em meio a nossas conversas, disse-lhes que provavelmente passaram por questões bem difíceis em seus cotidianos, mesmo assim optaram por fazer um trabalho que pudesse dialogar com a própria comunidade, com as crianças e os/as jovens, se preocupam e se importam. Fazem da poesia e do *rap* algo sublime, levam arte para a escola, arte de rua. São jovens que de algum modo reivindicam o espaço de autoridade de suas vozes e a propor discussões políticas e sociais em suas comunidades. De algum modo a meu entender, esses/as jovens já estão provocando grandes rupturas em suas comunidades e nos espaços que frequentam, assim como as Meninas da Terra, que estão ressignificando os seus olhares sobre as comunidades e sobre si mesmos/as.

Logo após o encerramento de nossas conversas convido eles/as a propor algum diálogo para o próximo encontro. *Zerê* disse-me que a questão de gênero e raça é algo que ele ainda precisa conhecer mais sobre o assunto, inclusive para trabalhar nas escolas por lá ter muita “mina preta”<sup>91</sup>. Os outros jovens concordam e, *Gigi* disse que seria muito importante mesmo falar sobre o assunto. Porque de acordo com relatos da própria jovem, ela se sente meio cerceada no Coletivo por ser até o momento a única mulher presente dentro deste. Relatou, também, um acontecimento na escola de duas crianças “brincando” de lutinha, um menino e uma menina negra, o menino bate muito na menina e ela se defende. Ela disse que naquele momento ficou pensando; se fosse uma menina branca ele bateria daquela maneira? Ela ainda reforça que talvez a menina nem quisesse brincar de lutinha, mas é a única forma de interagir com os meninos. Nesse momento, refletindo junto com ela disse-lhe que talvez seria a única maneira da menina ser tocada. *Gigi* aparentando angustiada com a situação, pergunta aos jovens se tivesse acontecendo com eles uma situação parecida, se fariam alguma intervenção? E eles disseram que sentem dificuldades em determinadas situações presenciadas na escola e, que talvez nossa próxima conversa poderia ajudar em algo (Diário de campo: 26/06/2018).

---

<sup>91</sup> Mina preta maneira dos/as jovens nomear as mulheres jovens negras de maneira positiva.



Pensando nos atravessamentos apontados por *Gigi* e, pelos outros jovens homens, pensei nas questões apontadas e desenvolvi a proposta de discussão para o segundo encontro direcionado para as questões que foram sendo desenvolvidas no decorrer dos acúmulos teóricos utilizados na pesquisa e, também, pela minha própria condição de mulher negra e militante.

No dia 27 de Junho cheguei ao encontro para mais um diálogo, dois dos jovens pararam as atividades na obra de construção, *Gigi* os chamou para começar a atividade, outro jovem ainda estava por vir. Iniciei a apresentação com uma breve contextualização da diferença entre o feminismo e feminismo negro, tendo como referência Angela Davis (1980) traçando um breve deslocamento das mulheres negras, com ênfase nos Estados Unidos, mas que serviu muito para perceber algumas semelhanças com o Brasil, desde os períodos da escravidão até a urgência da abolição penal, na atualidade, no sistema carcerário. Tenho como suporte, também, as contribuições da obra de Juliana Borges (2018). Fiz uso dos estudos da autora Kimberlé Crenshaw (2002) para dialogar brevemente a respeito da concepção de “Interseccionalidade”, com foco específico nos atravessamentos de raça, classe e gênero e, por conseguinte as características específicas das pautas das mulheres negras. Na tentativa de traçar uma aproximação territorial utilizei dos estudos da autora Lélia Gonzalez (1980) “A mulata, a empregada doméstica e a mãe preta”, esboçando um breve panorama histórico da realidade das mulheres negras, no período escravocrata, como os fatores da raça, classe e do gênero são condicionantes que oprimem as mulheres negras em alguns aspectos específicos das realidades das mulheres brasileiras.

Para elucidar a respeito de representatividade da mulher negra na sociedade utilizei como referência a Dissertação de Iara Félix Viana (2013). Abordei alguns exemplos a respeito da representatividade midiática para localizá-los/as nos lugares da invisibilidade e sub-representação das mulheres negras. A respeito do que é lugar de fala, fiz uso da concepção de lugar de falar da autora Djamila Ribeiro (2017). Para finalizar realizamos uma leitura de algumas poesias da escritora e professora Conceição Evaristo pelo fato de ter percebido que eles e ela produzem poesias, em suas letras de *rap* e em suas escritas.

A conversa foi muito proveitosa, confesso que esse foi um dos momentos em que mais me senti confortável para conversar sobre o tema, me sentia mais segura e empolgada. Parece que esse instante pulsava em meu corpo inteiro, como se estivesse vibrando por dentro

inúmeros gritos a cada vez que citava a teoria de alguma autora. Para tornar o diálogo mais potente, levei algumas obras publicadas tais como, *Mulheres, Raça e Classe*, Angela Davis (1980); *O que é encarceramento em massa?* Juliana Borges (2018) e *O que é lugar de fala?* Djamila Ribeiro (2017). Apresentar-lhes os livros de algumas autoras negras foi na intenção de incentivá-los/as a conhecer essas e outras obras de escritoras negras, todos/as ficaram bastante interessados/as em pesquisar a respeito das obras e das autoras. E lembrar que negros e negras produziram e estão produzindo pesquisas, poesias e tantos outros gêneros, como um incentivo e fortalecimento das suas produções.

Foi possível notar nesse encontro que *Gigi* ficou muito mexida. Ela dizia de muitos momentos em que passou por situações de racismo e sexismo e, os meninos escutavam atentos. Apareciam muito relatos de vivências deles/as, mas percebi que *Gigi*, a única mulher no grupo até o momento, havia aproveitado aquele instante para dizer de suas angústias e anseios, como se fosse uma oportunidade de desabafar sobre o que estava sendo silenciado dentro de si.

Aproveitei a oportunidade para expor um vídeo em que Djamila Ribeiro (2018) retrata sobre “O que é lugar de fala?”<sup>92</sup>. Eles/a gostaram bastante e, ficaram interessados/a. O assunto sobre lugar de fala foi intenso, para localizar a masculinidade nesse momento, citei como exemplo para provocar a discussão uma roda com meninos em que uma menina tem interesse de se expressar e acaba por muitas das vezes sendo silenciada pelos meninos. Digo a eles, que nas rodas de conversas entre meninos e meninas em grupos, elas até tem a intenção de dizer algo, mas os meninos costumam não deixar. E o que acham disso? Eles concordaram e disseram de vários exemplos que podem contribuir para o silenciamento das mulheres negras.

*Gigi* demonstrou estar bastante envolvida com a discussão, no momento em que expus a imagem de uma fotografia publicada no ano de 1991, no jornal do Estado de São Paulo<sup>93</sup>, ao qual apresenta uma entrevista com Lélia Gonzalez, na imagem há um homem negro e uma mulher negra se beijando, o chamado era: “Beije sua preta em praça pública”, pauta de luta inclusive revisitada na atualidade. A jovem ficou bastante empolgada e, disse que iria postar a imagem no mesmo dia nas redes sociais. Conversamos sobre o homem negro assumir a

---

<sup>92</sup> Canal curta! - O que é lugar de fala? Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=S7VQ03G2Lpw>> Acesso em: 27 Jun. 2018.

<sup>93</sup> Blogueiras Negras: Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/wp-content/uploads/2013/07/entrevista-lelia-mnu.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

mulher negra, a relação que Lélia Gonzalez apresenta nessa entrevista os papéis sociais da mulher negra. Ela, praticamente, inaugura as discussões sobre a solidão da mulher negra, ao reivindicar que os homens assumam suas mulheres negras. Aproveitando a oportunidade do diálogo, *Gigi* nos disse que o mais importante que considera em um parceiro afetivo, é que ele a assuma e que ande de mãos dadas com ela na rua.

Passei por alguns segundos pensando o que a jovem poderia suportar ao lado de um homem, simplesmente por andar com ela de mãos dadas na rua. E escutava atentamente ela dizer das angústias nos relacionamentos que já vivenciou, principalmente com homens brancos e, disse-nos que apesar do homem ser branco é o único que tem coragem de assumi-la em praça pública, em seguida afirmou que os negros não faziam isso.

Após a conversa proveitosa e, muito importante para todos/as nós, eles e ela me fizeram uma proposta de estender a parceria e inclusive contribuir em cantar em um dos trechos da música, em fazer uma visita a TS para conhecer o espaço e ensaiar a música e uma possível proposta de um Sarau dentro da instituição. Achei a proposta muito interessante e, conversei com as Meninas que também gostaram. Decidimos em conjunto que o próximo encontro então seria na Terra da Sobriedade para o ensaio e para que os/as jovens pudessem conhecer a entidade.

#### 8.5. O ensaio na Terra da Sobriedade

No dia 26 de Junho de 2018 às 14h00minh, os/as participantes do Coletivo (*Gigi*, *Zerê*, *K-Draba*, *Bruna*<sup>94</sup> e *João*), vieram à TS para ensaiar com as Meninas. Nesse dia, estavam presentes (*Vick* com seu filho, *Sá* e *Viih*). A princípio eu e *Sá* mostramos alguns dos espaços da Instituição para eles/as e, falamos um pouco a respeito dos projetos que acontecem na Terra. Logo após, nos organizamos na quadra esportiva para ensaiar a música juntamente com o *beat* que seria incluído na canção.

No momento em que estávamos na horta, *Zerê*, um dos integrantes do Coletivo, fez-me o questionamento a respeito da religião na Instituição, se há momentos de cultos, de orações dentro do espaço da Terra da Sobriedade? Segundo ele, havia pesquisado sobre algumas

---

<sup>94</sup> Bruna participou recentemente do grupo, em virtude disso, que ela aparece somente nas anotações a partir deste eixo de análise.

informações a respeito da Terra. Respondi-lhe que o princípio da Associação é o de acolher qualquer manifestação religiosa, sendo um espaço ecumênico e aberto ao diálogo. No entanto, apesar da liberdade religiosa, parte da referência cristã para orientar suas reflexões principalmente nos intervalos das refeições, em alguns espaços há representação dos signos do cristianismo católico, especificamente, como imagens de santas e de Jesus Cristo. Mesmo que o espaço seja aberto para outras religiões há uma referência cristã marcante, como apresento nas reflexões do Capítulo I desta Dissertação.

Uma característica notável nos/as jovens do grupo CTF, é a maneira com que se expressam, aparentando uma maior liberdade e perspectiva crítica. Em meio às questões, considerei interessante de eles/elas, antes de chegar à Instituição, procurarem pesquisar informações sobre a TS. Mesmo assim, suas maneiras de se manifestar não mudam de acordo com a Entidade, porque são contextos vivenciados de maneiras diferentes e, mesmo entendendo seus princípios, estão submersos em contextos diferentes, por isso em alguns momentos se desculpam com algumas atitudes que não consideraram sendo adequadas para a Instituição.



Figura 4 - Ensaio da música - Local: Terra da Sobriedade - 26/06/2018  
Fonte: Elaborada pela autora.

Durante o ensaio, *Sá* cantou a música. *Viih*, também cantou, mesmo que acanhada, mas acompanhava a música. Tentavam encaixar o *beat* com a letra e, adequar os espaços em que o

refrão poderia entrar na canção e permanecemos por alguns instantes nesse exercício. Outras questões, também propostas foram pensar os lugares a serem gravados. *Gigi* propôs de as Meninas escolherem lugares legais em suas comunidades. *Belinha* já havia mencionado anteriormente sobre as pichações nas paredes dos muros do viaduto, em Belo Horizonte. A proposta era que eles/as pudessem organizar os tempos e os espaços para a gravação do videoclipe.



Figura 5 - Ensaio da música - Local: Terra da Sobriedade - 26/06/2018  
Fonte: Elaborada pela autora

A turma do CTF é bastante afetuosa, mantendo manifestações como abraços e beijos entre si o tempo todo, inclusive entre os jovens meninos. Percebia muitas das vezes as Meninas da Terra olhando para eles/as com olhares reflexivos, como se vivessem em espaços totalmente diferentes. As maneiras em que os dois grupos, Meninas da Terra e jovens do Coletivo Terra Firme foram se encontrando, se deslocando e se conectando me instigou algumas análises acerca das diferenças às semelhanças que o encontro propiciou.

#### 8.5.1. Das diferenças às semelhanças

Na medida em que as Meninas e os/as jovens se encontraram foi possível notar alguns aspectos que os diferenciava e outros tantos que os aproximava. Com a união, o contato e a

construção coletiva, foi imprescindível reconhecer mesmo convivendo em territórios afastados, em estilos e maneiras distintas de ler o mundo, podem se conectar e, a música nesse sentido foi a primeira conexão.

As primeiras características que apareciam a ponto de que cada um/a dos grupos tivessem suas especificidades tinha relação com as indumentárias, de um lado as Meninas com seus shorts e camisetas que marcavam o formato dos seus corpos e seus cabelos na maioria das vezes amarrados, com exceção de *Sá* que, geralmente se vestia de preto, roupas bastante soltas pelo corpo e fazendo uso permanente de boné. Do outro os/as jovens com os cabelos cacheados e crespos bem expressivos, suas vestimentas eram bastante expressivas também, afirmando um estilo próprio, descolado e artístico. As identidades em suas vestimentas denotam de dois grupos de jovens negros/as oriundos das periferias de Belo Horizonte e Região, Leste, Metropolitana de Belo Horizonte, que se manifestam em suas indumentárias bastantes características, um modo de pertencer a determinado grupo. O que não aparecia nesses dois grupos, era um estilo único. Ao contrário, percebia que embora algumas características marcantes presentes em seus modos de apresentar, havia algo muito específico em suas subjetividades que fazia com que cada um/a tivesse seu estilo próprio rompendo com o estereótipo que separa grupos. Ou seja, apesar de serem endereçados de um local específico, que os fazem pertencer a algum grupo, eles/as advém de muitos signos da sua própria concepção de mundo e, as leituras que os/as cercam dizem muito dos seus modos de ser no mundo, um grupo em específico torna-se muito reduzido para dizer da imensidão em ser jovem.

Outro aspecto que chamou a atenção foi a postura deles/as. De um lado, as Meninas mais acolhidas e observadoras, do outro, os integrantes do grupo pareciam mais expressivos. Eles/as apresentavam mais facilidade em interagir com o novo, as Meninas, por sua vez, no primeiro momento permaneciam acanhadas, mas com o tempo iam se permitindo interagir com eles/as.

Mesmo com algumas diferenças, as duas turmas tinham objetivos bastante comuns, entre eles o envolvimento com a musicalidade e, nesse momento se conectaram. Foi interessante perceber que eles/elas tinham a música como inspiração para lidar com as adversidades características da juventude. Muitos deles/as fazem uso da cultura para potencializar as suas manifestações identitárias. Em conformidade com Dayrell (2002):

O mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil. Longe dos olhares dos pais, professores ou patrões, assumem um papel de protagonistas, atuando de alguma forma sobre o seu meio, construindo um determinado olhar sobre si mesmos e sobre o mundo que os cerca (DAYRELL, 2002, p. 119).

Nessa perspectiva, a relação com a musicalidade de algum modo os conectam por intermédio da afinidade com o mundo da cultura. Nesse momento, poderia interpretar que eles e elas falam a mesma língua, mesmo sendo em ritmos diferentes.

Uma questão não menos importante tratava da proposição política entre os grupos. De um lado, as Meninas da Terra que, embora não se classifiquem como um grupo em específico, no decorrer de nossos encontros, foram demonstrando que são potencialmente politizadas e refletem criticamente acerca das precariedades do mundo e das condições que as atravessam seja pelo fato de serem mulheres, seja pelo fato de serem negras, ou não padronizadas de acordo com a norma. Elas afirmavam que para ser política e, ou reivindicar seus direitos não necessariamente precisaria de se reunir em um grupo. Fato que marca essa questão é na medida em que optam por não pagar passagem nos ônibus para se locomover, elas pulam a roleta do ônibus ou pedem para sair pela porta da frente, demonstrando nessas atitudes sua condição juvenil<sup>95</sup> e o direito ao acesso a cidade. Elas afirmam também sua posição política e crítica ao passo que produzem uma música na dimensão que escreveram. E nas opções das músicas que escutam em seus cotidianos, rompem com o estereótipo de pertencer a um único gênero musical e, transitam em vários estilos, escrevem músicas, dançam e produzem videoclipe.

Embora o período de contato com o grupo do CTF não tenha sido o suficiente para perceber outras preferências musicais, era visível a posição política em suas rimas no *rap*, na poesia e nos modos de dizer e se vestir. Nos diálogos que nos propomos a desenvolver, percebia que eles/as apresentavam uma noção das discussões sobre feminismos, sobre racismo e sobre machismo entre as pautas juvenis dos movimentos sociais. Eles/as parecem mais engajados/as nas questões dos movimentos sociais. As gírias e modos de se portar nas relações afetivas eram bastante visíveis. Este grupo em específico participavam de organizações juvenis, encontros de mulheres negras, estavam sempre envolvidos em reuniões

---

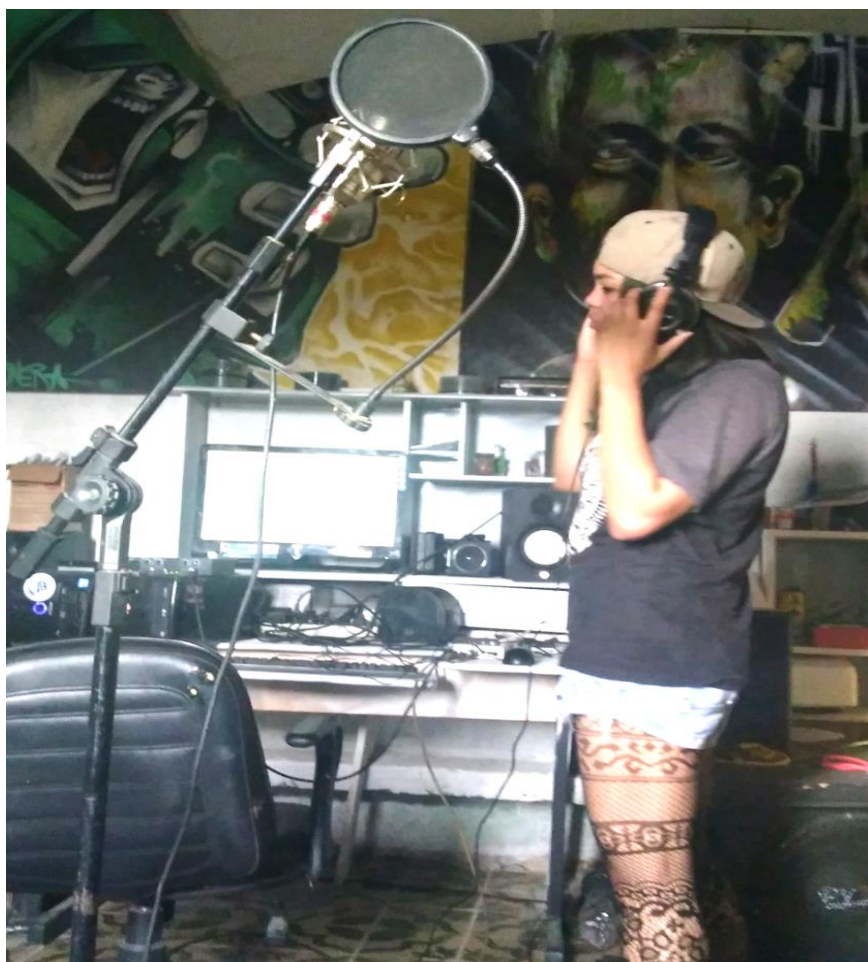
<sup>95</sup> Sobre a concepção de “Condição Juvenil” Cf. (DAYRELL, 2005).

e eventos que, na maioria das vezes, tinha relação com juventude negra e periférica, como eles/as relataram.

Nesse momento as vozes se ampliam, no encontro dos dois grupos unem-se outras vozes, outras urgências, propiciando indagações, questionamentos e, proposições dialógicas e coletivas ressurgindo outras perspectivas de ser e estar no mundo e deslocando-o. Desse modo, o tópico subsequente irá apresentar de maneira propositiva como as vozes se uniram para um mesmo objetivo.

#### 8.5.2. A gravação da música

Entre idas e vindas, encontros e desencontros, nos organizamos para a gravação da música<sup>96</sup>. Ao iniciar a gravação, *Sá*, a princípio, estava com muito receio e, pediu para que eu participasse da gravação da música como havíamos ensaiado juntas.



<sup>96</sup> No dia 08 de Outubro de 2018 fomos eu e Sá, juntamente com o motorista da Terra, para a gravação da canção.



Figura 6 - Gravação da música: Guerreiras - Local: Sede do CTF - 14/08/2018

Fonte: Elaborada pela autora

No momento da gravação, em muitos instantes de descontração, conversas e, tentativas, *Sá* foi paulatinamente se tranquilizando e deixando a sua voz fluir e depois de repetidas vezes a música foi gravada. *Gigi* como havia mencionado interesse em participar da música, após a formação sobre raça, gênero e classe que ministrei em nosso encontro, produziu um trecho de uma poesia para acrescentar na música e o trecho complementou a canção. *Sá* ficou muito empolgada com o resultado da música e, de prontidão já solicitou que nós realizássemos o videoclipe<sup>97</sup> para fechar essa etapa.

#### 8.6. Da caminhada até a gravação do videoclipe... aos novos passos

Desde o começo de nosso encontro, até o encerramento dessa longa jornada, algumas questões foram aparecendo. Nas idas e vindas, os tempos de intervalo entre um encontro e outro, entre uma atividade e outra, fui percebendo alguma desmotivação por parte das Meninas. Percebendo o longo período permeado por encontros e desencontros, de trabalhos juntas, seria comum o cansaço e o desgaste. Das quatro que permaneceram, *Vick* é a que mais se ausentou como já havia alertado. O fato de ter um bebê acabou por mudar sua rotina. *Sá*, *Belinha* e *Viih* continuaram nas atividades com mais frequência, mesmo em alguns encontros não podendo participar, horas uma deixava de ir, horas outra. Percebi nesse processo vários atravessamentos que tinham grande relação com o próprio cotidiano de cada uma delas.

Os encontros e os desencontros aconteceram também por parte da organização do calendário, nosso, Meninas da Terra e eu e, dos/as jovens do CTF. Em alguns momentos, aconteceu de desmarcarmos os encontros no dia, por parte dos dois grupos. Comecei a perceber que esse processo, de uma construção coletiva, em se tratando de dois grupos bastante distintos necessitaria de tempo para reelaborar outras estratégias de diálogos. Para que as Meninas e os jovens pudessem se perceber, se compreender e construir algo junto.

O tempo estendido, os territórios muito distantes um do outro e todos os outros atravessamentos cotidianos deles/as, me fizeram entender que esse processo precisa ser

<sup>97</sup> A despeito da produção do videoclipe, a edição não foi realizada com as Meninas como combinado pelo fato de o tempo não permitir esse momento. Dessa maneira, o videoclipe foi editado e produzido por Júlio Code, rapper e produtor de vídeo. Mas as gravações das cenas, as opções pelos locais, posicionamentos, performances e propostas de enquadramento para o videoclipe foram opções das Meninas.

compreendido em seus tempos. Apesar do compromisso e da implicação de todos/as no trabalho coletivo, as suas realidades são permeadas por inúmeros contextos, econômicos e sociais que, dificultou a dedicação mais intensa nas atividades da produção do videoclipe.

Após a gravação da música, nos encontramos novamente para filmar algumas cenas para a gravação do videoclipe<sup>98</sup>. As Meninas optaram pela atividade na TS, foram chegando aos poucos e se maquiando. *Viih* em especial, optou pelo cabelo solto e, solicitou que nós modelássemos seus cachos. As Meninas optaram pela escolha dos espaços de gravação e, *Belinha* organizava o enquadramento da câmera e, durante as performances eu registrava as cenas. A princípio elas ficaram acanhadas, mas com a repetição da gravação e a descontração elas foram construindo as entradas, saídas, posturas, caras e bocas nas gravações. As Meninas gravaram cenas de espaços também na comunidade para integrar na construção do videoclipe.

Além da gravação da música e da produção do videoclipe, elas me propuseram gravar a música “Nove meses” que fez parte da trilha sonora dos nossos encontros, sendo cantada por elas. Nosso próximo passo que se estende à pesquisa será a gravação da música. De maneira que, a pesquisa se encerra nesse trabalho, mas outros frutos serão colhidos em virtude desta experiência formadora.

---

<sup>98</sup> A gravação aconteceu no dia 14 de Dezembro de 2018 com a presença de *Viih*, *Sá* e *Belinha*.

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre inúmeros desafios e dilemas, chegar nesse momento e perceber que se materializou em resultados inimagináveis me conforta a perceber que concluímos o propósito da pesquisa. Entendendo que ao se tratar de seres humanos, a única certeza é a de que estamos em processos longos de construção. Os tempos e os espaços vão se modificando e nós seguimos junto com eles. A tentativa de provocar discussões como gênero, raça e classe foi desafiadora, pois apesar de já ter amadurecido em minha trajetória algumas questões sobre os temas, buscar as respostas das inquietações das Meninas da Terra foi uma proposta ousada. Entender essa complexidade em meio a jovens meninas, negras e periféricas é ainda mais ousado, inclusive por compartilhar os atravessamentos de ser negra e periférica, assim como elas. A única certeza que tinha era que não haveria a menor possibilidade de lidar com essas questões com tranquilidade. Essa experiência, de fato, me provocou constantes incômodos. O silêncio delas, as expressões e as suas falas marcaram encontros com muita intensidade. Em momentos que as escutava me via em meio às experiências delas e, pensava quantas histórias não cruzam em realidades tão parecidas?

Ao longo de nossa jornada passamos por caminhos repletos de encontros, desencontros, alegrias e tristezas e muito aprendizado. Uma sensação de missão quase cumprida, pois talvez esse trabalho para conclusão nos auxilie a entendê-lo com encerramento de uma pesquisa, mas como início de outras possibilidades de reflexões e construções coletivas. Diria que esse momento é o início para novas perspectivas tanto para as Meninas, quanto para mim que aprendi a cada passo dado ao lado delas e das pessoas que contribuíram também para a construção deste trabalho.

Para demonstrar como chegamos até aqui, tomo como primeiro passo, descrito no Capítulo I desta Dissertação, o que me levou a pesquisar o Programa Meninos da Terra, em especial, as Meninas que participam do Programa. Ao pisar na Terra, eu vi e senti coisas que me tocaram, mas foram as Meninas e os meninos da Terra que me deixaram marcas mais profundas. A relação que eles/as tinham com o espaço/lugar da Terra e, com os integrantes da Instituição me chamava a atenção. Algumas questões me inquietavam em relação ao significado que aquele Programa tinha para eles/elas, dentre os quais, muitos/as retornarem sempre à Terra, em quinze anos do GMT, nem que seja para matar a saudade das pessoas. O fato de eles/elas

chegarem do *baile funk* ao amanhecer e irem direto para a TS era outro fenômeno interessante. No entanto, o que me levou a buscar as questões que envolvem as Meninas que participam do Programa para um possível diálogo com o problema da pesquisa, teve relação com alguns aspectos que foram me sinalizando questões decorrentes dos modos como aconteciam as relações entre os/as meninos/as no momento em que estavam na Instituição. O que me incomodava eram as maneiras com que se ofendiam. Muitas das vezes, os aspectos mais recorrentes da ofensa estavam direcionados a seu pertencimento étnico-racial, as meninas negras principalmente eram esteticamente agredidas. De maneira que, seus traços negros, cabelos e corpos eram sempre alvo de racismo.

Na medida em que ia percebendo essas questões, fui moldando em mim algumas perguntas, mas a que me trouxe para o objetivo desta pesquisa era analisar, como as Meninas percebem e lidam com suas complexas existências sociais sendo atravessadas por aspectos próprios de ser mulher e negra, verificando quais são as suas estratégias de (re)significação de um lugar que por vezes pode se apresentar como estereotipado. Em virtude disso, busquei analisar como elas se percebem nos espaços de convivência dentro e fora da Terra da Sobriedade e, de que maneira elas elaboram suas próprias perspectivas sobre si mesmas.

Foram longos os caminhos até a chegada de algumas considerações que podem parecer como finais, dentre elas optei por destacar alguns aspectos relevantes que possam ser definidos como conclusivos até este momento de estudo.

Os acúmulos teóricos, analisados no Capítulo II desta Dissertação, serviram para entender como os processos de silenciamento corroboraram para um apagamento histórico das populações negras da diáspora, dentre elas as mulheres negras. Na contextualização histórica constatei que em muitos processos de silenciamentos, tais como a própria identidade dos povos negros, foram apagadas, assim como a negação ao ingresso no ensino básico, acontecendo tardiamente. Na atualidade são visíveis, algumas demonstrações dos danos do longo processo de invisibilização, dentre eles o desserviço da mídia de massa para as populações negras, que mesmo tendo avançado nas estratégias de representação de negros e negras ainda caminha em passos lentos.

O que é importante evidenciar nesse processo ardiloso contra as populações negras, apesar de muito intensa e violenta, não se concretizou integralmente, destaca-se nas tensões e demandas

do Movimento Negro a luta antirracista que reivindica a garantia da história e cultura das populações negras. Os estudos que discorrem acerca da participação significativa dos Movimentos Negros e movimento de mulheres, tanto no âmbito acadêmico, quanto nas ruas sinalizaram que longe de silenciadas e/ou apagadas as identidades e contribuições históricas, intelectual, cultural e econômica das populações negras sempre estiveram vivas.

Restam à mulher negra as representações de características que não nos representa. A mulher imaginada da mídia, a mulher estereotipada na sociedade, a mulher culturalmente objetificada. O que permanece em nós é a saudade e ansiedade pela mulher real. Percepções que consegui identificar durante a investigação no campo da pesquisa que, a mulher real existe e está envolvida em diversas ações, tem sua beleza individual e apesar das inúmeras tentativas de descaracterizar sua existência e sua estética, elas estão (re) significando outros modos de lidar com o que se compreende por beleza e consequentemente por ser mulher.

As reflexões e proposições das próprias Meninas como elas gostariam de se sentir representadas nos meios de comunicação. Mais ainda, como elas percebem a invisibilização e a ressignificam nos meios em que convivem, demonstra que elas não estão apáticas aos acontecimentos em volta de si, ao contrário, elas percebem criticamente e em certa medida, se posicionam nesses meios de convivência. Olhando de perto consegui perceber a força, a determinação, a beleza, a inteligência e a forma madura que elas lidavam com seus problemas. Em termos de discussões, que dizem que os/as jovens não têm maturidade para lidar com seus problemas, não tem responsabilidade, percebi as Meninas assumindo responsabilidades e tomando decisões com posturas amadurecidas.

A fim de analisar com mais profundidade, pontuei algumas questões meramente significativas para as análises realizadas neste estudo que serão percebidas no Capítulo III desta Dissertação, para tanto as Meninas da Terra, as protagonistas da pesquisa: *Sá, Viih, Belinha, Vick e Binha*, com sabedoria, criatividade e inteligência foram trazendo elementos imprescindíveis para compreender este trabalho com a potência e intensidade que foi desenvolvido.

Para responder as questões problematizadas na pesquisa, foi fundamental complexificar as construções que permeiam as subjetividades das Meninas. Nos espaços em que convivem e principalmente dentro de si mesmas. As Meninas sinalizam como percebem os lugares que ao

mesmo tempo são de convivência e aprendizado e, também lugares que as inviabiliza, a título de exemplo mais expressivo, a escola que apareceu provocando incômodos em suas falas. E as provocações foram fundamentais para tensionaram reflexões críticas desses lugares, dizendo da urgência de mudanças, elas demonstram como percebem, mesmo que de forma indireta, as manifestações de preconceitos em lugares, como a escola, principalmente ao que se refere à estética. Mesmo se tratando de um espaço institucional, está inserida na sociedade e sendo assim, reproduz hierarquias e estereótipos.

Em virtude das contribuições de Gomes (2017) e as provocações das Meninas, tornou-se urgente investir em outras perspectivas de construção do que se pode oferecer no ambiente escolar. Esse modelo atual ainda é moldado por inúmeros contextos que reproduzem conhecimentos que instrumentalizam os sujeitos, necessita ser repensado sobre uma perspectiva mais diversa e dialógica, compreendendo quais são os sujeitos presentes dentro desta instituição (GOMES, 2017).

Durante a experiência no processo da pesquisa e no contato com as Meninas e, também enquanto Pedagoga, mulher e negra foram provocadas em mim várias indagações em relação ao meu fazer docente. E se pudesse chegar a alguma conclusão, diria que essa vivência me provocou a pensar que precisamos repensar nossas ações dentro do espaço escolar, desde o portão até a sala de aula. E mais ainda, perceber quem de fato são esses/essas sujeitos/as que estão inseridos nesse contexto escolar. Com suas especificidades de gênero, raça, sexualidade, territórios e condições sociais e culturais, necessitamos construir uma escola que de fato analisa cada contexto, perceba as invisibilidades e estereótipos que passam despercebidos e provocam afirmações de um corpo único e uma realidade também única, talvez nos ajuda a desnaturalizar as opressões. E ainda problematizar os conteúdos que reafirmam uma história única e, fortalecer as representatividades que são construídas de acordo com cada realidade dos/as sujeitos/as que ali estão inseridos/as. Ao que os resultados da pesquisa indicam, as Meninas demonstraram de maneira produtiva e potente que ressignificam os olhares que recaem sobre si a partir das suas próprias perspectivas, talvez perceber seus modos de ler, interpretar e narrar a sociedade nos deixam pistas de como podemos recontextualizar nossos olhares, interpretações e narrativas, do fazer docente.

De certo modo, as Meninas buscam de diferentes formas, estratégias de se comunicar, de se nomear, na medida em que reconstróem outras maneiras de nomear a si mesmas elas

evidenciam suas habilidades, suas maneiras de se interpretar e, suas desobediências provocam tensões no mundo. Questões abordadas no Capítulo IV desta Dissertação que se materializam na proposta Pedagógica como produto final da pesquisa. Desse modo, elas (re) instrumentalizam os aparatos de comunicação e, (re) constroem maneiras de dizer de suas realidades cotidianas, de seus anseios futuros, por intermédio da musicalidade.

Elas fazem da música a porta voz para dizer sobre si mesmas e, de ressignificar e reivindicar as representatividades. A saber, a canção elaborada por elas “Guerreiras”, narra a trajetória de Meninas Guerreiras que, apesar das adversidades cotidianas, (re) contextualizam seus lugares provocando constantes deslocamentos. Sendo assim, acredito que para além da posição política e crítica que as Meninas se manifestam com relação às suas questões sociais, dizendo das suas emergências e reivindicando assistência, há também as potências apresentadas nos enunciados das suas opções musicais para interpretar a si mesmas. Percebo nas conotações musicais em que se desenvolveram na produção da proposta pedagógica que se materializou em um videoclipe, seus engajamentos durante o processo, os conflitos as dificuldades demonstraram como elas não se abatem as questões adversas, sendo que participaram até o último momento das atividades mesmo com todos os desafios que enfrentam em seu dia-a-dia.

Na materialização do videoclipe as Meninas sinalizam as maneiras de serem representadas, por intermédio de um material de comunicação que fala sobre elas por intermédio de suas próprias perspectivas. E é nesse contexto que se podem inserir iniciativas de mídias alternativas, experiências críticas e populares de tecnologias da informação produzidas pelos próprios grupos em situação de marginalidade. Esses podem não ter o alcance de “massa” da indústria cultural capitalista, mas possuem alguma eficácia, até mesmo de questionar a própria indústria cultural e a massificação capitalista (OLIVEIRA, 2009).

Mesmo não sendo evidente, as Meninas constroem maneiras outras de se manifestar politicamente, a título de exemplo, quando elas pulam a roleta para ir à Terra da Sobriedade, estão reivindicando o acesso à cidade e, o direito ao lazer. Elas percebem as desigualdades raciais em que são acometidas, na medida em que percebem as diferenças de tratamentos. Quando rompem com um modelo único de relação afetiva, se posicionam com seus desejos e rompem com a norma estrutural de sociedade ao passo que vêm desenhando suas próprias concepções de mundo e ressignificando os espaços sociais. Elas reivindicam seus direitos

quando buscam no Programa Meninos da Terra acesso ao lazer, cultura, alimentação, aprendizado, para falar de si mesmas, ou solicitar algo que possa necessitar da mediação de um/uma adulto/a. Como acesso a assistência pública, voltar para a escola, ir para um abrigo ou assistência a um dentista, dentre outros.

Elas, as “Guerreiras”, têm outros modos de nomear a si mesmas e, desconstroem os estereótipos que recaem sobre si, aspectos que as descaracterizam por serem mulheres, negras e faveladas. Elas olham para si, apesar de inúmeros conflitos e o que se compreende por ideal, elas se veem enquanto mulheres promissoras, na medida em que dizem de seus anseios profissionais e realizações pessoais. Estão em movimentos contínuos, seja em suas comunidades, cuidando dos seus irmãos/irmãs, filhos/filhas, de sua casa e indo para a escola, seja na Terra da Sobriedade, nos ensinando outras maneiras de ser, outros modos de conviver em comunidade como nos ensinam na organização que estabelecem dentro da comunidade em que, uns/umas cuidam dos/as outros/as e a família tem uma conotação diferenciada da normativa. Ao mesmo tempo, elas vivenciam outras experiências e, na oportunidade de produzir uma música e refletir sobre ela, se relacionar com outro grupo, elas constroem de suas maneiras algo em coletividade que possibilitou tantas outras maneiras de se comunicar com o mundo.

E a maneira com que a pesquisa foi sendo construída, propositalmente na medida em que tinha como característica propor uma rede de conexão entre grupos de pessoas que de algum modo estão organizadas e produzindo arte sobre uma perspectiva contra hegemônica que, abordam questões como o cinema na perspectiva da representatividade da mulher negra com a Coletiva Malva, o Coletivo Terra Firme que propõe diálogos sobre juventude negra e periférica por intermédio do *Rap* e promovendo *Saraus* e *Slam* nas regiões periféricas de Belo Horizonte e Região Metropolitana. Entre essas e outras parcerias, a conexão com os outros grupos foi fundamental para compreender como podemos nos conectar e essa conexão independe de localização, as ideias que precisam está na mesma sintonia. Propor um trabalho em parceria, com trocas de informações, conhecimentos e técnicas, possibilitou pensar uma sociedade, como *Sá* mesma revelou em sua reflexão, mais solidária e afetiva.

Enfim, as Meninas com suas potencialidades características da individualidade de cada uma, foram tecendo em suas maneiras de dialogar e de se expressar, a capacidade de construir o que quiserem. Com essa experiência, elas demonstraram que podem se nomear também como



produtoras de vídeos, participante de grandes momentos das gravações e produção dos enquadramentos dos materiais para o videoclipe; compositoras escrevendo a letra da música e, produzindo também seu ritmo; dançarinas e cantoras. Essa experiência serviu para entender que as Meninas têm a capacidade de ser o que elas quiserem, e tem a capacidade de desconstruírem os estereótipos que recaem sobre si e, se nomearem por si mesmas.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza D.A. de. *Etnografia da prática escolar*. 14 ed. Campinas/ SP. Ed. Papirus. 2008, p. 128.

ALMEIDA, Driele dos S. *et al.* O video na construção de uma educação do olhar. *Perspectiva online* v.3, n.9, 2009, p.153-174.

ANDRADE, Juliana. Viola Spolin e os Jogos Teatrais. Disponível em: <<https://profes.com.br/JulianaAndrade/blog/viola-spolin-e-os-jogos-teatrais>> . Acesso: 08 Out. 2017.

BORGES, Juliana. *O que é encarceramento em massa?* 1 ed. Belo Horizonte/ MG. Editora Letramento. 2018. 144 p.

BRENNER, Ana Karina, CARRANO, Paulo, DAYRELL, Juarez. *Um olhar sobre o jovem no Brasil*. TELES, Nair. (Org) Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. *Juventude brasileira: culturas do lazer e do tempo livre*. Brasília, DF. Editora MS. 2008. p. 29 - 44.

BRITO, Benilda, NASCIMENTO, Valdecir. *Negras (In) confidências: bullying, não. Isto é racismo*. 1 ed. Belo Horizonte/MG. Editora Mazza Edições. 2013. 128 p.

CARDOSO, Frederico Assis; FERRARI, Anderson. Gêneros e Sexualidades: desafios e potencialidade para a Educação em tempos de conservadorismos. *Revista Artemis*, 2016, v.22, p.1-5.

\_\_\_\_\_. A identidade de professores homens na docência com crianças: homens fora do lugar? 2004. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2004.

CARNEIRO, Sueli. "Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero". In: ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (Orgs.). *Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003. p. 49-58.

COLLINS, Patrícia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado – Vol. 31. Nº 1 Janeiro/Abril 2016*. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf>>. Acesso em: 16 Abr. 2018.

CRENSHAW, Kimberlé. W. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV.AA. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem. 2002.

CURIEL, Ochy. Los Aportes de las afrodescendientes a la teoría e la práctica feminista: Desuniversalizando el sujeto “Mujeres”2007. *Perfiles del Feminismo Iberoamericano*, vol. III, Buenos Aires, Catálogos. 2007.

DAVIS, Angela. *Mulher, raça e classe*. Tradução. Heci Regina Candiani. 1 ed. São Paulo/SP: Boitempo Editorial. 1980. 244 p.

DAYRELL, Juarez; GOMES, Nilma Lino. (s/d). *A juventude no Brasil*. Artigo Recuperado em 02 de julho de 2016. Disponível em: < [www.fae.ufmg.br/objuventude/textos/SESI](http://www.fae.ufmg.br/objuventude/textos/SESI)>. Acesso em: 04 Set. 2018.

\_\_\_\_\_. O rap e o funk na socialização da juventude. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.28, n.1, p. 117-136, jan./jun. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11660.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. O jovem como sujeito social. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n.24,2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04>> Acesso em: 08 jul. 2017. Disponível em: <[http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/veracandau/candau\\_edh\\_proposta\\_trabalho.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/veracandau/candau_edh_proposta_trabalho.pdf)>. Acesso em: 08 Out. 2017.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Luiz da Silva. Movimento negro no Brasil: mobilização social e educativa afro-brasileira. *Revista África e Africanidades – Ano 2 - n. 6 - Agosto. 2009 - ISSN 1983-2354*. Disponível em <[http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/Movimento\\_Negro\\_no\\_Brasil.pdf](http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/Movimento_Negro_no_Brasil.pdf)>. Acesso em: 21 Out. 2018.

GARCÍA, Emma Delfina Chirix *Subjetividad y racismo: la mirada de las/los otros y sus efectos* 2014. Tejiendo de *otro modo: Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala* /Editoras: Yuderkys Espinosa Miñoso, Diana Gómez Correal, Karina Ochoa Muñoz – Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2014. p. 480.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. 1. ed. São Paulo/SP: Editora 34, 2001. 437 p.

GOBBI, Maria Cristina, SOUZA, Juliano Ferreira de. Geração Digital: uma reflexão sobre as relações da “juventude digital” e os campos da comunicação e da cultura. *Revista Geminis*.| - n. 1 - v. 2, 2014. p. 129-145. Disponível em: <<http://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/viewFile/193/162>>. Acesso em: 23 Set. 2018.

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro Educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017. Ed.1. 154 p.

\_\_\_\_\_. MIRANDA, Shirley Aparecida de. Gênero, Raça e Educação: indagações advindas de um olhar sobre uma academia de modelos. Santa Catarina. Poiésis, Tubarão. V.8, n.13, p. 81 - 103, Jan/Jun, 2014.

\_\_\_\_\_. Sem Perder a Raiz: Corpo e Cabelo como Símbolo da Identidade Negra. Belo Horizonte, Autêntica, 2012. 416p. (Coleções Cultura negra e identidades).

\_\_\_\_\_. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Educação Antirracista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. p. 39 - 62.

\_\_\_\_\_. A mulher negra que vi de perto. 2 ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995. 198 p, (Coleção Griô).

GONZÁLEZ, Lélia. Lugar de Negro. Carlos Hasenblag. Rio de Janeiro, marco Zero, 1982. Vol. 3. 115 p.

\_\_\_\_\_. Racismo e sexíssimo na cultura brasileira. Apresentado na Reunião do Grupo de Trabalho “Temas e Problemas da População Negra no Brasil”, *IV Encontro Anual da Associação Brasileira de Pós-graduação e Pesquisa nas Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1980. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

\_\_\_\_\_. Lélia Gonzáles. Jornal Nacional do Movimento Negro Unificado, Salvador/ Bahia. 1991. Entrevista concedida a Jonatas Conceição da Silva.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo, Democracia Racial: o ideal, o pacto e o mito. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 18, n. 2, 2006 – p.269-287.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardiã Resende et alii. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003a.

\_\_\_\_\_. Quem Precisa de Identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2003b.

HOOKS, Bell. Mulheres negras: Moldando a teoria feminista. DOSSIÊ FEMINISMO E ANTIRRACISMO. Rev. Bras. Ciênc. Polít. nº. 16. Brasília Jan./Abr, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n16/0103-3352-rbcpol-16-00193.pdf>>. Acesso em: 16 de Abr. 2018.

JANCZURA, Rosane. Risco ou vulnerabilidade social? Textos e contextos, Porto Alegre, v.11, n. 2, p.301-308, ago./dez, 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/12173>> . Acesso em: 01 de Mar. 2019.

JESUS, Carolina Maria. Quarto de despejo: diário de uma favelada. 9 ed. São Paulo/SP: Editora Ática, 2012. 197 p.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org e trad). O que é, afinal, Estudos Culturais? Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 9-131.

LAREAU, Annette. A desigualdade invisível: o papel da classe social na criação dos filhos em famílias negras e brancas. *Educação em Revista*. Belo Horizonte. n. 46. p. 13-82. dez. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982007000200002&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982007000200002&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 04 Jan. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. In: SILVA, T. T. (Org). *A emergência do "gênero"*. Petrópolis, RJ. Editora Vozes Ltda. 1997, p.14-37.

\_\_\_\_\_. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Guacira Lopes, (org) Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. - Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 176p.

MACIEL, Karen de Fátima. O pensamento de Paulo Freire na trajetória da educação popular. *Educação em Perspectiva*, Viçosa, v. 2, n. 2, p. 326-344, jul./dez. 2011.

MATA, Carolina Couto. O trabalho na Comunidade Terapêutica: fonte de recuperação do dependente químico. Belo Horizonte: Ed. Terra da Sobriedade. 2008.

MATTOS, CLG, and CASTRO, PA. orgs. Etnografia e educação: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Autores. 298 p. ISBN 978-85-7879-190-2. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

MEDEIROS, Hildézia. A imprensa e o Racismo. Org. Silvia Ramos. *Mídia e racismo*. Rio de Janeiro: Palhas, 2002.

MUNANGA, Kabengele. Mestiçagem como símbolo da identidade brasileira. In. SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.p. 444-455

OLIVEIRA, Carolina dos Santos de. Adolescentes negras no discurso da Revista *Atrevida*. 2009. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009.

OLIVEIRA, Eduardo Henrique Pereira de. A postura da mídia. Org. Silvia Ramos. *Mídia e racismo*. Rio de Janeiro: Palhas, 2002.

PAIVA, Angela Randolpho; BURGOS, M. Baumann (Orgs.). *A escola e a favela*. Rio de Janeiro: Editora da PUC-Rio; Pallas, 2009.

PALOMBINI, Carlos. Soul brasileiro e funk carioca. *Opus*, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 37-61, jun.

2009. Disponível em: <<https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/261>>. Acesso em: 05 Jan. 2019.

PARKER, Laurence, ROBERTS, Loma. Teoria crítica da raça e seu uso na pesquisa em ciências sociais. Teorias e métodos de pesquisa social. 1 ed. Petrópolis/RJ, Editora Vozes, 2015. 120-131p.

PEREIRA, Olga Maria Lima. Reinterpretando silêncios: Reflexões sobre a docência negra na cidade de Pelotas – RS. Belo Horizonte, Nandyala, 2015. 296p.

RAMOS, Silvia. Música, expressões étnicas e raciais. Org. Silvia Ramos. Mídia e racismo. Rio de Janeiro: Palhas, 2002.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? 1 ed. Belo Horizonte/ MG. Editora Letramento. 2017. 112 p.

\_\_\_\_\_. Quem tem medo do Feminismo Negro. SCHAWARCZ, São Paulo, Companhia das Letras, 2018. Ed.1, 148p.

ROSA, Camila Simões. Mulheres negras e seus cabelos: um estudo sobre questões estéticas e identitárias. 2014. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

SAID, Camila do Carmo. As minas da rima: as jovens mulheres e o movimento hip-hop de Belo Horizonte. 2007. 241 F. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

SANTOS, Gevanilda, SANTOS, Maria José P., BORGES, Rosangela. *Retrato da juventude brasileira. Análises de uma pesquisa nacional*. ABRAMO, Helena Wendel, BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Org). *A juventude negra*. São Paulo, SP. Editora Fundação Perseu Abramo. 2ª impressão, 2011. p.291 -302.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Jul/Dez 1995, Vol.20 (2), p.71-99. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>. Acesso em: 25 Abr. 2018.

SILVA, Benedita da. Invisibilidade como instrumento de exclusão. Org. Silvia Ramos. Mídia e racismo. Rio de Janeiro: Palhas, 2002.

SILVA, Michele Lopes. Mulheres negras em movimento(s): trajetórias de vida, atuação política e construção de novas pedagogias em Belo Horizonte - MG. 2007, 244 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. Porto Alegre/RS, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007. Acesso em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2745>>. Acesso em: 15 Out. 2018.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico. Estudos Culturais. Belo Horizonte. Autêntica, 2000.

SILVA, Wagner Machado da. Programa “Mister Brau” e o contra-agendamento: Quando a sociedade se impõe e pauta a mídia. Intercom – Curitiba/PR, v.1. p.01 - 13, Set. 2017. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0528-1.pdf>>. Acesso em: 12 Dez. 2018.

SOUZA, ROCHA, Emerson, Jessé, “A ralé brasileira: Quem é e como vivem. *Cor e dor moral: sobre o racismo na ralé*”, 2009. p.282.

SOUZA, Neuza Santos. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. ed.2. Rio de Janeiro. EDIÇÕES GRAAL LTDA. Abr. 1983. Vol. 4. p. 86.

TRIP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

VIANA, Iara Félix. Mulheres negras e baile funk. sexualidade, violência e lazer. 2013. 214 F. Dissertação (Mestrado em Lazer) Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

XAVIER, Ernesto. Senti na Pele. Rio de Janeiro. Editora Malê. Vol.01, 2017, 154 p.

ZANDONADE, Vanessa; FAGUNDES, Maria Cristina de Jesus. O vídeo documentário como instrumento de mobilização social. 2003. Monografia (Comunicação Social) Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis, Fundação Educacional do Município de Assis, 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.pdf>> Acesso em: 26 out. 2017.

## ANEXOS

### Anexo A - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Adolescentes: pessoa com menos de 18 anos completos

COEP - Nº 82727418.3.0000.5149

É com imensa satisfação que convidamos você a participar da construção de nossa pesquisa “As Meninas no sítio: outras perspectivas de olhar e de ser das jovens do Programa Meninos da Terra”. Nosso objetivo com a pesquisa é através da colaboração de vocês, compreender como percebem e lidam com a condição de ser jovens mulheres nos lugares em que convivem, dentro e fora da Terra da Sobriedade.

Sua participação é muito importante para a realização da pesquisa, mas o que nos importa é a sua liberdade para escolher se deseja participar ou não; justamente por isso você não é obrigada a participar. Gostaríamos que fosse de seu interesse contribuir com o nosso trabalho, mas caso não tenha interesse a sua decisão será respeitada sem nenhuma obrigação.

Para integrar nessa pesquisa você não terá que pagar nada, e nem receberá nenhum dinheiro ou qualquer tipo de vantagem em troca, da mesma forma que não lhe será cobrada nenhuma quantia financeira. A sua contribuição com a pesquisa é totalmente gratuita e voluntária.

A pesquisa acontecerá na Terra da Sobriedade, você e as outras Meninas irão participar de algumas atividades de Jogos Teatrais (trata-se de jogos educativos para podermos interagir nas nossas conversas e realizar uma conversa divertida) e Oficina e de Vídeo, a produção de um vídeo que acontecerá a partir de alguns encontros e nesses encontros vocês aprenderão como produzir um vídeo, sobre vocês e a ao final os materiais serão coletados e editados por um produtor de vídeo.

Para a realização das atividades você e as outras Meninas precisarão ser filmadas. Mas, nós tomaremos o máximo cuidado para não constranger vocês, cuidaremos da forma como vocês serão expostas. Por isso, optaremos por um local confortável e com privacidade. Lembramos que as imagens, durante as gravações, serão selecionadas por vocês, no momento da edição do vídeo. A proposta será a de produzir um vídeo com todas, por isso sua participação tanto na filmagem como na produção do vídeo será de grande importância. Caso algo a incomode, algum tema que lhe deixe desconfortável, você tem toda a liberdade em nos comunicar. Deixaremos o nosso contato à sua disposição para que possa nos procurar para qualquer coisa que se refira à pesquisa.

Não descartamos a possibilidade de riscos na pesquisa, mas faremos o máximo possível para que seja mínimo. E deixaremos você à vontade para que possa ter a liberdade de desistir da pesquisa a qualquer momento, sem te causar constrangimento.

Para participar desta pesquisa você não terá nenhum custo e nem receberá qualquer vantagem financeira. Você terá também o esclarecimento sobre o estudo em e será esclarecida de todas as dúvidas e estará livre para participar ou recusar-se a qualquer tempo e sem quaisquer prejuízos, pode retirar o consentimento de guarda e utilização do material que será guardado na sala do Pesquisador responsável, valendo a desistência a partir da data que você assinou este documento.

A sua participação é voluntária, e a recusa em participar não acarretará qualquer punição ou mudança na forma em que será atendida pela pesquisadora, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados obtidos pela pesquisa, a partir de seu material biológico, estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Para que possa participar da pesquisa, solicitamos que assine abaixo, juntamente com seu (a) responsável para que possamos construir a pesquisa juntas.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você. Os materiais a serem coletados no decorrer da pesquisa, serão de uso exclusivo para a pesquisa, sendo arquivados com o pesquisador responsável Professor Doutor Frederico Cardoso por um período de 5 (cinco) anos na sala 1626, da Faculdade de Educação da UFMG e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resoluções Nº 466/12; 441/11 e a Portaria 2.201 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, \_\_\_\_\_, portadora do documento de Identificação \_\_\_\_\_ fui informada dos objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa As meninas no sítio: outras perspectivas de olhar e de ser das jovens do “Programa Meninos da Terra”, de maneira clara e



detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido assinado por mim e pelo pesquisador, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

---

Assinatura da Adolescente

---

Assinatura do (a) Responsável

Belo Horizonte, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

---

Prof. Dr. Frederico Assis Cardoso  
Pesquisador responsável

---

Luciléia da Silva Vieira  
(Pesquisadora Mestranda)

**CONTATOS****PROF. DR. FREDERICO ASSIS CARDOSO**

Departamento de Ciências Aplicadas à Educação / Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais (DECAE/FAE/UFMG) , Setor de Sociologia da Educação.  
Av. Antônio Carlos, 6627, Faculdade de Educação, Campus Pampulha, Sala.1626, DECAE/ FaE. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP.: 31270-901  
Telefone: (31) 34096169  
E-mail: [fredasc@ufmg.br](mailto:fredasc@ufmg.br)  
Link do currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/3293853625234485>>.

**LUCILÉIA DA SILVA VIEIRA**

Av. Antônio Carlos, 6627, Faculdade de Educação, Campus Pampulha, Sala.1626, DECAE/ FaE. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP.: 31270-901  
E-mail: [eulisanos@gmail.com](mailto:eulisanos@gmail.com)

**COEP-UFMG - Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG**

Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005.  
Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.  
E-mail: [coep@prpq.ufmg.br](mailto:coep@prpq.ufmg.br). Tel: 34094592.

**Documento em branco após os contatos.  
Impressão apenas na frente das laudas.  
Necessária a rubrica em cada página**

Anexo B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Jovem: pessoa maior de 18 anos completos

COEP - Nº 82727418.3.0000.5149

É com imensa satisfação que convidamos você a participar da construção de nossa pesquisa “As meninas no sítio: outras perspectivas de olhar e de ser das jovens do Programa Meninos da Terra”. Nosso objetivo com a pesquisa é através da colaboração de vocês, compreender como percebem e lidam com a condição de ser mulheres negras nos lugares em que convivem, dentro e fora da Terra da Sobriedade.

Sua participação é muito importante para a realização da pesquisa, mas o que nos importa é a sua liberdade para escolher se deseja participar ou não; justamente por isso você não é obrigada a participar. Gostaríamos que fosse de seu interesse contribuir com o nosso trabalho, entretanto, caso não tenha interesse, a sua decisão será respeitada sem nenhuma obrigação.

Para participar da pesquisa você não terá que pagar nada, e nem receberá nenhum dinheiro ou qualquer tipo de vantagem em troca, da mesma forma que não lhe será cobrada nenhuma quantia financeira. A sua contribuição com a pesquisa é totalmente gratuita e voluntária.

A pesquisa acontecerá no Sítio, você e as outras Meninas irão participar de algumas atividades, Jogos Teatrais, são jogos educativos que propõe a interação e o aprendizado de forma dinâmica e coletiva, aprendizagem sobre vídeo. Trata-se de uma construção de um vídeo que acontecerá a partir de alguns encontros e nesses encontros vocês terão aulas de como se produzir um vídeo. Para a realização das atividades você e as outras Meninas precisarão ser filmadas. Mas, nós tomaremos o máximo cuidado para não constranger vocês, cuidaremos da forma como vocês serão expostas. Por isso, optaremos por um local confortável e com privacidade. Lembramos que as imagens, durante as gravações, serão selecionadas por vocês, no momento da edição do vídeo. A proposta será a de produzir um vídeo com todas, por isso sua participação tanto na filmagem como na produção do audiovisual será de grande importância.

Não descartamos a possibilidade de riscos na pesquisa, mas faremos o máximo possível para que seja o menor possível. E deixaremos você à vontade para que possa ter a liberdade de desistir da pesquisa a qualquer momento, sem te causar constrangimento. Pretende-se que por meio da pesquisa que você, assim como as outras Meninas, participem da construção da pesquisa e que este momento seja muito proveitosos para vocês. E que a experiência de vocês possa servir de inspiração para outras Meninas que tenham realidades parecidas com a de vocês.

Para participar desta pesquisa você não terá nenhum custo e nem receberá qualquer vantagem financeira. Você terá também o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a qualquer tempo e sem quaisquer prejuízos, pode retirar o consentimento de guarda e utilização do material que será guardado na sala do Pesquisador responsável, valendo a desistência a partir da data que você assinou este documento. A sua participação é voluntária, e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que será atendida pela pesquisadora, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados obtidos pela pesquisa, a partir de seu material biológico, estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

Para que possa participar da pesquisa, solicitamos que assine abaixo, juntamente com seu (a) responsável para que possamos construir a pesquisa juntas.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você. Os materiais a serem coletados no decorrer da pesquisa, serão de uso exclusivo para a pesquisa, sendo arquivados com o pesquisador responsável Professor Doutor Frederico Cardoso por um período de 5 (cinco) anos na sala 1626, da Faculdade de Educação da UFMG e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resoluções Nº 466/12; 441/11 e a Portaria 2.201 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, \_\_\_\_\_, portadora do documento de Identificação \_\_\_\_\_ fui informada dos objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa “As meninas no sítio: outras perspectivas de olhar e de ser das jovens do Programa Meninos da Terra“, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido assinado por mim e pelo pesquisador, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Assinatura da Jovem

Belo Horizonte, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

Prof. Dr. Frederico Assis Cardoso  
Pesquisador responsável

Luciléia da Silva Vieira  
(Pesquisadora Mestranda)

#### CONTATOS

##### **PROF. DR. FREDERICO ASSIS CARDOSO**

Departamento de Ciências Aplicadas à Educação / Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais (DECAE/FAE/UFMG) , Setor de Sociologia da Educação.  
Av. Antônio Carlos, 6627, Faculdade de Educação, Campus Pampulha, Sala.1626, DECAE/ FaE. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP.: 31270-901  
Telefone: (31) 34096169  
E-mail: [fredasc@ufmg.br](mailto:fredasc@ufmg.br)  
Link do currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/3293853625234485>>.

##### **LUCILÉIA DA SILVA VIEIRA**

Av. Antônio Carlos, 6627, Faculdade de Educação, Campus Pampulha, Sala.1626, DECAE/ FaE. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP.: 31270-901  
E-mail: [eulisanos@gmail.com](mailto:eulisanos@gmail.com)

##### **COEP-UFMG - Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG**

Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005.  
Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.  
E-mail: [coep@prpq.ufmg.br](mailto:coep@prpq.ufmg.br). Tel: 3409459

**Documento em branco após os contatos.  
Impressão apenas na frente das laudas.  
Necessária a rubrica em cada página**

Anexo C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Termo de Autorização  
COEP - Nº 82727418.3.0000.5149

Prezado/a senhor (a) responsável,

Eu, Luciléia da Silva Vieira, aluna do Mestrado Profissional em Educação e Docência (PROMESTRE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), convido sua filha a participar, como voluntária, da pesquisa “As meninas no sítio: outras perspectivas de olhar e de ser das jovens do Programa Meninos da Terra“. Nosso objetivo com a pesquisa é de compreender e analisar como as jovens que participam do Programa Meninos da Terra percebem e lidam com a cor de sua pele e com o fato de serem mulheres nos lugares onde vivem e na Terra da Sobriedade. Para o trabalho pretendemos realizar jogos teatrais e elaborar aprendizados sobre vídeo, que acontecerão em momentos diferentes. As atividades ocorrerão aos sábados, momento em que as Meninas estão na Terra da Sobriedade.

Pretende-se que as Meninas possam participar da construção de um vídeo. Nesse sentido, elas irão aprender como se manuseia uma câmera e como realizar a edição de vídeo. Elas serão acompanhadas pela pesquisadora principal e pelo/a colaborador/a que ministrará a atividade. Inclusive após a construção do vídeo, será disponibilizada a sua divulgação na Terra da Sobriedade assim como em outros espaços educativos.

O motivo que nos leva a trazer essas questões para pesquisa, tem relação com poucos estudos científicos que tratam dessas temáticas e da necessidade de se pensar outras formas de ser mulher negra na sociedade contemporânea.

Durante a pesquisa os desconfortos e os riscos de ordem pessoal são praticamente inexistentes. No entanto, mesmo assim, nos dedicaremos para que os desconfortos e os riscos sejam os menores possíveis, possibilitando que os jogos teatrais aconteçam de maneira dinâmica e que as participantes possam aproveitar de maneira lúdica as atividades.

Destacamos que temos a anuência e a autorização da Terra da Sobriedade para o desenvolvimento de nosso trabalho. Para que essas atividades ocorram precisaremos que a (o) senhora (o) autorize o uso da imagem e gravação.

Pretende-se que, por meio da pesquisa, as participantes possam ter a oportunidade de produzir um vídeo, de olharem para si mesmas e perceber outras possibilidades de vivenciar e de experimentar o mundo. A produção do vídeo tem como objetivo que as Meninas relatem suas experiências dentro e fora da Terra da Sobriedade, refletindo sobre os significados que essas experiências possuem para a sua formação.

Para participar da pesquisa a sua filha não terá nenhum custo e nem receberá qualquer vantagem financeira ou material/imaterial. A sua filha terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar a qualquer tempo e sem quaisquer prejuízos, podendo retirar o consentimento de guarda e de utilização do material que faz uso dos registros de sua imagem e de sua voz, valendo a desistência a partir da data de formalização do pedido. A participação de sua filha é voluntária, e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que ela é atendida pela Pesquisadora e/ou pela Terra da Sobriedade.

A identidade de sua filha será tratada com os padrões éticos e profissionais de pesquisa em educação (Resoluções n. 466/12 e 441/11 e a Portaria n. 2.201 do Conselho Nacional de Saúde, bem como suas complementares), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos, mantendo-se o sigilo de seu nome verídico. Os resultados obtidos pela pesquisa estarão à sua disposição, quando finalizada. Seu nome e o de sua filha, bem como o material que indique a participação de vocês, não serão utilizados sem a sua permissão.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias de igual teor, sendo que uma será arquivada pelo Pesquisador Responsável, e a outra cópia idêntica lhe será fornecida. Os materiais a serem coletados no decorrer da pesquisa, serão de uso exclusivo para a pesquisa, sendo arquivados com o Pesquisador Responsável Prof. Dr. Frederico Cardoso por um período mínimo de 05 (cinco) anos, na sala n. 1626, da Faculdade de Educação da UFMG. Após esse tempo todos os materiais sob sua posse e guarda serão inutilizados.

Eu, \_\_\_\_\_, Portador (a) do documento de identificação \_\_\_\_\_ fui informado (a) dos objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa “As meninas no sítio: outras perspectivas de olhar e de ser das jovens do Programa Meninos da Terra“, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Autorizo a participação da minha filha \_\_\_\_\_ na pesquisa.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) responsável

Belo Horizonte, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Frederico Assis Cardo  
Pesquisador responsável

\_\_\_\_\_  
Luciléia da Silva Vieira  
Pesquisadora Mestranda

#### **CONTATOS**

##### **PROF. DR. FREDERICO ASSIS CARDOSO**

Departamento de Ciências Aplicadas à Educação / Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais (DECAE/FAE/UFMG), Setor de Sociologia da Educação.

Av. Antônio Carlos, 6627, Faculdade de Educação, Campus Pampulha, Sala 1626, DECAE/ FaE. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP.: 31270-901

Telefone: (31) 34096169

E-mail: [fredasc@ufmg.br](mailto:fredasc@ufmg.br)

Link do currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/3293853625234485>>.

##### **LUCILÉIA DA SILVA VIEIRA**

Av. Antônio Carlos, 6627, Faculdade de Educação, Campus Pampulha, Sala.1626, DECAE/ FaE. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP.: 31270-901

E-mail: [eulisanos@gmail.com](mailto:eulisanos@gmail.com)

##### **COEP-UFMG - Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG**

Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005.

Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.

E-mail: [coep@prpq.ufmg.br](mailto:coep@prpq.ufmg.br). Tel: 34094592.

**Documento em branco após os contatos.  
Impressão apenas na frente das laudas.  
Necessária à rubrica em cada página**

Anexo D - Termo de Autorização de uso de Imagem e Voz: Adolescente: pessoa com menos de 18 anos completos

COEP - Nº 82727418.3.0000.5149

Eu, \_\_\_\_\_, nacionalidade \_\_\_\_\_, com idade inferior a 18 anos completos, neste ato devidamente representado por seu (sua) responsável legal, \_\_\_\_\_, nacionalidade \_\_\_\_\_, estado civil \_\_\_\_\_, portador (a) Registro Geral (RG) n. \_\_\_\_\_, inscrito (a) no Cadastro de Pessoas Físicas (CPF) sob n. \_\_\_\_\_, residente à Av/Rua \_\_\_\_\_, n. \_\_\_\_\_, complemento. \_\_\_\_\_, bairro \_\_\_\_\_, no Município de \_\_\_\_\_/ Estado de \_\_\_\_\_. **AUTORIZO** a gravação em vídeo da imagem e voz da minha filha a serem exibidos total ou parcialmente, veiculados em meios de comunicação para fins didáticos, de pesquisa e divulgação de conhecimento científico. O vídeo documentário será construído por meio dos resultados da pesquisa “As meninas no sítio: outras perspectivas de olhar e de ser das jovens do “Programa Meninos da Terra”, realizada no Programa de Mestrado Profissional em Educação e Docência, (PROMESTRE) da Faculdade de Educação (UFMG), sob a responsabilidade do pesquisador Professor Doutor Frederico Assis Cardoso e da pesquisadora Mestranda Luciléia da Silva Vieira.

A autorização da imagem e voz para a produção do vídeo documentário é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e voz acima mencionada, na Associação de Atenção à Dependência Química Terra da Sobriedade em outras dependências educativas, incluindo meios de comunicação, tais como redes sociais, YouTube, etc.

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a concessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem e voz da minha filha ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Jovem

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador Responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora Mestranda

Anexo E - Termo de Autorização de uso de Imagem e Voz: Jovem - pessoa maior de 18 anos completos

COEP - Nº 82727418.3.0000.5149

Eu, \_\_\_\_\_,  
 nacionalidade \_\_\_\_\_, estado civil \_\_\_\_\_, portadora da  
 identificação \_\_\_\_\_, inscrito no CPF sob nº  
 \_\_\_\_\_, residente à Av/Rua  
 \_\_\_\_\_, nº. \_\_\_\_\_, município de  
 \_\_\_\_\_/Estado de \_\_\_\_\_.

**AUTORIZO** a gravação em vídeo da minha imagem e voz a serem exibidos total ou parcialmente, veiculados em meios de comunicação para fins didáticos, de pesquisa e divulgação de conhecimento científico. O vídeo documentário será construído por meio dos resultados da pesquisa “As meninas no sítio: outras perspectivas de olhar e de ser das jovens do “Programa Meninos da Terra”, realizada no Programa de Mestrado Profissional em Educação e Docência, (PROMESTRE) da Faculdade de Educação (UFMG), sob a responsabilidade do pesquisador Professor Doutor Frederico Assis Cardoso e da pesquisadora Mestranda Luciléia da Silva Vieira.

A autorização da imagem e voz para a produção do vídeo documentário é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e voz acima mencionada, na Associação de Atenção à Dependência Química Terra da Sobriedade em outras dependências educativas, incluindo meios de comunicação, tais como redes sociais, YouTube, etc.

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a concessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e voz ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
 Assinatura da Jovem

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do Pesquisador Responsável

\_\_\_\_\_  
 Assinatura da Pesquisadora Mestranda

Anexo F - Termo de Anuência  
COEP - Nº 82727418.3.0000.5149

**TERMO DE ANUÊNCIA**

Carta à Associação de Atenção à Dependência Química Terra da Sobriedade.

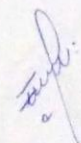
Prezado (a) senhor (a),

Solicitamos autorização para realizarmos a pesquisa intitulada: "As meninas no sítio: outras perspectivas de olhar e de ser das jovens do Programa Meninos da Terra" nesta instituição. Trata-se de um Projeto de Mestrado apresentado ao Programa de Mestrado Profissional Educação e Docência, da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), de autoria da Pesquisadora Mestranda Luciléia da Silva Vieira, tendo como orientador e pesquisador responsável o Prof. Dr. Frederico Assis Cardoso.

Os objetivos da pesquisa são os de compreender e analisar como as jovens mulheres que participam do Programa Meninos da Terra percebem e lidam com as relações étnico-raciais e de gênero em seu entorno dentro e fora da Terra da Sobriedade. Para atingir esse objetivo pretendemos realizar observações das jovens na Terra da Sobriedade, Jogos Teatrais que se trata de jogos educativos que propõe a interação e o aprendizado de forma dinâmica e coletiva e Oficinas de vídeo, que condiz da produção de um vídeo documentário que acontecerá a partir de quatro encontros e nesses encontros as jovens aprenderão como produzir um vídeo, sobre alguns trabalhos de cineastas negras e a ao final os materiais serão coletados e editados pelas jovens com a orientação do/a monitor/a e da pesquisadora. As observações serão coletadas em um diário de bordo, as atividades serão filmadas para que possam ser utilizadas nas oficinas de vídeo que serão realizadas na Instituição.

Gostaríamos de salientar que a proposta de realização do vídeo pressupõe a possibilidade de divulgação da própria instituição Terra da Sobriedade em outros espaços, acadêmicos, científicos e educativos, como estratégia de reflexões a partir do relato das jovens sobre outras perspectivas educativas a respeito das relações étnico-raciais e de gênero.

A produção dos dados será realizada na própria instituição, aos sábados nos horários de 08h às 14h, momento em que as jovens frequentam a Terra da Sobriedade. Os dados coletados na pesquisa serão sigilosos e de responsabilidade dos (as) pesquisadores (as). Os materiais a serem coletados no decorrer da pesquisa, serão de uso exclusivo para a pesquisa, sendo arquivados por um período de 5 (cinco) anos na como





Professor Doutor Frederico Cardoso, na sala 1626 da Faculdade de Educação da UFMG e após esse tempo serão destruídos.

Ressaltamos que a participação é voluntária e há plena liberdade de retirar o consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem que isto lhe cause algum prejuízo. Nós nos comprometemos a efetuar a devolução dos mesmos conforme a necessidade da instituição.

Quaisquer dúvidas ou pedidos de informação a respeito do projeto deverão ser encaminhados as (os) pesquisadoras (es). Fornecemos, abaixo, nossos contatos e do Comitê de Ética da UFMG.

Belo Horizonte, 11 de Junho de 2018.

*Frederico Assis Cardoso*

Prof. Dr. Frederico Assis Cardoso  
Pesquisador responsável  
Prof. Frederico Assis Cardoso  
Dep. Ciências Aplicadas à Educação  
DECAE/FAE/UFMG

*Lucilêia da Silva Vieira*

Lucilêia da Silva Vieira  
(Pesquisadora Mestranda)

*[Assinatura]*

Assinatura do/a responsável  
(Responsável pela instituição) – carimbo da instituição

#### CONTATOS

##### PROF. DR. FREDERICO ASSIS CARDOSO

Departamento de Ciências Aplicadas à Educação / Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais (DECAE/FAE/UFMG), Setor de Sociologia da Educação.  
Av. Antônio Carlos, 6627, Faculdade de Educação, Campus Pampulha, Sala.1626, DECAE/ FAE. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.  
Telefone: (31) 34096169  
E-mail: fredasc@ufmg.br  
Link do currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/3293853625234485>>

##### LUCILÊIA DA SILVA VIEIRA

Av. Antônio Carlos, 6627, Faculdade de Educação, Campus Pampulha, Sala. 1626, DECAE/ FAE. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP.: 31270-901  
E-mail: [enlisanos@gmail.com](mailto:enlisanos@gmail.com)

##### COEP-UFMG - Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005.  
Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG - Brasil. CEP: 31270-901.  
E-mail: [coep@ppq.ufmg.br](mailto:coep@ppq.ufmg.br). Tel: 34094592.

Documento em branco após os contatos.  
Impressão apenas na frente das laudas.  
Necessária a rubrica em cada página

*[Assinatura]*

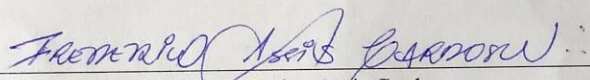
## Anexo G – Termo de Compromisso

COEP - Nº 82727418.3.0000.5149

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
 Faculdade de Educação  
 Mestrado Profissional em Educação e Docência  
 Departamento de Ciências Aplicadas à Educação

**MODELO TERMO DE COMPROMISSO - DECLARAÇÃO DO USO E  
 DESTINAÇÃO DOS DADOS COLETADOS**

Declaramos que conhecemos e, nesse sentido, que cumpriremos os requisitos e as determinações da Resolução n. 466/12 e suas complementares. Comprometemo-nos em utilizar os materiais e os dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo de pesquisa e em publicar os resultados da investigação, sejam eles favoráveis ou não. Aceitamos as responsabilidades pela condução científica do projeto. Por fim, temos ciência de que essa folha de rosto será anexada ao projeto original, devidamente assinada, e que ela será parte integrante da documentação que compõe o trabalho “As meninas no sítio: outras perspectivas de olhar e de ser das jovens do Programa Meninos da Terra”, referente à ética em pesquisa com seres humanos.



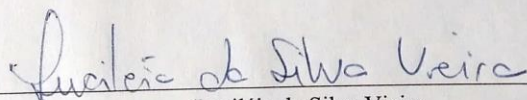
Prof. Dr. Frederico Assis Cardoso  
 fredasc@ufmg.br

Matrícula UFMG n. 289000

UFMG/FaE/DECAE/Setor de Sociologia da Educação  
 PROMESTRE/FaE

Orientador e Pesquisador Responsável

Prof. Frederico Assis Cardoso  
 Depto. Ciências Aplicadas à Educação  
 Decae/FaE/UFMG



Luciléia da Silva Vieira  
 eulisanos@gmail.com

Matrícula UFMG n. 2017659333

PROMESTRE/FaE/UFMG

Pesquisadora Mestranda

**COEP-UFMG - Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG**  
 Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005.  
 Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.  
 E-mail: coep@prpq.ufmg.br. Tel: 34094592

## Anexo H – Parecer sobre o Projeto de Pesquisa

COEP - N° 82727418.3.0000.5149

**Parecer sobre Projeto de Pesquisa**

**Título:** As meninas no Sítio: outras perspectivas de olhar e de ser das jovens do Programa Meninos da Terra.

**Aluna:** Luciléia da Silva Vieira

**Curso:** Programa de Mestrado Profissional em Educação - PROMESTRE FaE/UFMG

**Orientador:** Frederico Assis Cardoso.

**Parecerista:** Conceição Clarete Xavier Travalha

**Histórico:** O Projeto de pesquisa parte da observação inicial de sua autora referente ao Programa Meninos da Terra, na Associação de Atenção à Dependência Química Terra da Sobriedade. Ela atuou nesse programa como Pedagoga Social, onde, constatou algumas relações entre as/os jovens que lhe chamaram a atenção e inspiraram a propor uma investigação relativa ao modo como as jovens mulheres que participam do Programa Meninos da Terra percebem e lidam com as relações étnico-raciais e de gênero em seu entorno, dentro e fora da Terra da Sobriedade. A partir da identificação de como as jovens lidam com as dinâmicas de desigualdades raciais e de gênero em seu cotidiano, a autora pretende verificar quais são as estratégias de ressignificação em meio as suas realidades. As temáticas centrais da pesquisa são pensadas a partir da interseccionalidade, no sentido de compreender como as dinâmicas de produção social de machismo e de racismo estariam intrinsecamente ligadas. A autora se coloca como sendo mulher e negra, e assim como as mulheres, objeto de sua análise, percebendo na realidade dessas jovens, nos conflitos cotidianos, a descaracterização de suas imagens. Ela afirma que: “Nesse sentido torna-se inevitável não deixar de perceber conexão da minha trajetória de vida com a realidade delas”. Do ponto de vista acadêmico, ela afirma, após exaustiva pesquisa bibliográfica, que sobre o tema de sua pesquisa possui apenas um número razoável de estudos, especialmente aqueles que tem sido produzidos no campo da interseccionalidade. Ela destaca em seu referencial teórico, dentre diversas autoras que pesquisaram questões pertinentes ao seu tema, como Cardoso e Ferrari (2016),

GOMES (2005). Para atingir seus objetivos a autora pretende fazer uso de uma proposta metodológica apoiada na pesquisa qualitativa e buscando inspiração no modelo de pesquisa-ação, irá propor jogos teatrais por meio do Fichário de Viola Spolin (2008). A autora acredita assim como Spolin que a introdução ao teatro pode produzir novas estratégias de ensino aprendizagem, uma vez que a intenção das fichas é solucionar um problema a partir da estrutura dramática: Onde/Quem/O que, e norteiam subsídios para direcionar as atividades. Ela optou por escolher quatro moças entre 16 e 19 anos, participantes do projeto, para realizar sua pesquisa, nessa perspectiva as participantes (...) “precisarão criar soluções a partir desses enunciados. Tendo como ponto de partida o fichário as jovens poderão de maneira dinâmica, construir sua própria história, dizer de si, olhar para a outra colega e perceber semelhanças e diferenças, identificar outras perspectivas de vivenciar suas subjetividades e ter a oportunidade de compartilhá-las”. Como produto final a autora pretende produzir juntamente com as participantes um vídeo documentário cuja finalidade primordial seria a educativa. A autora apresenta ao fim do projeto vários documentos relativos à metodologia de realização das oficinas e do vídeo, além dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que deverão ser entregues e assinados pelos/as participantes da pesquisa, assim como por seus pais, no caso de meninas com idade inferior a 18 anos. O cronograma disposto ao final do trabalho contém uma descrição detalhada dos passos da pesquisa, o que facilitará seu desenvolvimento. A pesquisadora se propõe a informar aos participantes de seu projeto, através de documentação anexa, sobre as condições de participação. Esse cuidado demonstra uma preocupação ética fundamental a uma pesquisa em ciências humanas.

**Mérito** Na elaboração desse parecer consideraremos as seguintes variáveis: a enorme relevância social e histórica da temática referente ao projeto, a escolha de um referencial teórico atual, a sua opção metodológica, apresentada de forma inovadora, o cronograma detalhado das atividades a serem desenvolvidas, o que facilitará seu desenvolvimento, a demonstração de uma preocupação ética apresentada, através de respeito ao se informar a/o pesquisado/a sobre as condições e desdobramentos da pesquisa.

**Voto:** Considerando o acima exposto, e tendo em vista que se trata de uma temática de grande interesse social e histórico, com uma proposta metodológica criativa e inovadora, sou favorável à aprovação do projeto de pesquisa de mestrado apresentado por Luciléia da Silva Vieira.



Belo Horizonte, 20 de novembro de 2017.

Assinatura da professora parecerista:

Assinatura da coordenadora da linha:

  
**Aprovado Ad referendum**  
Em: 20 / 11 / 2017  
Departamento de Ciências Aplicadas à Educação  
**Anna Paula Vencato**  
Chefe do Departamento de  
Ciências Aplicadas à Educação  
DCCSA/FEUFMG

## Anexo I – Estatuto Social - Terra da Sobriedade

**ESTATUTO SOCIAL**  
**TERRA DA SOBRIEDADE - Associação de Atenção à Dependência Química**  
 CNPJ: 05.353.498/0001-90

**Capítulo I**  
**DA DENOMINAÇÃO, SEDE E OBJETIVOS.**

**Art. 1º** - A Terra da Sobriedade - Associação de Atenção à Dependência Química, doravante designada **Terra da Sobriedade**, constituída em 31 de agosto de 2.002, é uma pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, com duração por tempo indeterminado, com sede no município de Belo Horizonte, na Rua das Pedrinhas, 342, Bairro São João Batista, CEP 31.515-130, Estado de Minas Gerais e foro em Belo Horizonte.

**Art. 2º** - A Terra da Sobriedade tem por objetivo a atenção à dependência química, e para tanto poderá:

- I. **Desenvolver** e executar programas de prevenção universal, seletiva e indicada, relacionados ao uso e abuso de tabaco, álcool e outras drogas, lícitas e ilícitas;
- II. **Criar**, desenvolver e executar programas e projetos de promoção da saúde, de assistência social, de esportes, de cultura, de educação, de pesquisa, ambientais, de políticas públicas e outros, para prevenir o uso e o abuso de tabaco, álcool e outras drogas;
- III. **Tratar**, intervir, recuperar, reabilitar e reinserir indivíduos dependentes químicos e suas famílias;
- IV. **Prestar** serviços de atenção à saúde, relacionados com a dependência química, nos regimes residencial e transitório, em comunidade terapêutica;
- V. **Desenvolver** e executar programas de reinserção social, tais como pensão protegida, moradia assistida, oficinas, programas profissionalizantes e sociais de geração de emprego e renda, produção, comércio e crédito;
- VI. **Atuar** na prevenção de riscos e danos, na promoção, na atenção e na proteção à saúde, relacionados com a dependência química, através de serviços ambulatoriais, grupos de mútua-ajuda e outros;
- VII. **Promover** ações de assistência, proteção social básica e especial, de média e alta complexidade, a indivíduos, famílias e populações em situação de vulnerabilidade ou risco pessoal e social;
- VIII. **Prestar** assistência, orientação e apoio sócio-familiar a crianças e adolescentes, familiares e amigos de dependentes químicos; e a portadores de dependência química, autores de ato infracional ou não;
- IX. **Desenvolver** o desporto por meio da implementação de atividades de ensino, estudo e práticas esportivas, visando a prevenção do uso e do abuso de álcool e outras drogas, a inclusão social e o exercício da cidadania;
- X. **Desenvolver** ações de capacitação, treinamento, consultoria, cursos, palestras, ações educacionais e profissionalizantes; além de estudos, pesquisas e publicações em sua área de atuação;
- XI. **Atuar** politicamente em sua área de atuação, em busca permanente do aprimoramento do arcabouço legal pertinente à defesa da causa, contribuindo com políticas públicas amplas e efetivas;
- XII. **Estabelecer** parcerias públicas e privadas com universidades, escolas profissionalizantes e centros de ensino e pesquisa para o desenvolvimento de estágios e estudos pesquisas e ações educacionais;
- XIII. **Realizar** ações filantrópicas na prestação de seus serviços, com concessão de assistência social, financeira e/ou econômica, integral ou parcial;



- XIV. **Organizar** eventos e promoções, assim como produzir e comercializar produtos que contribuam para a sustentabilidade de seus fins;
- XV. **Locar** seus imóveis, aplicar eventuais recursos financeiros excedentes e explorar atividades tais como: clínicas, ambulatórios, escolas, farmácias, lojas, cantinas, refeitórios, auditório, hospedaria, editoras, materiais áudios-visuais, tecnologias de informação, salão de eventos e outras fontes de recursos, para a sustentabilidade de seus fins;
- XVI. **Produzir**, publicar, distribuir e comercializar material pedagógico, informativo, educativo, assim como todo tipo de material de comunicação que contribua com a prevenção e tratamento do uso de drogas e para a sustentabilidade de seus fins;
- XVII. **Promover** o voluntariado, nos termos da Lei nº 9.608 de 18/02/1998.

**Art. 3º** - No desenvolvimento de suas atividades, a Terra da Sobriedade obedecerá aos princípios da legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade, razoabilidade, economicidade, universalidade, acessibilidade e da eficiência, e não fará qualquer discriminação de nacionalidade, cor, idade, sexo ou credo.

**Parágrafo Único** – É vedada a participação da Terra da Sobriedade em movimentos político-partidários de qualquer natureza.

**Art. 4º** - A Terra da Sobriedade será disciplinada por um Regimento Interno que deverá ser proposto pelo Conselho Deliberativo e aprovado pela Assembleia Geral.

**Parágrafo Único** – O Regimento Interno fixará as normas para as eleições dos componentes dos órgãos da Entidade.

**Art. 5º** - A fim de cumprir suas finalidades, a Terra da Sobriedade se organizará em tantas unidades de prestação de serviços quantas se fizerem necessárias, que se regerão pelas mesmas disposições estatutárias, podendo criar, instalar e fechar filiais, escritórios ou centros de atendimento em todo o território nacional, assim como firmar parcerias, contratos, termos de cooperação e convênios com órgãos públicos, privados e fundações nacionais e estrangeiras.

## Capítulo II

### DOS ASSOCIADOS

**Art. 6º** - A Terra da Sobriedade é constituída por número ilimitado de Associados, distribuídos nas seguintes categorias:

1. **Fundador** – Aquele que assinou a ata da fundação, sendo o título vitalício, pessoal e intransferível;
2. **Efetivo** – Pessoa física que contribua financeiramente e com prestação de serviços voluntários efetivamente reconhecidos. O reconhecimento que habilita o Associado na categoria de Efetivo será procedido pelo Conselho Deliberativo;
3. **Colaborador** – Pessoa física ou jurídica que contribua financeiramente de maneira sistemática com a entidade, de acordo com suas possibilidades, e será habilitado pela Superintendência;
4. **Honorário** – Pessoa física ou jurídica que tenha prestado relevantes serviços à Terra da Sobriedade;
5. **Benemérito** – A pessoa física ou jurídica que tenha contribuído materialmente de modo relevante para a Terra da Sobriedade.

## Anexo J - Associação de atenção à Dependência Química Terra da Sobriedade

A Associação de atenção à Dependência Química “Terra da Sobriedade” realiza atendimento a pessoas com dependência química; seja álcool, tabaco e/ou outros produtos químicos. Trata-se de uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos idealizada por Ana Luiza Cesar Viana e Ronaldo César Viana, ambos Terapeutas Ocupacionais. A Entidade foi fundada no ano de 2002 e se organizava por meio do atendimento na própria residência do casal<sup>99</sup>. Com a intenção de integrar as pessoas atendidas à sua família, a proposta era uma tentativa de propiciar-lhes um espaço acolhedor, familiar, integrado e motivador, além do tratamento especializado. Ana Luiza e Ronaldo partiam do princípio de que o autoconhecimento das pessoas estaria diretamente ligado à afetividade<sup>100</sup>.

Há 16 anos a Terra da Sobriedade TS vem desenvolvendo ações de saúde, de assistência social e de políticas públicas a serviço de crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, tornando-se referência no Brasil em atendimento e prevenção ao uso e ao abuso de substâncias psicoativas. Seus princípios estão apoiados na valorização da vida, no incentivo à busca da sobriedade, na dignidade humana e no apoio familiar.

A organização realiza o atendimento a moradores/as do município de Belo Horizonte e região metropolitana. O serviço permaneceu sendo público e gratuito por nove anos, contando com parcerias de instituições públicas e privadas. No ano de 2014, a TS promoveu uma rede de prevenção em 57 municípios com o Programa Papo Legal: “Diálogos Comunitários para a Prevenção ao Uso e Abuso de Drogas”, uma parceria com o Governo do Estado de Minas Gerais, através da Subsecretaria de Políticas Sobre Drogas.

O órgão de deliberação mais importante para a TS são as Assembleias Gerais, realizadas duas vezes por ano, para aprovação de: 1) Relatório Anual das atividades e prestação de contas financeiras do ano anterior; 2) Orçamento do Exercício e Ações a serem organizadas para o ano subsequente. A cada dois anos ocorrem à votação para eleger quem representará o Conselho Deliberativo e Fiscal.

A Associação conta com uma equipe bastante diversa. Dentre as pessoas que colaboram para sua permanência, dispõem-se primeiramente das pessoas que são atendidas, inclusive as crianças e os/as adolescentes que também contribuem para a organização dos tempos e espaços na TS. Possui uma equipe de voluntários/as e profissionais capacitados/as para realizar o atendimento a crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, na prevenção e no tratamento da dependência química.

De fato que, essas pessoas contribuem na alimentação, nos projetos para angariar recursos financeiros, no acompanhamento das crianças e jovens do Programa Meninos da Terra. Entre os/as voluntários/as e funcionários/as a TS conta com especialidades diversas, dentre elas,

---

<sup>99</sup> A Terra da Sobriedade está localizada na Rua das Pedrinhas, n. 342, no Bairro São João Batista, vetor norte de Belo Horizonte/MG, na regional Venda Nova.

<sup>100</sup> Os documentos analisados para descrever o histórico da Terra da Sobriedade, seus princípios e ações, são arquivos internos da própria Instituição.

Plano de Ação, formulário interno padrão desenvolvido pela Secretaria Executiva do Conselho Municipal de Assistência Social (CMAS) Belo Horizonte, 2017. Mimeografado.

Projeto nomeado “Sementes da Terra”, cujo objetivo foi pleitear participação no edital Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (FMDCA) Belo Horizonte, 2018. Mimeografado.



Terapeutas Ocupacionais, Administradores/as, Filósofos/as, Assistentes Sociais, Pedagogos/as, Jornalistas, Psicólogos/as e Enfermeiros/as.

As ações dentro da TS estão diretamente ligadas ao diálogo com outros serviços públicos e parcerias com empresas privadas, tais como: Governo do Estado de Minas Gerais, Secretaria de Defesa Social, Subsecretaria de Políticas sobre Drogas; Prefeitura de Belo Horizonte; Companhia Energética de Minas Gerais (CEMIG); Companhia de Saneamento de Minas Gerais (COPASA-MG); Federação Brasileira de Comunidades Terapêuticas (FEBRACT); Serviço Social do Comércio (SESC); Mesa Brasil; Restaurante dos Trabalhadores, Mesa Minas; Banco de Alimentos, Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC); Instituto MAHLE; Gráfica Montreal; Dedetizadora Líder; Mundo Novo Sem Drogas, Mundo Novo e Produtos de Limpeza Alkon.

A instituição possui registro nos seguintes Conselhos: Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA/BH); Conselho Municipal de Assistência Social (CMAS/BH). Conselho Municipal de Políticas Públicas Sobre Drogas (CMPD/BH). E participa como Conselheira dos seguintes Fóruns: Conselho de Segurança Pública - Presidente: 2009 a 2012. Conselho Estadual de Políticas Públicas Sobre Drogas (CONEAD/MG): Conselheiro de 1996 a 2002, de 2004 a 2013. Conselho Municipal de Políticas Públicas Sobre Drogas (CMPD/BH): Conselheiro de 1989 a 1991 e de 2012 até a presente data. Na Federação Brasileira de Comunidades Terapêuticas (FEBRACT): Diretoria desde 1990. Associação Brasileira de Captadores de Recursos (ABCR): Membro desde 2012. Federação das Associações e Fundações do Estado de Minas Gerais (FUNDAMIG): Membro desde 2010. Fórum da Criança e do Adolescente da Administração Regional Venda Nova, Prefeitura de Belo Horizonte desde 2010. Participa ainda dos fóruns municipais e regionais permanentes relacionados aos direitos da criança e do/a adolescente; plenárias promovidas pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA) conselheira desde 21/12/2015; Fóruns municipais e regionais de Cultura; Audiências Públicas Municipais e Estaduais relacionadas à sua área de atuação.

A TS busca adequar-se juridicamente e financeiramente ao terceiro setor, em especial com serviços oferecidos às comunidades terapêuticas. Tem como objetivo, dar sequência às suas atividades e à sustentabilidade, mantendo a qualidade dos atendimentos e o fortalecimento de sua gestão.

Dentre suas finalidades estatutárias o objetivo da organização é implementar Programas e Projetos que assegurem a saúde, a assistência social, a prática de esportes, a cultura e a educação por meio do serviço de assistência e o apoio sócio familiar, conforme os termos da Lei Federal n. 8.069/90, Estatuto da Criança e do Adolescente, com destaque para o Art. 90, inciso I, da referida Legislação<sup>101</sup>.

#### *Sobre as atividades na Terra da Sobriedade*

Os programas de tratamento na TS acontecem com públicos de diferentes classes, raça/etnia e gênero. As ações incluem grupos de mútuo-ajuda, ambulatório, permanência dia e hospedagem. Quem realiza os atendimentos clínicos são profissionais especializados na prevenção e no tratamento da dependência química, que fazem uso da metodologia de

<sup>101</sup> Estatuto Social da Terra da Sobriedade. “Cf. ANEXO I”. **Mimeografado.**

Comunidade Terapêutica Familiar. A Associação é aberta, permitindo a liberdade dos/as atendidos/as entrar e sair quando sentirem a necessidade<sup>102</sup>.

O objetivo principal da organização é possibilitar um tratamento com sobriedade e a construção de um novo estilo de vida. A sequência para o tratamento é condicionar as pessoas que estão em tratamento a abster-se de quaisquer substâncias psicoativas, inclusive o uso do tabaco.

Os grupos de mútuo-ajuda possuem agendas organizações de apoio semanais, eles são abertos ao público e gratuitos. Estão sob a coordenação de voluntários/as e são formados por dependentes químicos e familiares. Sua fundamentação parte dos princípios e das metodologias dos Alcoólicos Anônimos (AA), *Alanon*, *Alateen* e *Amor-exigente*<sup>103</sup> e Pastoral da Sobriedade, direcionado a familiares que vivenciam conflitos provocados por uso de tabacos, álcool e outras drogas.

Em 2004, foi fundado um grupo de mútuo-ajuda no Município de Nova Lima que realiza as mesmas atividades, inclusive com ações de prevenção ao uso e abuso de drogas. A intenção dos grupos busca garantir momentos de troca das experiências vivenciadas pelos/as participantes mediante a fala e a escuta, subsídios necessários para lidar e superar os desafios enfrentados por meio do uso e abuso de substâncias psicoativas.

A Instituição possui ainda o grupo “Os doze passos para Dependentes Químicos”, destinado a pessoas que pretendem interromper o uso de substâncias químicas, mas que apresentam dificuldades em manter-se em abstinência. Os/as monitores/as são responsáveis por organizar as discussões no grupo, fundamentados pelos princípios da literatura dos Alcoólicos Anônimos (AA) e Narcóticos Anônimos (NA).

Por fim, o Grupo “Papo sério para adolescentes que fazem uso de drogas”. Este oferece a oportunidade de reflexão acerca dos fatores e dos riscos que o uso de drogas possa impactar na vida de cada sujeito/a. O espaço é também um momento de partilha de experiências, de expressão dos conflitos e dos desafios em seu cotidiano, estando eles ligados direta ou indiretamente ao uso e abuso de substâncias químicas. Por meio de literaturas especializadas o grupo busca subsídios para o não uso de drogas, promovendo ações e situações de proteção.

---

<sup>102</sup> Associação de atenção à Dependência Química Terra da Sobriedade. Ana Luiza César Viana e Ronaldo Guilherme Vitelli Viana. Apresenta à história, todas suas ações, os programas e projetos desenvolvidos pela instituição, as campanhas de doações para sua permanência. Disponível em: <<http://terradasobriedade.org.br/terra-da-sobriedade>> Acesso em: 09 Abr. de 2018.

<sup>103</sup> Amor Exigente para a família é um grupo de proteção social que tem a intenção de buscar suporte teórico para garantir a mudança comportamental na família e na sociedade. O grupo de Amor Exigente é aberto ao público e é integrado à Federação de Amor Exigente (FEAE), Presidente: Luiz Fernando Cauduro. Programas universais de orientação a famílias de dependentes químicos. Disponível em: <[www.amorexigente.org.br](http://www.amorexigente.org.br)> Acesso em: 04 Abr. 2018.

Alanon é um programa de ajuda mútua a pessoas cuja vida tem sido afetada por algum familiar dependente químico, no compartilhar experiências em comum e em grupo os familiares e amigos/as podem trazer mudanças significativas às suas questões individuais, mesmo que o/a dependente não assuma a dependência ou queira passar por um processo de tratamento. O Alateen está direcionado a adolescentes que tiveram suas vidas afetadas por outras pessoas que fazem ou fizeram uso de psicoativos, nos grupos do Alateen, o/a adolescente pode encontrar outras pessoas de sua mesma idade que passam dilemas parecidos. O Alateen não é um programa religioso, nem cobra taxas nem encargos para fazer parte dele. Disponível em: <[www.alanon.alateen.org](http://www.alanon.alateen.org)> Acesso em: 04 Abr. 2018.

De acordo com as concepções da TS, pessoas que convivem diretamente com dependentes químicos tem propensão a desenvolver maiores problemas no campo da afetividade, problemas alimentares, sociais, comportamentais, de ensino-aprendizagem e até mesmo fazer uso abusivo de substâncias psicoativas. No entanto, esse agravante pode ser evitado quando são acompanhados/as por ações de prevenção.

Nesse sentido, a TS oferece grupos de prevenção para crianças, adolescentes e jovens realizando acompanhamentos de acordo com as demandas de cada grupo. O grupo *Terrinha* atende crianças de cinco (5) a onze (11) anos de idade que tem familiares dependentes químicos ou não. Esse tipo de atendimento propõe-se, por meio da ludicidade e do diálogo, estratégias de prevenção. Nele, as crianças podem refletir acerca de perspectivas diferenciadas sobre formas de lidar com os conflitos existentes em seus cotidianos. Grande parte desses conflitos refere-se ao fato de que as crianças convivem com amigos/as, familiares ou parentes em estado de dependência química.

As discussões acerca da dependência química acontecem de maneira indireta no momento das atividades lúdicas e no diálogo com as crianças. A intenção é que as crianças possam expressar os conflitos existentes em suas vidas de maneira natural e, a intervenção irá surgir de acordo com o que aparecer na conversa<sup>104</sup>.

Os ambulatórios especializados atendem pessoas que necessitam consultar com especialistas em saúde mental e dependência química. Os serviços oferecidos são: Avaliação diagnóstica; Psicoterapia individual e em grupo; Prevenção de Recaída; Terapia de casal e de família; Atendimento de crianças e adolescentes; Atendimento em saúde mental e Orientação Familiar.

A TS conta ainda com o *Tratamento Intensivo Especializado* que atende diariamente pessoas que fazem uso e abuso de substâncias psicoativas. Fica a cargo da equipe, multidisciplinar especializada, realizar os procedimentos de acolhimento, tratamento e direcioná-los/as aos atendimentos na clínica de rotina, a psicoterapia, a laborterapia, em atividades de grupos, e para hospedagem que funciona 24h por dia. O Tratamento Intensivo Especializado acolhe somente homens que fazem uso abusivo de álcool, de tabaco e de outras drogas e que de maneira voluntária optam pela hospedagem na comunidade em busca de tratamento.

A instituição não oferece internação involuntária, imediata, ou de urgência. A permanência é flexível, sendo o período de permanência diária e a forma de tratamento decidida pela pessoa juntamente com a equipe, de acordo com as normas do projeto de atendimento regular<sup>105</sup>.

#### *Serviço de Proteção Social Especial: média e alta complexidade*

Em casos de média complexidade, os serviços de abordagem social e fortalecimento dos vínculos são direcionados conjuntamente com os parentes próximos. As famílias de dependentes químicos com perda ou fragilidade de vínculos de afetividade, pertencimento e sociabilidade, mediante a troca de experiências tomam conhecimento acerca dos transtornos e

---

<sup>104</sup> As intervenções são também conduzidas por meio das metodologias dos A.A, dos N.A, do Amor-Exigente, da Pastoral da Sobriedade e dos princípios clínicos humanistas.

<sup>105</sup> Comunidade Terapêutica: Nova Jornada. Manual de orientação individual. Masculina e Feminina, 2016. Disponível em: <[http://www.novajornada.org.br/masculina-avare-sp/arquivos-publicos/MANUAL\\_FAM.pdf](http://www.novajornada.org.br/masculina-avare-sp/arquivos-publicos/MANUAL_FAM.pdf)>. Último acesso em: Acesso em: 04 Abr. 2018.

a dependência, enfatizando na correlação entre o/a dependente químico e as pessoas próximas a seu convívio. De acordo com a compreensão da TS acerca da co-dependência, os familiares em convívio com o/a dependente podem ser facilitadores para a continuidade de sua situação e minimizar as consequências desse uso, impedindo que este/a se responsabilize por sua própria vida. Nesse sentido, a família acaba por manter tal situação de adoecimento quando não muda a postura. Ao tomar conhecimento e se conscientizar que suas atitudes são prejudiciais na vida do/a dependente pode tornar-se um/a colaborador no processo de ajuda para seu/sua parente usuário/a. Esse grupo é coordenado pela equipe especializada, devido à demanda de orientação para casos graves. Nesse processo, os laços familiares são fortalecidos por intermédio do convívio, a mútua ajuda, o reconhecimento dos papéis familiares, do valor da cooperação e disciplina, dos valores culturais e do seu limite e do limite do outro.

Ao que se refere à alta complexidade a instituição oferece a pensão protegida, trata-se de um acolhimento de moradia assistida, após o acompanhamento intensivo as pessoas permanecem na pensão para evitar possíveis recaídas, compreendendo a necessidade de acompanhamento ambulatorial especializado, há um período de tempo que permanece hospedada/o na TS.

Este serviço é destinado a pessoas que são dependentes químicos que já interromperam o uso e/ou abuso de psicoativos e decidiram mudar seu estilo de vida, para viverem outras experiências sem ter que fazer uso de drogas. É destinada a pessoas que por diversos fatores enfrentam condições de vulnerabilidade social, estão afastadas do convívio familiar, isoladas socialmente, por falta de moradia, emprego, dentre outras. E aqueles que estão em busca de autonomia, estão à procura ou já trabalhando ou estudando “e que desejam viver num ambiente saudável e de responsabilidades compartilhadas, com o compromisso de manterem a abstinência de toda e qualquer substância psicoativa (MATA, 2008)”.

Neste momento este sujeito começa a reconstruir suas perspectivas de vida e convivência social, compreendendo outros mecanismos de experienciar a vida de maneira saudável e com sobriedade. A TS tem acolhimento social e para pagantes, sendo que a maioria das pessoas que são atendidas não pagam pelo atendimento. No momento o público atendido são de pessoas não pagantes.

Dentre as ações de reingresso ao convívio social, a instituição promove intervenções que dialogam com a socialização, proteção social, subsídios para ingressar no mercado de trabalho, a compreensão acerca da economia solidária e geração de trabalho e renda. No momento as atividades de bordado, quitanda, reciclagem de materiais, bazar e horta solidária, promovem uma educação financeira solidária e rentável para a instituição e para os/as participantes. Essas ações também integram a fonte de renda para a manutenção da TS.

As atividades que contribuem para a manutenção da instituição são o *Bordado para familiares de dependentes*, que acontece semanalmente, oportuniza a realização de aprendizagem com o bordado, nesse momento as participantes dialogam sobre o feminino, sobre concepções do Amor Exigente, além de instigar a criatividade e a convivência grupal.

Há também a *Reciclagem na Terra*, trata-se de uma ação oriunda do Projeto ECOS da Terra<sup>106</sup>, o grupo visa promover as pessoas atendidas, uma convivência cidadã, consciente e preventiva acerca da possibilidade de uma sociedade comprometida com um estilo de vida sem drogas juntamente com os princípios ambientais. Nesse sentido, desenvolve uma rede de

---

<sup>106</sup> Projeto Agroecológico idealizado por um dos pacientes da TS, com métodos e técnicas a serem desenvolvidas em busca de sociedade ecologicamente responsável.

agentes multiplicadores voluntários/as para coleta seletiva e reciclagem, assim como a compreensão da responsabilidade com o lixo.

A Horta Solidária tem como princípios a Agroecologia e a Economia solidária, com a intenção de propiciar a sustentabilidade pessoal, ambiental no ambiente da instituição, especificamente no modelo de horta urbana, integra a jardinagem, horticultura, plantas medicinais, viveiros de mudas e permacultura.

A atividade conta com a contribuição dos saberes tradicionais da comunidade externa e os saberes dos/as atendidos/as, inclusive com a participação das crianças, adolescentes e jovens do Programa Meninos da Terra, que constroem um laço de cuidado e afeto com os alimentos produzidos na Horta Solidária, além de instigar a alimentação saudável e promover uma ação coletiva e processual de acordo com o tempo da plantação, o período da colheita até a preparação do alimento.

A Oficina de Quitanda é um momento em que pessoas acolhidas na TS, assim como seus familiares possam preparar os alimentos. Para além do preparo, as pessoas partilham da experiência criativa de cozinhar, e de compartilhar saberes adquiridos no decorrer de suas trajetórias e vivenciar experiências diversas. As trocas permitem que a contemplação no preparo do alimento possa revelar o que somos. Lidar com o coletivo, a disciplina e o cuidado com seu preparo.

O *Bazar da Terra* além do bazar ser mais uma das maneiras de contribuir financeiramente para a permanência da instituição. A ação do bazar dialoga com nossa compreensão acerca do consumo e do desapego, uma vez que de maneira inconsciente somos convidados/as a pensar que acumulamos objetos que não necessitamos, e esses objetos acumulados podem contribuir para auxiliar outras pessoas. Os produtos vendidos no bazar são doações de várias pessoas que estão direta ou indiretamente ligadas a TS. A pessoa responsável pelo bazar é *Sá* integrante do Programa Meninos da Terra e colaboradora da pesquisa.

Especialistas da Instituição oferecem consultoria e assessoria em prevenção, reabilitação e políticas públicas para escolas, empresas, comunidades terapêuticas, conselhos e Governos. A consultoria e assessoria em Políticas públicas sobre drogas e comunidades terapêuticas atende vários órgãos do governo para a criação e acompanhamento em conselhos Estaduais e Municipais, assim como em Comunidades Terapêuticas, ao enfrentamento às drogas, por meio de diagnóstico social, mapeamentos de locais de maior incidência e capacitação de equipes para a elaboração de diretrizes e planos de intervenção e na implementação e capacitação para atuar nas comunidades Terapêuticas.

A associação também desenvolve produções no campo do ensino e pesquisa com discussões acerca da prevenção e tratamento da dependência química, dentre outras discussões. Participa e organiza simpósios, cursos, eventos científicos, palestras e retiros espirituais de acordo com as disposições de formação e continuidade dos conhecimentos acerca das temáticas sobre prevenção e dependência química. Dentre as formações, acontecem também semanalmente, aos sábados, a formação continuada que capacita voluntários/as e funcionários/as, familiares e interessados/as na intenção de compreender assuntos relacionados à dependência química. O Programa Meninos da Terra, objeto de investigação da pesquisa, será descrito e analisado no Capítulo I desta Dissertação.

## Anexo K - Roteiro para a produção do videoclipe

Música: Guerreiras

**Integrantes:** Composição Sá/ participação de Gislaire Reis

**Participação na canção música:** Sá, Belinha, Vick, Viih e Gigi

Duração: 00h02min57 seg.

### **Início do vídeo:**

*Esse momento está relacionado à parte instrumental da canção.*

**CENA 1** – Meninas chegando à Terra da Sobriedade.

**MVI - 7292:** A partir do 01h47min minutos.

**MVI- 7293:** Todo o vídeo

---

**CENA 2** - As meninas, em frente ao grafite e dentro do auditório cantando

### **CORTA PARA:**

**MVI 7286:** Início depois corta para 00h01min 08 seg.

**MVI- 7285:** A partir dos 00h00min18seg.

**MVI - 7290:** Até os 00h00min30 seg.

Esses três vídeos podem ser bem utilizados no momento da interpretação da música.

---

**CENA 3** – Essas cenas podem servir entre um intervalo e outro do videoclipe

### **CORTA PARA:**

**MVI - 7292:** A partir dos 00h00min55seg.

---

**CENA 4** - Declamação da poesia

### **CORTA PARA:**

**MVI - 7287:** A partir dos 00h10min

**MVI - 7292:** A partir do 00h01min 26 seg. até 00h01min45 seg.

**MVI - 7284**

---

**CENA 5** - Vídeos que podem ser aproveitados durante um intervalo e outro da canção.

### **CORTA PARA:**

**VID** - 2018 0726 - 152555090

**VID** - 2018 0726 - 152555096

**MVI** - 9344 (o trecho do passinho).

**Vídeo Lisa/ Vídeo Lisa 02/ Vídeo Lisa 03/ Vídeo Lisa 04:** Gravações das Comunidades.

---

### **OBSERVAÇÕES:**

#### **GRAVAÇÃO DE TAKES ADICIONAIS:**

Conversas entre as integrantes do grupo, as brincadeiras e os sorrisos.

As imagens podem indexar como créditos e/ou anexos, demonstrando o processo de construção da música e do videoclipe.

### **FINALIZAÇÃO COM E SEM GC DE CRÉDITOS:**

MÚSICA - Guerreiras

Composição: Sara Santos com participação especial de GiGi Reis

Grupo: Meninas da Terra com participação especial do Coletivo Terra Forme

ANO: 2018

---

**CLIENTE:** Meninas da Terra

**TEMA:** Guerreiras

**TÍTULO:** Guerreiras

**ROTEIRISTA:** Júlio Code

**VERSÃO I**

**DATA:** 16 de Dezembro de 2018

A intenção da produção deste material tem relação com a proposta pedagógica da finalização para obtenção de título parcial de Mestre a Luciléia da Silva Vieira - Educação na Faculdade de Educação – Universidade Federal de Minas Gerais.

---

Contato: [juliosantos.code@gmail.com](mailto:juliosantos.code@gmail.com)

Todos os direitos reservados®

## Anexo L - Termo de Autorização para o uso de imagem

## AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu, \_\_\_\_\_, RG, número \_\_\_\_\_, autorizo o uso das minhas imagens fotográficas na pesquisa de mestrado de Luciléia da Silva Vieira, realizada na Universidade Federal de Minas Gerais, transmitidas para fins acadêmicos, sem identificação nominal.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Assinatura do responsável: \_\_\_\_\_

Grata pela autorização.



## Anexo M - Roteiro de Investigação

### *O planejamento inicial compreende a organização de seis momentos de investigação*

A proposta inicial é tornar a produção desse trabalho uma construção coletiva, sendo desenvolvida entre mim, que pretendo desenvolver intervenções que serão descritas neste roteiro, contará com profissionais especializados/as em produções de audiovisual, e com as Meninas que além de participar das atividades irão contribuir para a produção do vídeo.

#### 1º Passo – Introdução

No momento inicial é indispensável entender como se realiza a produção de um audiovisual. Com a orientação de uma especialista em produção de vídeo juntamente com a pesquisadora, as Meninas irão conhecer os métodos utilizados de construção de vídeo desde seu início até a finalização. Em seguida as Meninas com a orientação da responsável irá trabalhar técnicas simples de construção de um audiovisual. Como produzir um roteiro, como filmar, como editar filmagens, serão alguns caminhos a localizar em certa medida como é produzido um vídeo simples.

#### 2º Passo - As investigações em campo

Nesse segundo passo da investigação, temos como referência Os jogos teatrais: O Fichário de Viola Spolin (2008). Utilizei da estrutura do fichário para trabalhar a intervenção, adequando às orientações das fichas de acordo com a proposta investigativa, compreendendo a especificidade da pesquisa, os contextos das realidades das meninas, assim como os espaços e tempos da instituição.

Este momento investigativo será dividido em dois blocos subsequentes:

### **Bloco 1 - Subjetividades e representatividade.**

#### ❖ Quem sou eu?

Em sua frente há um espelho, olhe para si por dois minutos. Logo após, diga-nos:

1. Quando olha para o espelho o que você vê? Se possível nos descreva o que você vê.
2. Se pudesse mudaria algo? Se sim, o que?
3. O que jamais mudaria? Por quê?

#### ❖ (Re)vistas

\*Em uma mesa serão espalhadas várias revistas, com imagens e reportagens que representam mulheres negras e brancas.

Por gentileza, escolham uma imagem de uma mulher que se parece com você e outra que não se parece. Logo após escolha uma notícia que representaria sua realidade. E outra que não representaria.

1. Você consegue se identificar com alguma das mulheres nas imagens? Se sim, quais? Se não, quais e por quê?
2. Você acha que essas mulheres ocupam lugares iguais na sociedade?
3. Lendo essa notícia você gosta de ser representada assim? Por quê?
4. Concorda com o lugar que essas mulheres estão sendo representadas?
5. Se pudesse escrever uma notícia como representaria as mulheres que se parecem com você?

#### ❖ O Espelho

De frente uma menina para outra ficam a observar-se por dois minutos. Logo após recebem um questionário com as seguintes perguntas.

1. O que você considera ser bonito na outra colega, o que não acha bonito?
2. Mudaria algo? Por quê?

## **Bloco 2 - Memória e Território**

### ❖ A História

Nas duas primeiras atividades farei uso da obra “Senti na Pele” (XAVIER, 2017)<sup>107</sup>. Como ferramenta para compreender as questões que envolvem o racismo e o machismo em sociedade, por intermédio das narrativas ilustradas na obra.

Iniciarei um dos relatos apresentados no livro “Senti na Pele” (XAVIER, 2017), a história será interrompida em determinado momento e sequenciada pelas meninas.

Ao final da atividade, irei contar a história real narrada no livro.

Em seguida, perguntas:

1. O que vocês sentiram ao criar uma história de outra pessoa?
2. O que sentiram em saber da história verdadeira?
3. Algo as incomoda na história? Se sim, em que momento e por quê?
4. Se pudesse gostaria de uma história diferente? O que mudaria, por quê?

### ❖ A Lembrança.

Ler um dos relatos no livro “Senti na Pele” (XAVIER, 2017), de uma mulher jovem. Logo após fazer as seguintes perguntas:

1. O que você achou do relato dessa jovem?
2. Você já passou por alguma experiência parecida com a dela?
3. Você poderia descrever alguma experiência parecida?
4. Por que você acha que histórias assim acontecem?

### ❖ Se vendo no mundo.

Fechem os olhos, imaginam que está nos lugares que costuma frequentar, durante a semana, aos fins de semana. Agora se imagina em lugares que acha que nunca poderia ter frequentado, mas que gostaria de estar neles.

Logo após, perguntas:

1. Como se sente nos lugares em que convive?
2. Em que você acha que esse lugar se parece com você?
3. Existe algum lugar que você se sente incomodada em estar lá?
4. Se pudesse mudaria de lugar? Por quê?
5. Você consegue perceber outras pessoas olhando para você? Como se sente quando isso acontece?
6. Como você acredita que as pessoas te veem?

<sup>107</sup> O autor da obra realizou uma campanha no Facebook, em 2015, #sentinapele, a ação tinha por objetivo incentivar as pessoas a denunciarem preconceitos raciais que sofriam, com a intenção de construir uma rede de proteção e de denúncia ao racismo. A repercussão foi tão potente que a ação se materializou em um livro. Que narra os relatos de negros/as que passaram por situações de racismo em seus cotidianos. X, Ernesto, 2017.